BLACKHEART
"DANGEROUSLY, DARKLY GORGEOUS FANTASY."—CASSANDRA CLAR
HOLLY BLACK
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

THE CURSE WORKERS
book three

BLACK HEART

After Dark

Cassel Sharpe sabe que tem sido usado como um assassino, mas ele está tentando deixar tudo isso para trás. Ele está tentando ser bom, mesmo que tenha crescido em uma família de vigaristas e trapaceiros que surgiam tão facilmente como respirar. Ele está tentando fazer a coisa certa, mesmo que a garota que ele ame esteja intrinsecamente ligada ao crime. E ele está tentando se convencer de que trabalhar para os federais é algo inteligente, apesar de ter sido criado para acreditar que o governo é o inimigo.

Mas com uma mãe em fuga, a garota que ele ama a ponto de tomar seu lugar na Máfia, e novos segredos vindos à luz, a linha entre o que é certo e o que é errado torna-se cada vez mais tênue. Quando os federais pedem a Cassel para fazer a única coisa que ele disse que nunca faria de novo, ele precisa separar o que é um golpe e o que é verdade. Em um jogo perigoso e com a sua vida em risco, Cassel pode ter que fazer a sua maior aposta, desta vez sobre o amor.

THE EASIEST
Lies
TO TELL
are the ones
YOU WANT TO BE
TRUE.

Meu irmão Barron senta ao meu lado, sugando o resto de sua mistura de chá com leite, fazendo barulho com o grosso canudo amarelo. Ele está com o banco do meu Benz puxado totalmente para trás e seus pés estão no painel, os calcanhares de seu sapato social preto pontudo arranhando o plástico. Com seu cabelo lambido pra trás e seus óculos espelhados cobrindo seus olhos, ele parece como um estudo de caso de um vilão.

Ele na verdade é um agente federal júnior, ainda em treinamento, claro, mas com um cartão e um crachá de identificação e tudo.

Para ser justo, ele também é um vilão.

Eu bato meus dedos enluvados impacientemente contra a curva do volante e levo um par de binóculos para os meus olhos pela milésima vez. Tudo que eu vejo são prédios no lado errado do Queens.
— O que ela está fazendo lá? Já se passaram quarenta minutos.

— O que você acha? — ele me pergunta. — Coisas ruins. Esse é o trabalho dela depois da escola, agora. Cuidar dos negócios sujos para que as luvas do Zacharov permaneçam limpas.

— O pai dela não iria colocá-la em nenhum perigo de verdade — eu digo, mas o tom da minha voz deixa bem claro que estou tentando me convencer mais do que estou tentando convencer o meu irmão.

Barron bufa. — Ela é um novo soldado. Tem que se provar. Zacharov não conseguiria mantê-la fora de perigo nem se ele tentasse... E ele não deve estar tentando muito. Os outros empregados estão observando, esperando que ela seja fraca. Esperando que ela erre algo. Ele sabe disso. Você também deveria saber.

Eu penso nela aos doze anos, uma garota magricela com olhos muito grandes para o seu rosto e uma auréola de cabelo loiro embaraçado. Na minha memória, ela está sentada no galho de uma árvore, comendo um pedaço de alcaçuz vermelho. Seus lábios estão grudentos por causa dele. Seus chinelos estão pendurados em seus dedões. Ela está cortando suas iniciais na casca, lá no alto, para que o primo dela não possa afirmar que ela está mentindo quando ela contar para ele que subiu mais alto do que ele jamais conseguiu.

Garotos nunca acreditam que eu possa ser melhor que eles, ela me disse naquela época. *Mas eu sempre ganho no final.*

— Talvez ela tenha visto o carro e saiu por trás — eu digo finalmente.

— De jeito nenhum ela nos viu. — Ele chupa o canudo novamente. Ele faz aquele barulho de copo vazio, ecoando através do carro. — Nós somos como ninjas.

— Alguém está sendo pretensioso — eu digo. Afinal de contas, seguir alguém não é fácil e Barron e eu não somos bons nisso ainda,

não importa o quanto ele diga. O meu contato na agência, a Yulikova, esteve me encorajando a acompanhar Barron, para que eu possa aprender juntamente com ele e possa me manter seguro, até que ela descubra como contar aos nossos chefes que ela está com um rebelde adolescente executor de transformação e uma ficha criminal. E já que a Yulikova está no comando, Barron está preso comigo, me ensinando. Supostamente é para ser apenas por alguns meses, até que eu me forme em Wallingford. Vamos ver se nós conseguimos nos aguentar por tanto tempo.

Claro, eu tenho bastante certeza que não é esse tipo de lição que a Yulikova estava imaginando.

Barron sorri, dentes brancos piscando como dados descartados. — O que você acha que Lila Zacharov faria se soubesse que você estava seguindo-a?

Eu sorrio em resposta. — Provavelmente ela me mataria.

Ele assente. — Provavelmente ela o faria. Provavelmente ela me mataria duas vezes por te ajudar.

— Provavelmente você mereceria — eu digo. Ele funga.

Nos últimos meses eu consegui tudo que sempre quis... E então joguei tudo isso fora. Tudo que eu pensei que poderia querer foi oferecido para mim em uma bandeja... A garota, o poder, um trabalho como mão direita de Zacharov, o homem mais formidável que eu já conheci. Nem seria tão difícil assim, trabalhar para ele. Provavelmente teria sido divertido. E se eu não me importasse com quem eu machucasse, tudo isso seria meu.

Eu ergo os binóculos e estudo a porta novamente... A pintura gasta se desgrudando das tábuas e caindo como migalhas de pão, a borda inferior mastigada como se tivesse sido roída por ratos.

Lila ainda seria minha.

Minha. A linguagem do amor é assim, possessiva. Esse deveria ser o primeiro aviso para que isso não vá encorajar a melhoria de ninguém.

Barron geme e joga seu copo no banco de trás. — Eu não posso acreditar que você me chantageou para eu me tornar o João da Lei e agora eu tenho que suar cinco dias por semana com outros recrutas, enquanto você usa minha experiência para perseguir sua namorada. Como isso é justo?

— *Um*, eu acho que você quer dizer o benefício muito duvidoso de sua experiência. *Dois*, Lila não é minha namorada. *Três*, eu só queria apenas ter certeza que ela está bem. — Eu faço a contagem nos três dedos da minha mão enluvada. — E *quatro*, a última coisa que você deveria querer é *justiça*.

— Siga-a na escola — Barron diz, ignorando tudo que eu acabei de dizer. — Vamos lá. Eu tenho que fazer uma ligação. Vamos terminar essa lição e comer alguma coisa. Eu até pago.

Eu suspiro. O carro está abafado e cheira a café velho. Eu gostaria de esticar minhas pernas. E Barron provavelmente está certo... Nós deveríamos desistir. Não pela razão que ele está dizendo, mas por uma que está implícita. Aquela sobre não ser certo espreitar do lado de fora de prédios, espiando a garota da qual você gosta.

Meus dedos estão alcançando relutantes as minhas chaves quando ela sai da porta desgastada, como se eu desistindo a tivesse chamado. Ela está com botas de montaria pretas de cano alto e um casaco cinza metálico. Eu estudo os gestos rápidos de suas mãos enluvadas, o balanço de seus brincos, o barulho de seus passos e o balançar de seu cabelo. Ela é tão linda, eu mal posso respirar.

Atrás dela segue um garoto com seu cabelo trançado em forma de dois chifres de antílopes. Sua pele é mais escura que a minha. Ele está vestido com calça larga e um capuz. Ele está enfiando um maço dobrado de algo que parece dinheiro dentro de um bolso.

Fora da escola, Lila não se incomoda em usar um cachecol. Eu posso ver o colar sombrio das marcas em seu pescoço, cicatrizes pretas onde a cinza foi esfregada nela. Isso é parte da cerimônia quando você se junta à família criminosa de seu pai, cortando sua pele e jurando que você morreu na sua vida antiga e renasceria na maldade. Nem mesmo a filha do Zacharov foi poupada disso.

Ela é um deles agora. Sem voltar atrás.

— Bem, agora... — Barron diz, alegre. — Eu aposto que você está pensando que nós acabamos de observar o final de uma operação muito suja. Mas vamos considerar a possibilidade de que nós realmente a pegamos fazendo algo totalmente inocente e, no entanto, embaraçoso.

Eu olho para ele, distraído. — Embaraçoso?

— Como uma reunião para jogar um daqueles jogos de cartas onde você tem que colecionar tudo. Pokémon, Magic: The Gathering. Talvez eles estejam treinando para um torneio. Com todo aquele dinheiro que ela entregou a ele. Estou achando que ele ganhou.

— Engraçado.

— Talvez ele esteja ensinando Latim para ela. Ou eles estejam pintando miniaturas juntos. Ou ele está ensinando a ela como fazer bonecos com sombras — ele faz um gesto parecido com um pato com uma mão enluvada.

Eu dou um soco no ombro do Barron, mas sem muita força. Apenas com força suficiente para fazê-lo calar a boca. Ele ri e ajusta seus óculos de sol, empurrando-os mais para cima em seu nariz.

O garoto de tranças cruzou a rua, cabeça abaixada, capuz puxado para cobrir o seu rosto. Lila caminha até a esquina e ergue a mão para chamar um táxi. O vento bate em seu cabelo, fazendo um halo dourado.

Eu me pergunto se ela já fez o seu dever de casa para segunda-feira.

Eu me pergunto se ela poderá me amar novamente.

Eu me pergunto quão brava ela ficaria se soubesse que eu estou aqui, observando-a. Provavelmente muito, muito brava.

O ar gelado de outubro enche o carro repentinamente, derrubando o copo vazio no banco de trás.

— Vamos lá — Barron diz, inclinando-se na porta, sorrindo para mim. Eu nem mesmo notei ele saindo. — Pegue alguns centavos para o

parquímetro, e suas coisas. — Ele mexe a cabeça na direção do garoto com as tranças. — Nós vamos segui-lo.

— E quanto àquela ligação? — Eu estremeço por causa da minha camiseta verde fina. Minha jaqueta de couro está enrolada no banco de trás do meu carro. Eu alcanço-a e a visto.

— Eu estava entediado — Barron diz. — Agora eu não estou.

Esta manhã, quando ele me contou que nós iríamos praticar seguir as pessoas, eu escolhi Lila como meu alvo, em parte como uma piada, em parte como um desejo doentio. Eu não pensei que Barron iria concordar. Eu nem pensei que nós realmente a veríamos deixando seu apartamento e entrando em um carro. Eu, com certeza, não achava que eu iria terminar aqui, perto de realmente descobrir o que ela está fazendo quando não está na escola.

Eu saio do carro e bato a porta atrás de mim.

Esse é o problema com a tentação. É tão malditamente tentadora.

— Parece quase como verdadeiro trabalho de agente, não é? — Barron diz enquanto nós andamos pela rua, cabeças abaixadas contra o vento. — Sabe, se nós pegarmos sua namorada cometendo um crime, eu aposto que a Yulikova nos daria um bônus ou algo assim por sermos pupilos tão valiosos.

— Exceto que nós não vamos fazer isso — eu digo.

— Eu pensei que você queria que nós fôssemos os mocinhos. — Ele dá um sorriso demasiado largo. Ele está gostando de me cutucar, e eu reagindo apenas torna tudo pior, mas eu não consigo parar.

— Não se significa machucá-la — eu digo, minha voz soando tão mortífera quanto é possível. — Nunca ela.

— Entendi. Machucar, ruim. Mas que desculpa você usa para segui-la e seus amigos, irmãozinho?

— Eu não vou arrumar uma desculpa — eu digo. — Eu apenas estou fazendo.

Seguir... *rastrear*... alguém não é fácil. Você tenta não encarar muito a nuca dele, manter sua distância, e agir como se você fosse apenas outra pessoa congelando o seu traseiro no final de outubro nas ruas do Queens. Acima de tudo você tenta não parecer como um agente federal mal treinado presunçoso.

— Pare de se preocupar — Barron diz, caminhando ao meu lado. — Mesmo se nós fomos descobertos, este cara provavelmente ficará lisonjeado. Ele poderia pensar que estava subindo na vida se ele está sendo seguido pelo governo.

Barron é melhor em agir casual do que eu. Eu acho que ele deveria ser. Ele não tem nada a perder se nós formos descobertos. Lila não poderia possivelmente odiá-lo mais do que ela já o faz. Além disso, ele provavelmente treina isso o dia inteiro, enquanto eu estou em Wallingford, estudando para entrar no tipo de faculdade que eu sei que não tenho chances de frequentar.

Isso ainda me incomoda. Desde que eu era garoto, nós competíamos sobre muitas coisas. Principalmente, todas essas competições foram as que eu perdi.

Nós éramos os mais novos, e quando Philip tinha saído com os amigos nos finais de semana, Barron e eu ficávamos presos fazendo o que precisava ser feito para o pai, ou praticando qualquer habilidade que ele achava que nós precisávamos aprender.

Ele queria em particular que nós fôssemos bons em furtos e abrir fechaduras do que nós já éramos.

Duas crianças eram a equipe perfeita para furtar, ele dizia. *Uma para fazer o furto, a outra para distrair ou para pegar a entrega.*

Nós dois praticávamos. Primeiro identificando onde o pai mantinha sua carteira ao procurar por uma protuberância no bolso de trás ou a forma como um lado do casaco dele balançava pesadamente porque algo estava dentro. Então o furto. Eu era bom; Barron era melhor.

Então nós praticávamos distração. Chorando. Pedindo direções. Dando ao alvo uma moeda que você alega que caiu.

É como mágica de palco, o pai dizia. *Você tem que me fazer olhar lá, para que eu não perceba o que está acontecendo bem na minha frente.*

Quando o pai não tinha vontade de cortar nossas tentativas desajeitadas de furtar, ele nos levava para o celeiro e mostrava para nós a nossa coleção: Ele tinha uma caixa de equipamento de metal velha, com travas em todos os lados, então você tinha que destravar as sete diferentes travas para abri-la. Nem Barron nem eu conseguimos.

Uma vez que nós aprendemos como abrir a tranca com uma ferramenta, nós tínhamos que aprender a abri-la com um grampo, com

um gancho e, então, com um pedaço de pau ou algum outro objeto encontrado. Eu tinha esperança de que eu fosse naturalmente ótimo com fechaduras, já que eu tinha certeza de que não era um executor naquela época, e já que eu estava me sentindo como um forasteiro na minha família. Eu pensei que se houvesse uma coisa que eu fosse melhor do que qualquer um deles, isso iria compensar por todo o resto.

É chato ser o mais novo.

Se você conseguir abrir a caixa super segura, nós iremos entrar de fininho nos filmes da nossa escolha, o pai dizia. Ou, *eu coloquei doce lá*. Ou, *se você realmente quer aquele vídeo game, apenas abra a caixa e eu vou comprar pra você*. Mas não importava o que ele prometia. O que importava era que eu apenas havia conseguido abrir três fechaduras; Barron havia conseguido cinco.

E aqui nós estamos de novo, aprendendo um monte de novas habilidades. Eu não consigo evitar em me sentir um pouco competitivo e um pouco desapontado comigo mesmo, já que eu estou tão atrás. Afinal de contas, Yulikova acha que Barron tem um futuro real com a Agência. Ela me disse isso. Eu disse para ela que sociopatas são implacavelmente charmosos.

Eu acho que ela imaginou que eu estava brincando.

— Que outras coisas eles te ensinam na escola dos agentes federais? — eu pergunto. Não deveria me incomodar que ele está se encaixando tão bem. E se ele está fingindo? Bom pra ele.

Eu acho que o que me incomoda é ele estar fingindo melhor do que eu.

Ele revira os olhos. — Nada demais. Coisas óbvias... Fazer com que as pessoas confiem em você espelhando o comportamento delas. Sabe, fazer qualquer coisa que a pessoa está fazendo — ele ri. — Honestamente, estar disfarçado é a mesma coisa que ser um vigarista. Mesmas técnicas. Identificar o alvo. Virar amigo. Então, trair.

Espelhar o comportamento. Quando um alvo toma um gole de água de seu copo, você também bebe. Quando ele sorri, você também sorri. Mantenha sutil, ao invés de assustador, e é uma boa técnica.

Mamãe me ensinou quando eu tinha dez anos. *Cassel*, ela disse, *você quer saber como ser o cara mais charmoso que qualquer um já conheceu? Lembre as suas pessoas favoritas. A pessoa favorita de todo mundo são eles mesmos.*

— Exceto que agora você é um dos mocinhos — eu digo e rio.

Ele ri também, como se eu tivesse contado a melhor piada do mundo.

Mas agora eu estou pensando na mamãe, eu não consigo evitar em me preocupar com ela. Ela está desaparecida desde que foi pega usando o seu talento de executora... Emoção... Para manipular o Governador Patton, um cara que odiava os executores de maldição desde o começo e, agora, estava em todos os jornais do país toda a noite com uma veia pulsando em sua testa, querendo o sangue dela. Eu espero que ela fique escondida. Eu apenas gostaria de saber onde ela está.

— Barron — eu digo, prestes a começar uma conversa que nós já tivemos um milhão de vezes, aquelas onde nós dizemos um ao outro que ela está bem e que ela entrará em contato logo. — Você acha...

Mais à frente, o garoto com as tranças entra em um bilhar.

— Aqui — Barron diz, com um movimento de cabeça. Nós nos abaixamos e entramos em uma *delicatessen* do outro lado da rua. Sou grato pelo calor. Barron pede dois cafés para nós, e nós ficamos próximos à janela, esperando.

— Você vai superar esse negócio com a Lila? — ele me pergunta, quebrando o silêncio, fazendo-me desejar que eu tivesse o quebrado, para que eu pudesse ter escolhido outro assunto. Qualquer outro assunto. — É como se fosse algum tipo de doença. Há quanto tempo você está afim dela? Desde que você tinha o quê, onze anos?

Eu não digo nada.

— É por isso que você queria segui-la e o novo empregado dela, certo? Porque você não se acha digno dela, mas você está esperando que se ela fizer algo ruim o bastante, talvez vocês irão se merecer no final das contas.

— Não é assim que funciona — eu digo, baixinho. — Não é assim que o amor funciona.

Ele bufa. — Você tem certeza?

Eu mordo minha língua, engolindo cada provocação desagradável que vem à minha mente. Se ele não conseguir me provocar, talvez ele pare, e então talvez eu consiga distraí-lo. Nós ficamos assim por diversos minutos, até que ele suspira.

— Entediado de novo. Eu vou fazer aquela ligação.

— E se ele sair? — eu pergunto, incomodado. — Como eu vou...

Ele arregala os olhos com uma preocupação fingida. — Improvise.

A campainha toca quando ele sai da porta, e o cara no balcão grita o costumeiro 'Obrigado por vir venha novamente'.

Na calçada em frente à delicatessen, Barron está flertando igual a um louco enquanto anda de um lado pro outro, jogando nomes de restaurantes franceses como se ele comesse em uma toalha de mesa toda noite. Ele está com o telefone seguro contra sua bochecha, sorrindo como se ele estivesse acreditando nas frases românticas sem noção que ele está vendendo. Eu sinto pena da garota, seja quem ela for, mas eu estou contente.

Quando ele sai do telefone, eu não consigo parar mais de tirar sarro dele. Mordendo a minha língua não será o suficiente para eu parar. Eu teria que morder o meu rosto inteiro.

Ele me percebe sorrindo pela janela para ele, ele vira as costas e caminha pela entrada de uma casa de penhores fechada a meia quadra dali. Eu me certifiquei de balançar minhas sobrancelhas enquanto ele está olhando na minha direção.

Com nada mais a fazer, eu fico esperando. Eu bebo mais café. Eu jogo um jogo no meu telefone que envolve atirar em zumbis pixelados.

Mesmo eu esperando, eu não estava realmente preparado quando o garoto de tranças sai do bilhar. Ele está com um homem, um

cara alto com maçãs do rosto fundas e cabelo oleoso. O garoto acende um cigarro dentro de sua palma em concha, se inclinando contra a parede. Este é um daqueles momentos em que um pouco mais de treino ajudaria. Obviamente sair correndo da delicatessen e acenar meus braços pro Barron é a coisa errada, mas não sei qual é a coisa certa se o garoto começar a se mexer de novo. Eu não tenho ideia de como avisar o meu irmão.

Improvise, ele disse.

Eu saio da delicatessen mostrando-me despreocupado. Talvez o garoto apenas foi para rua para fumar. Talvez Barron irá me notar e voltar sozinho.

Eu acho um banco no ponto de ônibus e me inclino nele, tentando conseguir ver melhor o garoto.

Isso não é uma missão de verdade, eu me lembro. Não importa se ele fugir. Provavelmente não há nada para ver. Seja o que ele esteja fazendo para a Lilá, não há motivo para achar que ele esteja fazendo isso agora.

É aí que eu noto a maneira como o garoto está gesticulando exageradamente, o cigarro dele fazendo fumaça. Desorientação, um truque clássico de mágica e contravenção. *Olhe aqui*, uma mão diz. Ele deve estar contando uma piada também, porque o homem está rindo. Mas eu posso ver a outra mão dele, saindo de sua luva.

Eu pulo, mas eu estou atrasado. Eu vejo um lampejo do pulso nu e o polegar.

Eu corro na direção dele, sem pensar... Cruzando a rua, mal notando o cantar do freio do carro até que eu passe por ele. As pessoas viram na minha direção, mas ninguém está vendo o garoto. Até o idiota do bilhar está olhando na minha direção.

— *Corra* — eu grito.

O homem de bochechas ocas ainda está me encarando quando a mão do garoto se prende ao redor da parte da frente de sua garganta.

Eu pego o ombro do garoto, tarde demais. O homem, quem quer que fosse, cai como um saco de farinha. O menino gira na minha direção, dedos nus tentando alcançar a pele. Eu pego o pulso dele e viro o braço dele com a máxima força possível.

Ele geme e me dá um soco no rosto com a mão enluvada.

Eu tropeço para trás. Por um momento, nós apenas consideramos um ao outro. Eu vejo o rosto dele de perto pela primeira vez e estou surpreso que as sobrancelhas dele foram cuidadosamente feitas em arcos perfeitos. Seus olhos estão arregalados e castanhos, embaixo delas. Ele estreita seus olhos para mim. Então ele se vira e corre.

Eu o persigo. É automático... Instinto... E eu me pergunto o que acho que estou fazendo enquanto corro pela calçada. Eu arrisco uma olhada de volta para Barron, mas ele está virado pro outro lado, inclinado sobre o telefone, de modo que tudo o que eu vejo são as costas dele.

Que surpresa.

O garoto é rápido, mas eu estive praticando corrida pelos últimos três anos. Eu sei como marcar a minha passada, deixando-o ficar na minha frente de primeira quando ele começa a correr, mas alcançando-o quando ele cansar. Nós passamos por várias quadras, eu chegando cada vez mais perto.

É isso que eu supostamente devo fazer quando eu me tornar um agente federal, certo? Correr atrás de bandidos.

Mas não é por isso que eu estou atrás dele. Parece como se estivesse seguindo a minha própria sombra. Eu não consigo parar.

Ele olha de volta para mim, e eu acho que ele vê que estou me aproximando dele, porque ele tenta uma nova estratégia. Ele vira abruptamente na direção de um beco.

Eu viro a esquina a tempo de vê-lo alcançar algo embaixo de seu moletom. Eu vou atrás da arma mais próxima que consigo encontrar. Uma tábua de madeira, situada perto de uma pilha de lixo.

Balançando-a, eu o acerto na mesma hora que ele tenta pegar a arma. Eu sinto o queimar dos meus músculos e escuto o barulho da madeira quando ela encontra o metal. Eu faço a pistola bater contra a parede de tijolos como se fosse uma bola de beisebol e eu estivesse no campeonato mundial.

Eu acho que eu fico tão surpreendido quanto ele.

Dando passos lentos, eu ergo a tábua, que está quebrada agora, um grande pedaço da parte superior está pendurado por uma lasca, o restante irregular e pontudo como um lança. Ele me observa, cada

parte dele tensa. Ele não parece muito mais velho que eu. Ele pode até ser mais novo.

— Quem diabos é você? — Quando ele fala, eu posso ver que alguns dos dentes ele são dourados, brilhando com o sol poente. Três na parte inferior. Um em cima. Ele está respirando com força. Nós dois estamos.

Eu me abaixo e ergo a arma com uma mão trêmula. Meu polegar destrava a arma. Eu derrubo a tábua.

Eu não tenho ideia de quem eu sou agora.

— Por quê? — eu digo, entre respirações. — Por que ela te pagou para matá-lo?

— Ei — ele diz, erguendo as duas mãos, a mão enluvada e a mão nua, em um gesto de rendição. Apesar disso, ele parece mais aturdido do que assustado. — Se ele era seu amigo, então...

— Ele não era meu amigo.

Ele abaixa as mãos lentamente até que elas estão descansando nas suas laterais, como se ele tivesse feito uma decisão a meu respeito. Talvez de que eu não seja um policial. Talvez que esteja tudo bem relaxar.

— Eu não pergunto por que as pessoas querem as coisas. Eu não sei, ok? Era apenas um trabalho.

Eu concordo.

— Deixe-me ver sua garganta.

— Sem marcas. — Ele puxa bem a gola de sua camiseta, mas não há cicatriz lá. — Eu faço freelance. Eu sou bonito demais pra toda essa merda. Ninguém coloca uma coleira no Gage.

— Ok — eu digo.

— Aquela garota... Se você a conhece, você sabe do que ela se trata — ele leva a mão à boca, puxando um dente mole... Um de verdade... Negro de podre na parte de cima. Ele parece uma pérola defeituosa na palma da luva dele. Então ele sorri. — Ainda bem que assassinato paga tão bem, certo? Ouro é caro.

Eu tento esconder a minha surpresa. Um executor da morte que perde apenas um único dente a cada morte é um cara perigoso. Cada maldição... Física, sorte, memória, emoção, sonho, morte, e até mesmo transformação... Causa algum tipo de golpe de retorno. Como o meu avô diz, toda execução executa o executor. O golpe de retorno pode ser incapacitante, até mesmo letal. As execuções de morte apodrecem uma parte do corpo do executor, qualquer coisa desde um pulmão até um dedo. Ou, aparentemente, algo tão pequeno como um dente.

— Por que um executor de morte precisa de uma arma? — eu pergunto.

— Aquela arma tem valor sentimental. Pertencia à minha avó. — Gage pigarreia. — Olha, você não vai atirar. Você já teria feito isso. Então nós podemos apenas...

— Você tem certeza que quer me desafiar de novo? — eu digo. — Você tem certeza?

Isso parece perturbá-lo. Ele puxa o ar pelos dentes.

— Ok, tudo o que eu sei é o que eu ouvi... E não dele... *Dela*. Ela nunca disse nada, exceto onde eu poderia encontrá-lo. Mas há rumores que este cara... Ele se chama Charlie West... Estragou um trabalho. Matou uma família no que era supostamente para ser um simples bater e levar. Ele é um covarde bêbado...

Meu telefone começa a tocar.

Eu o alcanço e o puxo do meu bolso com uma mão, e então olho para baixo. É o Barron, provavelmente tendo acabado de perceber que eu o larguei. Naquele momento Gage se catapulta por cima da cerca de arame.

Eu o observo ir e minha visão fica borrada. Eu não sei o que eu estou vendo. Meu avô. Meu irmão. Eu. Qualquer um de nós poderia ser ele, poderia ter sido ele, voltando de um trabalho, se atrapalhando para pular uma cerca antes de levar um tiro nas costas.

Eu não grito para ele descer. Eu não dou um tiro de aviso ou qualquer uma das coisas que eu poderia fazer... Que um agente federal em treinamento vendo um assassino escapando deveria fazer. Eu apenas o deixo ir. Mas se ele está no papel no qual eu deveria estar, então eu não tenho ideia de como ser a pessoa deixada no beco. O mocinho.

Eu limpo a arma na minha camiseta verde e então a enfio no cós da calça jeans, contra as minhas costas, onde a minha jaqueta irá cobri-la. Depois que eu termino, ando até a boca do beco e ligo para o Barron.

Quando ele chega, ele está com um monte de caras vestidos com ternos.

Ele me agarra pelos ombros. — Que diabos você está fazendo? — a voz dele é baixa, mas ele soa honestamente estremecido. — Eu não tinha ideia de onde você estava! Você não respondeu o seu telefone.

Exceto pela última vez, eu não havia o ouvido tocar.

— Eu estava *improvisando* — eu digo presunçosamente. — E você teria me visto se você não estivesse ocupado dando em cima de alguma garota.

Se a expressão dele fosse alguma indicação, somente a presença de outras pessoas estava impedindo que ele me estrangulasse.

— Estes apareceram na cena do assassinato logo depois dos policiais — ele diz, me dando um olhar carregado. Por mais que ele esteja bravo, eu entendo o que ele está tentando comunicar. *Eu não liguei para eles*, a expressão dele diz. *Eu não contei a eles nada sobre a Lila. Eu não te traí. Eu não te traí ainda.*

O agente pega o meu depoimento. Eu conto a eles que eu segui o assassino, mas ele ficou na minha frente e pulou a cerca. Eu não vi onde ele foi de lá. Eu não vi direito a cara dele. O capuz dele estava puxado. Não, ele não disse nada. Não, ele não tinha uma arma... Ou pelo menos nada fora a sua mão nua. Sim, eu não deveria tê-lo seguido. Sim, eu conheço a Agente Yulikova. Sim, ela irá falar a meu favor.

Ela o faz. Eles me deixam ir sem me revistar. A arma permanece enfiada na parte de trás do meu jeans, esfregando contra a base da minha espinha enquanto o Barron e eu voltamos para o carro.

— O que realmente aconteceu? — Barron me pergunta.

Eu balanço a cabeça.

— Então, o que você vai fazer? — ele pergunta, como se estivesse me desafiando. Como se houvesse uma pergunta. — Lila ordenou aquela morte.

— Nada — eu digo. — O que você acha? E você não vai fazer nada também.

Garotas como ela, meu avô uma vez me avisou, garotas como ela viram mulheres com olhos como buracos de bala e bocas feitas de facas. Elas são sempre inquietas. Elas estão sempre com fome. Elas são más notícias. Elas irão te consumir como uma dose de uísque. Se apaixonar por elas é como cair de um lance de escadas.

O que ninguém me contou, com todos esses avisos, é que mesmo após você ter caído, mesmo depois de você saber o quão doloroso é, você ainda entra na fila para fazer de novo.

O colégio preparatório Wallingford em um domingo à noite está cheio de estudantes exaustos, tentando fazer os deveres de casa que nós tínhamos certeza que seriam fáceis na sexta-feira quando o final de semana se esticava a nossa frente, cheio de horas preguiçosas. Eu bocejo quando chego, me sentindo tão culpado quanto todos. Eu ainda tenho um trabalho para escrever e uma grande parte de *Lês Misérables* para traduzir.

O meu colega de quarto, Sam Yu, está deitado de bruços na cama, fones de ouvido cobrindo suas orelhas, a cabeça mexendo em compasso com a música que eu não consigo ouvir. Ele é um cara grande, alto e pesado, e as molas da cama dele gemem quando ele vira para olhar pra mim. Os dormitórios estão cheios de camas baratas, com a armação da cama ameaçando quebrar todo hora que sentávamos nelas, cômodas de madeira prensada e paredes rachadas. Não é como se o campus de Wallingford não tivesse belos quartos com painéis de madeira e tetos altos e janelas chumbadas de vidro. É que esses espaços são para professores e doadores. Nós podemos entrar neles, mas eles não são para nós.

Eu fiz meu caminho até o nosso guarda-roupa e pisei em cima de uma caixa amassada. Então, alcançando minha jaqueta, eu tiro a arma e a prendo com fita adesiva na parte de cima da parede atrás, acima das minhas roupas. Eu organizo um amontoado de livros velhos na prateleira logo abaixo para bloqueá-la da vista.

— Você tem que estar brincando comigo — Sam diz.

Ele claramente assistiu a coisa toda. Eu nem mesmo o ouvi levantar. Eu devo estar perdendo o meu jeito.

— Não é minha — eu digo. — Eu não sabia o que fazer com ela.

— Que tal *se livrar dela*? — ele diz, a voz dele abaixando para um sussurro áspero. — Isso é uma *arma*. Uma arma, Cassel. Uma armaaaaa.

— Sim. — Eu desço da caixa, pulando da caixa e posando com um baque. — Eu sei. Eu vou. Eu apenas não tenho tempo. Amanhã, eu prometo.

— Quanto tempo se demora para jogar uma *arma* no *lixo*?

— Eu realmente quero que você pare de dizer a palavra 'arma' — eu digo baixo, pulando na minha própria cama e alcançando o meu notebook. — Não há nada que eu possa fazer agora, a menos que eu a jogue pela minha janela. Eu lidarei com isso amanhã.

Ele resmunga e volta para o seu lado do quarto, pegando seus fones. Ele parece incomodado, mas nada pior. Eu acho que ele se acostumou comigo agindo como um criminoso.

— De quem é? — ele pergunta finalmente, acenando na direção do guarda-roupa.

— De um cara. Ele a derrubou.

Sam faz uma careta.

— Isso soa normal... E por 'normal' eu quero dizer '*nem um pouco normal*'. E falando nisso, você sabia que se alguém encontrar essa coisa aqui, você não seria somente jogado para fora da escola, você seria, tipo, excluído da memória escolar. Eles queimariam seu rosto dos anuários de Wallingford. Eles arrumariam um grupo de executores de memória para vir e se certificarem que ninguém se lembrasse de terem ido à escola com você. Isso é exatamente o tipo de coisa que eles prometem aos pais que nunca acontecerá no Preparatório Wallingford.

Um arrepio percorre os meus ombros com a menção de executores de memória. Barron é um. Ele usou seu poder para me fazer esquecer várias coisas... Que eu sou um executor de transformação, que ele me forçou a me tornar um assassino perturbadoramente eficiente, até mesmo que eu transformei Lila em um animal e ele a manteve em uma jaula por anos. Meu irmão mais velho sociopata, que roubou pedaços da minha vida. O único irmão que ainda me resta. Aquele que está me treinando.

Isso é família para você. Não pode viver com eles; não pode assassiná-los. A menos que Barron me dedure para a Yulikova. Então eu realmente posso fazer isso.

— Sim — eu digo, tentando recuperar o fio da conversa. — Eu vou me livrar dela. Eu prometo. Não, espera, eu já prometi. Que tal jurar com o mindinho?

— Inacreditável — Sam diz, mas eu posso notar que ele não está realmente bravo. Enquanto me ocupo determinando isso, assistindo o leque de emoções que cruzam seu rosto, eu noto que ele tem cerca de doze canetas empilhadas na coberta azul ao lado dele e ele está marcando um caderno com cada uma.

— O que você está fazendo aí?

Ele sorri.

— Eu consegui essas no eBay. Uma caixa inteira de canetas com tinta que desaparece. Legal, né? Elas eram usadas pela KGB. Essas são sérias ferramentas de espião.

— O que você vai fazer com elas?

— Duas escolhas, na verdade. Uma pegadinha incrível ou realmente algo potencialmente útil para a nossa operação de apostas.

— Sam, nós já falamos sobre isso. É sua agora, se você quiser, mas eu estou fora. — Eu fui o gerenciador de apostas para coisas ridículas de escola desde que estive em Wallingford. Se você queria apostar dinheiro em um jogo de futebol, você vinha até mim. Se você queria apostar se haveria ou não bife Salisbury para o almoço três vezes por semana, ou, se a Diretora Northcutt e o Reitor Wharton estavam tendo um caso, ou, se o Harvey Silverman iria morrer de envenenamento alcoólico antes que ele se formasse, você também vinha até mim. Eu iria calcular as probabilidades, segurar o dinheiro, e cobrar uma comissão pelo meu esforço. Em uma escola com muitos garotos ricos entediados, era uma boa maneira de alinhar os bolsos. Era bem inofensivo, até que não era mais. Até que os garotos

começaram a fazer apostas sobre quais estudantes eram executores de maldição. Até que esses estudantes se tornaram alvos.

Daí parecia bastante como se eu tivesse pegando dinheiro sangrento.

Sam suspira.

— Bem, nós ainda temos dezenas de pegadinhas que nós podíamos pregar. Imagine uma sala cheia de alunos que vão fazer um teste, e então nada em nenhum dos testes, vinte e quatro a quarenta e oito horas depois. Ou se você colocasse uma dessas dentro de um caderno de notas de um professor? Caos.

Eu sorrio. Caos, lindo caos.

— Então, qual desses você escolhe? As minhas habilidades para abrir a fechadura estão a seu serviço.

Ele joga uma caneta na minha direção

— Tenha cuidado, não queira fazer seu dever de casa com ela — ele diz.

Eu a pego no ar um momento antes de cair no meu abajur.

— Ei! — Eu digo, me virando novamente pra ele. — Olha lá. Que jogada doida foi essa?

Ele está olhando pra mim como uma expressão estranha em seu rosto.

— Cassel. — Sua voz ficou baixa e sincera. — Você acha que consegue falar com Daneca por mim?

Eu hesito, olhando para a caneta em minhas mãos, girando-a nos meus dedos enluvados, então olhando de volta para ele. — Sobre o quê?

— Eu pedi desculpa — ele diz. — Eu continuo pedindo desculpa. Eu não sei o que ela quer.

— Algo aconteceu?

— Nós nos encontramos para um café, mas daí se transformou na mesma discussão de sempre — ele balança a cabeça. — Eu não entendo. Foi ela que mentiu. Foi ela que nunca me contou que era uma executora. Ela provavelmente nunca teria me contado também, se o irmão dela não tivesse deixado escapar. Por que sou eu que continuo pedindo desculpa?

Em todos os relacionamentos há um equilíbrio de poder. Alguns relacionamentos são brigas constantes pela vantagem. Em outros uma pessoa está no comando... Apesar de não ser sempre a pessoa que eles acham que são. E daí, eu acho que há relacionamentos tão igualitários que ninguém tem que pensar nisso. Eu não sei nada sobre esses. O que eu sei é que o poder pode mudar em um momento. Bem, lá no começo do relacionamento deles, Sam estava sempre se pondo abaixo da Daneca. Mas quando ele ficou bravo, ele parecia não conseguir deixar de estar bravo.

Quando ele estava pronto para ouvir a desculpa dela, ela não queria mais dá-la. E então eles pularam para frente e para trás nestas últimas semanas, nenhum deles arrependido o bastante para perdoar o outro, nenhum deles arrependido o bastante ao mesmo tempo, ambos com a certeza de que o outro estava errado.

Eu não sei dizer se isso significa que eles estejam terminados ou não. Nem o Sam.

— Se você não sabe por que você está se desculpando, a sua desculpa provavelmente é uma porcaria — eu disse.

Ele balança a cabeça.

— Eu sei. Mas eu só quero que as coisas voltem a ser com eram antes.

Eu conheço bem essa sensação.

— O que você quer que eu diga pra ela?

— Apenas descubra o que eu posso fazer para consertar as coisas.

Há tanto desespero na voz dele que eu concordo. Eu vou tentar. Ele tem que saber que já está em um caminho ruim se ele está vindo até mim para ajudar com problemas do coração. Não tem porque esfregar na cara dele.

Na parte da manhã eu estou atravessando a quadra, esperando que o café que eu bebi na sala comum faça efeito logo, quando eu passo pela minha ex-namorada, Audrey Dolan, em um amontoado com suas amigas. Seu cabelo acobreado brilha como uma moeda nova de um centavo à luz do sol, e seus olhos me seguem de maneira

reprovadora. Uma de suas amigas diz algo baixo o bastante para eu não ouvir, e o resto ri.

— Ei, Cassel — uma delas chama, então eu tenho que me virar. — Ainda recolhendo apostas?

— Não, — eu digo.

Viu, eu estou *tentando* ficar legítimo. Eu estou tentando.

— Que pena — a garota grita, — porque eu quero apostar cem pratas que você vai morrer sozinho.

Algumas vezes eu não sei por que eu estou lutando tanto para ficar aqui em Wallingford. Minhas notas, sempre determinada e consistentemente medíocres, realmente afundaram esse último ano. Não é como se eu fosse para a faculdade. Eu penso na Yulikova e o treinamento que o meu irmão está ganhando. Tudo que eu tenho que fazer é desistir. Eu apenas estou adiando o inevitável.

A garota ri de novo, e Audrey e as outras riem com ela.

Eu apenas continuo andando.

Na aula de Desenvolvimento da Ética Mundial nós falamos um pouco sobre preconceito jornalístico ao reportar uma matéria e como isso influencia como nós pensamos. Quando pedido para dar um exemplo, Kevin Brown traz um artigo sobre a minha mãe. Ele acha que muitos repórteres culpam o Patton por ser um joguete fácil.

— Ela é uma criminosa — Kevin diz. — Por que tentar agir como se o Governador Patton tivesse que supostamente estar preparado para uma namorada que tentou amaldiçoa-lo? É um exemplo óbvio de um repórter tentando desacreditar a vítima. Eu não ficaria surpreso se aquela Shandra Singer tivesse chegado a ele, também.

Alguém dá uma risadinha.

Eu encaro a minha mesa, me concentrando na caneta em minha mão, e o som do giz raspando o quadro enquanto o Sr. Lewis rapidamente se lança em um exemplo de uma notícia recente sobre a Bósnia. Eu sinto um estranho hiperfoco que ocorre quando tudo se estreita para o presente. O passado e o futuro desaparecem. Há apenas o agora e os momentos que passam, até que a campainha toca e nós corremos para o corredor.

— Kevin? — eu digo baixinho.

Ele vira, sorrindo sarcasticamente. As pessoas se apressam em volta de nós, agarrados a mochilas e livros. Elas parecem como fios de luz na minha visão periférica.

Eu acerto o queixo do Kevin com tanta força que eu sinto o impacto nos meus ossos.

— Briga! — uns dois garotos gritam, mas os professores chegam e me arrasta para longe do Kevin antes que ele consiga se recuperar.

Eu os deixo me puxarem. Eu me sinto totalmente entorpecido, a adrenalina ainda atravessando minhas veias, os nervos estalando com o desejo de fazer algo mais. Fazer algo a alguém.

Eles me levam para a sala do reitor e me deixam com uma folha de papel pressionada na minha mão. Eu a amasso e a jogo contra a parede enquanto eu sou levado para dentro.

A sala do Reitor Wharton está amontoada de papéis. Ele parece surpreso ao me ver, levanta-se e, erguendo uma pilha de pastas e palavras cruzadas da cadeira em frente a sua mesa, indica que eu devo sentar. Normalmente qualquer problema que eu estou é tão ruim que eu sou mandado para a sala da diretora.

— Brigando? — ele diz, olhando a folha. — Ou seja, dois pontos negativos se foi você quem começou.

Eu concordo com a cabeça. Eu não confio em mim para falar.

— Você quer me contar o que aconteceu?

— Não verdade não, senhor — eu digo. — Eu bati nele. Eu apenas... Eu não estava pensando direito.

Ele assente como se estivesse considerando o que eu disse.

— Você entende que se você ganhar mais um demérito por qualquer razão, você será expulso? Você não vai se formar no ensino médio, Sr. Sharpe.

— Sim, senhor.

— O Sr. Brown estará aqui em um momento. Ele irá me contar o lado da história dele. Tem certeza que você não tem mais nada a dizer?

— Não, senhor.

— Tudo bem — o Reitor Wharton diz, empurrando seus óculos para cima para que ele possa massagear a ponte de seu nariz com suas luvas marrons. — Vá esperar lá fora.

Eu vou e sento em uma das cadeiras na frente da secretária da escola. Kevian passa por mim com um grunhido, a caminho do escritório do Wharton. A pele ao longo da bochecha de Kevin está virando uma cor esverdeada interessante. Ele vai ficar com um inferno de um hematoma.

Ele irá contar ao Wharton, *Eu não sei o que deu no Cassel. Ele apenas enlouqueceu. Eu não o provoquei.*

Alguns minutos depois Kevin sai. Ele dá uma risadinha para mim enquanto caminha pelo corredor. Eu dou um sorrisinho de volta.

— Sr. Sharpe, você pode voltar aqui, por favor?

Eu volto. Eu me sento novamente na cadeira, olhando as pilhas de papéis. Apenas um empurrão faria a pilha cair em todas as outras.

— Você está bravo com algo? — o Reitor Wharton me pergunta, como se ele pudesse ler os meus pensamentos.

Eu abro minha boca para negar, mas eu não consigo. É como se eu tivesse carregando esse sentimento dentro de mim há tanto tempo que eu nem mesmo sei o que é. Wharton, de todas as pessoas, descobriu o que há de errado comigo.

Eu estou *furioso*.

Eu penso em não saber o que me obrigou a tirar uma arma da mão de um assassino. De quão satisfatório foi bater no Kevin. Em como eu quero fazer isso várias vezes, quero sentir os ossos quebrarem

e sangue escorrer. Como foi a sensação de ficar em pé sobre ele, minha pele queimando de raiva.

— Não, senhor — eu consigo responder. Eu engulo em seco porque não sei quando me tornei tão distante de mim mesmo. Eu sabia que Sam estava bravo quando ele falou sobre Daneca. Como eu não sabia que eu estava bravo também?

Wharton limpa a garganta.

— Você passou por muita coisa, entre a morte de seu irmão Philip e atualmente com os problemas... Legais da sua mãe.

Problemas legais. Legal. Eu concordo com a cabeça.

— Eu não quero lhe ver seguindo por um caminho que você não possa voltar, Cassel.

— Entendido — eu digo. — Posso voltar para a aula agora?

— Vá em frente. Mas lembre-se, você tem dois deméritos e o ano nem está na metade. Mais um e você está fora. Dispensado.

Eu levanto, deslizo minha mochila no ombro, e volto para o Centro Acadêmico a tempo para o próximo sino. Eu não vejo Lila nos corredores, apesar do meu olhar pausa em qualquer garota loira que passa por mim. Eu não tenho ideia do que vou dizer para ela se eu a ver. *Então, eu ouvi falar que você ordenou seu primeiro assassinato. Como foi?* Parece um pouco intrometido.

Além disso, quem disse que foi o primeiro dela?

Eu me enfio no banheiro, ligo as torneiras, e jogo água no meu rosto.

É um choque, o líquido escorrendo pelas minhas bochechas e se acumulando no oco do meu pescoço, molhando a minha camiseta branca. Escurecendo minhas luvas. Estupidamente, eu me esqueço de tirá-las.

Acorde, eu digo a mim mesmo. *Saia dessa.*

Refletido no espelho, meus olhos escuros parecem mais sombreados do que nunca. Minhas bochechas se destacam, como se a minha pele estivesse muito esticada.

Estou realmente me encaixando, eu digo a mim mesmo. *Papai ficaria tão orgulhoso. Você é realmente um cara charmoso, Cassel Sharpe.*

Eu ainda chego a tempo para a aula de física, antes de Daneca, o que é bom. Teoricamente, ela e eu somos ainda amigos, mas ela está me evitando desde que começou a brigar com o Sam. Se eu quero falar com ela, eu terei que encurralá-la.

Nós não temos assentos designados, o que significa que é fácil encontrar uma mesa próxima de onde Daneca normalmente senta e jogo minhas coisas na cadeira. Então eu levanto e falo com alguém do outro lado da sala. Willow Davis. Ela parece desconfiada quando eu faço a ela uma pergunta sobre o dever de casa, mas responde sem muita hesitação. Ela está me contando algo sobre como há dez dimensões diferentes de espaço e um de tempo, todos enroscados um no outro, quando Daneca entra.

— Entendeu? — Willow pergunta. — Então poderia haver outras versões de nós vivendo em outros mundos... Como se talvez houvesse

um mundo onde fantasmas e monstros são reais. Ou onde ninguém é hiperbatigâmico. Ou onde todos nós teríamos cabeças de cobra.

Eu balanço a cabeça.

— Isso não pode ser real. Isso *não* pode ser ciência de verdade. É muito incrível.

— Você não fez a leitura, não é? — ela pergunta, e eu decido que esse é o momento para retornar a minha nova mesa.

Quando eu volto, eu vejo que o meu plano funcionou. Daneca está sentada onde ela sempre está. Eu tiro a minha mochila e sento no lugar dela. Ela olha para cima, surpresa. É tarde demais para ela levantar sem ficar realmente óbvio que ela não quer sentar ao meu lado. Ela observa a sala como se estivesse forçando o cérebro dela a achar alguma desculpa para mudar, mas os assentos estão quase todos ocupados.

— Ei — eu digo, forçando um sorriso. — Quanto tempo.

Ela suspira, como se estivesse se resignando a algo.

— Eu ouvi que você se meteu em uma briga. — Daneca está usando seu blazer de Wallingford e saia plissada com meias néon roxas e luvas roxas mais brilhantes ainda. A cor delas eram mais ou menos combinando com as mechas desbotadas roxas no seu cabelo castanho. Ela chuta suas botas Mary Jane contra a mesa.

— Então você ainda está brava com o Sam, hein? — Eu percebo que assim provavelmente não é a maneira que ele iria querer que eu abordasse o assunto, mas quero informação e a aula está prestes a começar.

Ela faz uma careta.

— Ele te contou isso?

— Eu sou o colega de quarto dele. Ele deprimido me contou isso.

Ela suspira de novo.

— Eu não quero machucá-lo.

— Então não o faça — eu digo.

Daneca se inclina na minha direção e abaixa sua voz.

— Deixe-me lhe perguntar uma coisa.

— Sim, ele realmente, de verdade, sente muito — eu digo. — Ele sabe que exagerou. Que tal vocês se perdoarem e começarem...

— Não é sobre o Sam — ela diz, bem na hora que o Dr. Jonahdab entra na sala. O professor pega um pedaço de giz e começar a desenhar a lei de Ohm no quadro. Eu sei o que é por causa das palavras 'lei de Ohm' acima.

Eu abro o meu caderno. — O que é, então? — Eu escrevo, e viro o caderno para que a Daneca possa ver.

Ela balança a cabeça e não diz mais nada.

Eu não tenho certeza se eu entendo a relação entre corrente e resistência e a distância ao chegar no final da aula, mas parece que no final das contas Willow Davis estava certa sobre todo o negócio de dimensão com cabeça de cobra sendo possível.

Quando o sino toca, Daneca pega o meu braço, seus dedos enluvados se afundando um pouco acima do meu cotovelo.

— Quem matou o Philip? — ela pergunta repentinamente.

— Eu... — eu começo. Eu não posso responder sem mentir, e eu não quero mentir pra ela.

A voz da Daneca está baixa, um sussurro urgente.

— Minha mãe era sua advogada. Ela fez um acordo de imunidade para você, aquele que tirou os Federais das suas costas, certo? Você fez um acordo para contar a eles quem matou aquelas pessoas nos arquivos. E o Philip. Por *imunidade*. Por que você precisa de imunidade? O que você fez?

Quando os Federais jogaram um monte de arquivos no meu colo e me disse que o Philip havia prometido nomear o assassino, eu não impedi realmente a Daneca de olhá-los. Eu sabia que era um erro, até mesmo antes de perceber que os arquivos pertenciam todos às pessoas que eu havia transformado, uma lista de corpos que nunca foram encontrados... E não foram encontrados desde então. Mais memórias perdidas.

— Nós temos que ir — eu digo. A sala se esvaziou, e alguns estudantes estão começando a entrar para a próxima aula. — Nós vamos nos atrasar.

Ela relutantemente solta o meu braço e me segue para fora. É engraçado como as nossas posições estão trocadas. Agora é ela que está tentando me encurralar.

— Nós estávamos trabalhando naquele caso juntos, — Daneca diz. O que é meio verdade. — *O que você fez?* — ela sussurra.

Eu olho para o rosto dela, procurando pelo que ela acha que é a resposta.

— Eu nunca machuquei Philip. Eu nunca machuquei o meu irmão.

— E quanto ao Barron? O que você fez com ele?

Eu faço uma careta, tão confuso que por um momento eu não consigo pensar no que dizer. Eu não tenho ideia de onde ela tirou isso.

— Nada! — eu digo, abrindo meus braços para dar ênfase. — Barron? Você está louca?

Uma leve cor atinge suas bochechas.

— Eu não sei — ela diz. — Você fez algo para alguém. Você precisava de imunidade. Pessoas do bem não precisam de imunidade, Cassel.

Ela está certa, claro. Eu não sou uma pessoa do bem. O negócio engraçado sobre pessoas do bem... Pessoas como Daneca... É que elas realmente e honestamente não entendem o impulso para fazer coisas ruins. Elas acham extremamente difícil conciliar a ideia de que uma pessoa que as faz sorrir possa ainda ser capaz de fazer coisas terríveis. Que é porque, apesar de ela estar me acusando de ser um assassino, ela parece mais incomodada do que realmente preocupada sobre ser assassinada. Daneca parece persistir em uma crença que se eu apenas *escutasse* e entendesse o quão ruins minhas escolhas eram, eu conseguiria não fazê-las.

Eu parei próximo às escadas.

— Olha, que tal se eu te encontrar depois do jantar e você pode me perguntar o que você quiser? E nós podemos falar sobre o Sam. — Eu não posso contar tudo a ela, mas ela é minha amiga e eu poderia contar a ela mais do que contei. Ela merece o tanto que eu conseguir oferecer. E quem sabe, talvez se eu apenas *ouvir*, eu faça escolhas melhores.

Eu não poderia fazer piores.

Daneca coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha. Sua luva roxa está manchada de tinta.

— Você vai me contar o que você é? Você me contará isso?

Eu respiro fundo honestamente surpreso. Então rio, eu nunca contei a ela o meu maior segredo... De que sou um executor de transformação. Eu acho que é hora. Ela deve imaginar alguma coisa ou ela não teria perguntado.

— Você me pegou — eu digo. — Você me pegou mesmo. Sim, eu te contarei. Eu te contarei tudo que eu puder.

Ela assente lentamente.

— Ok. Eu estarei na biblioteca depois do jantar. Eu tenho que começar um trabalho.

— Ótimo. — Eu troto até as escadas, correndo com toda a velocidade quando chego do lado de fora para que eu consiga chegar a tempo da aula de cerâmica antes do último sino tocar. Eu já tenho dois deméritos. Eu já estive em problemas demais pra um dia só.

Meu pote sai totalmente deformado. Deve ter uma bolha de ar nele também, porque quando eu o coloco no forno, ele explode, levando consigo os potes e vasos deles junto.

A meu caminho para o treino de corrida, meu telefone toca. Eu o abro e o coloco contra a minha bochecha.

— Cassel — Agente Yulikova diz. — Eu gostaria que você passasse no meu escritório. Agora. Eu entendo que as suas aulas já acabaram por hoje, e eu consegui que você fosse dispensado. O escritório pensa que você tem uma consulta no médico.

— Eu estou a caminho do treinamento — eu digo, esperando que ela ouça a hesitação na minha voz. Eu estou com uma mochila de academia pendurada no meu ombro, batendo na minha perna. Acima, as árvores estão se mexendo com o vento, cobrindo o campus com um tapete de folhas flutuantes com as cores do nascer do sol. — Eu já perdi muitos treinos.

— Então eles não notarão se você perder outro. Honestamente, Cassel. Você quase conseguiu ser morto ontem. Eu gostaria de discutir o incidente.

Eu penso na arma, colocada no guarda-roupa do meu quarto no dormitório. — Não foi grande coisa — eu digo.

— Bom ouvir — com isso, ela desliga.

Eu sigo em direção ao carro, chutando as folhas enquanto eu vou.

Poucos minutos depois, Agente Yulikova está recolhendo pilhas de papel e os transferindo para fora do caminho, para que ela possa dar uma olhada melhor em mim. Ela tem cabelo liso cinza, cortado para prender logo abaixo de seu queixo, e o rosto como de um pássaro — delicado e de nariz longo. Massas de colares enfeitados espessos penduravam em torno de sua garganta. Apesar de estar segurando uma xicara de chá e vestindo um suéter sob a jaqueta de veludo azul marinho, seus lábios têm um tom azulado, como se estivesse com frio. Ou como se ela estivesse resfriada. De qualquer maneira, ela se parece mais como uma professora de Wallingford do que a cabeça de um programa federal para treinar crianças executoras. Eu sei que ela provavelmente se veste desse jeito de propósito, para atrair os estagiários a se sentirem confortáveis. Ela provavelmente faz tudo de propósito.

Isso ainda funciona.

Ela é minha treinadora, a que é responsável por me introduzir ao programa logo que eu estiver com dezoito anos, pelo acordo que fiz com os federais. Até então, bom, eu não sei o que ela deveria fazer comigo. Eu suspeito que ela também não saiba.

— Como você está, Cassel? — ela me pergunta, sorrindo. Ela age como se realmente quisesse saber.

— Bem, eu acho — o que é uma grande mentira ridícula. Eu estou quase dormindo. Estou atormentado com arrependimentos. Estou obcecado por uma garota que me odeia. Eu roubei uma arma. Mas é o que você diz a pessoas como ela, pessoas que estão avaliando o seu estado mental.

Ela toma um gole de sua caneca.

— Como está sendo ser como a sombra de seu irmão?

— Tudo bem.

— A morte de Philip deve lhe fazer mais protetor de Barron — ela diz. Seu olhar é gentil, não ameaçador. Seu tom é neutro. — São apenas vocês dois agora. E mesmo que você seja o irmão mais novo, você teve muita responsabilidade colocada sobre você... — ela deixa as palavras no ar.

Encolho os olhos.

— Mas se ele te colocou em qualquer perigo ontem, então nós precisamos parar com as coisas imediatamente.

— Não, não foi assim — eu digo. — Nós estávamos apenas seguindo alguém, uma pessoa aleatória, e então Barron recebeu uma ligação. Então eu fiquei sozinho por alguns minutos, e eu vi o assassinato. Eu persegui o garoto, o assassino, o que foi estúpido, eu acho. Mas ele fugiu, então é isso.

— Você falou com ele? — ela pergunta.

— Não — eu minto.

— Mas você o encurralou no beco, correto?

Concordo com a cabeça, em seguida pensando melhor nisso. — Bom, por um segundo ele esteve encurralado. Então ele foi para a cerca.

— Nós encontramos uma tábua quebrada perto da cena. Ele bateu com a tábua em você?

— Não, — eu digo. — Não, nada do tipo aconteceu. Talvez ele pisou sobre ela enquanto estava correndo. Tudo aconteceu tão rápido.

— Você poderia descrevê-lo? — ela se inclina para frente em sua cadeira, olhando pra mim, como se pudesse ver todos os meus pensamentos fugazes nos encolhimentos e a vermelhidão involuntária de meu corpo. Eu realmente espero que isso não seja verdade. Sou um bom mentiroso, mas não sou da classe mundial. Minha experiência tem sido principalmente com dois tipos de adultos — criminosos, que agem de maneira que eu posso antecipar, e marcas, que podem ser manipuladas. Mas com Yulikova eu estou fora da minha profundidade. Eu não faço ideia do que ela é capaz de fazer.

— Na verdade não, — eu digo com um encolher de ombros.

Ela acena algumas vezes, como se estivesse digerindo a mensagem.

— Tem mais alguma coisa que você queira me contar sobre o que aconteceu?

Eu sei que devia admitir ter pegado a arma. Se eu confessar agora, entretanto, ela vai me perguntar por que eu a peguei. Ou talvez

ela vai só perguntar a Barron o que estávamos fazendo. Quem estávamos seguindo. Se ele estiver de bom humor, ele pode até lhe dizer. Ou pior, ele vai inventar uma história tão fantasiosa que a leva direto para Lila mais rápido que a verdade levaria.

Não é que eu quero ser essa pessoa, fazendo a coisa errada novamente, mentindo para Yulikova. Eu quero aprender a fazer a coisa certa, mesmo que eu odeie isso. Mesmo se eu odiá-la por isso. Eu simplesmente não posso dessa vez.

Mas na próxima — na próxima eu vou fazer melhor. Vou lhe contar tudo. Na próxima vez.

— Não — eu digo. — Realmente não foi grande coisa. Eu simplesmente fui estúpido. Vou ser mais cuidadoso.

Ela pega um pacote de papéis cortados de sua mesa e os deixa diante de mim com um olhar significativo. Eu sei o que eles dizem. Uma vez que eu os assino, eu não sou mais um cidadão comum. Eu estarei concordando com um conjunto particular de regulamentos e leis. Se eu estragar, vou que concordar em ser julgado em um tribunal privado. Não mais júri do meu grupo.

— Talvez seja a hora de você deixar logo Wallingford e treinar com Barron e todos os outros alunos em tempo integral.

— Você disse isso antes.

— E você disse antes que não, — ela sorri. Depois, abrindo uma das gavetas da escrivaninha, ela puxa um tecido. Ela tosse nele. Eu vejo algo escuro manchar o papel antes de guardar. — Estou supondo que você vá dizer que não novamente agora.

— Eu quero ser um agente federal e trabalhar para a LMD. Eu quero... — eu paro. *Eu quero ser melhor*. Eu não posso dizer isso, porque isso é maluco. Em vez disso, eu digo: — Tornar-me um formado abandonado não é exatamente um sonho meu. E, de qualquer jeito, meu acordo de imunidade...

Ela me corta. — Nós poderíamos ser capazes de providenciar um diploma para você.

Eu imagino não ter que ver Lila, seu cabelo branco dourado o suficiente para enrolar na nuca de seu pescoço, sua voz rouca me distraindo o suficiente para que eu mal pudesse prestar atenção em qualquer coisa que estou fazendo quando ela fala. Eu imagino não ter que cerrar os dentes para evitar chamar seu nome toda vez que passo por ela no corredor.

— Em breve. Eu só quero terminar o ano.

Yulikova acena, como se estivesse decepcionada, mas não surpresa. Gostaria de saber sobre sua tosse e do tecido, era sangue nele? Não me sinto no direito de perguntar. Nada disso parece certo.

— Como você está se saindo com os encantos? — ela pergunta.

Eu alcanço no meu bolso e os puxo para fora. Cinco círculos perfeitos de pedra com buracos furados no meio. Cinco amuletos de transformação para parar uma maldição de um executor como eu, não que existam muitos como eu. Fazer os encantos foi desgastante, mas pelo menos não houveram golpes de retorno envolvidos. Eles estavam colocados no meu porta-luvas por uma semana, esperando por mim para entregá-los.

— Muito raro — ela diz. — Você já usou um desses amuletos e lançou uma maldição?

Eu balanço a cabeça. — O que aconteceria se eu lançasse?

Yulikova sorri. — Um monte de nada. A pedra racharia e você se esgotaria.

— Ah — eu digo, estranhamente desapontado. Eu não sei o que estava esperando. Balançando a cabeça pra mim mesmo, eu largo os amuletos sobre a mesa à sua frente. Eles rolam e giram e fazem barulhos como moedas. Ela olha pra eles por um longo momento, então levanta os olhos pra mim.

— É pessoalmente importante que você fique seguro — ela toma mais um gole de seu chá e sorri de novo.

Eu sei que ela provavelmente diz isso para dezenas de recrutas potenciais, mas eu ainda gosto de quando ela diz isso para mim.

No caminho, sua mão enluvada tocou meu braço brevemente.

— Você teve notícias da sua mãe?

A voz de Yulikova é suave, como se estivesse realmente preocupada com um garoto de dezessete anos de idade, por conta própria e com medo de sua mãe. Mas eu aposto que ela está pescando por informação. Informação que eu gostaria de ter.

— Não, — eu digo. — Ela pode estar morta, por tudo que sei — pela primeira vez não estou mentindo.

— Eu gostaria de ajudá-la, Cassel — ela diz. — Tanto você quanto Barron são importantes para nós aqui no programa. Gostaríamos de manter sua família unida.

Eu aceno sem me comprometer.

Criminosos são apanhados eventualmente — é um principio de estar na vida. Mas talvez as coisas sejam diferentes para agentes do governo. Talvez as mães deles fiquem fora da prisão para sempre. Eu acho que deveria desejar que sim.

O lado de fora do edifício é desinteressante, uma estrutura de concreto tediosa de tamanho médio no meio de um estacionamento, suas janelas espelhadas brilhando com a luz refletida do sol se pondo. Ninguém diria que uma agência federal ocupa os andares superiores, especialmente desde que a placa na frente promete: RICHARDSON & CO. ADESIVOS E SELANTES e quase todo mundo que entra e sai está vestindo um terno de boa aparência.

Acima de mim, a maioria das árvores são marrons e nuas, os vermelhos e dourados do início do outono desbotando pelo vento frio de outubro. Meu Benz está exatamente onde o deixei, me lembrando da vida que eu poderia ter tido se tivesse aceitado a oferta do pai de Lila e me tornado sua arma secreta.

Cada vez mais eu me sinto como o garoto que cortou seu nariz para ofender seu rosto.

Eu dirijo de volta para Wallingford, chegando com tempo suficiente apenas para despejar minha bolsa de ginástica e pegar uma barra de granola antes de ter que encontrar Daneca na biblioteca. Eu

corro pela escada acima e estou prestes a abrir a porta para meu quarto quando percebo que está aberto.

— Olá? — eu digo enquanto entro.

Sentada na minha cama está uma garota. Eu a vi ao redor do campus, mas não acho que já falei com ela. Ela é uma estudante do segundo ano, asiática — coreana, eu acho, com cabelo longo e preto que paira a cintura como uma cachoeira, e grossas meias brancas que vêm quase até os joelhos. Seus olhos são alinhados com lápis azul brilhante. Ela olha pra mim debaixo dos longos cílios e sorri timidamente.

Estou um pouco perturbado, tenho que admitir. Isso não acontece muito.

— Você está esperando por Sam?

— Eu estava esperando para falar com você — ela se levanta, levantando sua mochila rosa e mordendo o lábio inferior. Depois, hesitante, ela acrescenta: — Eu sou Mina. Mina Lange.

— Você realmente não devia estar em meu quarto. — Eu digo, largando minha bolsa de ginástica.

Ela sorri.

— Eu sei.

— Eu estava prestes a sair — eu digo, olhando para a porta. Eu não tenho ideia de que tipo de jogo ela está jogando, mas da última vez em que uma garota apareceu na minha cama, tudo foi diretamente ao inferno. Eu não estou exatamente otimista. — Não quero ser rude,

Mina, mas se tem alguma coisa que você quer me contar, você provavelmente deve fazer isso agora.

— Você não pode ficar? — ela pergunta, dando um passo na direção de onde eu estou. — Eu tenho um grande favor a pedir, e não há mais ninguém que possa ajudar.

— Acho isso difícil de acreditar — minha voz sai num tom um pouco tenso. Penso em Daneca e toda explicação que tenho à minha frente. A última coisa que preciso é estar atrasado e ter mais uma coisa para explicar. — Mas eu acho que posso esperar alguns minutos, se for importante.

— Talvez pudéssemos ir para outro lugar — ela diz. Seus lábios estão brilhante na cor rosa suave, bem aparentados. Seu dedo enluvado branco envolve uma mecha de seu longo cabelo preto, girando-o nervosamente. — Por favor.

— Mina, apenas me diga — eu digo, mas o tom da minha voz não é muito imponente. Eu não me importo em condescender na ilusão de que há algo absolutamente vital que possa fazer para uma garota bonita, mesmo se eu não acreditar nisso. Eu não me importo em demorar um pouco mais, fingido.

— Você está ocupado — ela diz. — Eu não deveria te atrapalhar. Eu sei que nós não somos, sei que você não me conhece tão bem ou coisa assim. E isso é culpa minha. Mas, por favor, por favor, podemos conversar algum dia?

— Sim — eu digo. — É claro. Mas você não quer...

Ela me corta.

— Não, eu vou voltar. Vou te encontrar. Sabia que você seria simpático, Cassel. Eu somente sabia disso.

Ela passa por mim, perto o suficiente para que eu possa sentir o calor de seu corpo. Momentos depois, eu ouço seus passos leves no corredor. Estou sozinho no meio do meu quarto por um longo momento, tentando descobrir o que acabou de acontecer.

O ar passou de frio para o tipo de frio que se infiltra em seus ossos e vive em sua medula. O tipo de frio que te mantém tremendo depois de entrar em uma sala quente, como se você tivesse gelo tremendo em suas veias. Eu estou quase na biblioteca.

— Ei — alguém chama atrás de mim. Eu conheço a voz.

Eu viro.

Lila está de pé na borda da grama, olhando pra cima. Ela está vestindo um longo casaco preto e, quando ela fala, sua respiração se condensa no ar como os fantasmas das palavras não ditas. Ela parece um fantasma, todo preto e branco nas sombras das árvores sem folhas.

— Meu pai quer te ver — ela diz.

— Ok — eu digo, e a sigo. Só isso. Eu provavelmente a seguiria até um penhasco.

Ela me leva a um Jaguar XK prata no estacionamento. Eu não sei quando ela pegou o carro — ou sua licença — e eu quero dizer algo sobre isso, oferecer a ela algum tipo de parabéns, mas quando eu abro a boca, ela me dá um olhar que me faz engolir as palavras.

Eu fico em silêncio do lado passageiro e tiro meu telefone. O interior do carro cheira como chiclete de hortelã e perfume e fumaça de cigarro. Uma garrafa meio vazia de refrigerante diet está descansando no porta-copos.

Eu pego meu telefone e mando uma mensagem para Daneca*: Não posso fazer isso hoje à noite.*

Poucos segundos depois o telefone começa a tocar, mas eu o configuro para vibrar e depois o ignoro. Sinto-me culpado por desapontá-la depois de fazer uma promessa de ser mais honesto, mas explicar para onde estou indo — não menos o motivo — parece impossível.

Lila olha pra mim, metade do rosto iluminado por um poste de luz, cílios louros e o arco de sua sobrancelha se transformando em dourado. Ela é tão linda que meus dentes doem. No primeiro ano de psicologia, nosso professor falou sobre a teoria de que nós temos um "instinto de morte", uma parte de nós que nos impele para o esquecimento, para o submundo, para Thanatos. É uma sensação emocionante, como dar um passo para fora da borda de um arranha-céu. É assim que me sinto agora.

— Onde está seu pai? — eu pergunto a ela.

— Com sua mãe — Lila diz.

— Ela está viva? — estou tão surpreso que não tenho tempo para ser aliviado. Minha mãe está com Zacharov? Eu não sei o que pensar.

O olhar de Lila encontra o meu, mas seu sorriso não me dá conforto.

— Por enquanto.

O motor arranca, e sai do estacionamento. Eu vejo meu próprio rosto refletido de volta na curva da janela escura. Eu poderia estar indo para minha própria execução, mas eu não pareço tão destruído com isso.

Nós dirigimos para dentro da garagem no subsolo, e Lila estacionou num número perto de um Lincoln Town e duas BMWs. É o lote dos sonhos de ladrões de carro, exceto pelo fato de quem rouba do Zacharov provavelmente será despejado num píer com cimentos no sapato.

Enquanto Lila desligava o motor, eu percebi que essa seria a primeira vez que eu veria o apartamento onde ela vive quando está com o pai. Ela estava quieta dirigindo, me deixando com tempo suficiente para me perguntar se ela sabe que eu a segui ontem, se ela sabe que fui recrutado pela *Licensed Minority Division*, se ela sabe que eu a vi encomendando drogas ou que tenho a arma de Gage. Para me perguntar se eu estava prestes a morrer.

— Lila — eu digo, virando em meu assento e colocando minhas mãos enluvadas no painel. — O que aconteceu com a gente.

— Não. — Ela olhou diretamente em meus olhos. Depois de um mês sendo forçado a evitá-la, me senti despido com o seu olhar. — Você pode ser o charmoso bastardo que você é, mas você nunca mais vai chegar novamente ao meu coração com as suas besteiras.

— Eu não quero isso — eu digo. — Eu nunca quis isso.

Ela sai do carro.

— Vamos lá. Nós temos que voltar para Wallingford antes do toque de recolher.

Eu a segui até o elevador, tentando me comportar, tentando encaixar suas palavras. Ela apertou o botão para o C3. Eu acho que C é para "cobertura," porque chegamos tão rápido no andar que minhas orelhas estalaram. Ela deixou sua mochila transpassada cair do seu ombro e se encurvou no seu longo casaco longo. Por um momento ela pareceu frágil e cansada, como um pássaro encolhido contra uma tempestade.

— Como minha mãe veio parar aqui? — eu pergunto.

Lila suspira.

— Ela fez uma coisa ruim.

Eu não sei se isso significa trabalhar com Patton ou coisa parecida. Eu penso na pedra avermelhada que minha mãe usava no dedo da última vez que a vi. Eu penso também na antiga fotografia que eu achei na casa velha, de uma mãe muito mais nova enfeitada de lingerie e parecida com Bettie Page — uma foto obviamente não tirada por meu pai e que deve ter sido tirada por Zacharov. Eu tinha milhares de razão para me preocupar.

A porta do elevador abre num quarto grande com paredes brancas, com piso de mármore preto e branco, e o que parece ser um estilo marroquino de madeira no teto há pelo menos dezoito pés acima de nós. Não há carpete, então o barulho de nosso sapato ecoa

enquanto andamos até a lareira acesa na parede oposta, ladeada por sofás, e com duas pessoas em sua maior parte escondidas pelas sombras. Três enormes janelas mostram o Central Park a noite, uma mancha negra beirando a escuridão na brilhante cidade que o rodeia.

Minha mãe está sentada em um dos sofás. Ela tem uma bebida de cor âmbar em sua mão e está vestindo um vestido branco transparente que eu nunca vi antes. Parece caro. Eu espero que ela se levante, que seja o alguém exuberante que ela é, mas o sorriso que ela me dá é subjugado, quase temeroso. Apesar de eu quase entrar em colapso com o alivio que senti.

— Você está bem.

— Seja bem vindo, Cassel — Zacharov diz. Ele está parado em frente à lareira, e quando nos aproximamos, ele vai onde Lila está e lhe dá um beijo na testa. Ele se parece mais com um lorde de alguma mansão baronal, do que com um decadente chefe do crime num apartamento grande em Manhattan.

Eu inclino a cabeça com o que acho que seja um cumprimento respeitoso.

— Bela casa.

Zacharov sorri como um tubarão. Seu cabelo branco parece ouro na luz do fogo. Até seus dentes parecem dourados, o que me lembra desconfortavelmente os dentes de Gage e da arma colada na parede do meu armário.

— Lila, você pode fazer seus deveres de casa.

Ela toca sua garganta levemente, mãos enluvadas traçando as marcas que ela tinha, marcas que a fez se tornar um membro oficial na família criminosa dele, não apenas sua filha, raiva em cada linha de seu rosto. Ele mal notou. Eu tenho certeza que ele não se deu conta de que a dispensou como uma criança.

Minha mãe limpa a garganta.

— Eu gostaria de conversar com Cassel a sós por um momento, se estiver tudo certo, Ivan?

Zacharov assentiu.

Ela se levanta e anda na minha direção. Enlaçando seu braço no meu, ela me guia para um corredor que dá numa cozinha enorme com chão de madeira de ébano e uma ilha com uma pedra verde que parecia ser malaquite. Enquanto eu sento na banqueta, ela coloca uma chaleira de vidro transparente no fogo. É estranho, o jeito como parece que ela conhece o apartamento de Zacharov.

Eu quero pegar seu braço para me convencer de que ela é real, mas ela se move incansavelmente, parecendo não me notar.

— Mãe — eu digo. — Eu estou tão contente que você... mas porque você não nos ligou ou...

— Eu cometi um grande erro — mamãe diz. — Enorme — ela pega um cigarro de uma caixa prateada, mas no momento em que ela vai acender, ela o deixa no balcão. Eu nunca a vi tão agitada antes. — Eu preciso de sua ajuda, coração.

Eu estou desconfortavelmente me lembrando de Mina Lange.

— Nós estamos realmente preocupados — eu digo. — Nós não ouvimos sobre você por semanas, e você está em todas as noticias, você sabe? Patton quer sua cabeça.

— Nós? — ela pergunta, sorrindo.

— Eu, Barron. Vovô.

— É bom ver você e seu irmão tão próximos novamente — ela diz. — Meus meninos.

— Mãe, você está em todos os canais de noticias. Sério. Os guardas estão te procurando em todo lugar.

Ela sacode sua cabeça, afastando minhas palavras.

— Quando saí da prisão, eu quis fazer dinheiro rápido. Foi difícil, coração, acredite. Eu gastei a maior parte do tempo, quando eu não estava planejando aquele golpe, com o que eu faria depois que saísse. Eu tinha alguns favores para cobrar e algumas coisas para trazer à tona num dia chuvoso.

— Como? — eu digo.

Sua voz abaixou.

— O diamante da ressurreição.

Eu o vi em seu dedo. Ela o usou uma vez, para o almoço, depois que Philip morreu. A pedra era de uma cor diferente, como uma gota de sangue borrifada numa piscina de água. Mas mesmo quando eu o vi, achei que estava enganado, tinha entendido errado, porque mesmo que soubesse que Zacharov usava um broche falso de diamante, isso

não significava que ele tenha perdido o original. E certamente não significava que minha mãe havia roubado.

— Você o roubou? — reclamo, apontado para o outro quarto. — Dele?

— Há muito tempo atrás — ela diz.

Eu não acredito que ela estava lidando com isso tão calmamente. Eu mantenho minha voz baixa.

— De quando você estava transando com ele?

Depois de todos esses anos eu acho que finalmente a choquei. — Eu... — ela começou.

— Eu achei a foto — eu digo. — Quando eu estava limpando a casa. O cara que a tirou usava o mesmo anel que eu vi Zacharov usando numa foto na casa do vovô. Eu não tinha certeza, mas agora tenho.

Seu olhar foi para o outro cômodo, então voltou para mim. Ela mordeu seu lábio inferior, manchando de batom seus dentes.

— Sim, tudo bem, naquela época — ela diz. — Alguma dessas vezes. De qualquer modo, eu roubei e fiz uma cópia — mas eu sabia que ele queria o original de volta, depois de todos esses anos. Não o faz parecer bom o suficiente se ele não tiver o real.

O eufemismo do ano, se você é o cabeça da família do crime, então, você não quer que pessoas descubram que a pedra foi roubada anos atrás e você vem usando uma falsa desde então. Especialmente se o seu mais precioso objeto é o Diamante da Ressurreição que, de

acordo com a lenda, faz o usuário invulnerável; a perda disso o faz parecer de repente vulnerável.

— Yeah — eu digo.

— Então eu pensei que poderia vender de volta para ele — mamãe diz.

Eu me esqueci de manter minha voz baixa.

— Você o que? Você está louca?

— Tudo iria dar certo — agora ela leva o cigarro até seus lábios e se abaixa até a chama do fogão para pegar o um pouquinho da chama. Ela traga profundamente, brasas brilhando. Ela assopra fumaça. A água do chá começa a ferver. Sua mão está tremendo.

— Ele não se importa de você fumar na casa?

Ela continua sem me responder.

— Eu tinha um bom plano. Feito por um intermediário, tudo. Mas aconteceu que eu não tinha a coisa real. A pedra sumiu.

Eu apenas olhei para ela por um longo momento.

— Então alguém achou a sua pedra e trocou?

Ela assentiu rapidamente.

— Deve ter acontecido isso.

Isto está se transformando numa dessas histórias onde cada pedaço de informação é sempre pior do que a anterior, no qual eu nem quero perguntar por mais detalhes, mas tenho quase certeza que não há jeito.

— E?

— Bem, Ivan pode não ter se importado de pagar um pouco para ter de volta sua pedra, principalmente porque ele provavelmente tinha desistido de conseguir que a pedra real voltasse para ele. Eu acho que ele teria feito a troca. Mas quando ele percebeu que a pedra era falsa, bem, ele matou o intermediário e descobriu que eu estava por trás disso.

— Como é que ele descobriu isso?

— Bem, o modo como ele matou o intermediário foi...

Eu levanto a minha mão.

— Tudo bem. Vamos pular esta parte.

Ela deu um longo trago no cigarro e soltou três círculos perfeitos de fumaça. Quando eu era criança, eu os amava. Eu tentava passar a minha mão através deles sem que a brisa do movimento os desmanchasse, mas nunca deu certo.

— Então, Ivan , ele estava bravo. Bem, mas ele me conhece, então não quis me matar logo de cara. Nós temos uma história. Ele me disse que eu tinha que fazer um trabalho para ele.

— Um trabalho?

— O trabalho do Patton — ela diz. — Ivan sempre teve interesse no governo. Ele disse que era importante parar a proposta 2 de New Jersey, porque se fosse aprovada em um estado, então seria aprovada em todo o lugar. Tudo o que eu tinha que fazer era conseguir que Patton renunciasse a ela e Ivan pensou que toda a coisa apenas entraria em colapso...

Eu coloquei uma mão na minha testa.

— Pare. Espere. Não faz nenhum sentido! Quando tudo isso aconteceu? Depois que Philip morreu?

A chaleira começou a apitar.

— Oh, sim — diz mamãe. — Mas você entende. Eu estraguei tudo. O trabalho. Eu jamais pretendi desacreditar em Patton. Na verdade, eu acho que tive a chance de fazer com que a proposta dois fosse aprovada mais do que nunca. Mas você sabe, coração, nunca foi do meu feitio, os políticos. Eu sei como fazer os homens me darem coisas, e eu sei como sair fora antes que a coisa esquente. Os assessores intrometidos de Patton estavam sempre fazendo perguntas e procurando por coisas sobre mim. Não é assim que eu trabalho.

Eu assenti mudo.

— Então agora Ivan diz que eu tenho que conseguir a pedra de volta. Só que não tenho ideia de onde ela esteja! E ele diz que não vai me deixar ir enquanto não a tiver de volta — mas como eu posso devolvê-la quando mal posso procurar por ela?

— Então é por isso que estou aqui.

Ela ri e por um momento ela é quase ela novamente.

— Exatamente, coração. Você achará a pedra para mamãe e então poderei voltar para casa.

Claro. Ela poderá dançar valsa pelo apartamento do Zacharov e para os braços de cada pessoa em Nova Jersey. Mas eu assenti novamente, tentando processar tudo o que ela disse.

— Espere. Quando encontrei você e Barron para comer sushi, a última vez que te vi, você estava usando o anel. O Zacharov já tinha mandando você trabalhar no negócio do Patton?

— Sim. Eu já te disse. Mas eu achei que, desde que a pedra era falsa, eu poderia usá-la.

— Mãe! — eu suspiro.

Zacharov aparece na entrada da porta, uma sombra de cabelo prateado. Ele passa por nós e vai até o fogão, onde ele desliga o fogo. Apenas quando a chaleira para de apitar eu percebo o quanto era alto.

— Vocês dois já acabaram? — ele pergunta. — Lila disse que já é hora dela voltar para Wallingford. Se você quiser ir com ela, eu sugiro que parta agora.

— Mais um minuto — eu digo. As palmas da minha mão suam dentro de minhas luvas. Eu não faço nem ideia de onde começar a procurar pelo real Diamante da Ressurreição.

E se eu não descobrisse antes da paciência de Zacharov ir embora, minha mãe poderia ser morta.

Zacharov deu um demorado olhar para minha mãe e depois para mim. — Rápido — ele nos disse, voltando para o corredor.

— Ok — eu digo para minha mãe. — Onde ficava a pedra? Onde você a mantinha?

Ela assente.

— Eu a escondia enrolada atrás da gaveta da minha cômoda.

— Ainda estava lá quando você saiu da prisão? No lugar exato?

Ela assentiu novamente.

Minha mãe tinha duas cômodas, ambas bloqueadas por dois pilares enormes de sapatos e casacos e vestidos, a maioria jogada, a maioria comida por traças. O fato de que alguém tenha passado por tudo aquilo e então chegasse até suas cômodas e elas aparecessem, principalmente se eles não soubessem onde ficava a cama.

— E ninguém mais sabia que estava lá? Você não contou a ninguém? Nem na prisão, em momento algum? Ninguém?

Ela balançou a cabeça. A chama de seu cigarro estava queimando. Ia cair em suas luvas.

— Ninguém.

Eu pensei por um longo momento.

— Você disse que trocou a pedra por uma falsa. Quem fez a falsa?

— Um falsificador que seu pai conhecia em Peterson. Ainda no ramo, com uma reputação de ser discreto.

— Talvez o cara tenha feito duas falsificações e manteve a real com ele — eu digo. Ela não parecia convencida.

— Você poderia ao menos escrever o endereço dele? — Eu digo, olhando para o corredor. — Eu falarei com ele.

Ela abre algumas gavetas perto do forno. Facas num bloco de madeira. Toalhas de chá. Finalmente ela acha uma caneta na gaveta cheia de fitas adesivas e sacolas de lixo plásticas. Ela escreve “Bob-Central Fine Jewelry” e a palavra “Peterson” no meu braço.

— Vou ver o que posso descobrir — eu digo, dando a ela um rápido abraço.

Seus braços me envolvem, extremamente apertado. Então ela me deixa partir, se vira e joga seu cigarro na pia.

— Ficará tudo bem — eu digo. Minha mãe não responde.

Dirigi-me até o outro cômodo. Lila estava me esperando, mochila por sobre os ombros e casaco posto. Zacharov estava parado perto dela. Ambas as expressões distantes.

— Você entendeu o que você tem que fazer? — ele me pergunta.

Eu assenti.

Ele nos acompanha até o elevador. É bem no lugar onde as pessoas tem a porta da frente em seus apartamentos. A fachada dele é dourada, gravada com um padrão de redemoinho.

Quando as portas se abriram, eu olhei de volta para ele. Seus olhos azuis estavam tão pálidos quanto gelo.

— Toque na minha mãe e eu lhe matarei — digo.

Zacharov ri. — Este é o espírito, garoto.

As portas se fecham e Lila e eu estamos sozinhos. A luz de cima pisca enquanto o elevador faz sua descida.

Nós descemos na garagem e passamos pelo túnel de volta para a cidade. As luzes intensas dos bares e restaurantes e clubes, riscadas por patronos cuspindo em suas calçadas. Buzina de táxis. Em Manhattan a noite gloriosa está apenas começando.

— Podemos conversar? — eu pergunto a Lila.

Ela balança a cabeça.

— Eu acho que não, Cassel. Eu acho que eu já fui humilhada o suficiente.

— Por favor — eu digo. — Eu só quero te dizer o quanto estou...

— Não — Ela liga o radio, sintonizando nas notícias, onde o convidado estava discutindo a decisão do Governo Patton, da demissão dos empregados que tem *hyperbathgammic* e que trabalham no governo, mesmo se eles não tivessem cometido crimes. Ela deixou numa estação onde música pop estourava. Uma garota está cantando sobre danças na mente de alguém, colorindo seus sonhos. Lila aumenta o volume.

— Eu nunca pretendi te machucar — eu grito por cima da música.

— Eu vou te machucar se você não calar a boca — ela gritou de volta. — Olhe, eu sei. Eu sei que foi horrível para você me ver chorando e implorando para você ser meu namorado e me jogando para cima de você. Eu me lembro de como você vacilou. Lembro-me de todas as mentiras. Eu tenho certeza de que foi vergonhoso. Foi vergonhoso para nós dois.

Eu pressiono no botão do rádio e o carro continua abruptamente silencioso. Quando eu falo, minha voz parece rouca.

— Não. Não é assim que é. Você não entende. Eu quis você. Eu te amo... Mais do que amei a qualquer um. Mais do que eu vá amar. E mesmo que você me odeie, ainda assim é um alívio poder lhe dizer isso. Eu queria te proteger, de mim e do modo como eu me sentia,

porque eu não confiava em mim para me lembrar de que não era real, que você não se sentia como eu. De qualquer modo, me desculpe. Desculpe-me se você está envergonhada. Desculpe-me se eu te envergonhei. Eu espero que eu não tenha... Desculpe-me ter deixado as coisas irem tão longe quanto deixei.

Por um longo momento nós dois ficamos quietos. Então ela virou a roda para a esquerda, pneus cantando enquanto ela desvia da estrada, fazendo uma volta que nos levou de volta a cidade.

— Ok, eu terminei — eu digo. — Eu calo a boca agora.

Ela bate sua mão no rádio, ligando o som tão alto que enche o carro de som. Sua cabeça está virada me evitando, mas seus olhos estão brilhando, como se estivessem molhados.

Nós rodamos por mais um bloco, e ela parou no meio fio abruptamente. Nós estamos em frente à estação e ônibus.

— Lila... — digo.

— Desce — ela me diz. Sua cabeça está virada me evitando e sua voz treme.

— Vamos lá. Eu não posso pegar um ônibus. Sério. Vou perder o toque de recolher e serei expulso. Eu já tenho duas advertências.

— Isso não é problema meu — ela fuça em sua bolsa e levanta um grande óculos escuro. Ela os tira da bolsa, escondendo metade de seu rosto. Seus lábios estão com os cantos curvados para baixo, mas não tem nem a metade de expressão que seus olhos.

Eu ainda podia dizer que ela está chorando.

— Por favor, Lil — eu digo, a chamando de um jeito que eu jamais tinha feito desde que éramos crianças. — Eu não direi nada o caminho todo. Eu juro. E me desculpe.

— Deus, eu te odeio — ela diz. — Tanto. Por que os garotos acham que é melhor mentir e dizer a uma garota o quanto a ama e que ele só deu o fora nela pelo próprio bem? Eles só tentam reorganizar o cérebro dela para o próprio bem? Isto faz você se sentir bem Cassel? Faz? Porque pela minha perspectiva, é realmente uma droga.

Eu abri a minha boca para discordar, mas então me lembrei de que prometi não falar. Eu apenas balancei a minha cabeça.

Ela saiu do meio fio de repente, a força da aceleração me atirou de volta ao assento. Eu mantive meus olhos na estrada. Nós ficamos quietos por todo caminho de volta para Wallingford.

***

Eu vou dormir cansado e acordo exausto.

Enquanto coloco meu uniforme, eu não consigo parar de pensar sobre o apartamento grande e frio de Zacharov, onde minha mãe está agora aprisionada. Eu fico imaginando como é para Lila acordar ali num sábado de manhã e perambular por aquela cozinha, por café.

Eu fico imaginando até quando ela será capaz de olhar para a minha mãe antes dela dizer o que minha mãe fez com ela para o Zacharov. Eu fico imaginando se, toda vez que a Lila a vê, ela me odeia um pouco mais.

Eu penso nela no carro, seu rosto me evitando, seus olhos cheios de lágrimas. Eu nem sei por onde começar para fazer com que a Lila me perdoe. E eu não faço ideia de como ajudar a minha mãe. A única coisa que eu penso — além de achar o diamante — é fazer o Zacharov continuar pacífico se eu concordar em trabalhar para ele. O que significa trair os federais. O que significa desistir de tentar ser bom. E uma vez que eu comece trabalhar para Zacharov — bem, todo mundo sabe que pagar uma divida para a máfia é impossível. Elas continuam se acumulando.

— Vamos lá — Sam diz, coçando a cabeça e fazendo seu cabelo ficar em pé. — Nós vamos perder o café da manhã de novo.

Solto um grunhido e vou para o banheiro escovar os dentes. Barbeio-me. Quando tiro o cabelo da minha cara, faço careta ao ver meus olhos vermelhos.

Na cafeteria faço um mocca com café e um pacote de chocolate quente. O açúcar e a cafeína me acordam o suficiente para resolver alguns problemas de Probabilidade e Estatística. Kevin Brown olha furioso para mim através do corredor. Há um machucado escuro na sua bochecha. Não posso evitar; sorrio para ele.

— Você sabe, se você faz o seu dever de casa à noite, você não tem que fazer isso durante outras aulas — Sam diz.

— Isso também seria válido se alguém me deixasse copiar as respostas — eu digo a ele.

— Sem essa. Você está no caminho certo e direito agora. Nenhuma trapaça será permitida.

Eu gemo e me levanto, empurrando a minha cadeira. — Te vejo no almoço.

Eu me sentei para os anúncios da manhã, descansando minha cabeça em meus braços. Eu me viro para o meu dever de casa feito e copio os novos problemas que estão na lousa. Quando saio do terceiro período de Inglês e marcho pelo corredor, uma garota cai no degrau na minha frente.

— Oi — Mina diz. — Posso te acompanhar?

— Uh, claro — eu faço uma careta. Ninguém nunca me pediu antes. — Você está bem?

Ela hesita e então diz as palavras muito rápido.

— Alguém está me chantageando Cassel.

Eu paro de andar e olho para ela por um longo momento enquanto os estudantes passam por nós.

— Quem?

Ela sacode a cabeça.

— Eu não sei. Não importa, importa?

— Eu acho que não, — eu digo. — Mas o que podemos fazer?

— Algo — ela diz. — Você conseguiu fazer Greg Harmsford ser expulso da escola.

— Eu não fiz isso, — eu digo.

Ela olhou para mim através dos cílios.

— Por favor. Eu preciso de ajuda. Eu sei que você pode consertar as coisas.

— Eu realmente não sei se consigo contanto que...

— Eu sei que você fez os rumores acabarem. Mesmo que eles fosem verdadeiros. — Ela olhou para baixo e disse isso, como se tivesse medo de que eu ficasse louco.

Eu suspirei. Havia vantagens em ser o agenciador da escola.

— Eu nunca disse que não tentaria. É só que você não deve ter muita expectativa.

Ela sorri para mim e joga aquela juba de cabelo brilhoso por sobre os ombros. Caem em suas costas como uma capa.

— E — eu digo, segurando a mão espalmada, advertindo-a por estar tão empolgada pela minha resposta, — você tem que me dizer o que está acontecendo. Tudo.

Ela assente, seu sorriso diminuindo um pouco.

— Agora seria uma ótima hora. Ou você pode continuar botando para fora e...

— Eu tirei fotos — ela põe tudo para fora, então pressiona seus lábios nervosamente. — Fotos minha... Pelada. Eu ia mandar para o meu namorado. Eu nunca o fiz, mas as mantive em minha câmera. Estúpido, não?

Algumas perguntas não tem boas respostas.

— Quem é este namorado?

Ela olha para baixo e mexe no seu corpo para ajustar a alça de sua bolsa, fazendo-a parecer pequena e mais vulnerável.

— Nós terminamos. Ele nem sabe. Ele não pode ter nada a ver com isso.

Ela está mentindo.

Eu não estou certo qual parte é mentira, mas agora que nós estamos entrando em detalhes, sua postura diz. Evitando contato direto com olho. Se remexendo.

— Então eu acho que alguém as tem, — eu digo, instigando-a a continuar.

Ela assente.

— Minha câmera foi pega há duas semanas atrás. Então nesse último domingo alguém passou um bilhete por baixo da minha porta. Disse que eu tinha uma semana para conseguir cinco mil dólares. Eu tenho que levá-los até o campo de futebol às seis da manhã da próxima terça-feira ou a pessoa vai mostrar as fotos para todo mundo.

— O campo de beisebol? — eu franzo as sobrancelhas. — Deixe me ver o bilhete.

Ela fuça em sua bolsa e me entrega um pedaço de papel branco impresso dobrado, provavelmente de algum computador do campus. A nota diz exatamente o que ela me contou.

Franzo novamente as sobrancelhas. Alguma coisa não está batendo.

Ela engole.

— Eu não tenho esse dinheiro... Não a quantidade que o bilhete exige... Mas eu posso te pagar. Eu posso achar algum jeito de te pagar.

O modo como ela disse isso, com seus cílios tremulando e sua voz chateada, eu sei o que ela queria dizer. E por mais que eu sei que ela não levaria adiante, ela deveria estar desesperada por insinuar algo assim.

Muitas pessoas são enganadas porque não sabem. São apenas ingênuos. Mas muitas pessoas são enganadas desde o começo.

Talvez o investimento inicial é pequeno o suficiente, que eles não se dão ao luxo de perder. Talvez eles estejam entediados. Talvez estejam esperançosos. Mas você ficaria surpreso em saber quantas pessoas começam enganando, sabendo que existe uma grande possibilidade de serem enganados. Todos os sinais estavam lá.

Eles apenas continuam ignorando. Porque eles querem acreditar na possibilidade de algo. E então, mesmo que eles saibam, eles apenas deixam acontecer.

— Então você vai achar um modo de me ajudar? — ela me pergunta. — Você vai tentar?

A falta de prática de Mina de mentir tocou meu coração. Eu sei o que é ser enganado — exatamente como todos os outros idiotas, — mas de alguma forma, de frente com sua enorme tentativa obvia de manipulação, eu não posso deixá-la na mão.

— Eu vou tentar, — eu digo.

Eu não entendo muito sobre a situação, exceto que há uma garota muito bonita e ela está olhando para mim como se eu pudesse

resolver seus problemas. Eu quero resolver. Claro, ajudaria se ela me dissesse a verdade sobre o que eles são.

Eu realmente poderia conseguir.

Ela joga seus braços por sobre meu pescoço enquanto me agradece. Eu inalo o seu aroma de sabão de coco.

5

Eu segui até a sala de física, e deslizei para meu novo lugar, próximo da Daneca. Ela abriu o notebook e alisou as pregas da sua saia preta. Ela voltou a me olhar venenosamente. Eu olhei para longe de seus olhos e notei o fio dourado no Wallingford, um remendo sobre o bolso do casaco se desgastando.

— Eu sinto muito, não fui à biblioteca ontem. — Eu disse, colocando minha mão com a luva sobre o coração. — Eu realmente queria estar lá.

Ela não respondeu. Ela puxa um pouco do cabelo roxo para trás, fazendo um coque frouxo, em seguida, desliza um elástico do seu pulso e prendendo o cabelo. Não parece que ele irá segurar, mas ele segura.

— Eu vi a Lila — eu falei. — Ela tinha algo a me dizer, sobre a minha família. Eu realmente, não podia esperar.

Daneca bufou.

— Pergunte a ela, se você não acredita em mim.

Ela pegou um lápis mastigado dentro de sua bolsa e apontou em minha direção.

— Se eu te fizesse uma pergunta, você me responderia honestamente?

— Eu não sei — eu disse. Existem algumas coisas sobre as quais não posso falar. E outras eu não tenho certeza se quero. Mas pelo menos eu posso ser sincero com ela sobre a minha incerteza. Eu não tenho certeza se ela vê da mesma maneira que eu, no entanto.

— O que aconteceu com aquele gato que nós salvamos do abrigo de animais?

Eu hesitei.

Está aí o problema em falar a verdade, pessoas espertas descobrem a parte que você não disse. A verdade pode ser obscura, facilmente. A verdade é uma bagunça. Quando contei a Daneca a verdade sobre meus irmãos, mudando minha memória, sobre como eles queriam que eu matasse Zacharov, como eles haviam mantido Lila em cativeiro, eu deixei de fora um detalhe essencial. Eu nunca disse a ela como me transformei em um executor.

Eu estava muito assustado. Eu já estava confiando tanto nela que eu não poderia desistir deste último segredo. E eu estava com medo do segredo em si, com medo de dizer as palavras em voz alta. Mas agora, Daneca juntou a coisa toda e encontrou a lacuna. O gato que ela me viu segurar, o que ela nunca viu novamente.

— Eu posso explicar, — eu comecei.

Daneca mexeu a cabeça. — Eu imaginei que você diria isso, — ela se afastou de mim.

— Vamos lá, — eu disse. — Eu realmente posso explicar, me dá uma chance.

— Eu já dei, — ela sussurrou como quando o Dr. Jonahdab está em atendimento. — Você estragou isso.

Não importa o quanto Daneca está brava comigo, eu sei que ela sempre quer respostas. Mas talvez ela sinta como se já as tivesse.

Algo fez com que ela pensasse nas coisas que aconteceram sete meses atrás. Lila deve ter dito algo, talvez tenha dito que me transformei em um executor, que foi por minha causa que ela passou anos presa em um corpo que não era dela, que ela era o gato que nós roubamos. Ela e Daneca têm saído muito. Talvez Lila precisasse falar com alguém, é um segredo tanto meu, quanto de Lila.

Agora, acho que é um segredo de Daneca também.

****

Eu pulo o treino prático, pulo para o sofá na sala comum do meu dormitório, e jogo no Google, Central Fine Jewelry em Paterson. Tem um site de baixa qualidade que promete pagar em dinheiro peças de ouro e reivindicações para os lotes aceitos. Abre somente até as seis, então não tem como eu fazer isto depois do horário que fecha.

Eu disquei o número listado. Eu pretendia ser normal, checar onde Bob trabalha, reivindicando que ele seria o único que eu confiaria com algumas peças de bens. A mulher aborrecida do outro lado da linha disse que ele estaria no domingo. Eu a agradeci e desliguei. Eu acho que já tenho planos para o final de semana.

Central Fine Jewelry não parece com o tipo de lugar que você continuaria trabalhando depois de vender o Diamante da Ressurreição, pensei. Então, eu não me sentia otimista.

Eles têm uma pagina no site com amuletos. Parecem bem legítimos. Eles não têm nenhum aviso sobre ter algum amuleto da

transformação. Dizer ter um, com certeza, seria sinal de uma farsa, já que ninguém, além de um executor de transformação pode fazê-los. Muitas das pedras guardadas são para boa sorte. Eles listam alguns amuletos mais incomuns, que previnem execuções de memória e de morte, bem, previna isso uma vez, depois o amuleto se quebra e você pode comprar um novo, mas nada muito bom para ser verdade. Eu acho que desde que ele conhecia meu pai, Bob devia ter laços com os executores. Seu inventario é a prova de que ele ainda tem.

Bom, um falsificador estaria com executores. A coisa sobre as maldições se tornarem ilegais, tornou todo mundo que a usa em criminosos. E criminosos ficam juntos.

O que fez, inevitavelmente, minha mente se voltar para Lila.

Não é a toa que ela me odeie tanto, e me odiará muito mais. Eu assinei os papeis e me tornei um agente federal. Em Carney, onde passamos nossos verões, onde crescemos, se um executor entrasse para o governo, seria considerado um traidor. O mais baixo, do baixo. Alguém que não valeria a pena cuspir em cima se estivesse pegando fogo.

Tem uma parte de mim, que tem um prazer em fazer a única coisa que fará monte de assassinos, vigaristas e mentirosos, todos suspirarem e agarrarem as suas perólas.

Eu acho que eles não saberiam que eu tinha isso em mim.

Mas eu nunca quis machucar Lila, pelo menos não mais do que já machuquei. E não importa o que eles pensem de mim, eu nunca deixarei o governo por as garras nela.

Um outro aluno, Jace, entrou na sala comum e mudou o canal da TV, colocando em um reality show sobre rainhas da beleza

encalhadas em uma ilha deserta. Eu não estou realmente assistindo, minha mente está viajando por Mina Lange e a chantagem.

Eu não havia pensado, sobre como pensar em Lila, me trazia a Mina.

Então, eu repassei a história dela, de novo e de novo pela minha cabeça, tentando encontrar alguma pista a partir do pouco que ela me contou. Por que o ladrão demorou duas semanas, depois que roubou a câmera para começar a chantagear Mina? As pessoas que roubam câmeras, normalmente, só não as querem de qualquer maneira? Quem se importa de ficar olhando fotos de uma outra pessoa? Mas então, não é como se a maioria das crianças em Wallingford não pudessem ter o luxo de comprar uma câmera, e é estranho como as crianças ricas roubam para se divertir. Eles vão furtar as lojas de conveniência, invadem os quartos dos outros para pegar caixas de biscoitos, e desajeitadamente arrombam as portas do jimmy de modo que eles podem pegar os iPods.

Que, infelizmente, apenas amplia o número de suspeitos, em vez de diminuir. O chantagista pode ser qualquer um. E mais do que provavelmente, a pessoa está brincando sobre os cinco mil e o campo de beisebol, tentando assustar Mina. Os pontos remotos de crueldade para uma menina ou um monte de meninas. Seja quem for, provavelmente só quer fazer Mina sofrer.

Se eu estiver certo, é um golpe muito bom. Mesmo se Mina achar que é um blefe, ela não pode fazer muito sobre isso, porque ela não vai querer as fotos por aí. Mas as meninas, provavelmente, não consegue resistir de rir, quando Mina entra na cafeteria ou brincar com ela na sala de aula, mesmo que elas não dizem nada sobre as fotos.

Eu só queria ter certeza de que Mina está dizendo a verdade.

Atribuições como estas são o que os agentes do FBI fazem, certo? Em uma escala maior, mas ainda assim, usando as mesmas técnicas. Isso pode ser como um dos exercícios que Barron faz, exceto que este é meu. Uma pequena investigação para eu praticar em segredo. De modo que quando eu finalmente juntar-me, eu vou estar melhor do que ele em alguma coisa.

Uma pequena investigação que vai provar a mim mesmo que tomei a decisão certa.

Eu ainda estou correndo através de formas para descobrir o chantagista quando o programa de rainha da beleza é interrompido por imagens de noticiários do governador Patton. Ele está nos degraus do edifício do tribunal, cercado por microfones, altos trilhos.

— Vocês sabiam que existem órgãos do governo compostos inteiramente por executores de maldição — executores de maldição com acesso aos seus arquivos confidenciais? Vocês sabiam que ninguém exige testes de candidatos a empregos no governo para determinar quem dentre nós são criminosos potencialmente perigosos? — ele disse. — Temos de erradicar todos os executores de nosso governo! Como podemos esperar que nossos legisladores possam ser seguros quando seus funcionários, seus auxiliares, mesmo os seus constituintes poderiam estar tentando minar as políticas voltadas para trazer esses predadores sinistros à luz, porque essas políticas seria inconveniente para eles.

Então apareceu a cara do repórter, sério, perfeitamente maquiado e é dito que um senador de Nova York, o senador James Raeburn, fez uma declaração denunciando a posição de Patton.

Quando eles mostram o senador Raeburn, ele aparece na frente de uma cortina azul, em um púlpito com a insígnia do Estado sobre ele.

— Estou profundamente decepcionado com as recentes palavras e ações do governador Patton. — Ele é jovem para um senador, com um sorriso, que dizia que ele está acostumado a falar com as pessoas, mas ele não parece ensebado. Eu quero gostar dele. Ele me lembra do meu pai. — Aqueles que têm enfrentado a tentação e triunfou sobre ela são mais virtuosos do que aqueles que ainda têm de enfrentar seus próprios demônios? Não são aqueles que nascem hyperbathygammic e tentados em uma vida de crime, a tentação de usar seu poder para seu próprio benefício, não, essas pessoas são como nós, que resistem a tentação e escolhem trabalhar para nos proteger em vez de sua espécie menos moral, e ao invés disso são tratadas como em uma caça as bruxas pelo governador Patton.

O apresentador diz que mais detalhes estarão surgindo e as declarações são esperadas a partir de outros membros do governo. Eu peguei o controle remoto e mudei de canal para um game show. Jace está com seu laptop aberto e não pareceu perceber, pelo qual sou grato eu acho que tudo o que distrai Patton de falar sobre minha mãe é uma coisa boa, mas eu ainda odeio o ponto de vista dele.

****

Antes do jantar eu fui para o meu quarto para deixar meus livros didáticos. Quando eu chego ao topo da escada, eu vejo Sam parado no corredor. Seu cabelo esta uma bagunça e seu pescoço e bochechas estão coradas. Seus olhos parecem muito brilhantes, a

forma como eles brilham como os de pessoas apaixonadas, as pessoas que estão furiosas, e pessoas que são completamente malucas.

— O que há de errado? — Eu perguntei.

— Ela quer tudo de volta. — Ele bate a mão na parede, quebrando o gesso, um movimento tão incomum que eu só olhando não acreditei. Ele é um cara grande, mas esta é a primeira vez que eu o vejo usar a sua força para a violência.

— Daneca? — Eu perguntei, como um idiota, porque é claro que ele está falando de Daneca. É que a coisa toda não faz sentido. Eles estavam brigando, com certeza, mas a briga é por algo estúpido. Eles se preocupam tanto um com o outro, certamente que eles exageraram em um mal entendido. — O que aconteceu?

— Ela me chamou e me disse que tinha acabado. Que tinha acabado faz semanas. — Ele põe agora o braço dobrado contra a parede, a testa apoiada em seu braço. — Não queria nem me ver. Eu disse a ela que eu estava triste, de novo e de novo eu eu lhe disse e que eu faria qualquer coisa para recuperá-la. O que mais devo fazer?

— Talvez ela só precise de algum tempo — eu disse.

Ele balança a cabeça tristemente.

— Ela está vendo outra pessoa.

— De jeito nenhum — eu digo. — Vamos lá. Você está apenas sendo...

— Ela está — ele diz. — Ela disse que estava.

— Quem? — Eu tento pensar em alguém, mas eu não vi Daneca falar com ninguém, que ela tenha olhado demoradamente ou andando pelos corredores. Tento pensar em qualquer cara que ficou para trás

após as reuniões do HEX para falar com ela. Mas eu não me lembro. Eu não posso imaginá-la com alguém.

Ele balança a cabeça.

— Ela não quis me dizer.

— Olha, — eu digo — Eu realmente sinto muito, cara. Deixe-me guardar minha mochila e nós podemos ir para fora do campus comer uma pizza ou algo assim. Deixar este lugar por algumas horas. — Eu estava planejando encontrar Mina hoje à noite no jantar, mas eu deixo esse pensamento de lado.

Sam balança a cabeça.

— Nah. Eu só quero ficar sozinho por um tempo.

— Você tem certeza?

Ele balança a cabeça e cambaleia para longe da parede e desce as escadas.

Eu entro em nosso quarto e jogo minha mala de livros na minha cama. Estou prestes a sair novamente, quando eu vejo Lila, de joelhos, olhando sob a cômoda de Sam.

O cabelo curto de ouro pendurado em seu rosto, às mangas de sua camisa arregaçadas. Noto que ela não está usando meia calça, apenas meias até o tornozelo.

— Hey — eu disse, atordoado.

Ela sentou. Eu não podia ler sua expressão, mas as bochechas estavam um pouco cor de rosa.

— Eu não acho que você devia estar aqui.

— Eu moro aqui.

Ela se vira para sentar no chão com as pernas cruzadas, saia plissada voando alto sobre as coxas. Eu tento não olhar, para não recordar quando senti sua pele contra a minha, mas é impossível.

— Você sabe onde está a coruja empalhada de Daneca? Ela jura que ela deixou aqui, mas Sam diz que nunca viu.

— Eu nunca vi isso também.

Ela suspira.

— Você roubou minha copia do Abbie Hoffman?

— Foi mal, — eu disse, e tirei-o de uma das minhas gavetas. Ela me dá uma olhada. — O quê? Eu pensei que era do Sam, quando eu peguei emprestado.

Ela se levantou num movimento único e fluído e pegou o livro da minha mão enluvada.

— Não é isso. Eu não sei. Daneca estava tão chateada.

— Ela ficou chateada? Foi ela que quebrou o coração dele.

Espero Lila dizer algo cruel sobre Sam ou a mim ou sobre o amor em geral, mas ela só balança a cabeça. — Sim.

— Noite passada... — eu começo.

Ela atravessa a sala, balançando a cabeça.

— Que tal uma camiseta com "Nerd Herd[1]" escrita? Você já viu um desses?

Sacudi a cabeça, quando ela começa a pegar roupa do chão.

— Então eu acho que vocês ficaram muito próximas? Você e Daneca? — Eu perguntei.

Lila dá de ombros.

— Ela está tentando me ajudar.

[1] Horda de Nerds

Eu franzi a testa.

— Com o quê?

— Escola. Eu estou um pouco atrás. Eu não poderei ficar aqui por muito mais tempo. — Lila se endireitou, com uma camisa enrolada em sua mão. Quando ela olha para mim, ela parece mais triste do que zangada.

— O quê? Por quê? — Eu dei um passo em sua direção. Lembro-me de algo Daneca disse sobre Lila ter que fazer trabalhos extras. Ela não teve aulas desde que tinha 14, isso é muita coisa para pôr em dia. Ainda assim, eu percebi que ela poderia lidar com isso. Imaginei que ela poderia lidar com qualquer coisa.

— Eu só vim aqui por você. Eu não sou boa neste tipo de coisas de escola. — Ela tirou um cartão postal da parede sobre a cama de Sam, que envolve a escalada sobre o colchão de uma forma que inflama cada pensamento ruim que eu já tive. — Ok. Eu acho que é isso, — ela disse.

— Lila — eu disse enquanto ela caminhava em direção à porta. — Você é uma das pessoas mais inteligentes que eu conheço.

— Ela não quer vê-lo, também — Lila disse, me cortando. — Eu não tenho ideia do que você fez para Daneca, mas acho que ela está mais brava com você do que com o Sam.

— Comigo? — Eu soltei a minha voz como um sussurro, para que não fosse ouvido. — Eu não fiz nada. Você foi a que contou para ela que eu lhe transformei em uma gata.

— O quê? — a boca de Lila abre ligeiramente — Você é louco. Eu nunca disse isso!

— Oh, — eu disse honestamente intrigado. — Eu pensei que você disse. Daneca estava me fazendo todas estas perguntas estranhas. Desculpe. Eu não quis dizer qualquer coisa. É a sua história para contar se você quiser dizer. Eu não tenho direito.

Ela balança a cabeça.

— É melhor esperar que ela não descubra. Com sua mãe louca e advogada, ela provavelmente vai direto para o governo. Você ia acabar recrutado, forçado em um daqueles programas federais de lavagem cerebral.

Eu sorrio com culpa. — Sim, bem, eu estou feliz que você não disse nada a ela.

Lila revira os olhos. — Eu sei como manter um segredo.

Enquanto ela saia com coisas de Daneca, eu estava envergonhado em pensar quantos segredos Lila manteve. Ela teve os meios para arruinar a minha vida desde que tornou-se humana novamente. Uma palavra para seu pai, e eu estaria morto. Desde que minha mãe a executou, Lila tem mais recursos e mais motivos. O fato de que ela não fez isso é um milagre. E eu não tenho mesmo a menor ideia do por que ela não o fez, quando ela tem toda a razão, agora que a maldição acabou.

Eu me inclino para trás na minha cama.

Minha vida inteira eu fui treinado como um vigarista, treinado para ler o que as pessoas querem dizer, por trás do que eles dizem. Mas agora eu não consigo lê-la.

***

Mina durante o jantar nega saber de alguém que iria chantageá-la por despeito. Ninguém nunca a provocou em Wallingford, nunca ninguém riu por trás de suas costas. Ela se dá bem com absolutamente todos.

Nós nos sentamos juntos, lentamente comendo frango assado e batatas de nossas bandejas, enquanto ela responde minhas perguntas. Eu espero por Sam para aparecer, mas ele nunca vem. Lila não vem para a sala de jantar também.

Quando eu pressiono Mina, ela me diz que seu ex-namorado não vai para a escola em Wallingford. Seu nome é Jay Smith, aparentemente, e ele vai para escola pública, mas ela não tem certeza qual. Ela o conheceu no shopping, mas é um pouco vaga sobre de onde. Seus pais são muito rígidos, de modo que ele nunca teve permissão para ir a sua casa. Ela excluiu o seu número quando eles se separaram.

Tudo é um beco sem saída.

Como se ela não quisesse que eu suspeitasse de alguém. Como se ela não me quisesse investigando a mesma coisa que ela me pediu para consertar. Quando ela *já sabe quem está chantageando-a*. Mas isso não faz sentido. Se ela soubesse, ela não teria nenhuma razão para me envolver.

Quando me levanto da mesa, Mina me abraça e me diz que eu sou o menino mais doce do mundo. Mesmo que isso não signifique nada, ela estar dizendo isso por todas as razões erradas, ainda é bom.

Achei Sam deitado na cama quando voltei para o quarto, fone nos ouvidos colocados. Ele permaneceu assim durante todo o horário de estudo, fungando em silêncio.

Quarta-feira ele mal falou e mal comeu. Na cafeteria ele pega a comida dele e responde às minhas piadas mais ultrajantes com um grunhido.

Quando o vejo nos corredores, ele parece assombrado.

Na quinta-feira ele tenta falar com Daneca, abruptamente persegui-la para a área verde da escola depois do almoço. Eu os segui, com um buraco no estômago. O céu estava nublado e fazia frio suficiente para que eu não ficasse surpreso se caísse granizo em vez de chuva. Wallingford parecia desbotada, cinzenta.

Por um momento, Sam e Daneca estavam de pé juntos, e eu acho que ele tem uma chance. Então, ela muda bruscamente para trás e começa a andar na direção do Centro Acadêmico, tranças chicotadas por trás dela.

— Quem? — ele grita com ela. — Apenas me diga quem ele é. Apenas me diga por que ele é melhor do que eu.

— Eu nunca deveria ter lhe dito nada — ela grita de volta.

As pessoas estavam apostando sobre a identidade de um cara misterioso, mas ninguém está disposto a ir para Sam com seus palpites. Ele tem os olhos arregalados, perseguindo-a em torno do campus como um louco. Quando as pessoas vêm até mim, eu estou feliz de que eu já tenha largado as apostas.

Na sexta-feira eu estou preocupado o suficiente para que eu convença Sam a voltar para casa comigo. Deixo o meu Ben em Wallingford e nos dirigimos até a casa velha da minha mãe em seu carro fúnebre movido a óleo. Ao chegarmos, eu percebi que já existe um outro carro estacionado na garagem. Vovô veio visitar.

6

Eu entro pela porta da frente da casa, Sam logo atrás de mim. Está destrancada e eu posso ouvir o barulho da lava-louças. Meu avô está de pé no balcão, cortando batatas e cebolas. Ele está sem luvas e os tocos enegrecidos, onde seus dedos costumavam estar, são claramente visíveis. Quatro dedos, quatro mortes. Ele é um executor da morte.

Um desses assassinatos salvou minha vida.

Vovô olha para cima.

— Sam Yu, certo? — ele diz. — O companheiro de quarto.

Sam concorda.

— Você dirigiu de Carney até aqui — eu digo. — E você está fazendo o jantar. O que está acontecendo? Como você sabe que eu estava vindo para casa neste fim de semana?

— Não Sabia. Você ouviu isso da mãe de vocês? — Vovô pergunta.

Eu hesito.

Ele grunhe.

— Isso é o que eu pensava. Eu não quero que você se envolva com as merdas dela. — Ele acena com a cabeça em direção a Sam. — O garoto pode guardar um segredo?

— Ele está guardando quase todos os meus atualmente. — eu digo.

— Quase todos? — Sam diz, o canto de sua boca levantando. Isso é o mais próximo que ele esteve de sorrir em dias.

— Então, ouçam vocês dois. Cassel, eu sei que ela é sua mãe, mas não há nada que você possa fazer por ela. Shandra só traz dor de cabeça. Ela tem que se virar por conta própria. Você entendeu?

Concordo com a cabeça.

— Não jure para mim que sim quando você quer dizer não, — Vovô diz.

— Eu não vou fazer nenhuma loucura. Estou vendo se eu posso encontrar algo que ela perdeu — eu digo, olhando de relance para Sam.

— O que ela roubou — Vovô diz.

— Ela roubou do governador Patton? — Sam pergunta claramente confuso.

— Eu queria que fosse apenas com aquele idiota que ela tivesse que se preocupar — Vovô diz, e ele volta para seu corte. — Vocês dois vão sentar-se por algum tempo. Eu estou fazendo bifes. Tem bastante para três.

Eu balancei minha cabeça e fui para a sala, deixando minha mochila cair perto do sofá. Sam me segue.

— O que está acontecendo? — pergunta ele. — De quem é que seu avô está falando?

— Minha mãe roubou alguma coisa e, em seguida, tentou vender um falso de volta ao dono original. — Isso parece à explicação mais simples. Os detalhes só farão a coisa toda ficar mais confusa. Sam sabe que o pai de Lila é um chefão do crime, mas não tenho certeza de que ele realmente pensa no pai de alguém como potencialmente letal. — O cara quer a versão real, mas minha mãe não se lembra de onde a colocou.

Sam concorda lentamente.

— Pelo menos ela está bem. Escondida, eu acho, mas bem.

— Sim — eu digo, nem mesmo convencendo a mim mesmo.

Eu cheiro a cebola batendo numa panela quente cheia de gordura na cozinha. Dá-me água na boca.

— Sua família é fodona — diz Sam. — Eles estabeleceram um patamar elevado em ser foda.

Isso me faz rir.

— Minha família é de um bando de *lunáticos* que estabeleceram um patamar elevado em *loucura*. Falando nisso, não ligue para o meu avô. Hoje à noite nós podemos fazer o que quisermos. Enfiar-nos em um clube de strip. Assistir a filmes ruins. Passar trotes nas garotas da

escola. Dirigir até Atlantic City e perder todo o nosso dinheiro jogando Gin Rummy[2]. É só falar.

— Existe realmente Gin Rummy em Atlantic City?

— Provavelmente não, — eu admito. — Mas eu aposto que existem alguns velhos companheiros que estariam dispostos a se sentar para jogar e tomar o seu dinheiro.

— Eu quero ficar bêbado, muito bêbado, — ele diz melancolicamente. — Tão bêbado que eu não esqueça esta noite, mas, tipo, os últimos seis meses da minha vida.

Isso me faz pensar desconfortavelmente em Barron e suas maldições de memória. Gostaria de saber quanto, agora, Sam iria pagar para ser capaz de fazer isso. Para esquecer Daneca. Para esquecer que ele já a amou.

Ou, para fazê-lo esquecer de que ela deixou de amá-lo.

Como Philip pediu para Barron fazer em Maura, a esposa de Philip, esquecer que ela estava deixandoo-. Isso não funcionou. Eles só tiveram as mesmas brigas de novo e de novo enquanto ela se apaixonava por ele exatamente da mesma maneira que antes. Repetidamente. Até que ela deu um tiro no peito dele.

— Cassel? — Sam diz, empurrando meu ombro com uma mão enluvada. — Tem alguém aí?

— Desculpe, — digo, balançando a cabeça. — Bêbado. Certo. Deixe-me examinar a situação da bebida.

[2] Rummy – jogo de cartas. Gin Rummy é um jogo onde a pessoa que perde, além de perder o dinheiro ainda tem que tomar a bebida, no caso, gim.

Sempre houve um armário de bebidas na sala de jantar. Eu não acho que alguém o tenha aberto desde que meu pai morreu e minha mãe foi para a prisão. Tinha tanta confusão em frente a ele que não era exatamente fácil de entrar. Eu encontrei um par de garrafas de vinho na parte de trás, junto com algumas garrafas de licor marrom com rótulos que não reconheço, e algumas coisas com aparência mais nova na frente. Os gargalos estão revestidos de pó. Eu levo tudo para fora e as enfileiro na mesa da sala de jantar.

— O que é Armagnac? — Eu grito para Sam.

— É conhaque doce — meu avô diz da cozinha. Alguns momentos depois, ele coloca a cabeça dentro da sala. — O que é tudo isso?

— As bebidas da mamãe — eu digo.

Ele pega uma das garrafas de vinho e olha para o rótulo. Então ele o vira de cabeça para baixo. — Cheio de sedimentos. Este é ou vai ser a melhor coisa que você já bebeu, ou, vinagre.

O inventário se concentra em três garrafas de vinho possivelmente azedo, o Armagnac, uma garrafa de uísque de centeio que está quase cheia, aguardente de pêra com um globo pálido da fruta flutuando nele, e um vidro de Campari, que é vermelho e cheira como xarope para tosse.

Vovô abre todas às três garrafas de vinho quando nos sentamos para jantar. Ele derrama o primeiro em um copo. É um âmbar escuro, quase a mesma cor que o uísque.

Ele balança a cabeça. — Morto. Jogue fora.

— Não deveríamos pelo menos experimentar? — Eu pergunto.

Sam olha para o meu avô, nervoso, como se estivesse esperando ter problemas pelo nosso ataque ao armário de bebidas. Eu não ressalto que, entre a maioria das pessoas que conheço, a idade legal para beber não é exatamente um ponto de discórdia. Sam deveria lançar sua mente de volta ao velório de Philip.

Vovô ri.

— Vá em frente, se quiser, mas você vai se arrepender. Ele provavelmente será melhor em seu tanque de gasolina do que em seu estômago.

Eu aceito as palavras dele.

O próximo é quase tão negro como tinta. Vovô toma um gole e sorri.

— Aqui vamos nós. Vocês crianças podem se preparar para o prazer. Não só engulam essa coisa.

No tipo de revistas fúteis que minha mãe lê quando está fazendo compras para homens, eles avaliam vinhos, elogiando — os para degustação como coisas que não soam boas para beber — manteiga e a grama cortada e carvalho. As descrições usadas me fazem rir, mas este vinho realmente tem gosto de ameixa e pimenta preta, com uma acidez deliciosa que preenche minha boca inteira.

— Uau — Sam diz.

Nós acabamos com o resto do vinho e iniciamos o uísque. Sam derrama o seu em um copo de água.

— Então qual é o problema? — Vovô pergunta.

Sam bate a cabeça contra a mesa levemente e depois traga sua bebida em três goles longos. Eu tenho quase certeza que ele se esqueceu de se preocupar em se meter em confusão por beber.

— Minha namorada me largou.

— Hmm — Vovô diz, balançando a cabeça. — A jovem mulher com você no funeral de Philip? Lembro-me dela. Parecia bastante gentil. Isso é muito ruim. Sinto muito, garoto.

— Eu realmente... Eu a amava — Sam diz. Então, ele enche seu copo.

Vovô vai para a outra sala para pegar o Armagnac. — O que aconteceu?

— Ela escondeu algo grandem e quando eu descobri, eu estava realmente chateado. E ela estava arrependida. Mas na hora que eu estava pronto para perdoá-la, era ela quem estava chateada. E então eu tinha que estar arrependido. Mas eu não estava. E quando eu fiquei, ela tinha um namorado diferente.

Meu avô balança a cabeça.

— Às vezes, uma garota tem que ir embora antes que ela saiba o que quer.

Sam derrama um pouco da Armagnac em seu copo, junto com a borra do uísque. Ele completa a mistura com uma dose de Campari.

— Não beba isso! — Eu digo.

Ele brinda a nós e, em seguida, joga a coisa toda para dentro.

Mesmo Vovô estremece.

— Nenhuma garota vale a pena à ressaca você vai ter de manhã.

— Daneca vale — Sam diz, palavras gaguejadas.

— Você tem um monte de mulheres para conhecer. Você ainda é jovem. O primeiro amor é o mais doce, mas ele não dura.

— Não mesmo? — Eu pergunto.

Vovô olha para mim com uma seriedade que reserva para momentos em que ele quer que eu realmente preste atenção.

— Quando nos apaixonamos na primeira vez, não estamos realmente apaixonados pela garota. Estamos apaixonados pela ideia de estarmos apaixonados. Nós não temos ideia do que ela realmente é, ou do que ela é capaz. Estamos apaixonados pela nossa ideia dela e de quem nos tornamos ao seu redor. Nós somos idiotas.

Levanto-me e começar a empilhar os pratos na pia. Eu não estou muito firme nos meus pés agora, mas eu me controlo.

Quando eu era criança, eu acho que amava Lila assim. Mesmo quando pensei que a tinha matado, eu ainda a via como a garota ideal, o auge da garota que ninguém nunca vai ser sequer capaz de chegar perto. Mas quando ela voltou, eu tive que vê-la do jeito que ela era, complicada, com raiva, e muito mais parecida comigo do que eu já tinha imaginado. Posso não saber do que Lila é capaz, mas eu a conheço.

O amor nos muda, mas nós mudamos nosso modo de amar, também.

— Vamos lá — Sam diz da mesa, derramando bebida vermelha e brilhante em xícaras de chá que ele encontrou em algum lugar. — Vamos beber umas doses.

***

Eu acordo com o gosto horrível de xarope para a tosse na minha boca.

Alguém está batendo na porta da frente. Eu viro e cubro a cabeça com um travesseiro. Eu não me importo quem é. Eu não vou lá embaixo.

— Cassel! — A voz de meu avô retumba através da casa.

— O que? — Grito de volta.

— Há alguém aqui para te ver. Ele diz que é do governo.

Eu gemo e rolo para fora da cama. Chega de evitar responder a porta. Eu visto correndo um jeans sobre minhas cuecas, esfrego o sono dos meus olhos, e pego uma camisa e um par de luvas limpas. Minha barba rala coça por minhas bochechas.

Enquanto eu escovo meus dentes, tentando lavar o gosto da noite anterior da minha boca, a apreensão finalmente me alcança. Se meu avô imaginar que eu estou pensando em trabalhar para Yulikova, eu não tenho ideia do que ele vai fazer. Não há pior espécie de traidor como isso, para caras como Vovô. E tanto quanto eu sei que ele me

ama, ele também é alguém que acredita em colocar o dever diante de seus sentimentos.

Eu me arrasto escada abaixo.

É o Agente Jones. Eu estou surpreso. Eu não o tinha visto, nem o Agente Hunt, desde que eles entregaram a mim e Barron para a Licensed Minority Division[3]. Ele parece inalterado, terno escuro, óculos de sol espelhados. A única diferença que eu percebo é que sua pele pastosa parece vermelha em suas bochechas, como queimaduras de sol ou talvez de exposição ao vento. Ele está de pé na entrada, o ombro contra o batente como se estivesse abrindo caminho para dentro. Vovô obviamente não o convidou a entrar.

— Oh, oi, — eu digo, vindo até a porta.

— Posso falar com você... — Ele dá ao meu avô um olhar sombrio. — Aqui fora?

Concordo com a cabeça, mas Vovô põe a mão nua no meu ombro. — Você não tem que ir a qualquer lugar com ele, garoto.

O Agente Jones está olhando para a mão de meu avô como se fosse uma cobra.

— Está tudo bem — eu digo. — Ele estava trabalhando no assassinato de Philip.

— E adiantou muito o que ele fez, — Vovô diz, mas ele me solta. Ele caminha até o balcão e derrama café em duas canecas. — Você põe alguma coisa em seu café, sanguessuga do governo?

[3] Divisão de Minorias Autorizadas

— Não, obrigado, — diz Jones e aponta para a mão de Vovô. — Você se machucou aí?

— Não fui eu quem me machucou. — Vovô me passa uma das xícaras.

Eu tomo um gole e sigo Jones através da varanda caindo aos pedaços e o jardim da frente.

— O que você quer? — Pergunto sob a minha respiração. Estamos de pé, perto de seu carro preto brilhante, com as janelas escuras. A brisa fria corta através do tecido fino da minha camiseta. Eu seguro a xícara mais perto de mim para o sentir o calor, mas o café está esfriando rápido.

— Algo te preocupa? Tem medo que o velho fique sabendo o que você tem feito? — Seu sorriso é sarcástico.

Acho que é demais esperar que, só porque Jones e eu estamos do mesmo lado agora, ele vá começar a agir de outro jeito.

— Se você tem algo para me dizer, desembucha. — digo a ele.

Ele cruza os braços sobre o peito. Eu posso ver a saliência de sua arma. Ele me lembra de todos os mafiosos que eu já conheci, exceto menos educado.

— Yulikova precisa vê-lo. Ela disse para lhe falar que ela sente por incomodá-lo em um fim de semana, mas algo realmente grande surgiu. Ela diz que você vai querer saber.

— Tão grande para eles nem te dizerem o que é? — Eu não sei por que eu estou zombando dele. Eu acho que estou com medo, por causa dele exibindo a minha ligação com o FBI na frente de Vovô. E eu

estou com raiva, o tipo de raiva que queima você a partir de dentro. O tipo de raiva que o faz estúpido.

Seu lábio se curva. — Vamos lá. Entre no carro.

Eu balancei minha cabeça.

— De jeito nenhum. Eu não posso. Diga a ela que eu vou mais tarde hoje. Eu só tenho que inventar uma desculpa.

— Você tem exatamente dez minutos para acertar isso com o seu avô ou eu vou dizer a ele que você enquadrou seu próprio irmão. Que você o denunciou para nós.

— Yulikova não lhe disse para fazer isso, — eu digo. Um arrepio me percorre que é apenas parcialmente pelo frio. — Ela ficaria chateada se soubesse que você estava me ameaçando.

— Talvez sim. Talvez não. De qualquer forma, você é o único que está ferrado. Agora, você vem comigo?

Eu engulo seco.

— Tudo bem. Deixe-me pegar meu casaco.

O Agente de Jones ainda está sorrindo quando eu volto para dentro da casa. Eu engoli o resto do café, mesmo que esteja como gelo.

— Vovô, — eu grito. — Eles querem me fazer algumas perguntas sobre a Mamãe. Eu volto logo.

Meu avô vem no meio da escada. Ele está usando luvas.

— Você não tem que ir.

— Vai ficar tudo bem. — Eu puxo um longo casaco preto e pego o meu celular e carteira.

Eu me sinto uma pessoa terrível.

Seja lá o que for no que eu estou metido, eu tenho certeza que você não deveria enganar as pessoas que me ama.

Vovô me dá um olhar longo. — Você quer que eu vá junto?

— Eu acho melhor alguém ficar com Sam — eu digo.

Com a menção de seu nome, Sam olha para cima de onde está largado no sofá. Uma expressão estranha passa sobre o rosto, e um momento depois, ele se atira para o cesto de lixo.

Difícil de acreditar, mas alguém está prestes a ter uma manhã pior do que eu estou tendo.

*****

Eu não digo nada, enquanto o Agente Jones dirige. Eu jogo um jogo no meu celular e olho para fora da janela de tempos em tempos, verificando nosso progresso.

Em algum momento eu percebo que não estamos tomando as estradas certas para chegar ao escritório de Yulikova, mas eu ainda não falo. O que eu faço é começar a planejar.

Mais alguns minutos e eu vou dizer a ele que preciso parar. Então vou escapar dele. Se eu puder sondar um carro velho o bastante perto, posso fazer uma ligação direta, mas seria melhor se eu pudesse arrumar uma carona. Eu reviso várias histórias na minha cabeça e eu decido procurar um casal de meia-idade — um marido que seja grande

o suficiente para não ser intimidado pela minha altura ou a minha pele morena, e uma esposa para argumentar em meu nome, de preferência um casal que talvez tenha filhos da minha idade. Estou pensando em contar-lhes uma história sobre um amigo bêbado que não me deu as chaves e me abandonou, sem ter como voltar para casa.

Eu vou ter que trabalhar rápido.

Enquanto estou pensando nisso, nós paramos no estacionamento de um hospital, três enormes torres de tijolos ligadas na base, com uma ambulância piscando suas luzes vermelhas em frente à entrada da sala de emergência. Eu soltei minha respiração. Escapar de um hospital é moleza.

— Vamos nos encontrar com Yulikova aqui? — Eu pergunto incrédulo. Então eu penso melhor. — Ela está bem?

— Tão bem quanto ela sempre está, — ele diz.

Eu não sei o que isso significa, mas eu não queria admitir isso. Em vez de responder, tento a maçaneta, e quando consigo abri-la, eu salto do carro.

Caminhamos juntos para uma das portas laterais. O corredor é antisséptico, típico. Ninguém nos questiona.

Jones parece saber para onde estamos indo. Passamos uma estação de enfermeiras e Jones acena para uma mulher idosa atrás da mesa. Então andamos por outro corredor longo. Eu olho para dentro de uma porta aberta para ver um homem com uma grande barba grisalha e balões ao redor de seus pulsos, então ele não pode levar

suas próprias mãos em seu rosto. Ele se vira para mim com um olhar assombrado.

Paramos na próxima porta — esta, fechada — e o Agente Jones bate uma vez antes de entrar.

É um quarto de hospital regular, mas claramente maior e melhor equipado do que os outros por onde passamos. Há uma manta multicolorida lançada sobre o pé da cama de hospital e várias plantas jade ao longo da janela. Há também duas cadeiras confortáveis, mas comuns, colocadas do outro lado da cama.

Yulikova está em um manto de impressão batik[4] e chinelos. Ela tem um copo de plástico e está molhando as plantas quando entramos. Ela não está usando maquiagem e seu cabelo parece não tão selvagem, mas despenteado, mas fora isso ela não parece doente.

— Olá, Cassel. Agente Jones.

— Oi, — eu digo, demorando-me na soleira da porta, como eu faria com um parente doente, que eu não via em muito tempo. — O que está acontecendo?

Ela olha a sua volta e ri. — Ah, isso. Sim, deve parecer um pouco dramático.

— Sim e o Agente Jones me empurrou até aqui como se uma casa estivesse pegando fogo e eu fosse o único balde de água na cidade. — Eu pareço apenas metade do que estou irritado, o que é muito. — Eu nem cheguei a tomar banho. Estou de ressaca e, provavelmente, fedendo como se eu estivesse usando bebida como

[4] Espécie de tingimento da seda Javanesa.

loção pós-barba, exceto que eu também não consegui fazer a barba. Qual é o problema?

Jones me olhou com raiva.

Ela ri um pouco e balança a cabeça para ele.

— Eu sinto muito em ouvir isso, Cassel. Há um banheiro por lá que você é bem-vindo a usá-lo, se você quiser. O hospital tem pequenos pacotes de produtos de higiene pessoal.

— É — eu digo. — Pode ser.

— E o Agente Jones pode ir até a cafeteria e pegar alguma coisa para comermos. O hospital não tem muito, mas não é tão terrível quanto à comida do hospital costumava ser. Eles têm hambúrgueres decentes e lanches. — Ela caminha até o outro lado de sua cama e abre uma das gavetas da mesa do lado, tirando uma carteira de couro marrom. — Ed, por que você não nos arruma um monte de diferentes sanduíches e xícaras de café? A salada de ovo não é ruim. E uns dois sacos de batatas fritas, algumas frutas, e algo para a sobremesa. Pegue alguns pacotes extras de mostarda para Cassel. Eu sei que ele gosta. Vamos sentar e ter um bom almoço.

— Muito civilizado, — eu digo.

O Agente Jones ignora, procurando sua carteira e vai até a porta.

— Tudo bem. Eu volto logo. — Ele olha de mim para ela. — Não acredite em tudo o que esse pequeno dedo duro diz. Eu o conheço de antes disso.

Quando ele sai, ela me dá um olhar de desculpas.

— Sinto muito se ele foi difícil. Eu precisava de um agente nisso, e eu queria alguém que tivesse trabalhado com você antes. A última coisa que precisamos é de um monte de pessoas sabendo que você é um executor de transformação. Mesmo aqui, não posso contar com total discrição.

— Você preocupada com um vazamento?

— Nós queremos ter certeza de que quando e se as pessoas descobrirem sobre você, elas recebam a informação diretamente de nós. Você sabe que há um boato de que há um executor de transformação na China? Muitas pessoas em nosso governo acham que essa informação foi cuidadosamente plantada.

— Embora eles absolutamente não tenham, você quer dizer?

Ela acena com a cabeça, um sorriso puxando em um canto de sua boca.

— Exatamente. Agora vá se refrescar.

No banheiro eu arrumo meu cabelo, alisando-o para trás com água e uso um aparelho de barbear. Então eu gargarejo com antisséptico bucal. Quando saio, o faço em uma nuvem de hortelã.

Yulikova conseguiu uma terceira cadeira de algum lugar e as organiza perto da janela.

— Muito melhor — ela diz.

É algo que uma mãe diria. Não minha mãe, mas uma mãe.

— Você precisa de ajuda com alguma coisa? — Eu lhe pergunto. Não parece que ela deveria estar arrastando móveis.

— Não, não. Sente-se, Cassel. Eu estou bem.

Eu pego uma cadeira.

— Eu não quero intrometer, — eu digo — mas estamos em um hospital. Tem certeza que está bem?

Ela suspira pesadamente.

— Você não deixa nada passar, hein?

— Eu também muitas vezes percebo quando a água é molhada. Eu tenho a mente afiada de um detetive.

Ela tem a boa vontade de sorrir.

— Eu sou uma executora física. O que significa que posso alterar os corpos das pessoas, não na extensão em que você pode, mas coisas básicas e brutais. Eu posso quebrar pernas e curá-las novamente. Eu posso remover alguns tumores, ou, pelo menos, diminuir o seu tamanho. Posso extrair uma infecção no sangue. Eu posso fazer os pulmões das crianças funcionarem. — Eu tento não mostrar como eu estou surpreso. Eu não sabia que os executores físicos poderiam fazer isso. Eu pensei que era apenas dor, pele cortada, queimaduras e furúnculos. Philip era um executor físico, eu nunca o vi usá-lo para ajudar ninguém. — E às vezes eu faço todas essas coisas. Mas isso me faz muito doente. Tudo isso, qualquer dessas coisas, ferir e curar. E ao longo do tempo, me fez ficar doente. Permanentemente doente.

Eu não pergunto a ela sobre a legalidade do que ela está fazendo. Eu não me importo e se ela não se importa também, bem, então talvez nós tenhamos algo em comum, afinal.

— Você não pode curar a si mesma?

— Ah, o velho chamado de 'Médico, cura-te a ti mesmo!' — ela diz. — Uma pergunta perfeitamente lógica, mas infelizmente eu não posso. O golpe de retorno nega todo e qualquer dos efeitos positivos. Então, às vezes eu tenho que vir aqui por um tempo.

Hesito antes de fazer a minha próxima pergunta, porque é tão horrível. Ainda assim, eu preciso saber, se eu estou prestes a mandar meu livre arbítrio para longe com a força de suas promessas.

— Você está morrendo?

— Estamos todos morrendo, Cassel. É que alguns de nós estamos morrendo mais rápido do que os outros.

Concordo com a cabeça. É o que sou obrigado a fazer, porque o Agente Jones caminha de volta para a sala com uma bandeja laranja da cafeteria, a coisa toda empilhada com sanduíches, bolos, frutas e café.

— Coloque minha cama. Podemos nos servir lá. — ela diz.

Eu pego um sanduíche de presunto, uma xícara de café e uma laranja e sento, enquanto Jones e Yulikova escolhem sua comida.

— Bom — ela diz, tirando a embalagem do que parece ser um muffin de limão e semente de papoula. — Agora, Cassel, eu tenho certeza que você está familiarizado com o governador Patton.

Eu bufo.

— Patton? Ah, sim. Eu adoro esse cara!

Jones parece que quer me sufocar com meu sarcasmo, mas Yulikova apenas ri.

— Eu pensei que você ia dizer algo assim — diz ela. — Mas você deve entender — o que sua mãe fez para ele e, em seguida, o que foi feito para consertá-lo, ele se tornou mais e mais instável.

Eu abro minha boca para protestar, mas ela levanta a mão dela.

— Não. Eu entendo o seu impulso de defender sua mãe, e é muito nobre, mas agora isso é irrelevante. Não importa de quem é a culpa. Eu preciso te contar uma coisa confidencial, e eu preciso de sua garantia de que isso não vai sair desta sala.

— Tudo bem. — eu digo.

— Se você o tem visto no noticiário recentemente, — Yulikova diz — você quase pode ver Patton perder o controle. Ele diz e faz coisas que são extremas, até mesmo para os radicais anti-executores. Mas o que você não pode dizer é o quão paranoico e reservado ele se tornou. Pessoas de muito altas posições no governo estão preocupadas. Uma vez que a proposição dois passe, eu tenho medo de que ele tente bloquear o estado de New Jersey, em seguida, recolha os executores na prisão. Eu acredito e eu não sou a única que ele quer trazer de volta os campos de execução.

— Isso não é possível, — eu digo. Não é que eu não possa acreditar que Patton talvez queira isso; é que eu não posso acreditar que ele realmente vai tentar *fazer* isso. Ou que Yulikova admitiria que suspeita de tudo isso, especialmente para mim.

— Ele tem um monte de aliados em Washington — ela continua. — E ele está colocando mais no lugar. A polícia estadual está por trás dele, e assim são mais do que algumas pessoas em Fort Dix. Nós sabemos que ele está tendo reuniões.

Eu penso em Lila espremendo suas mãos pelas barras enquanto Sam, Daneca e eu estávamos sentados na cela após o protesto em Newark. Sem telefonemas, sem acusações, sem nada. E então eu penso nas outras pessoas, as que foram divulgadas como mantidas lá por dias.

Olho para o Agente Jones. Ele não parece se importar muito de qualquer forma, mas ele deveria. Mesmo que não queira admitir isso, o fato de que está trabalhando nesta divisão do governo federal significa que ele é um executor também. Se Patton é realmente louco, um distintivo não vai salvar Jones.

Eu aceno, incentivando-a a continuar.

Ela o faz.

— Eu estive em conferência com meus superiores, e nós concordamos que temos que detê-lo antes que ele faça algo ainda pior. Há rumores de assassinatos, rumores de coisas terríveis, mas nenhuma evidência decisiva. Se o prendermos agora, ele poderia usar isso para sua vantagem política. Um julgamento público, onde não temos provas suficientes, vai jogar tudo diretamente em suas mãos.

Concordo com a cabeça novamente.

— Eu recebi a permissão para uma pequena operação para remover Patton do poder. Mas eu preciso de sua ajuda, Cassel. Eu

posso prometer que a sua segurança será a nossa primeira prioridade. Você pode abortar a missão, a qualquer momento, se você não se sentir totalmente seguro. Nós vamos lidar com todo o planejamento e gestão dos riscos.

— Do que estamos falando aqui? — Eu pergunto.

— Queremos transformar Patton, — ela me olha com seus olhos gentis, como se qualquer resposta que eu der será a certa. Ela toma um gole de café.

— Oh. — eu digo. Por um momento eu estou tão chocado que suas palavras apenas balançam na minha cabeça.

Mas então eu percebo que é claro que este momento iria chegar. Ser um executor de transformação é a coisa mais valiosa a meu respeito, a razão deles me quererem no programa, a razão pela qual não me punem por meus crimes.

Eles me deixam livre para que eu possa matar para eles.

— Desculpe, — eu digo. — Estou apenas surpreso.

— É uma responsabilidade muito grande — Yulikova diz. — Eu sei que você está desconfortável com o que você pode fazer.

O Agente Jones bufa e ela lhe dá um olhar sombrio.

Quando ela se vira para mim, ainda há um pouco daquela raiva em seus olhos.

— E eu sei que o que estou pedindo não é fácil. Mas precisamos que não haja nenhum traço dele. Isto não pode parecer um assassinato.

— Mesmo que seja? — Eu digo.

Isso parece surpreendê-la.

— Nós gostaríamos que você o transformasse em um ser vivo. Eu entendo que seria possível para ele sobreviver assim indefinidamente. Ele não vai estar morto. Ele só vai ser *contido*.

Ser enjaulado, preso como Lila estava em seu corpo de gato, para sempre, parece tão terrível como a morte. Mas talvez isso vá deixar Yulikova dormir melhor à noite.

Ela se inclina para mim. — Eu tive aprovação para fazer uma oferta, tendo em conta o enorme serviço que você vai prestar para nós. Nós vamos fazer as acusações contra a sua mãe serem retiradas.

Jones aperta sua mão com força no braço de sua cadeira. — Você está fazendo *outro* acordo com ele? Aquela família dele é mais escorregadia do que uma fina camada de gelo em uma estrada.

— Eu terei de lhe pedir para esperar lá fora? — Sua voz é de aço. — Esta é uma operação perigosa, e ele nem mesmo é parte do programa ainda. Ele tem 17 anos de idade, Ed. Deixe-o ter uma coisa a menos para se preocupar.

O Agente Jones olha de mim para ela e, em seguida, para longe de nós dois.

— Tudo bem. — ele diz.

— Aqui no LMD muitas vezes dizemos que os heróis são as pessoas que sujam as mãos para outras mãos possam ficar limpas. Somos horríveis então você não tem que ser. Mas neste caso, você tem que ser ou pelo menos estamos pedindo que você seja.

— O que acontece se eu não concordar, quero dizer, para a minha mãe?

Yulikova morde um pedaço de seu muffin.

— Eu não sei. Estou autorizada pelo meu chefe a lhe oferecer isso, mas ele é o único que pode fazer isso acontecer. Acho que sua mãe poderia continuar a escapar da justiça ou ela poderia ser pega e extraditada, se ela estiver fora do estado. Eu teria medo por sua segurança se ela estivesse trancada em qualquer lugar em que Patton pudesse descobri-la.

Estou de repente agarrado com a certeza que Yulikova sabe exatamente onde minha mãe está.

Eles estão me manipulando. Yulikova me deixa ver o quão doente está ela, dizendo coisas agradáveis, fazendo-nos sentar para almoçar. Jones sendo um babaca. É clássico policial bom, policial mau. O que não quer dizer que não esteja funcionando.

Patton é um cara mau e ele está procurando por minha mãe. Eu quero que ele pare e eu a quero segura. Eu estou muito tentado a aceitar qualquer coisa que me permita ter os dois.

Além disso, há o fato de que estou numa arapuca. Mamãe precisa de um indulto.

E se eu não confio em meus instintos para discernir o certo e o errado, eu tenho que confiar em alguém. Eu quis me juntar ao governo, certo? E daí que eu estava fazendo coisas ruins, no mínimo elas eram em favor de pessoas boas.

Eu sou uma arma. E ponho-me nas mãos de Yulikova.

Agora eu tenho que me deixar ser usado da maneira como ela acha adequada.

Eu respiro fundo.

— Claro. Eu posso fazer isso. Eu posso executá-lo.

— Cassel, — Yulikova diz. — Eu quero que você entenda que você pode recusar esse trabalho. Você pode nos dizer não.

Mas eu não posso. Ela está vendo que eu realmente não posso.

Jones não diz uma única coisa, irritado.

— Eu entendo. — Eu aceno para mostrar que eu realmente quero. — Eu entendo, e eu estou te dizendo sim.

— Esta vai ser uma missão muito discreta — Yulikova diz. — Uma equipe de operação muito pequena com o apoio implícito dos meus superiores, contanto que tenhamos êxito. Caso contrário, eles vão negar todo o conhecimento. Eu vou administrá-la, todas as perguntas devem vir diretamente a mim. Ninguém mais precisa saber. Eu confio que posso contar com a discrição de ambos.

— Você quer dizer, se algo der errado, seriam nossas carreiras — Jones diz.

Yulikova toma mais um gole de seu café. — Cassel não é o único com uma escolha. Você não precisa tomar parte nisso.

O Agente Jones não diz nada. Eu me pergunto se isso vai prejudicar sua carreira de qualquer maneira. Eu me pergunto se ele ao menos sabe que está brincando de policial mau. Eu meio que suspeito de que ele não sabe.

Eu como meu sanduíche. Uma enfermeira enfia a cabeça e diz que ela vai trazer a medicação em cerca de dez minutos. Yulikova se levanta e começa a recolher os copos vazios e jogá-los no lixo.

— Eu posso fazer isso, — eu disse, levantando-me e pegando uma embalagem de sanduíche.

Ela coloca as mãos enluvadas em meus braços e olha nos meus olhos, como se estivesse tentando ver a resposta para uma pergunta que ela não fez.

— Não há problema em mudar de ideia, Cassel. A qualquer momento.

— Eu não vou mudar de ideia. — digo a ela.

Seus dedos apertam. — Eu acredito em você. Eu acredito. Eu vou entrar em contato em alguns dias, com mais detalhes.

— Não vamos cansá-la, — Jones diz, franzindo a testa. — Nós deveríamos ir.

Eu me sinto mal deixando Yulikova com a bagunça, mas agora os dois estão olhando para mim com a expectativa de que a entrevista acabou. Jones caminha até a porta e eu o sigo.

— Só para constar, eu não gosto nada disso — o Agente Jones diz, sua mão enluvada na moldura da porta.

Ela acena com a cabeça uma vez, como se estivesse reconhecendo as suas palavras, mas o fantasma de um sorriso está em sua boca.

Sua troca me deixa ainda mais certo de que fiz a escolha certa. Se o Agente Jones aprovou o que eu estava fazendo, eu estava pouco preocupado.

Eu sigo o Agente Jones pelos corredores do hospital, mas quando chego ao estacionamento, eu estou farto. O cara me odeia. Não há nenhuma maneira de eu deixá-lo me levar de volta para a minha velha casa. Eu não quero que ele fale com o meu avô novamente.

— Eu estou indo, — digo a ele. — Vejo você por aí.

O Agente Jones olha para mim, incrédulo, então bufa.

— Você está pensando em andar?

— Eu vou ligar para um amigo.

— Entra no carro, — ele rosna, a mudança de divertido para impaciente em uma única respiração. Há algo em seu rosto que me deixa ainda mais certo de que ir com ele é uma má ideia.

— Obrigue-me — eu digo. — Eu desafio você.

Quando ele realmente não me empurra, pego meu celular e ligo para Barron.

— Irmãozinho, — ele diz lentamente, atendendo no primeiro toque. — Você *precisa* deixar a escola e se juntar com os federais. Na noite passada nós invadimos um clube de strip para executores, e eu fiquei atolado até os joelhos em luvas perversas. Você sabia que

ninguém mais usa velcro nas luvas de abrir? O novo tipo é mantido junto por ímãs, então elas simplesmente *deslizam* direto para fora da mão...

— Isso é, uh, interessante — eu digo. — Mas o que eu realmente preciso agora é de uma carona.

— Onde você está? — ele pergunta.

Eu digo a ele o nome do hospital, enquanto o Agente Jones me olha com um olhar frio e furioso em seus olhos. Nós não gostamos um do outro. Ele deveria estar *aliviado* de que não está sendo forçado a passar mais tempo comigo, mas ele obviamente está cheio de raiva, ao invés disso. Quanto mais eu estudo a expressão dele, mais nervoso fico. Ele não está olhando para mim da forma como um adulto olha para uma criança desagradável. Ele está me estudando da maneira como um homem estuda seu adversário.

Sento-me na varanda fria e espero, deixando o frio escoar em minha pele. Leva um tempo para Barron aparecer, tempo suficiente para eu começar a me perguntar se deveria chamar outra pessoa. Mas, assim que eu decido que vou ter que entrar e obter algo quente para beber ou enganar uma das enfermeiras para ter um cobertor, Barron chega numa Ferrari vermelha. Ele desce uma janela escurecida e pisca-me um sorriso.

— Você roubou isso. — eu digo.

— Melhor que isso. Este belo carro foi apreendido durante uma operação. Dá para acreditar? Há um armazém inteiro de material que é

confiscado e depois só fica lá até que a papelada é resolvida. Melhor armazém de todos. Vamos, entre.

Ele não precisa dizer duas vezes.

Barron parece muito satisfeito consigo mesmo. — Não só eu consegui ter algumas rodas novas, mas eu enchi a mala com um monte de latas de caviar e garrafas de Krug[5] que estavam lá. Ah, e alguns telefones celulares que eu tenho certeza de que posso revender. No total, um sábado muito bom. E você?

Reviro os olhos, mas já estou relaxando no calor do aquecedor, recostando-me no assento. — Eu tenho que lhe contar algumas coisas. Podemos ir a algum lugar?

— Em qualquer lugar que você quiser, garoto — Barron diz.

Apesar de sua oferta extravagante, acabamos ficando com o chinês, para levar e indo para sua casa em Trenton. Ele a arrumou um pouco, substituindo as janelas quebradas que anteriormente estavam apenas cobertas de papelão. Ele até comprou alguns móveis. Sentamos no sofá de couro preto novo e colocamos os pés em cima do baú que ele está usando como mesa de café. Ele me passa a embalagem de lo mein[6].

Na superfície sua casa parece mais normal do que costumava ser, mas quando vou ao armário para pegar um copo, eu vejo o padrão familiar de notas na geladeira, lembrando-o de seu número de telefone, seu endereço, seu nome. Sempre que ele muda as memórias de alguém, o golpe de retorno tira algumas das suas, e ele não tem

[5] Tipo de champanhe francês.
[6] Tipo de prato chinês, com frango/carne e macarrão.

certeza de quais serão. Ele pode perder algo pequeno, como a memória do que comeu no jantar da noite anterior, ou algo grande, como a memória do funeral do nosso pai.

Isso faz de você uma pessoa diferente, por não ter um passado. Isso corrói quem você é, até que o que resta é todo construído, todo artifício.

Eu gostaria de acreditar que Barron parou de amaldiçoar as pessoas, da maneira como ele prometeu que faria, que todos esses pequenos lembretes estão aqui por causa do hábito ou em caso de uma emergência, mas eu não sou idiota. Aquele armazém que não estava desprotegido. Eu tenho certeza que alguém teve que ser "lembrado" da papelada que deixou Barron carregar o carro com o que ele quisesse e conduzi-lo para fora de um prédio do governo. E depois essa mesma pessoa tinha que esquecer.

Quando eu voltei para a sala de estar, Barron estava mexendo uma mistura de molho de pato e mostarda quente em seu prato. — Então o que é? — ele pergunta.

Eu explico sobre mamãe e sua tentativa frustrada de vender de volta a Zacharov seu próprio diamante, e o caso de longa data que ela parece ter tido com ele. Então eu percebo que tenho que explicar como ela o roubou, em primeiro lugar.

Barron me olha como se ele estivesse considerando me acusar de mentir. — Mamãe e Zacharov?

Eu dou de ombros. — Eu sei. É estranho, não é? Eu estou tentando muito mesmo não pensar sobre isso.

— Você quer dizer sobre a parte em que se Zacharov e mamãe tivessem se casado, isso teria feito você e Lila, irmão e irmã? — Ele começa a rir, caindo para trás sobre as almofadas.

Eu atiro um punhado de arroz branco nele. Alguns dos grãos grudam em sua camisa. Mais grudam em minha luva.

Ele continua rindo.

— Eu falarei com o falsificador amanhã. Um cara lá em Paterson.

— Claro, nós poderíamos fazer isso, — ele diz, ainda rindo um pouco.

— Você quer vir?

— É claro. — Ele abre o frango com molho de feijão preto e despeja-o sobre sua mistura de mostarda e molho de pato. — Ela é minha mãe também.

— Há algo mais que eu deveria dizer a você — eu digo.

Ele faz uma pausa com a mão sobre um pacote de soja.

— Yulikova me perguntou se eu estaria disposto a fazer alguma coisa. Um trabalho.

Ele volta a derramar o molho e dá a primeira garfada.

— Eu pensei que você não podia ser posto para trabalhar, já que não se juntou oficialmente a eles.

— Ela quer que eu elimine Patton.

As sobrancelhas de Barron se juntam.

— *Elimine*?[7] Como em transformá-lo?

— Não, — eu digo. — Como em *levar para jantar fora*. Ela acha que daríamos um bom casal.

— Então você está indo matá-lo? — Ele me olha com cuidado. Então, ele imita uma arma com os dedos. — Bum?

— Ela não me disse muito sobre o plano, mas... — eu começo.

Ele joga a cabeça para trás e ri.

— Você deveria ter se juntado aos Brennans se você vai apenas se transformar num assassino, de qualquer jeito. Nós poderíamos ter feito um monte de dinheiro.

— Isso é diferente. — eu digo.

Barron ri e ri. Agora que ele está assim de novo, não há como pará-lo.

Eu espeto o lo mein com o garfo de plástico.

— Cale-se. É diferente.

— Por favor, pelo menos me diga que você vai ser pago. — ele diz, quando consegue pegar um fôlego.

— Eles disseram que retirariam as acusações contra mamãe.

— Bom, — ele acena. — Algum bom dinheiro vivo vem junto com isso?

Eu hesito, então tenho que admitir: — Eu não pedi.

[7] No original — Take out— , que pode ser traduzido como eliminar, matar, levar para— (sair com).

— Você tem uma habilidade. Você pode fazer algo que *ninguém mais pode* — Barron diz. — Sério. Você sabe o que é bom nisso? É *valioso*. Como você poder trocá-lo por bens ou serviços. Ou *dinheiro*. Lembra de quando eu disse que você estava sendo desperdiçado? Eu estava tão certo.

Eu gemi e empurrei arroz em minha boca para que eu não decida atirar a caixa inteira sobre a cabeça.

****

Depois que terminamos de comer, Barron liga para o vovô. Ele conta uma série longa e complicada de mentiras sobre as perguntas que os agentes federais fizeram e como nós escapamos de responder todas elas através do nosso charme natural e inteligência. Vovô cacareja do outro lado da linha.

Quando eu chego, Vovô me pergunta se alguma coisa do que Barron disse era verdade.

— Muito. — digo a ele.

Ele fica quieto.

— Ok, muito pouco — eu finalmente admito. — Mas tudo está bem.

— Lembre-se do que eu disse. Este é um problema da sua mãe, não seu. Não de Barron, também. Vocês dois precisam ficar fora disso.

— Sim. — eu digo. — Sam ainda está aí? Posso falar com ele?

Vovô dá o telefone para Sam, que ainda soa grogue, mas não chateado de ter sido abandonado pela maior parte do dia e o resto da noite.

— Está tudo bem. — ele me informa. — Seu avô está me ensinando como jogar pôquer.

Se eu conheço Vovô, isso significa que o que ele vai realmente ensinar a Sam é como trapacear.

***

Barron me oferece a sua cama, dizendo que ele pode dormir em qualquer lugar. Eu não tenho certeza se ele está sugerindo que há camas por toda a cidade para onde ele pode se escorregar ou só que ele não é exigente quanto a dormir em outros móveis, mas eu fico com o sofá, então eu não tenho que descobrir.

Ele descobre alguns cobertores que costumavam ser da casa velha. Eles cheiram como nossa casa, um cheiro um tanto empoeirado e embolorado que não é totalmente agradável, mas que eu inalo avidamente. Isso me lembra de ser criança, de estar seguro, de dormir até tarde aos domingos e ver desenhos animados de pijama.

Eu esqueço onde estou e tento endireitar as minhas pernas. Meus pés chutam contra o braço, e eu me lembro de que não sou mais uma criança. Sou muito alto para estar confortável, mas me enrolo no sofá e consigo cochilar eventualmente.

Eu acordei ao som de Barron fazendo café. Ele empurra uma caixa de cereais para mim. Ele é terrível na parte da manhã. Ele leva três xícaras de café antes que possa montar uma frase inteira de forma confiante.

Eu tomo um banho. Quando saio, ele está usando um terno cinza escuro de risca de giz com uma camiseta branca por baixo. Seu cabelo ondulado está puxado para trás com gel e ele tem um novo relógio de ouro em seu pulso. Eu me pergunto se isso estava no armazém do FBI também. De qualquer forma, parece que ele fez um esforço impressionante para uma tarde de domingo.

— Por que você está todo arrumado assim?

Barron sorri.

— A roupa faz o homem. Você quer pegar emprestada alguma coisa limpa?

— Eu vou usar as sujas mesmo, — digo-lhe, puxando minha camiseta de ontem. — Você parece um mafioso, você sabe.

— Isso é outra coisa em que eu sou bom e que a maioria dos recrutas não é. — ele diz, pegando um pente e passando-o através de seu cabelo uma última vez. — Ninguém nunca poderia sequer imaginar que eu sou um agente federal.

No momento em que estamos prontos para sair, é o início da tarde. Nós entramos na Ferrari ridícula de Barron e rumamos para o norte do estado, em direção a Paterson.

— Então, como vai Lila? — Barron pergunta logo que estamos na estrada. — Você ainda está obcecado por ela?

Eu dou-lhe um olhar.

— Considerando que você a trancou em uma gaiola por vários anos, eu acho que ela está bem. Comparativamente falando.

Ele dá de ombros, olhando na minha direção com um olhar dissimulado.

— Minhas opções eram limitadas. Anton a queria morta. E você nos surpreendeu como o inferno, transformando-a em uma coisa viva. Depois que nos restabelecemos do choque, foi um alívio, embora ela fosse um terrível gato de estimação.

— Ela era sua *namorada,* — eu digo. — Como é que você pode concordar em matá-la?

— Ah, qual é, — ele diz. — Nós nunca fomos tão sérios assim um com o outro.

Eu dou uma pancada com minha mão no painel do carro.

— Você está louco?

Ele sorri. — Foi você quem a transformou em um gato. E era você quem estava *apaixonado* por ela.

Eu olho pela janela. A estrada é ladeada por muros altos à prova de som, cipós serpenteiam através das lacunas.

— Talvez você tenha me feito esquecer quase tudo, mas eu sei que eu queria salvá-la de volta. E eu quase salvei.

Sua mão enluvada toca meu ombro inesperadamente.

— Eu sinto muito, — ele diz. — Eu realmente comecei a mexer com as suas memórias porque a mamãe disse que seria melhor para

você não saber o que você era. Então, quando tive a ideia de entrar no negócio de matar, eu acho que pensei que, contanto que você não se lembrasse, nada que fizéssemos com você contaria.

Eu não tenho nenhuma ideia do que dizer em resposta. Eu resolvo não dizer absolutamente nada. Em vez disso eu inclino meu rosto contra o vidro frio da janela. Eu olho para o trecho da rodovia de asfalto que serpenteia na nossa frente, e me pergunto o que aconteceria se eu deixasse tudo isso para trás. Sem federais. Sem irmão. Sem Lila. Sem mamãe. Sem máfia. Com apenas um pouco de magia, eu poderia mudar o meu rosto. Eu poderia sair da minha vida completamente.

Apenas alguns poucos documentos falsos e eu estaria em Paris. Ou Praga. Ou Bangkok.

Lá eu não teria que tentar ser bom. Lá eu poderia mentir e enganar e roubar. Eu não seria realmente eu, isso realmente não importaria.

Mudar a minha identidade. Mudar meu nome. Deixar Barron cuidar de Mamãe.

No próximo ano, Sam e Daneca estarão na faculdade. Lila vai fazer qualquer negócio ilegal que seu pai lhe disser para fazer. E onde eu estarei? Matando pessoas para Yulikova. Tudo está arranjado, tudo para melhor, e tão desolador quanto uma estrada deserta.

Barron bate no lado da minha cabeça.

— Ei, tem alguém aí? Você está quieto por, assim, 15 minutos. Você não tem que me dizer que me perdoa ou qualquer coisa assim,

mas você poderia dizer alguma coisa. 'Boa conversa'. 'Cale a boca'. O que quer que seja.

Esfrego meu rosto.

— Você quer eu te diga alguma coisa? Ok. Às vezes eu acho que eu sou o que você fez de mim. E às vezes eu não sei absolutamente quem eu sou. E de qualquer forma eu não estou feliz.

Ele engole. — Certo...

Eu respiro fundo.

— Mas se você quer perdão, tudo bem. Você conseguiu. Eu não estou bravo. Não mais. Não com você.

— É, certo. Você está puto com alguém — diz ele. — Qualquer idiota pode ver isso.

— Estou só com raiva — eu digo. — Eventualmente, ela vai me consumir ou algo assim. Tem que ser.

— Você sabe, essa pode ser a sua dica para dizer que você está arrependido de me obrigar a ir a toda essa coisa de programa de treinamento para agente federal.

— Você nunca esteve tão bem, — eu digo.

— Mas você não sabia disso. — ele diz. — Eu poderia estar infeliz agora, e seria tudo culpa sua. E então você ia se sentir mal. Então você se arrependeria.

— Então, eu poderia. Agora eu não posso — eu digo. — Oh, e... Boa conversa.

Realmente, foi uma conversa muito boa. Quase a melhor que eu poderia esperar do meu irmão mais velho amnésico, sociopata e imbecil.

Nós estacionamos na rua. Paterson é uma estranha coleção de edifícios antigos e toldos luminosos de néon, com letreiros anunciando celulares baratos, leituras de tarô e salões de beleza.

Eu saí e coloquei alguns centavos no parquímetro.

O telefone de Barron tocou. Ele o pega do bolso e olha para a tela.

Eu levanto as sobrancelhas, mas ele só balança a cabeça, como se não fosse nada importante. Seus dedos enluvados tocam nas teclas. Ele olha para cima.

— Vá na frente, Cassel.

Eu vou em direção ao endereço da Fine Jewelry Central. Ela se parece com todas as outras lojas na rua, suja e mal iluminada. A janela da frente está cheia de uma variedade de brincos de argola e correntes longas. Num cartaz em um canto lê-se PAGAMOS EM DINHEIRO O SEU OURO HOJE. Não há nada especial no lugar, nada que o faça se destacar como a localização de um mestre falsificador.

Barron empurra a porta. Um sino toca enquanto nós caminhamos e um homem atrás do balcão olha para cima. Ele é baixo e careca, com enormes óculos de tartaruga e uma lupa sobre uma longa corrente em torno de seu pescoço. Ele está vestido ordenadamente em uma camisa preta de botão. Gordos anéis brilham sobre suas luvas em cada um de seus dedos.

— Você é o Bob? — Eu digo, caminhando-se para o balcão.

— Quem quer saber? — ele diz.

— Sou Cassel Sharpe — digo a ele. — Este é o meu irmão Barron. Você conhecia nosso pai. Eu não sei se você se lembra dele, mas...

Ele se quebra em um sorriso enorme. — Olhe para você! Todo crescido. Eu vi fotos de vocês, três meninos Sharpe, na carteira de seu pai, que Deus o tenha.

Ele bate em meu ombro.

— Entrando no negócio? Seja o que for que você precisa, Bob pode fazer isso.

Olho em torno da loja. Uma mulher e sua filha estão olhando para uma caixa de cruzes. Eles não parecem estar prestando atenção em nós, mas nós somos provavelmente o tipo de pessoas que você tem que tentar um pouco mais para não notar.

Eu abaixo a minha voz.

— Nós queremos falar com você sobre uma peça personalizada que você já fez para a nossa mãe. Podemos ir a algum lugar na parte de trás?

— Claro, claro. Venham ao meu escritório.

O seguimos passando por uma cortina feita de um cobertor grampeado ao topo do batente de plástico. O escritório é uma bagunça, com um computador no centro de uma escrivaninha de madeira caindo aos pedaços, a superfície totalmente coberta por papéis. Uma

das gavetas está aberta, e dentro são peças de relógio e pequenos sacos de papel impermeável com pedras neles.

Eu pego um envelope. O nome nele é Robert Peck. Bob.

— Queremos saber sobre o diamante da Ressurreição. — Barron diz.

— Uau. — Bob levanta as mãos. — Eu não sei como você ouviu alguma coisa sobre isso, mas...

— Nós vimos o falso que você fez — eu digo. — Agora queremos saber sobre a coisa real. Precisamos saber o que aconteceu com ele. Você o vendeu?

Barron anda de maneira intimidadora para perto de Bob.

— Você sabe, eu executo memórias. Talvez eu pudesse ajudá-lo a se recordar de algo.

— Olha, — Bob diz, com a voz ligeiramente trêmula, elevando-se um pouco alto demais. — Eu não sei o que fez vocês dois usarem este tom hostil comigo. Eu era um bom amigo de seu pai. E eu nunca disse a ninguém que eu tinha copiado o Diamante da Ressurreição, que eu sabia quem tinha roubado. Quantas pessoas fariam isso, hein, quando havia muito dinheiro na jogada? Se vocês acham que eu sei onde seu pai o mantinha ou se ele o vendeu, eu não sei. Éramos próximos, mas não tão próximos assim. Tudo que eu fiz foi fazer os falsos.

— Espere. Eu pensei que você tinha feito a pedra para a *minha mãe,* — eu digo. — E o que você quer dizer com *falsos*? Quantos?

— Dois. Isso foi o que o seu pai pediu. E não havia como eu trocar nada. Ele não me deixou manter o diamante original por mais

tempo do que levaria para fazer as medições e algumas fotografias. Ele não era bobo, vocês sabem. Vocês acham que ele ia deixar algo tão valioso fora de sua visão?

Eu troquei um olhar com Barron. Papai era um monte de coisas, mas ele não era descuidado com um golpe.

— Então o que aconteceu? — Eu pergunto.

Bob dá alguns passos de distância de nós e abre uma gaveta em sua mesa, pega uma garrafa de bourbon. Ele arranca a tampa e toma um gole. Em seguida, ele balança a cabeça, como se estivesse tentando livrar-se da queimadura em sua garganta.

— Nada, — ele diz finalmente. — Seu pai veio aqui com essa pedra maldita. Disse que precisava de duas cópias.

Eu franzi a testa. — Por que dois?

— Como é que eu vou saber? Um dos falsos eu coloquei no alfinete de gravata de ouro onde o original estava. O outro eu coloquei num anel. Mas o original, o verdadeiro? Eu mantive esse solto, do jeito que o seu pai queria.

— São falsificações boas? — Barron pergunta.

Bob balança a cabeça novamente. — Não o do alfinete. Phil entrou aqui, querendo-o rápido, sabe? No mesmo dia. Mas o segundo, ele me deu mais algum tempo. Esse foi um belo trabalho. Agora, vocês dois vão me dizer do que se trata?

Eu olho para Barron. Um músculo em sua mandíbula está saltando, mas eu não posso dizer se ele acredita em Bob ou não. Eu estou tentando pensar, reproduzir tudo essa coisa. Então talvez

Mamãe dê a Papai a pedra e diz que ela precisa de uma falsa realmente rápido, antes que Zacharov perceba que a peça sumiu. Papai vai direto a Bob, mas ele pede duas pedras, porque já sabe que vai roubar o diamante para si mesmo, talvez por despeito, uma vez que ele descobriu que Mamãe estava trepando com Zacharov? De qualquer forma, Papai lhe traz uma das falsificações, e ela desliza de volta para Zacharov antes que ele perceba que se foi.

Então Papai lhe diz que tem um presente para ela, um anel com o Diamante Ressurreição nele, o que é na verdade a segunda falsificação. Se foi isso que aconteceu, o original pode ser qualquer lugar. Papai poderia ter vendido há anos atrás.

Mas por que colocar o diamante em um anel que Mamãe não poderia usar fora de casa sem chamar a atenção? Isso, eu não tenho certeza. Talvez ele tenha ficado tão chateado que ele gostasse de vê-lo em sua mão e saber que ele tinha conseguido enganá-la.

— O quanto algo como isso valeria no mercado negro? — Eu pergunto.

— O verdadeiro? — Bob pergunta. — Depende se você realmente acredita que ele possa te proteger da morte. Como uma pedra com valor histórico, com certeza, é algo, mas o tipo de pessoa que compra pedras desse tipo que não quer algo que não pode mostrar. Mas se você acredita. Bem, qual é o preço de invulnerabilidade?

Barron fica com um brilho nos olhos que me diz que ele está considerando a questão a sério em vez de retórica, precificando a coisa em dólares e centavos.

— Milhões — ele diz finalmente.

Bob cutuca o peito de Barron com o dedo enluvado.

— Da próxima vez, antes de vir aqui agindo pesado, você começa a sua história em linha reta. Sou um homem de negócios. Eu não engano as famílias, eu não engano outros executores, e não engano meus amigos, não importa o que sua mãe tenha lhe dito. Agora, antes de ir, é melhor vocês comprarem algo de bom. Algo caro, você me entendeu? Caso contrário, eu vou dizer a uns amigos como vocês, meninos, foram rudes com Bob.

Nós saímos para o balcão. Bob tira um par de peças que estão na faixa de preço certo para a nossa transgressão. Barron escolhe um diamante em forma de coração, colocado em ouro branco por quase mil dólares. Eu consigo ser convincente e parecer quebrado, algo que não é difícil, uma vez que é verdade, e estou autorizado a comprar um pingente de rubi muito mais barato.

— As meninas gostam de presentes — Bob nos diz enquanto ele nos permite sair da loja, ajustando seus óculos. — Você quer ser um cara charmoso como eu, você tem que dar um banho de presentes em sua garota. Cumprimentem sua mãe por mim, meninos. Ela parece boa nas notícias. Aquela mulher sempre soube como cuidar de si mesma!

Ele pisca, e eu estou pronto para socá-lo, mas Barron agarra meu braço. — Vamos lá. Eu não quero ter que comprar os brincos combinando.

Nós marchamos de volta para o carro. Nossa primeira missão juntos, e ela foi praticamente um fracasso. Eu descanso minha cabeça contra a lataria, enquanto Barron pega as chaves.

— Bem, isso foi... Interessante — ele diz, abrindo as portas com um clique. — Para um beco sem saída.

Eu entro, deslizando para o banco do passageiro com um gemido.

— Como diabos vamos encontrar esta coisa? A pedra se foi. Não tem nenhum jeito.

Ele acena com a cabeça.

— Talvez devêssemos tentar pensar se há algo mais que podemos dar a Zacharov?

— Isso sou eu, — eu digo. — Eu poderia...

O carro liga, e ele se afasta do meio-fio, desviando do tráfego como se ele desafiasse os outros carros num jogo de covardia.

— Não. Você já está hipotecado. Mas ei, talvez nós estejamos olhando para isso da maneira errada. Mamãe tem um bom apartamento para ficar e um senhor mais velho para lhe fazer companhia. Três refeições. Patton não pode chegar até ela. Do que exatamente estamos tentando salvá-la? Dado o que sabemos sobre sua história com Zacharov, ela pode até estar...

Eu apertei minha mão para afastar tudo o que ele está prestes a dizer em seguida.

— LA LA LA. Eu não posso ouvir você.

Ele ri.

— Eu só estou pensando que *talvez* ela *possa* estar melhor sem ser salva, mais segura, mais feliz, o que é excelente, porque, como você disse, as nossas chances de encontrar a pedra são praticamente zero.

Eu inclino a minha cabeça contra o assento, olhando para o teto solar escurecido da Ferrari.

— Só me deixe em Wallingford.

Ele pega o telefone e envia uma mensagem enquanto dirige, fazendo-o quase nos levar para a outra pista por acidente. Um momento depois o telefone vibra e ele olha para a tela.

— Sim, está bem. Isso é perfeito, então.

— O que você quer dizer?

— Encontro quente — ele diz, sorrindo. — Eu preciso que você se vá.

— Eu sabia, — eu digo. — Eu sabia que você não estava vestido para ir para Paterson comigo e conhecer Bob.

Barron leva suas mãos longe do volante para endireitar suas lapelas e para enfiar o seu telefone no bolso interno do paletó.

— Eu acho que Bob apreciou minha roupa. Ele me fez comprar o pingente mais caro. Você pode pensar que foi a minha desvantagem, mas eu aceito que o status tem um preço.

— Geralmente não tão imediatamente. Eu balancei minha cabeça. — É melhor não pressionar as mulheres agentes federais. Eles vão te prender.

Seu sorriso se alarga. — Eu gosto de algemas.

Eu dou um gemido.

— Há algo de muito errado com você.

— Nada que uma noite trabalhando com uma representante da justiça gostosa não possa consertar.

Eu estudo as nuvens através do teto solar. Eu acho que vejo uma na forma de uma bazuca.

— Ei, então você acha que o Papai mentiu para a Mamãe sobre o segundo diamante falso? Ou você acha que Mamãe mentiu para nós?

— Para você, — ele diz. — Ela nem tentou me dizer — o sorriso se curvou em sua boca.

— Sim. — suspiro. — De qualquer maneira, é um inferno de um beco sem saída.

Barron concorda. Ele aperta seu pé do acelerador mais forte, e muda de direção na pista rápida. Eu não protesto. Pelo menos ele tem algo de bom para correr de volta.

***

Barron me deixa em frente a Casa Forte. Eu deslizo para fora do carro e me alongo. Então eu bocejo lentamente. É apenas um pouco do anoitecer. O último raio de sol ainda está brilhando no horizonte, fazendo todos os edifícios parecem que estão pegando fogo.

— Obrigado pela carona. — eu digo.

— Ok, bem. — ele diz, sua voz cheia de impaciência. — Desculpe, mas você tem que sumir. Ligue-me quando você falar com a Mamãe, desde que não seja esta noite.

Eu sorrio e bato a porta do carro. — Divirta-se no seu encontro.

— Tchaaaau — ele diz e acena. Enquanto eu tomo o caminho em direção ao dormitório, eu olho para trás para o estacionamento. Eu continuo esperando o rastro dos faróis enquanto ele sai, mas a Ferrari ainda está lá. Ele só chegou para frente um pouco. Será que ele está mesmo esperando até eu chegar à porta do meu dormitório, como se eu fosse uma criança que não pode ser confiável para fazer isso em casa depois do anoitecer? Eu estou em algum perigo eu não sei? Eu não posso pensar em uma boa razão para ele se manter em marcha lenta perto do meio-fio, quando ele obviamente queria ir.

Eu entro no prédio, meu cérebro intrigado ainda reorganizando as peças do quebra-cabeça. Isso vai até eu chegar ao corredor, pescando a minha chave do dormitório no bolso de trás da minha calça jeans, antes de eu parar abruptamente.

Ele queria que eu sumisse.

Eu corro para a sala comum, ignorando o grito de protesto de Chaiyawat Terweil quando eu salto sobre os cabos de conexão de seu PlayStation para a televisão.

Então eu caio de joelhos na frente da janela. Espiando, meio escondido atrás de uma cortina empoeirada, eu vejo quando uma figura sai da sombra, caminha para onde Barron está esperando, e abre a porta do lado do passageiro.

Ela não está vestindo seu uniforme, mas eu a conheço mesmo assim.

Daneca.

Tranças com contas roxas na ponta, brilhando sob a luz da rua. Saltos muito mais altos do que qualquer coisa que eu já a vi usar, altos o suficiente para fazê-la oscilar quando ela se inclina. Não há nenhuma razão no mundo para que ela deva olhar para trás no campus de Wallingford como se estivesse com medo de alguém vê-la, não há razão para ela estar entrando no carro do meu irmão, não há razão para ela estar vestida assim, não há razão que faça sentido. Não há razão, a não ser uma.

O menino com quem ela está saindo é meu irmão.

Não há como eu contar ao Sam.

Ele está no nosso dormitório, ainda parecendo de ressaca, bebendo de uma lata de água de coco.

— Hey — ele diz, se virando na minha direção em sua cama. — Seu avô é um cara maluco, você sabia disso? Depois que acabamos com o pôquer, ele me mostrou uma porrada de fotos antigas. Eu achei que seriam fotos de você quando criança, mas não. Elas eram instantâneos antigos de garotas burlescas sem luvas. Daquela época.

Eu forcei um sorriso. Eu ainda estava pensando sobre Daneca e meu irmão, perguntando-me quantas vezes ela teria saído com Barron, perguntando-me por que ela saiu com ele pelo menos uma vez. Era difícil se concentrar.

— Você viu pornografia com o meu avô?

— Não era pornografia! Sua avó era uma das moças.

É claro que ela era.

— As roupas eram demais, — ele disse sonhadoramente. — Penas, mascaras e cenários que você nunca acreditaria. Tronos de lua

crescente e uma enorme rosa com pétalas que balançavam como portas.

— Você estava olhando para o *cenário*? — Agora estava rindo para valer.

— Eu não queria ficar encarando as mulheres. Eu não tinha certeza de quais eram suas parentes! E seu avô estava *bem ali*!

Eu dei mais algumas risadas. Minha mãe me disse sobre teatros na época, com assentos com cortinas nas varandas onde os executores poderiam conduzir os negócios enquanto o show provia uma legítima abertura. Então vieram os ataques. Agora ninguém mais se arrisca com esse tipo de armação.

— Imagine você num lugar como aquele. Você os incentivaria a fazer zumbis burlescos.

— Mercado inexperiente, — ele disse. Então bateu o dedo da sua luva contra o lado da sua cabeça. — sempre pensando. Esse sou eu.

Ele não parecia feliz, mas não aparentava estar detonado ou miserável, como do jeito que ficou a semana passada toda. Se ele ainda estava pensando sobre Daneca, pelo menos ela não era a única coisa que ele poderia pensar.

Mas se ele soubesse sobre Barron, se ele soubesse que meu irmão era o cara que ela estava saindo isso seria diferente.

Eu sei que se eu fosse ser uma pessoa melhor, isso incluiria ser menos mentiroso. Mas às vezes uma mentira omitida é o que você precisa até que o mundo comece a ser justo por si só.

Quando Lila achar outro alguém, eu espero que todos eles mintam para mim.

****

Eu acordei com o alarme do meu telefone vibrando contra minha cabeça. Bocejando, eu pisquei em direção a Sam. Ele ainda dormia, seu cobertor meio jogado no chão. Eu levantei silenciosamente, peguei algumas roupas e silenciosamente fui ao banheiro.

Eu programei meu alarme para me acordar silenciosamente, então eu poderia procurar Daneca antes do Sam acordar e perceber pequenas coisas como, por exemplo, eu gritando com sua ex-namorada.

Antes que Daneca tivesse chance de ver o meu irmão galanteador de novo. Antes que essa situação ficar ainda pior.

Eu tomei banho e me barbeei tão rápido que eu cortei meu pescoço bem perto da mandíbula. Eu lavei o sangue, passando uma loção pós-barba que pinicava, e corri para a cafeteria.

Estou adiantado, o que é raro. Para celebrar eu peguei dois copos de café preto e uma torrada coberta com bacon crocante. Na hora que Daneca entrou, eu estava considerando um terceiro copo de café.

Seu cabelo estava puxado para trás por um elástico de sândalo, e meias marrons com zigue-zagues com sapatos Mary Jane de couro. Ela estava do jeito que sempre foi, o que de alguma forma me

surpreendeu. Minha ideia de quem ela era havia mudado completamente. Ela estava vendo o meu irmão secretamente por dias, talvez semanas. Todas aquelas coisas que ela disse, todas as questões que de repente ela tinha para mim, agora tudo faz sentido. Mas a resposta pende no eixo do meu mundo.

Eu esperei até ela entrar na fila e então a segui até a mesa.

— O que você quer? — ela me perguntou, colocando sua bandeja na mesa.

— Ele não é quem você pensa que ele é. — eu disse. — Barron. Qualquer coisa que ele te disse, não é verdade.

Surpresa a fez dar um passo para trás. Peguei-te. Então ela voltou a si, parecendo mais furiosa do que parecia estar antes. Nada deixa as pessoas mais bravas do que quando elas são pegas. Acredite, eu sei.

— Yeah, eu te vi ontem à noite — eu disse. — Você é horrível em se esgueirar.

— Só você pensou que eu me envergonharia por isso — ela devolveu.

Eu respirei fundo, tentando controlar minha raiva. Não era culpa dela ter sido enganada.

— Ok, olhe. Diga o que você quiser de mim. Pense o que você quiser sobre mim. Mas meu irmão é um mentiroso compulsivo. Ele não consegue evitar. Parte do tempo eu não acho que ele se lembra da história verdadeira, então ele preenche do jeito que ele acha que foi.

— Ele está tentando — Daneca disse. — Isto é mais do que eu posso dizer sobre você. Ele me disse o que você fez para Lila. Com o Philip. Com ele.

— Você tá me zoando? — eu perguntei a ela. — Ele te contou o que ele fez com a Lila?

— Fique longe de mim, Cassel.

Garotas estão dizendo muito isso para mim ultimamente. Eu estou começando a pensar que não sou tão charmoso como eu acreditava ser.

— Apenas me diga que ele não tirou as luvas, — eu disse. — Não, na verdade eu prefiro acreditar que você me disse que ele o fez. Porque não há jeito da Daneca que eu conheço se apaixonar pelo sorriso torto e o tagarelar do meu irmão.

— Ele me disse que você diria isso. Ele praticamente usou as mesmas palavras que você. E ele não estava mentindo, estava?

Eu suspirei. Meu irmão podia ser um cara muito esperto quando queria.

— Daneca, olhe. Há dois jeitos dele saber o que eu iria dizer. Um, ele me conhece realmente bem. E dois, ele sabe da verdade. A verdade verdadeira. Que é a que eu estou lhe dizendo...

— Você vai me dizer a verdade? Isso é uma piada. — Ela virou de costas para mim, pegou sua torrada e começou a andar para a porta.

— Daneca, — eu a chamei atrás dela.

Minha voz é alta o suficiente para que as pessoas olhem por cima de seu café da manhã. Eu vejo Sam na entrada para a cafeteria. Daneca passa por ele e continua andando. Ele olha para ela. Então ele me rodeia. Há tanta raiva em seu rosto que eu paro, congelado, até que ele gira sob seus calcanhares e vai embora.

Eu ligo para Barron antes que eu vá para aula de Estatística, mas cai na caixa postal. A classe é um borrão. Assim que eu saio pela porta, eu tento novamente.

Desta vez ele atende. A ligação é ruim, com muito chiado.

— Como está meu favorito e único vivo irmão? — ele pergunta.

— Fique longe dela, — minhas mãos tremem com a urgência de espancá-lo. Eu aposto qualquer coisa de que ela era a garota que ela estava conversando quando eu corria atrás do executor da morte. Eu aposto qualquer coisa que ele amou se afastar para conversar com Daneca bem na minha frente. Mandando mensagens para ela do carro. Implorando pelo seu encontro.

Ele riu. — Não seja tão dramático.

Eu lembrei o que ele disse há muito tempo quando eu o acusei de sair com Lila só porque ela era a irmã do Zacharov. Talvez eu esteja saindo com ela só para te irritar.

— Qualquer coisa que você esteja tramando... — eu disse, mantendo a minha voz calma. — Qualquer coisa que seja, não vai funcionar.

— Eu e ela... Isso te incomoda, não incomoda? Eu vi o jeito como entra em sua pele quando eu falei com ela, primeiro na angariação de

fundos do Zacharov, onde você matou o Anton, e então no funeral do Philip. Isto te incomodou, mas a fez corar. Acho que você jamais a apresentaria se a quisesse para você.

— Daneca é minha amiga. E isto é tudo. Eu não quero que ela se machuque. Eu não quero que você a machuque. E eu sei que é impossível para você sair com uma garota e não machucá-la, então eu quero que você a deixe em paz.

— Você só está tentando me convencer porque você já falhou em convencê-la. Bela tentativa Cassel, mas você está realmente apostando na minha desistência?

Sua voz era presunçosa.

O problema com celulares é que você não pode batê-lo no gancho quando você desliga. Sua única opção é jogá-lo, e se você o fizer, ele apenas deslizará pelo chão e quebrará a carcaça. Não há nenhuma satisfação nisso.

Eu fechei meus olhos e me abaixei para pegar os pedaços.

Há apenas uma pessoa que eu possa pensar com o poder de convencer Daneca para ficar longe de Barron. Lila.

***

Eu mando uma mensagem para Lila dizendo que a encontraria onde quer que ela queira, que eu precisava lhe dizer algo, que não era

sobre ela ou eu, que era importante. Ela não respondeu. Eu não a vejo nos corredores ou no refeitório.

Sam agarrou meu braço no minuto que eu entrei na cafeteria, e mesmo que ela estivesse lá, não havia muito o que eu poderia falar com ela. Ele tinha o cabelo lambido e olhava para mim como uma pessoa em que a sanidade estava por um fio.

— Por que você não me acordou? — ele falou num tom de falsa calma. — Você saiu de fininho. Você queria que eu não visse você com ela.

— Whoa. — Eu levantei ambas as minhas mãos em sinal de redenção. — Você grunhiu e abriu seus olhos. Eu achei que você já tinha acordado. — É uma mentira, mas felizmente uma mentira que se poderia acreditar.

Muitas vezes eu dizia algumas coisas, rolava e voltava imediatamente a dormir. É só que geralmente era Sam que chutava a cabeceira da minha cama antes dele sair.

Ele piscou algumas vezes, rápido, como se ele tivesse se contendo.

— O que você e Daneca discutiam hoje de manhã? — ele finalmente perguntou.

— Eu disse que ela estava sendo uma idiota, — eu disse a ele, carrancudo. — Que você não merecia o jeito que ela estava te tratando.

— É? — ele relaxou um pouco. Senti-me como o palhaço que eu sou. Ele queria acreditar em mim, posso lhe dizer. — Você tem certeza? Parecia pior. Ela parecia furiosa.

— Eu acho que talvez eu não tenha dito isso de uma maneira educada — eu disse. Ele suspirou e a fúria havia ido embora. — Você não deveria falar com ela desse jeito. Ela é sua amiga, também.

— Não mais, — eu disse, dando de ombros.

Então ele pareceu grato e eu me senti pior, porque eu soava como um amigo leal que estava declarando o quanto estava firmemente ao seu lado, quando, na verdade, era ela que fazia isso por mim.

— Cassel, — uma voz de garota disse logo atrás de nós. Eu virei para ver Mina Lange olhando para mim. Ela sorriu, mas ela pareceu cansada, o que me fez sentir de repente protetor. — Podemos falar sobre amanhã?

Sam olhou para ela, então de volta para mim. Então ele olhou para o céu, como se fosse a única possível explicação da minha sorte com mulheres.

Eu posso garantir que não era dali que ela vinha.

— Uh, — eu digo. — Claro. Eu tenho considerado algumas coisas, e... — eu estou improvisando, levando em consideração que eu honestamente não tinha pensando sobre o problema de Mina desde a última conversa. O fim de semana chegou e levou tudo embora com ele.

— Não aqui. — ela disse, me interrompendo.

Eu sacudi minha cabeça em direção à porta.

— Claro. Nós iremos à biblioteca. Não haverá muitas pessoas por lá e podemos achar um lugar sossegado nos fundos.

— O que está acontecendo? — Sam pergunta.

— Ah. — eu digo. — Sam, Mina. Mina, Sam.

— Nós temos aula de estudos de filmes juntos, — Sam diz. —Eu sei quem ela é.

— Eu estou apenas ajudando-a com algo. — Me ocorreu que essa era a oportunidade perfeita para distrair Sam de todas as coisas relacionadas com a Daneca. — Mas você poderia ir à biblioteca com a gente. Seja o Watson para o meu Sherlock, O Hawk para o meu Spenser, o Mouse para o meu Easy, o Bunter para o meu Wimsey.

Sam bufa. — O gordo Sancho Panza para o seu delirante Quixote. — Então ele olhou para Mina e seu pescoço ficou vermelho, como se ele tivesse se tocado que ele acabou de nos detonar.

— Eu realmente não acho... — Mina começou.

— Sam é completamente confiável, se não extremamente modesto — eu digo. — Qualquer coisa que você queira me dizer, você pode dizer para ele.

Ela direcionou mais uma vez um olhar suspeito para ele. — Okay. Mas acontecerá amanhã. Nós precisamos pegar a câmera de volta antes disso ou achar algum jeito de pagar eles ou...

— A biblioteca. — eu digo, lembrando-a.

— Okay. — Mina acena, parecendo aliviada.

Eu pego alguns pedaços de frutas da tigela perto do negócio de passar o cartão e cruzamos o quadrilátero juntos. Alguns estudantes estavam sentados nas mesas da biblioteca, estudando na hora do

almoço. Eu passei por isso direto para os fundos, pegando um lugar perto das pilhas marcadas SOCIEDADES SECRETAS, BENEVOLENTE, ETC. e me sentei no carpete.

Eu distribuo as maçãs e dou uma mordida na minha.

— Vamos começar revisando os fatos do caso mais uma vez. Isso manterá o Sam informado e nos ajudará a ver a coisa toda com olhos frescos.

Sam está parecendo meio aturdido, possivelmente porque eu estou falando como se nós realmente estamos bancando os detetives aqui.

Mina olha para Sam.

— Alguém está me chantageando. Eu supostamente devo pagar a pessoa cinco mil dólares. Que eu não tenho. E eu supostamente deveria entregar amanhã de manhã. — Então ela olhou de volta para mim. — Por favor, me diga que você sabe o que eu devo fazer, Cassel.

— O que eles têm contra vocês? — Sam pergunta. — Você colou numa prova ou algo desse tipo?

Mina hesita.

— Fotos — eu digo. — Do tipo safada.

Ela me manda um olhar magoado.

— Hey, — Sam diz. — Nada para se ter vergonha. Todos nós tiramos esse tipo de foto. Quero dizer, não eu pessoalmente, mas a avó do Cassel, você deveria ver...

— Tudo bem, — eu digo. — O negócio é, ela as tinha numa câmera. Então a câmera foi roubada. Mina, quanto mais eu penso a respeito, mais acho que alguém do seu corredor é que deva ter roubado. Uma das garotas. Talvez ela tenha ido pegar um chocolate quente, viu a câmera, e a pegou. Então uma semana depois ela começou a passar as imagens, achou as fotos de nudez e numa noite de risadas e comendo muita porcaria, ela e suas amigas sonharam com uma pegadinha engraçada.

— Você disse que me ajudaria. — Nesta hora quando ela olhou para mim, seus olhos estavam marejados. Ela não estava chorando exatamente, mas lágrimas se agarraram em seus cílios, fazendo-a parecer exuberante e terrivelmente vulnerável. Seu mistério me fez duvidar de mim mesmo.

— Eu estou tentando te ajudar — eu digo. — Honestamente, tudo se encaixa. Mas olhe, amanhã de manhã Sam e eu acordaremos cedo iremos até o campo de beisebol e observaremos. Não há jeito para quem é que esteja te armando isso não sentir vontade de ir até lá só para ver se você caiu nessa.

— Você a está chateando. — Sam diz.

Mina vira-se para ele. — Ele não acredita em mim.

Eu suspirei. Eu acho que ela está escondendo algo, mas desde que eu não saiba o que, não tem ajuda. Dizer-lhe que eu não acredito inteiramente nela também não ajudará em nada.

— Olhe, se o chantagista aparecer para pegar o dinheiro, nós saberemos quem ele é.

— Mas e quanto ao dinheiro? — Mina diz. — Eu não tenho.

— Apenas traga uma mala grande que pareça possível que você tenha o dinheiro.

Mina parece desconsolada olhando pela janela e tem a respiração trêmula.

— Tudo vai dar certo, — eu digo a ela, enrolando a minha luva de mão em volta de seu braço no que eu esperava ser um gesto simpático. Ela parecia cansada.

O sinal tocou, alto o suficiente para nos assustar. Mina pulou e arrumou sua saia. Quando ela sacudiu seu cabelo, ele se moveu como uma onda. Ele se moveu do jeito que os cabelos fazem em filmes.

Nenhum cabelo real se move como aquele. Eu dei outra olhada nela enquanto ela colocava uma mecha atrás da orelha. — Você parece bem legal, — ela disse a Sam. — Obrigada por tentar ajudar.

Não há pontas duplas, eu me dou conta. E enquanto sua franja dificulta a visão, a parte no topo da cabeça dela apresenta uma cor que é sutilmente diferente do resto de sua pele.

Sam assente, uma expressão grave. — Qualquer coisa que eu puder fazer.

— Nós resolveremos. — eu digo.

Ela me dá um daqueles quase sorrisos que algumas garotas parecem ser capazes de trazer a tona, do tipo que seus lábios treme e ela aparenta ser tão vulnerável que você se acha desesperado em dar um jeito disso se transformar num sorriso real. Seus cílios ainda estavam molhados pelas lágrimas que nunca caíram. Eu me perguntei

como seria limpar essas lágrimas com o meu polegar. Eu imaginei a maciez de sua bochecha contra minha pele desnuda. Então ela pega uma bolsa transpassada coberta de fotos de morangos antropomórficos cantantes e marcha para fora da biblioteca.

Sua peruca balançava atrás dela.

***

O resto do dia é um borrão de antecipados textos compostos que eu não dei atenção. Lila não estava na sala comum do seu prédio, e eu tive que prometer a Sharone Nagel uma cópia do meu trabalho de estatística para fazê-la entrar lá e verificar. O carro de Lila nem mesmo estava no estacionamento. Na hora que eu descobri que ela não estava presente na janta, eu praticamente estava arranhando a minha pele com o meu desejo de achá-la.

Daneca não apareceu para jantar também.

Sam pelo menos estava aqui, folheando um catálogo de máscaras, mal prestando atenção no monte de torta shepherd empilhada em seu prato, esfriando. — Então — ele diz — você vai me contar sobre o que é realmente esse lance com a Mina?

— Nada a declarar. Nós iremos salvar uma dama em perigo como os cavaleiros dos velhos tempos. Eu só queria saber exatamente de que perigo nós a estamos salvando. A coisa toda é suspeita.

— Você não acredita no que ela disse sobre as fotos? — ele pergunta, pausando numa página com o focinho de um lobisomem de

borracha que supostamente estaria sendo atacado por uma goma de espírito.

— Eu não sei. Tudo o que sei é que ela está mentindo sobre algo. Mas talvez não seja nada importante. Todos nós mentimos certo?

Isso o fez bufar. — Então qual é o plano, Senhor Estúpido?

— Basicamente o que eu disse. Nós descobriremos quem aparecer para chantagear Mina ou quem aparecer para rir de como ela é crédula.

Eu olho até onde Mina está sentada com seus amigos, brincando com uma mecha de sua peruca e bebendo soda diet. Mesmo tendo quase certeza de que seu cabelo não fosse real, eu contemplei aquilo. Parece real, melhor do que real, caindo ondulado sob suas costas, sedoso.

Ela estaria doente? Se sim, deve ter sido num tempo que ninguém em Wallingford se lembre de sua ausência na escola, mas não tanto tempo para seu cabelo estar crescendo novamente.

Ou eu acho que poderia ser outra coisa. Talvez ela apenas gostasse da conveniência de não se preocupar em se pentear de manhã.

Fiquei imaginando o que faria uma pessoa chantagear alguém como ela. Qualquer um podia dizer que sua família não era rica se olhasse bem. Seu relógio era ok, mas ela sempre o usava. A pulseira de couro é gasta. E seus sapatos são sapatilhas pretas. Bonitinhas, mas baratas. Não é como se ela pudesse comprar coisas legais.

Ela ainda tinha o celular do ano passado e um notebook de dois anos atrás coberto por cristais pink. Isso era mais do que as outras pessoas tem. E mais, ela frequenta Wallingford. É só que ela não seria a pessoa que eu escolheria para ser meu alvo se eu quisesse chantagear num raio de cinco metros. Tinha que ser uma pegadinha.

A não ser que o chantageador saiba algo que não sei.

****

Depois do jantar eu voltei para o estacionamento, mas o carro de Lila ainda não estava lá. Eu pensei que talvez ela e Daneca estivessem juntas, desde que nenhuma delas estava no jantar. Talvez Daneca ouviu o que eu disse sobre Barron, não importa o quanto ela tenha fingindo. Talvez ela até tenha começado a duvidar dele. Se ela corresse para Lila, então seria por isso que Lila não tenha me respondido. A casa de Daneca era perto; seria algo rápido para se fazer depois do jantar. Eu as imaginei na cozinha de Daneca, comendo pizza e falando sobre como são cretinos aqueles meninos Sharpe. Eu não ligo para o pensamento. É, de fato, um grande alívio comparado com todas as outras possibilidades. Eu tinha umas horas antes da checagem no meu quarto e nenhuma ideia melhor, então eu decidi dirigir até a casa de Daneca.

Eu sei o que você está pensando. Você acha que é irônico que Barron, que é errado sobre muitas coisas, está certo sobre eu ser um perseguidor.

Depois de estacionar na rua cheia de folhas na Princeton, eu andei a quadra, passei por imponentes casas de tijolos, cada uma com gramado bem cuidado, arbustos esculpidos e uma brilhante maçaneta. Cada jardim era decorado com decorações de outono, milho seco e cabaças ou plantas com abóboras empilhadas na forma de pirâmide, até mesmo espantalhos ocasionais.

Enquanto andava pelo caminho da casa dela, eu percebi que eu pensei errado. Nenhum dos carros estavam na passagem, e eu vim para cá por nada.

Virei-me e estava prestes a ir embora quando a porta da frente abriu e a luz da varanda se acendeu.

— Olá? — A mãe de Daneca chamou na escuridão. Ela levantou suas mãos enluvadas, cobrindo seus olhos. A luz da varanda fez a mesma coisa inútil que as luzes de varanda fazem, quase a cegando e me deixando nas sombras.

Eu me aproximei. — Sou eu, Senhora Wasserman. Cassel. Eu não pretendia te assustar.

— Cassel? — ela diz, ela ainda estava nervosa. Talvez mais nervosa. — Não era para você estar na escola?

— Eu estava procurando pela Daneca. Somos veteranos, então podemos sair do campus contanto que voltemos a tempo. Mas, sim, eu provavelmente deveria estar em Wallingford. Estou voltando agora. — Eu fiz um vago gesto na direção de onde estacionei.

Ela ficou calada por um momento. Então ela disse: — Eu acho que é melhor você entrar. — Eu andei pelo limiar de mármore

envelhecido e pisei no piso brilhante de madeira. Eu cheirei o que quer que eles tinham para o jantar, alguma coisa com molho de tomate e ouvi a televisão na sala de estar. O pai de Daneca e seu mais ou menos irmão, Chris, estão sentados no sofá, encarando a tela. Chris virou o olhar na minha direção quando passei, olhos brilhantes com luz refletida.

Senhora Wasserman acena para mim da cozinha e eu a sigo.

— Você quer alguma coisa para beber? — ela pergunta, andando até o fogão e enchendo a chaleira. Isto me lembrava desconfortavelmente de minha mãe na casa de Zacharov.

— Eu estou bem.

Ela apontou para a cadeira.

— Ao menos sente-se.

— Obrigado — eu digo, sentando desajeitadamente. — Olhe eu realmente sinto muito em lhe incomodar.

— Por que você achou que Daneca estaria aqui ao invés de Wallingford?

Eu balancei minha cabeça.

— Eu não sei onde ela está. Tudo o que eu quero é conversar com ela sobre seu namorado. Ela está saindo com meu irmão. Se você o conhece, deve entender o porquê eu...

— Eu o conheci, — senhora Wasserman diz. — Ele veio para jantar.

— Oh, — eu disse devagar, porque aposto que ele disse algo ruim o suficiente para explicar o desconforto que ela sentia com a minha presença. — Barron veio aqui? Para jantar. Aqui?

— Eu só quero que você se lembre, Cassel. Eu sei como as coisas podem ser difíceis para crianças filhas de trabalhadores. Para cada criança como Chris que ache uma casa a qual ele possa chamar de casa, há um monte de crianças que são jogadas na rua, levadas pelos crimes familiares e vendidas aos ricos — forçadas a continuar indo e vindo para que outras pessoas possam encher seus bolsos, ou eles são forçados a virar criminosos por si só. E deve ser ainda pior você crescer acreditando que tem que fazer esse tipo de coisa. Eu não sei o que você fez ou o que o seu irmão fez, mas...

— O que você acha que nós fizemos?

Ela olhou para a minha cara, como se procurasse por algo. Finalmente ela disse:

— Eu não sei. Daneca ligou hoje aqui cedinho. Ela disse que você não aprovava que ela estivesse saindo com seu irmão. Eu sei que você está preocupado com Daneca. Você é o amigo de quarto de Sam, e eu entendo que você queira protegê-la. Talvez você queira proteger os dois. Mas se você espera ser perdoado pelo que fez, então você deve perceber que seu irmão também merece uma segunda chance.

— O que você acha que eu fiz? O que ele te disse que eu fiz?

— Isto não importa, — ela disse. — Está no passado. Eu tenho certeza que você quer que continue ali.

Eu abri minha boca e a fechei novamente. Porque eu queria me defender, mas é verdade que eu fiz coisas ruins. Coisas que eu quero que fiquem no passado. Mas também quero saber o que ele falou a ela, porque eu duvido que ele tenha contado para ela a história toda.

O problema com pessoas como a senhora Wasserman é exatamente esse. Ela é gentil. Ela é boa. Ela quer ajudar pessoas, até pessoas que ela não devia.

Como Barron. Como eu. É fácil tirar vantagem de seu otimismo, na sua fé de como o mundo deveria funcionar.

Eu deveria saber. Eu já o fiz.

Quando olhei para o rosto da senhora Wasserman, eu soube que ela nasceu marcada por esse particular otimismo.

Se você é uma pessoa doida que precisa de reuniões clandestinas, então, assim como no setor imobiliário, o que importa mais é a localização, localização, localização.

Você quer controlar a situação, então é melhor que você controle o terreno. Sem surpresas. Sem prédios, sem árvores, sem cantos escuros onde seus inimigos possam se esconder. Você quer apenas aqueles cantos escondidos que serão ocupados pelo seu pessoal. Mas o local não pode ser *tão* aberto que um transeunte possa ter uma visão clara. Reuniões clandestinas têm que permanecer clandestinas.

O campo de beisebol não é uma escolha terrível. Bem longe dos prédios. Uma área verde próxima que é o único lugar para se esconder, e não é tão perto. O horário é bom também. Seis da manhã é muito cedo para a maioria dos estudantes estarem acordados, mas não há regras contra. Mina não terá que sair de fininho. E há tempo suficiente para uma troca de bens antes das aulas começarem. O chantagista pode conseguir o dinheiro, demorar o tempo necessário para guardá-lo, e ainda chegar a tempo para o café da manhã.

Por outro lado, seis da manhã parece muito cedo para garotas que querem passar trote estarem em qualquer lugar a não ser suas camas. Eu imagino que elas devam ainda estar de pijama, se inclinando nas suas janelas em seus dormitórios, zombando, para quando Mina voltar do campo de beisebol depois de ninguém aparecer para a reunião. Se eu estou certo, é isso que vai acontecer. A negociação real começa, porque eu ainda tenho que de alguma forma convencê-las a desistir da câmera e seu conteúdo. É aí que descobriremos o que realmente está acontecendo.

***

O alarme do Sam dispara como uma sirene às quatro da manhã, uma hora que eu espero que nunca mais ver novamente. Eu jogo o meu telefone no chão tentando desliga-lo, antes que eu percebo que o som está vindo de uma parte totalmente diferente do quarto.

— Levanta, — eu digo, e jogo um travesseiro na direção dele.

— O seu plano é uma merda — Sam resmunga enquanto ele se lança para fora da cama e segue para os chuveiros.

— Sim. — eu digo suavemente para mim mesmo. — Diga-me alguma coisa que não é uma merda nesse momento.

É muito cedo para ter café. Eu encaro estupidamente a cafeteira vazia na sala comum, enquanto Sam pega um pote de café instantâneo.

— Não, — eu aviso ele.

Ele pega uma colher cheia, despreocupadamente, enfia em sua boca. O barulho é horrível. Então seus olhos se arregalam.

— Seco, — ele fala grasna. — Língua... Encolhendo.

Eu balanço a cabeça, pegando o pote. — É desidratado. Você tem que acrescentar água. Ainda bem que você é composto em grande parte por água.

Ele tenta dizer algo. Pó marrom empoeira sua camiseta.

— E, também. — eu digo a ele, — isso é descafeinado.

Ele corre para a pia para cuspir. Eu sorrio. Não há nada tão engraçado quanto à desgraça alheia.

Quando nós chegamos do lado de fora, eu me sinto um pouco mais acordado. É tão cedo que a névoa grossa da manhã ainda está acomodada em cima da grama. Orvalho se cristalizou nos ramos nus das árvores e nas pilhas de folhas caídas, deixando-as pálidas por causa da geada.

Nós caminhamos pelo campo de beisebol, a umidade molhando nossos sapatos. Ninguém está lá ainda, o que é o objetivo. Você nunca quer ser a última pessoa a chegar a um encontro clandestino.

— E agora o quê? — Sam pergunta para mim.

Eu aponto na direção da mata. Não é o ideal, mas será próximo o bastante para ver se alguém aparece, e depois de correr atrás de um executor da morte, eu estou confiante que eu consigo correr atrás de um estudante se eu realmente for obrigado.

O chão está congelado. A grama faz um barulho quando sentamos. Levanto-me para verificar de alguns ângulos até eu ter certeza que nós estamos bem escondidos.

Mina chega certa de quinze minutos depois, exatamente no momento em que eu acho que o Sam está prestes a se incomodar até a morte. Ela segurando um saco de papel nervosamente.

— Hum, olá? — ela chama da beira das árvores.

— Aqui, — eu digo. — Não se preocupe. Apenas vá para o meio do campo... Para a direita, perto da primeira base... E certifique-se de virar para que nós possamos te ver.

— Ok. — Mina diz, sua voz trêmula. — Sinto muito por ter te arrastado nisso, mas...

— Não agora. Apenas vá ficar de pé lá e espere.

Sam deixa sair um suspiro sofrido enquanto ela se afasta.

— Ela está *assustada*.

— Eu sei, — eu digo. — Eu apenas não sabia como... Nós não temos tempo para isso.

— Você deve ser o pior namorado do mundo, — Sam sussurra.

— Provavelmente, — eu digo, e ele ri.

Esperar é difícil. É chato, e quanto mais entediado você fica, mais você quer fechar seus olhos e tirar um cochilo. Ou pegar seu telefone e jogar um jogo nele. Ou conversar. Seus músculos ficam duros. Sua pele fica com aquela sensação de formigamento que o seu pé está adormecendo. Talvez ninguém esteja vindo.

Talvez você fora avistado. Talvez você tenha feito um de milhões de outros erros de cálculos. Tudo que você quer é uma desculpa para deixar o seu posto e pegar uma xícara de café e tirar um cochilo na sua própria cama. O tempo se arrasta, como a passagem de uma formiga ao longo de suas costas.

Passar por isso uma vez torna mais fácil acreditar que isso possa ser superado novamente. Sam se mexe desconfortavelmente. Mina está pálida e angustiada, andando de um lado pro outro. Eu alterno entre assistir seu rosto por algum sinal de que o chantagista chegou, e planejando o que eu vou dizer para a Lila.

Daneca não vai acreditar em mim. Por favor, só diga a ela o que o Barron fez.

O mais longe que eu chego é nisso, e minha mente para. Eu não consigo imaginar o que ela diz em resposta. Eu não consigo imaginar a expressão em seu rosto. Eu continuo pensando em como ela não olhava para mim depois que eu contei a ela que eu a amava. A maneira como ela não acreditou em mim. E então me lembro da boca dela na minha e a maneira que olhou para mim quando nós estávamos deitados nesta mesma grama que eu estou olhando agora, exceto que a grama estava morna e ela estava morna e ela disse o meu nome como nada mais no mundo importava.

Eu pressiono as pontas dos meus dedos enluvados contra os meus olhos, para forçar as imagens para longe.

Sam se mexe ao meu lado, e eu afasto as minhas mãos lentamente. A postura de Mina se endurece, e ela está olhando para o outro lado da grama para alguém que nós não conseguimos ver direito.

Adrenalina inunda minhas veias, fazendo o meu coração bater forte. O risco nesse momento é nós ficarmos muito ansiosos. Nós precisamos esperar até que o chantagista tenha suas costas para nós, e então nós precisamos nos mover o mais silenciosamente possível.

Mina vira um pouco quando a figura se aproxima dela. Ela faz exatamente o que eu disse a ela, com exceção de um olhar em nossa direção. Nossos olhares se encontram, e eu tento silenciosamente comunicar que ela precisa *nunca olhar aqui novamente.*

Então a figura se torna visível.

Eu não sei exatamente o que eu estava esperando, mas não era um calouro, alto e esguio e tão cheio de tiques que eu relaxo ao vê-lo. Talvez ele tenha encontrado a câmera e decidiu ganhar um pouco de dinheiro rápido. Talvez ele ache chantagem é o equivalente no colegial a empurrar uma garota que você gosta em uma poça de lama. Eu não sei. Eu só sei que ele está bem fora de seu lugar aqui.

Parecia cruel pular nele, então ao invés disso eu fiz o truque mais idiota do mundo. Certificando-me que as costas dele estavam pra mim, eu enfiei a mão no bolso da minha jaqueta, estiquei meu indicador e o dedo do meio para formar uma arma igual como crianças fazem.

Eu cruzei a grama rapidamente, rápido o bastante que quando ele me ouvisse chegar, eu estaria bem perto.

— Parado, — eu digo para ele.

É cômico, o som que o garoto faz quando ele me vê. Um grito tão estridente, que eu não consigo ouvir metade dele. Até a Mina parece agitada.

Sam anda até ele, até que ele esteja pairando acima do calouro.

— Esse é Alex DeCarlo — ele diz, olhando para baixo. — Nós estamos no clube de xadrez juntos. O que ele está fazendo aqui?

Eu ergo a minha falsa arma de bolso.

— Sim. O que exatamente você quer com cinco mil?

— Não — Alex diz, seu rosto ficando vermelho vivo com a miséria. — Eu não queria... — Ele olha para Mina e respira nervosamente. — Eu não sei sobre os cinco mil dólares. Eu apenas deveria trazer o envelope que, hum, ele me deu. O amigo da Mina, e eu nunca...

Mentindo, mentindo. Todo mundo está *mentindo*. Eu posso ouvir na voz deles. Eu percebo pelas suas expressões que não combinam direito com suas palavras, em uma dúzia de tiques.

Bem, eu posso mentir também.

— Se você não me contar a verdade, *eu vou explodir o seu cérebro*.

— Sinto muito, — ele guincha. — Sinto muito. Mina, você não disse que ele teria uma arma. — O garoto parece que está prestes a vomitar em seus próprios sapatos.

— *Alex,* — ela diz bruscamente, como um aviso.

Sam dá um passo para se aproximar mais dela.

— Ei, vai ficar tudo...

Alex dá uma respiração trêmula.

— Ela disse que tudo que eu tinha que fazer era vir aqui e contar essa história, mas eu não quero morrer. Por favor, não atire. Eu não vou contar para ninguém...

— Mina? — Eu digo incredulamente. Soltando o pretexto de uma arma, eu tiro a mão do meu bolso e pego o envelope da mão do Alex. — Deixe-me ver isso.

— Ei! — Alex diz. E então, enquanto eu começo a abrir o pacote, ele diz. — Espera. Isso não foi real? Você não tem uma arma?

— Ah, ele tem uma arma sim — Sam diz.

— Não! — Mina diz. Ela estica a mão para pegar o pacote de mim. — Por favor.

Eu dou a ela um olhar obscuro. Há fotos impressas dentro do envelope, não negativos ou um cartão SIM ou uma câmera desaparecida.

Mas é tarde demais. Eu já estou olhando.

Há três fotos, Mina está de perfil em todas as fotos, sua peruca longa preta se derramando por cima dos ombros. Ela não está nua. Na verdade, ela está usando o uniforme de Wallingford. A única coisa nua sobre ela é sua mão direita.

Seus dedos nus tocam a clavícula do homem ao lado dela, o Reitor Wharton. Sua camisa branca está aberta no pescoço. Seus olhos estão fechados, talvez por medo ou por prazer.

Eu deixo as fotos caírem. Elas se espalham no chão como folhas mortas.

— Você está estragando tudo — Mina diz, sua voz quase feral. — Eu fiz isso para você acreditar em mim. Eu tinha que te convencer.

Sam se abaixa e pega uma das fotos. Ele a encara, provavelmente, como eu, tentando entender o seu significado.

Eu reviro meus olhos.

— Deixe-me entender isso direito. Você mentiu para nós para que nós acreditássemos em você?

— Se você soubesse o que estava acontecendo desde o começo, se você soubesse que um reitor estava envolvido, você não teria concordado em me ajudar. — Mina olha para mim, depois para o Sam e então para o Alex, como se ela estivesse tentando descobrir qual de nós poderia ser vulnerável aos seus pedidos. Seus olhos estão enchendo de lágrimas.

— Eu acho que nunca saberemos, — eu digo a ela.

— Por favor, — ela diz. — Você pode ver porque eu não queria... Você pode ver porque eu estava com medo.

— Eu não tenho ideia, — eu digo. — Você mentiu tanto que eu não tenho uma maldita ideia do porque você está com medo.

— *Por favor,* — ela diz tragicamente. Apesar de que uma parte de mim realmente se sente mal por ela. Eu estive onde ela está, tentando manipular as pessoas porque eu estava com muito medo de fazer qualquer outra coisa. Muito convencido de que eles nunca me ajudariam se eu não os enganasse para me ajudar.

— Mentirosos não ganham o benefício da confiança duas vezes — eu digo a ela, tentando manter minha voz firme.

Ela cobre o rosto com uma mão enluvada.

— Você me odeia agora, eu aposto. Você me odeia.

— Não, — eu digo, cedendo com um suspiro. — Claro que não. Apenas, desta vez, vamos contar a história toda, ok?

Ela assente rapidamente, limpando suas lágrimas.

— Eu prometo. Eu contarei tudo.

— Você pode começar com o seu cabelo, — eu digo.

Ela o toca autoconsciente, dedos enluvados passando pela massa negra. — O quê?

Eu me inclino para frente e puxo uma mecha. Toda a linha do seu cabelo desliza para o lado, e ela engasga, suas mãos voando para tentar corrigi-lo.

Alex engasga também.

— Isso é uma peruca? — Sam diz, sem realmente perguntar, mas de uma forma quando você ainda não conseguiu processar alguma coisa ainda.

Ela tropeça para longe de mim, seu rosto vermelho.

— Eu pedi sua ajuda. Tudo o que eu queria era sua ajuda! — Sua voz está áspera e gutural. Ela soluça, de repente, e desta vez eu tenho certeza que sua reação é inteiramente real. Seu nariz começa a escorrer. — Eu só queria...

Ela vira e corre de volta para os dormitórios.

— Mina! — eu a chamo, mas ela não vira.

****

Sam sugere que nós deveríamos sair do campus para tomar café da manhã, ao invés de ficar de pé no octógono do campo de beisebol, congelando nossas bundas discutindo que informação nós tiramos do Alex depois que Mina correu. É um pouco depois das seis da manhã, e nós temos até as oito antes das nossas aulas começarem. Eu poderia comer umas panquecas.

Eu entro no lado do passageiro do carro fúnebre do Alex. Eu me inclino contra o apoio para cabeça e fecho meus olhos. É apenas por um momento, mas quando eu me dou conta o Sam está me sacudindo para eu acordar. Nós estamos estacionados na parte de trás da Lanchonete Bluebird.

— Levanta, — Sam diz. — Ninguém dorme no meu carro a menos que eles já estejam mortos.

Eu bocejo e me atrapalho para sair.

— Desculpa.

Eu me pergunto se essa manhã foi algum tipo de treinamento útil para ser um agente federal. Depois que eu me formar em Wallingford na primavera e me matricular no programa oficial de treinamento com a Yulikova, eu vou aprender como pegar chantagistas de verdade. Chantagistas que não são como Alex DeCarlo e não

acreditam que eu esteja segurando uma arma de verdade quando eu empurro dois dedos contra o bolso da minha jaqueta.

Chantagistas que realmente estejam chantageando alguém.

Nós entramos. Uma garçonete que deve ter pelo menos uns setenta anos, suas bochechas maquiadas como uma boneca, faz a gente sentar e nos passa os cardápios. Sam pede para nós uma rodada de café.

— Os refis são de graça, — a garçonete nos diz com uma careta, como se ela estivesse esperando que nós não fôssemos os tipo de pessoas que pedem refis infinitos. Eu já estou bem certo que nós somos exatamente como essas pessoas.

Com um suspiro Sam abre o seu menu e começa a pedir comida.

Alguns minutos depois eu estou bebendo a minha terceira xícara de café e cutucando uma pilha de panquecas. Sam espalha requeijão em metade da rosquinha e coloca em cima salmão e alcaparras.

— Eu deveria ter percebido aquela peruca — ele diz, apontando a faca sem ponta na direção de seu peito. — Eu sou o cara dos efeitos especiais. Eu deveria ter notado.

Eu balanço a cabeça.

— Nem. Eu nem sei como eu notei. E, além disso, eu não tenho ideia do que significa. Por que meninas usam perucas, Sam?

Ele dá de ombros e termina outra xícara de café.

— Minha avó as usa para manter a cabeça quente. Acha que é isso?

Eu sorrio. — Talvez. Quem sabe, né? Quer dizer, você acha que conseguiríamos descobrir se ela estivesse sendo tratado por causa de uma doença séria. Ela teria perdido aula.

— O cabelo não cai por causa de estresse? Talvez todo esse negócio de mentir tenha realmente afetado a Mina. Ela não é a profissional que você é.

Eu dou um sorrisinho.

— Ou algumas vezes as pessoas tem uma doença que fazem elas arrancarem todo o seu cabelo. Eu vi em uma reality show de madrugada. Eles comem seus folículos também. E eles podem obter essa bola de cabelo gigante mortal que é chamado de bezoar.

— Tricotilomania — ele diz, claramente presunçosamente orgulhoso de si mesmo por tirar essa palavra de algum lugar. Então ele pausa. — Ou poderia ser o golpe de retorno.

Eu assinto, reconhecendo seu ponto. Eu acho que nós dois estamos pensando nisso.

— Você quer dizer que estas fotos são da Mina executando o Reitor Wharton? Eu acho isso também.

A primeira pergunta é, quem as tirou? E então a outra pergunta é, por que dá-las para nós? E a terceira pergunta é, se ela está executando ele, o que ela está *fazendo* com ele?

— 'Por que dá-las para nós?' Mas ela não deu. Você as pegou das mãos do Alex, — Sam diz, erguendo sua xícara, indicando para a garçonete que nós precisamos de outra rodada de refil. — De jeito nenhum ela queria que nós víssemos as fotos.

— Não. Ela queria sim, — eu digo. — Ou por que mandar o Alex com elas? E por que tirá-las em primeiro lugar? Eu acho que ela ficou chateada porque nós vimos as fotos antes de escutar o que ela queria que nós escutássemos.

— Espera. Você acha que ela tirou as fotos, sozinha? Então *não* há chantagista? — Sam está me encarando como se estivesse esperando que eu dissesse para ele que Mina é um robô do futuro que veio acabar com o nosso mundo.

— Eu acho que ela é a chantagista, — eu digo.

Depois que a Mina foi embora, nós conseguimos que Alex explicasse a história que ele supostamente deveria contar. Mina disse para ele dizer que o chantagista era o Dr. Stewart e que o Stewart queria cinco mil ou ele iria arruinar a carreira do Wharton e a reputação da Mina. O Dr. Stewart estava mandando o seu recado através do Alex para a Mina arrumar o dinheiro e trazê-lo para ele. Ou senão.

Eu tive aula com o Stewart ano passado. Ele era durão. O tipo de professor que parecia realizado quando você ia mal em uma prova. Eu sempre imaginei que ele fosse um cara que amava regras... e que pensava que se você não seguisse as regras, então você merecia o que te acontecia.

Não era exatamente o tipo criminoso.

Há vários problemas com a história, além de seu improvável vilão. Um, envolver o Alex é apenas estúpido. Se o Stewart fosse realmente tentar cobrir seus rastros ao usar a Mina como amortecedor

entre sua identidade e o Wharton, então de maneira nenhuma ele seria burro o bastante para recrutar um estudante com nada a perder ao contar para alguém.

— Eu não entendo. — Sam diz.

— Nem eu. — eu digo. — Não realmente. Ela é uma bolsista?

Ele dá de ombros. — Pode ser.

— Nós precisamos saber se ela está fazendo algo com o Wharton ou para o Wharton. Se ele está pagando ela, ou se ela está obrigando-o... Eu não sei... A fazer algo que a beneficia?

— Ele está pagando-a — Sam diz. — Porque se ele não estivesse pagando, então ela não iria querer um documento do que está acontecendo, certo? Ela não nos deixaria ver as fotos. Não as daria para o Alex. Não iria prejudicar o plano. Se você está certo sobre essa parte, então o Wharton está contratando Mina.

Eu pego uma das fotos e a coloco no centro da mesa. Sam move a xícara e os pratos para que haja espaço.

Nós encaramos os dedos nus da Mina e a maneira como a cabeça do Wharton está virada de lado, como se ele estivesse envergonhado do que ele está fazendo. Nós encaramos a composição... as figuras não centralizadas, como se talvez as fotos foram tiradas sem ninguém para enquadrá-las. Há maneiras de fazer isso, até mesmo com um celular. Ele pode ser programado para tirar fotos a cada dois minutos. A única parte difícil para Mina seria se certificar que o Wharton estivesse de pé no lugar certo.

— Você gosta dela? — Sam pergunta.

Eu olho para ele afiadamente.

— O quê?

— Nada. Executora de sorte, talvez. Ela poderia ser uma executora de sorte. Ele pode ter algum problema com jogatina — Sam diz.

— Ou ela pode ser uma executora física como o Philip, apesar de que o cabelo dele não ter caído. — Eu tento não pensar sobre o que o Sam me perguntou, mas agora eu não consigo evitar e me perguntar se ele está interessado na Mina. Há algo sobre uma dama em apuros... Todos querem salvá-la. E não há nada como ter levado um pé na bunda para fazer qualquer um ansioso por um estepe.

— Talvez ela seja uma executora física curando a *calvície* do Wharton — Sam diz, e nós rimos. — Mas sério, o que você acha? O que Mina está tentando fazer?

Eu dou de ombros.

— Eu acho que ela quer dinheiro, né? Então ela deve achar que nós iríamos conseguir ajudá-la com isso? Talvez ela pensasse que nós acharíamos alguma maneira de forçar o Stewart por causa disso ou ajudá-la a chantagear o Wharton e culpar o Stewart.

A garçonete coloca a conta no final da mesa e retira nossos pratos. Nós paramos a conversa até que ela vá embora.

Eu me pergunto onde Lila está agora.

— Mas por que Mina precisa de cinco mil? — Sam pergunta, fuçando em sua carteira com uma mão e alcançando sua xícara cheia

novamente com a outra. Eu arrasto minha atenção de volta para o presente.

— É dinheiro. Pode ser para qualquer coisa... Talvez só para ter. Mas se Wharton está pagando ela para ser executado, então eu acho que é possível que os pagamentos estejam chegando ao fim. Todos os malandros sonham com a grande jogada.

— A grande jogada? — Sam sorri, provocando.

— Claro, — eu digo. — Aquela com a qual você pode viver para sempre. A lendária. Aquela na qual o seu nome se torna sinônimo. Eu admito que cinco mil *não* seja tanta coisa, mas é bastante para o colegial. E se ela acha que não vai conseguir tirar dinheiro dele tão regularmente mais, talvez não haja razão para não tentar.

Eu jogo dez pratas na mesa. Ele faz o mesmo, e nós deslizamos para fora da cabine.

— Não há razão exceto ser pego — Sam diz.

Eu concordo.

— É por isso que a grande jogada é um mito. Um conto de fadas. Porque ninguém se demite depois de um trabalho bem sucedido. Eles ficam estúpidos e convencidos e acham que são invulneráveis. Eles se convencem a fazer apenas mais um, apenas pela última vez. E então outra vez depois disso, porque se um trabalho não dá certo, então você quer fazer outro para tirar aquele gosto da falha da sua boca. E se tudo der certo, você irá fazer outro para perseguir essa sensação.

— Até mesmo você? — Sam pergunta.

Eu olhei para ele, surpreso.

— Não eu, — eu disse. — Eu já estou enrolado com os Federais.

— Meu avô me levou para pescar umas duas vezes, — Sam disse enquanto ele destrancava o carro. — Eu não era muito bom. Eu sempre tive problemas em puxá-los. Talvez seja algo assim.

****

Ao invés de ir para aula, eu segui para o dormitório da Lila. Eu tinha alguma ideia do que eu vou falar com ela sobre a Daneca, mas tudo se tornou tão confuso enquanto um desejo puro e louco para ver Lila que não fazia o menor sentido.

Eu pensei que estava ficando melhor nisso. Eu pensei que eu estava começando a me conformar com estar apaixonado por uma garota que me despreza, mas eu não acho que estou conformado com isso nem um pouco. Em algum lugar ao longo do tempo eu fiz um negócio obscuro com o universo sem realmente estar ciente disso... Um negócio que se eu tivesse permissão para vê-la, mesmo se nós nunca nos falássemos, então eu podia viver com isso. E agora uma semana sem ela me fez engolir todo meu pensamento racional.

Eu me senti como um viciado, desesperado pela minha próxima dose, e sem ter certeza que eu fosse consegui-la.

Talvez ela esteja tomando café da manhã em seu quarto, eu digo a mim mesmo. Esse é um pensamento racional, normal. Eu posso apenas encontrá-la antes dela sair. Eu não vou deixar que ela veja o quanto isso importa.

Eu corro pelas escadas até a Casa Gilbert, passando por duas calouras, que dão risadinhas.

— Você não deveria estar aqui — uma diz, repreendendo de maneira brincalhona. — Este aqui é o dormitório das meninas.

Eu pauso e ofereço a ela o meu melhor sorriso, meu sorriso cúmplice. Aquele que eu pratico na frente do espelho. Aquele que supostamente promete todos os tipos de prazeres maléficos.

— Ainda bem que eu tenho você para me cobrir.

Ela sorri em resposta, suas bochechas ficando rosa.

No topo dos degraus eu pego a porta para o corredor da Lila quando Jill Pearson-White aparece nele. Ela está com sua mochila jogada por cima de um ombro e uma barrinha energética em sua boca. Ela mal presta atenção em mim, descendo dois degraus de cada vez.

Eu cruzo o corredor, rápido, porque se a supervisora do andar da Lila me ver, eu estou totalmente ferrado. Eu tento abrir a porta da Lila, mas está trancada. Eu não tenho tempo para tentar nada muito sofisticado. Eu puxo o cartão bancário da minha carteira e o deslizo pela junta. O truque funcionou na minha própria porta antes, e se eu estou com sorte, porque funciona agora.

Eu espero que Lila esteja sentada em sua cama, talvez dando nó no seu cadarço. Ou vestindo um par de luvas. Ou imprimindo um trabalho no último minuto possível. Mas ela não está.

Por um momento eu acho que estou no quarto errado.

Não há pôsteres nas paredes. Não há estante de livros, sem baú, ou penteadeiras ou uma chaleira elétrica ilícita. A cama foi despida até o colchão, e não há mais nada lá.

Ela se foi.

A porta se fecha atrás de mim enquanto eu cruzo o quarto vazio. Tudo parece ficar mais lento, as beiradas um pouco difusas. O horror disso, a perda dela, me atinge nas entranhas. Se foi. Se foi e não há nada que eu possa fazer a respeito disso.

Meus olhos são atraídos para a janela, onde a luz está entrando, formando uma sombra estranha. Lá no peitoril, descansando sobre um dos painéis de vidro, está um único envelope.

Meu nome está escrito com a letra dela. Eu me pergunto há quanto tempo aquilo está lá. Eu a imagino empacotando todas as suas coisas em caixas e carregando pelas escadas, Zacharov ajudando-a, como todos os pais fazem. Com dois capangas, armas enfiadas na cintura, ajudando-o.

O pensamento deveria me fazer sorrir, mas não faz.

Eu afundo no chão, o papel grudado no peito. Eu descanso a minha cabeça na madeira. Algum lugar distante eu ouço uma campainha tocar.

Eu não tenho razão para levantar, então eu não levanto.

10

Quando eu finalmente abro a carta, me faz sorrir, apesar de tudo. E por alguma razão, isso ainda torna mais terrível que ela se foi.

4/ 8\6/5/3\ 9/6/8| 4/ 9\2\7// 6|6/ 4\6/6/3\ 2\8\ 7//2/4|6/6/5/ — 9\3|5/5/ 4/6\ 6|6/8\ 4\6/6/3\ 2\8\ 7//2\9/4/6|4\ 4\6/6/3\2|9/3| 3|4/8\4|3|7/ — 4/ 2\5/9\2\9/7// 5|6|3|9\ 9\4|2\8\ 4/ 9\2\7// 4\6/4/6|4\ 8\6/ 2|3| 9\4|3|6| 4/ 4\7/3|9\ 8|7\ — 4/ 2\5/9\2\9/7// 5|6|3|9\ 9\4|6/7//3| 7//4|6/3|7// 4/ 4|2\3\ 8\6/ 3/4/5/5/ — 2\6|3\ 4/ 6|3|8/3|7/ 7//2\4/3\ 4/8\ 2|8|8\ 4/ 3|6|8/4/3|3\ 9/6/8| 3/6/7/ 6|6/8\ 4|2\8/4/6|4\ 3|8/3|7/9/8\4|4/6|4\ 2\5/5/ 7\5/2\6|6|3|3\ 6/8|8\ — 4/ 5|6|6/9\ 4/8\ 9\2\7//6|8\ 2\5/9\2\9/7// 3|2\7//9/ — 7\3|6/7\5/3| 3\4/3\6|8\ 8\7/3|2\8\ 9/6/8| 5/4/5|3| 9/6/8| 9\3|7/3| 4/6\7\6/7/8\2\6|8\ 2|8|8\ 9/6/8| 9\3|7/3| 3/7/3|3|

9/6/8| 7//8\4/5/5/ 2/2\6| 2|3| 2|8|8\ 9/6/8|7/3| 4\6/4/6|4\ 8\6/ 4|2\8/3| 8\6/ 8\7/9/ 4|2\7/3\3|7/ 4/3/ 9/6/8| 9\2\6|8\ 8\6/ 7//8\2\9/ 8\4|2\8\ 9\2\9/

—5/4/5/2\

É um código. Um que eu reconheço imediatamente, porque Lila e eu costumávamos deixar bilhetes um para o outro quando nós éramos crianças. Esse é simples. Ninguém com um segredo de verdade ou qualquer conhecimento em criptografia iria saber isso. Você apenas pega um telefone e copia o número que vai com cada letra. Como *L* se tornaria '5' e *A* se tornaria '2'. Mas já que há mais do que uma letra para cada número no teclado, o código tem um segundo símbolo. Uma barra ou uma linha reta que indica a posição da letra no botão do telefone, tipo assim: \|/. Então o código final para *L* é '5/' porque *L* está para o lado direito do botão. E *A* é '2\' porque o *A* está no lado esquerdo. E se é algum daqueles números com quatro letras, então você acrescenta uma barra extra, para que o '9/' seja *Y* e '9//' seja *Z* e assim por diante. Demora a traduzir, mas é fácil, especialmente se há um telefone na sua frente.

A existência da carta... Que ela sabia que eu iria vir aqui e lê-la, que ela se lembrou do nosso antigo código e acreditou que eu me lembrava dele também... Fez a minha garganta doer. Ninguém realmente me vê do jeito que eu sou, por baixo de tudo. Mas ela via. Ela vê.

Eu estico o papel no chão, encontro o recibo da lanchonete e uma caneta extra, e começo a traduzir:

Eu te falei que eu não era boa com esse negócio de escola. Bem, eu não sou boa em dizer adeus também. Eu sempre soube o que eu iria ser quando crescer. Eu sempre soube os sapatos de quem eu teria que preencher. E eu nunca disse isso, mas eu te invejava por não ter tido tudo planejado. Eu sei que não foi sempre fácil. As pessoas não te tratavam como se você fosse importante, mas você era livre.

Você ainda pode ser, mas você terá que se esforçar mais se você quiser permanecer dessa forma.

— Lila

Estou traçando meus dedos sobre o papel codificado, pensando sobre o quanto isso deve ter demorado para ela escrever, imaginando ela deitada na cama, fazendo marca após trabalhosa marca, quando o meu telefone toca.

Eu me atrapalho para responder, assustado, repentinamente lembrando que eu não deveria estar no andar das meninas... E que se alguém ouvir um som, eles irão investigar. Os estudante que realmente dormem aqui estão todos na aula.

— Alô? — eu digo, mantendo minha voz baixa.

— Cassel? — É a Yulikova. — É você?

Eu levanto e cruzo o quarto, apoiando meu braço na porta do guarda-roupa.

— Sim, estou aqui. Desculpa.

— A operação está seguindo em frente. Nós iremos te pegar na próxima quarta-feira, ok? Eu preciso que você não conte para ninguém, mas parece que você ficará fora por alguns dias. Você precisará de uma história. Um membro da família no hospital, algo assim. E faça a mala.

— Alguns dias? Quando o evento vai realmente acontecer...

— Sinto muito. Eu não estou autorizada a te dizer isso, apesar de obviamente eu querer.

— Pelo menos você pode me dizer qual é o plano?

Yulikova ri.

— Nós iremos, Cassel. Claro. Nós queremos você o mais envolvido possível. Mas não no telefone.

Obviamente. Claro.

A linguagem de alguém que está tentando bastante me convencer. Tentando demais.

— Ok, — eu digo. — Então na próxima semana?

— Nós queremos que você esteja seguro, então, por favor, só aja normal. Passe um tempo com seus amigos e planeje como você irá ir embora por um tempo sem ninguém notar. Comece a preparar o terreno para quaisquer desculpas que você pense que possa funcionar melhor. E se você precisar que nós arrumemos algo...

— Não, — eu digo — eu consigo.

Eles não confiam em mim. Ela precisa de mim, mas ela não confia em mim. Não completamente. Não o bastante. Eu me pergunto se o Jones disse algo para ela, mas eu acho que não importa.

Eu consigo, mas não tenho que gostar.

****

Eu passo pelas minhas aulas da tarde e tento não pensar sobre as aulas da manhã que eu perdi. Sobre o quão perto eu estou de ser expulso de Wallingford. Sobre como isso pouco me importa. Eu tento não pensar na Lila.

No meu treino de corrida eu corro em círculos.

****

Assim que eu consegui arrumar uma desculpa, eu mudei para roupas normais e segui para o meu carro, pulando o jantar. Eu me senti estranhamente distante, minhas mãos enluvadas girando o volante. Há uma espécie de esperança negra no meu coração... o tipo que eu não quero examinar muito cuidadosamente. É frágil. Só de olhá-la de frente poderia matá-la.

Eu dirijo até o apartamento da Lila. Eu nem me incomodo em tentar entrar no terreno com seus portões fechados e travas

codificadas. Eu encontro um espaço a umas duas quadras, esperando que eu não seja guinchado, e ando até o prédio.

No balcão, um homem grisalho está sentado em frente a vários monitores pede a minha identificação. Depois de eu entregar a minha carteira de motorista, ele chama o apartamento dos Zacharov. Ele pega um fone de ouvido cinza surrado, espera alguns instantes, e então pronuncia o meu nome errado nele.

Eu ouço estática e uma voz do outro lado, tão distorcida que eu não a reconheço. O cara da recepção acena uma vez, e então tira o fone de ouvido e me entrega novamente a carteira.

— Pode subir, — ele diz com um leve sotaque do leste europeu.

O elevador é tão brilhante quanto eu me lembrava.

Quando as portas se abrem, Zacharov está lá, caminhando, vestido com calça social e uma camisa branca abotoada pela metade, encarando a televisão.

— Eu vou arrancar a cabeça dele, — ele grita. — Com as minhas próprias mãos.

— Sr. Zacharov, — eu digo. Minha voz ecoa. — Desculpa... Eu... O porteiro me disse que eu podia subir.

Ele se vira. — Você sabe o que aquele idiota fez agora?

— O quê? — eu pergunto, sem ter certeza de quem estamos falando.

— Olha, — ele aponta para a televisão.

Patton está cumprimentando um homem grisalho que eu não conheço. Eu olho para a tela, e embaixo da imagem estão as palavras 'Patton Propõe uma Parceria para Testar os Empregados do Governo no Encontro com o Governador Grant'.

— Esse é o governador de Nova Iorque. Você sabe quanto dinheiro eu doei para a sua campanha de reeleição? E agora ele está agindo como se aquele lunático tivesse algo relevante para dizer.

Não se preocupe com o Patton. Ele irá sumir logo. É isso que eu quero dizer, mas eu não posso.

— Talvez Grant esteja apenas o agradando.

Zacharov vira na minha direção, parecendo estar realmente ciente de mim pela primeira vez. Ele pisca.

— Você está procurando sua mãe? Ela está descansando.

— Eu estava querendo falar com Lila.

Ele franze a testa para mim por um longo momento, em seguida aponta na direção da escadaria que leva a um arco arredondado no segundo andar. Eu não sei se ele se lembra de que eu não sei o meu caminho de volta ou se ele apenas não se importa.

Eu corro pelos degraus.

Quando estou no meio do caminho, Zacharov chama: — Eu ouvi que aquele irmão inútil seu está trabalhando para os Federais. Isso não é verdade, é?

Eu me viro, mantendo o meu rosto cuidadosamente em branco, um pouco confuso. Meu coração está batendo tão rápido que o meu peito dói.

— Não, — eu digo, e forço uma risada. — O Barron não se dá bem com autoridade.

— Quem se dá, certo? — Zacharov pergunta, e ri também. — Diga a ele para manter o nariz dele limpo. Eu odiaria ter que quebrar o pescoço dele.

Eu me inclino contra o corrimão. — Você me prometeu...

— Algumas traições nem mesmo eu posso aceitar, Cassel. Ele não estaria apenas dando as costas para mim. Ele estaria dando as costas para você e sua mãe. Ele estaria colocando vocês em perigo. E a Lila.

Eu concordo entorpecido, mas meu coração está pulando, como uma pedra na superfície de um lago um pouco antes dela afundar. Se ele soubesse o que eu havia feito, se ele soubesse sobre a Yulikova e o Divisão Licenciada da Minoridade, ele iria me dar um tiro logo que ele me visse.

Ele iria me matar seis vezes. Mas ele não sabe.

Pelo menos eu não acho que ele saiba. Sua expressão, o leve levantar de um canto de sua boca, não me diz nada.

Eu continuo minha caminhada pelos degraus, cada passo é mais pesado do que o último.

Há um corredor.

— Lila? — eu chamo baixinho enquanto eu passo diversas portas lustrosas de madeira com acabamento em metal pesado nas dobradiças e maçanetas.

Eu abro uma porta aleatória e vejo um quarto, um vazio. Está muito arrumado para ser qualquer coisa a não ser um quarto de hóspedes, o que significa que eles têm quartos o suficiente para receber minha mãe em um e pelo menos outro de sobra. O lugar é ainda maior do que eu imaginava.

Eu bato na próxima. Ninguém responde, mas quase no final outra porta abre. Lila entra no corredor.

— Aquele é um armário de linho, — ela diz. — Há uma máquina de lavar e uma secadora lá.

— Eu aposto que você não precisa do troco exato para usá-los — eu digo, pensando nos dormitórios.

Ela sorri, inclinando-se contra o batente da porta, parecendo como se tivesse acabada de sair do banho. Ela está com uma blusinha branca e jeans skinny preto. Seus pés estão descalços, seus dedos do pé estão pintados de prata. Algumas mechas de seu pálido cabelo molhado estão grudadas na sua bochecha; mais algumas estão presas em seu pescoço onde sua cicatriz está.

— Você recebeu a minha carta — ela diz, se aproximando. Sua voz é suave. — Ou talvez...

Eu toco o bolso da minha jaqueta autoconsciente e ofereço a ela um sorriso torto.

— Demorei um pouco para traduzir.

Ela tira o cabelo do rosto.

— Você não deveria ter vindo. Eu coloquei tudo na carta, para que nós não tivéssemos que... — Ela para de falar, como se o resto da sentença tivesse fugido dela. Apesar das palavras, ela não soa brava. Ela dá outro passo na minha direção. Nós estamos próximos o bastante que se ela me sussurrasse eu teria ouvido.

Eu olho para ela, e eu penso em como eu me senti quando eu a vi no meu quarto na antiga casa, antes de eu saber que ela havia sido executada, quando tudo ainda parecia possível. Eu vejo o contorno suave de sua boca, e a clareza límpida de seus olhos, e eu me lembro de sonhar com esses contornos quando ainda parecia que ela podia ser minha.

Ela foi a paixão épica da minha infância. Ela foi a tragédia que me fez olhar dentro de mim e ver o meu coração corrupto. Ela era o meu pecado e a minha salvação, voltou da sepultura para me mudar para sempre. De novo. Naquela época, quando ela sentava na minha cama e dizia que me amava, eu a queria tanto como eu nunca quis alguma coisa antes.

Mas isso foi antes de nós fazermos as nossas trapaças e rirmos até enjoar e conversarmos na funerária de uma maneira que eu nunca conversei com ninguém e poderia nunca mais falar com alguém novamente. Isso foi antes dela parar de ser uma memória e começar a ser a única pessoa que fazia me sentir eu mesmo. Isso foi antes de ela me odiar.

Eu a queria naquela época. Agora eu quase não quero nada mais.

Eu flutuo na direção da Lila, esperando ela se afastar, mas ela não se afasta. Minhas mãos levantam, dedos enluvados fechando em torno dos seus antebraços, esmagando-a em mim enquanto minha boca pega a dela. Estou preparado para que ela me pare, mas o corpo dela se encaixa contra o meu ao invés disso. Seus lábios são quentes e macios, abrindo em um único suspiro.

Isso é tudo que eu preciso.

Eu a empurro contra a parede, beijando-a de uma maneira que eu nunca havia me permitido. Eu quero engolir ela inteira. Eu quero que ela sinta o meu arrependimento do deslizar da minha boca e sentir o gosto da minha devoção na minha língua. Ela faz um som que é um meio gemido e um meio arquejo e me puxa ainda mais próximo dela. Seus olhos fecham, e tudo são dentes, respiração e pele.

— Nós temos que... — ela diz contra a minha boca, sua voz parecendo sair de longe. — Nós temos que parar. Nós temos que...

Eu cambaleio para trás.

O corredor parece muito claro. Lila ainda está inclinada contra a parede, uma mão contra o gesso, como se estivesse segurando-a. Seus lábios estão vermelhos, seu rosto ruborizado. Ela está me olhando com olhos arregalados.

Eu me sinto bêbado. Eu estou respirando com tanta força que eu sinto como se estivesse correndo.

— Você provavelmente deveria ir — ela diz instável.

Eu concordo, apesar de que ir embora é a ultima coisa que eu quero.

— Mas eu tenho que falar contigo. É sobre a Daneca. Foi por isso que eu vim. Eu não quis...

Ela me dá um olhar nervoso.

— Ok. Fale.

— Ela saiu com o meu irmão. Ela está *saindo* com ele, eu acho.

— Barron? — Ela se afasta da parede, e caminha pelo carpete.

— Lembra quando eu pensei que *você* tinha contado pra ela sobre eu ser um executor de transformação? Bem, isso foi ele. Eu não sei exatamente o que ele contou para ela, mas ele misturou o bastante de verdade com mentiras que eu não consigo convencê-la a ficar longe dele. Eu não consigo convencê-la de nada.

— Isso não é possível. Ele não é o tipo de garoto que ela gostaria. Daneca é muito inteligente para isso.

— Você saiu com ele, — eu disse antes de pensar melhor a respeito.

Ela me deu um olhar escaldante.

— Eu nunca disse que era muito inteligente. — O tom dela deixa claro que se ela fosse inteligente, ela nunca teria estado pressionada contra uma parede com a minha língua em sua boca. — E eu era uma criança.

— Por favor, — eu digo — só fale com ela.

Lila suspira.

— Eu vou. Claro que eu vou. Não por sua causa também. Daneca merece o melhor.

— Ela deveria ter ficado com Sam.

— Todos queremos coisas que não são boas para nós. — Ela balança a cabeça. — Ou coisas que não parecem ser o que são.

— Eu não. — eu digo.

Ela ri.

— Se você está dizendo.

No final do corredor uma porta se abre, e nós dois pulamos. Um homem de calça jeans e uma camiseta emerge, um estetoscópio no pescoço. Ele começa a tirar as luvas de plástico enquanto ele caminha em nossa direção.

— Ela está indo bem, — ele diz. — Descanso é realmente a melhor coisa para ela agora, mas em uma semana eu gostaria de testar a mobilidade daquele braço. Ela vai ter que movê-lo logo que ela for capaz de fazê-lo sem dor.

Lila olha para mim, os olhos ligeiramente arregalados. Como se ela estivesse tentando avaliar a minha reação. Como se houvesse algo para eu estar reagindo sobre.

Eu me arrisco.

— A sua paciente é minha mãe, — eu digo.

— Ah... Eu não sabia. Você pode vê-la agora, claro — ele alcança algo no bolso e tira um cartão. Ele sorri, revelando uma boca cheia de dentes tortos. — Ligue-me se você tiver perguntas. Ou se a Shandra tiver. Ferimentos de tiro podem ser complicados, mas esse foi limpo. Passou direto.

Eu pego o cartão e o enfio no bolso enquanto eu começo a caminhar pelo corredor. Eu estou andando rápido o bastante tanto que Lila tem que correr para me alcançar.

— Cassel, — ela chama, mas eu nem diminuo a velocidade.

Eu abro a porta. É um quarto de hóspedes normal, como o outro. Uma cama grande com dossel, mas esta tem a minha mãe deitada nela, apoiada e assistindo televisão que está em um dos armários. Ela está com uma bandagem em torno do braço. Seu rosto está pálido sem sua maquiagem de sempre. Seu cabelo está uma bagunça de cachos. Eu nunca a vi dessa maneira. Ela parece velha e frágil, nada como a minha indomável mãe.

— Eu vou matá-lo. — eu digo. — Eu vou matar o Zacharov.

O choque distorce suas características. — Cassel? — ela diz, medo em sua voz.

— Nós estamos saindo daqui, — eu contorno a cama até o lado dela, pronto para ajudá-la a levantar. Meus olhos procuram o quarto em busca de uma arma, qualquer arma. Há uma cruz pesada de bronze sobre a cama. Parece primitivo, com as laterais irregulares.

— Não, — ela diz. — Você não entende. Acalme-se, querido.

— Você está brincando, certo?

A porta se abre e a Lila se encontra lá de pé, parecendo quase com medo. Ela passa por mim e oferece a minha mãe um olhar feio.

— Sinto muito, — ela diz, se virando novamente para mim. — Eu teria te contado, mas sua mãe nos fez prometer que não. E ela está

bem. Se ela não estivesse bem, eu teria te contado. Não importa o quê. De verdade, Cassel.

Eu olho entre eles. É difícil até imaginá-las no mesmo cômodo, juntas. Talvez fosse a Lila que atirou nela.

— Venha aqui, querido, — minha mãe diz. — Sente-se na cama.

Eu faço isso. Lila fica próxima à parede.

— O Ivan tem sido muito bom comigo. Domingo passado ele disse que eu podia ir à igreja, contanto que eu fosse com alguém do pessoal dele. Isso não foi legal?

— Você levou um tiro numa *igreja*? — Eu me pergunto que religião em particular ela está clamando pertencer, mas eu mantenho essa pergunta para mim.

— No caminho de volta. Se você fosse pelo querido Lars, já era. O carro parou e eu nem tinha visto, mas ele viu. Eu acho que é o que ele faz, como um guarda-costas e tal. Ele me empurrou e eu caí, o que me deixou brava quando estava acontecendo, mas ele salvou minha vida. A primeira bala me atingiu no ombro, mas o resto não acertou e o carro saiu cantando pneu. — Ela soa como se ela estivesse narrando um roteiro de um particularmente excitante episódio de uma novela, sem me contar sobre o que realmente aconteceu com ela.

— Você acha que eles estavam mirando em você? Como em, você especificamente? Não era algum inimigo do... — Eu olho para Lila. — Você não acha que foi um mal-entendido?

— Eles tinham placas do governo — minha mãe diz. — Eu não notei, mas você pode apostar que Lars sim. Instintos incríveis.

Placas do governo. Patton. Não é de se imaginar porque o Zacharov estava lívido.

— Por que você não me contou logo de cara? Ou pro Barron? Qualquer um de nós. Ou pro vovô, pelo amor de deus. Mãe, você se machucou.

Ela inclina a cabeça e sorri para a Lila.

— Você poderia nos dar alguns minutos sozinhos?

— Sim. — Lila diz. — Claro. — Ela sai pela porta, fechando-a atrás dela.

Mamãe estica a mão e puxa o meu rosto para perto dela. Ela não está usando luvas, e suas unhas afundam na pele da minha garganta.

— Que diabos vocês garotos estão armando? Brincando com agentes federais? — ela sussurra, baixo e cruel.

Eu me afasto, meu pescoço ardendo.

— Eu te criei melhor que isso, — ela diz. — Mais esperto. Você sabe o que eles farão contigo se descobrirem o que você é? Eles te usarão para machucar outros executores. Eles te usarão. Contra o seu avô. Contra todos que você ama. E Barron... Aquele garoto acha que pode sair de qualquer coisa, mas se você enfiou ele nisso, ele está com mais do que ele pode aguentar. O governo nos colocou em campos. E eles farão de novo se eles descobrirem uma maneira legal para fazer isso.

Eu sou deixado com um eco desconfortável das palavras da Lila sobre Daneca ser muito inteligente para se envolver com o Barron. Eu acho que todos nós somos inteligentes sobre coisas e burros sobre

outras. Mas o governo federal não é apenas algum namorado ruim. Se mamãe soubesse o que eles esperavam que eu fizesse, eu acho que ela teria uma opinião diferente deles. Se qualquer coisa, olhando para ela, pálida e furiosa em sua pilha de cobertas, eu estou mais comprometido do que nunca a me livrar do Patton.

— Barron pode se cuidar sozinho.

— Você não está negando, — ela diz.

— O que há de errado em querer alguma coisa boa na minha vida?

Ela ri. — Você não reconheceria boa nem se te mordesse na bunda.

Eu olho para a porta. — A Lila... Ela sabe?

— Ninguém *sabe* — mamãe diz. — Eles suspeitam. É por isso que eu não queria que você soubesse do meu pequeno acidente. Eu não queria que você viesse aqui... Você ou o seu irmão. Não é seguro. Há um garoto que te descreveu e falou que te conectou a alguns agentes.

— Ótimo, — eu digo. — Eu vou agora. Estou feliz que você esteja bem. Ah, e eu fui na joalheria. Era um beco sem saída, mas eu descobri uma coisa. O pai fez duas falsificações. E falando nisso, realmente teria ajudado se você tivesse mencionado que foi ele que se encontrou com o Bob.

— *Duas*? Mas porque ele... — Ela para de falar como se a resposta óbvia aparece. Ela foi enganada pelo seu próprio marido. — Phill nunca faria isso. Nunca. O seu pai não era ganancioso. Ele nem

mesmo queria vender a pedra. Ele apenas a queria como garantia, no caso de nós precisarmos de dinheiro. O nosso fundo de aposentadoria era assim que ele chamava.

Eu dou de ombros.

— Talvez ele estivesse puto sobre o seu caso. Talvez ele não achasse que você merecesse coisas boas.

Ela ri de novo, desta vez sem qualquer malícia. Por um momento ela parece ela mesma.

— Você já ouviu falar do esquema 'querido', Cassel? Você acha que o seu pai não sabia?

O esquema 'querido' tem sido o ganha-pão da mamãe desde que o pai morreu. Encontre um cara rico. Amaldiçoe-o para que ele se apaixone por ela. Pegue o dinheiro dele. Ela até mesmo foi para a cadeia por um dos seus esquemas menos sucedidos, apesar de que a condenação foi anulada em recurso. Mas eu nunca pensei que ela tinha feito algo parecido quando o papai estava vivo.

Eu a encaro, minha boca aberta.

— Então o papai sabia sobre você e o Zacharov?

Ela bufa.

— Você realmente é um puritano, Cassel. Claro que ele sabia. E nós conseguimos a pedra, não é?

— Ok — eu digo, tentando empurrar para longe todos os pensamentos sobre o que ela fez. — Então, o que ele *faria* com ela?

— Eu não sei, — seu olhar deslizar para longe de mim enquanto ela observa os sulcos da parede de gesso. — Eu acho que a pessoa tem direito a alguns segredos.

Eu dou a ela um longo olhar.

— Apenas não muitos, — ela diz, e sorri. — Agora venha e dê um beijo na sua mãe.

***

Lila está no corredor quando eu saio. Ela está inclinada contra a parede, próxima de uma pintura modernista que provavelmente custa mais do que todas as coisas na casa da minha mãe. Os braços da Lila estão cruzados no peito.

Eu pego o meu telefone e faço um show de digitar as informações do médico do cartão que ele me deu. Era apenas um número sem nome nele, então eu o chamo de Dr. Doutor.

— Eu deveria ter te contado — ela diz finalmente.

— Sim, você deveria ter me contado — eu digo. — Mas minha mãe pode ser bem convincente. E ela fez você prometer.

— Algumas promessas não valem a pena manter. — Sua voz fica baixa. — Eu acho que foi estúpido pensar que eu poderia apenas sair e ficar fora da sua vida. Nós estamos embolados juntos, não estamos?

— Você não está *sentenciada* a mim — eu digo tenso. — Essa coisa com a minha mãe será resolvida, você falará com a Daneca, e então... — Eu faço um gesto vago com a minha mão.

Então eu vou estar fora da vida dela, mais ou menos.

Ela ri abruptamente.

— Deve ter sido essa a sensação... Eu te seguindo para todos os lugares, implorando por atenção, obcecada contigo... Como se você estivesse sentenciado a mim. Eu até mesmo estraguei aquele negócio intermitente que você tinha com a Audrey, não é?

— Eu acho que eu estraguei esse aí sozinho.

Lila faz uma careta. Eu posso notar que ela não acredita em mim.

— Então *por quê*, Cassel? Por que me dizer que você me ama, e então fazer a Daneca me executar para que eu não sentisse nada por você, então para você me dizer que me ama tudo de novo? Por que vir aqui e me beijar contra a parede? Você gosta de bagunçar com a minha cabeça?

— Eu... Não! — Eu começo a dizer mais, dar a ela alguma explicação, mas ela continua.

— Você costumava ser o meu melhor amigo no mundo e, então, de repente, você era a razão para eu ser um animal enjaulado e você agindo como se nem se importasse. Eu sei que eles pegaram suas memórias, mas eu não sabia na época. Eu te odiava. Eu queria você morto. Então foi você que me libertou da minha prisão, e antes que eu pudesse digerir tudo isso, eu fui forçada a estar desesperadamente

apaixonada por você. E agora, quando eu te vejo, eu sinto tudo, todas aquelas coisas, de uma vez. Eu não posso me permitir sentir isso. Talvez você estivesse certo. Talvez eu teria ficado melhor sem sentir nada.

Eu não sei o que dizer. — Sinto muito — é tudo que eu consigo.

— Não, não esteja. Eu não quero dizer isso, — Lila sussurra. — Eu queria desejar isso, mas eu não desejo. Eu apenas estou um pouco confusa agora.

— Você não está, — eu digo.

Ela ri. — Não me engane.

Eu quero alcançá-la, mas seus braços cruzados me mantém longe. Eu caminho em direção as escadas ao invés disso. No topo eu olho de volta pra ela.

— Não importa o que aconteça, não importa o que mais eu sinto, não importa o que você acredita, eu espero que você acredite que eu sempre serei seu amigo.

Um lado da boca dela se levanta.

— Eu quero acreditar.

Enquanto eu desço, eu vejo Zacharov em pé próximo à lareira falando com um garoto. Eu reconheço suas tranças, puxadas para trás de sua cabeça como chifres, e o brilho do ouro de seus dentes. Ele olha para mim com os olhos escuros insondáveis e levanta uma sobrancelha perfeitamente esculpida.

Eu congelo.

Hoje ele está vestido de forma diferente do capuz e jeans que eu o vi quando eu o persegui pelas ruas do Queens. Ele está com um casaco de motoqueiro roxo sobre jeans, e está com fones cônicos em seus ouvidos. Ele está usando delineador de olho. Gage. Esse é o nome que ele me deu.

Zacharov deve ter visto o olhar que passa entre nós.

— Vocês dois se conhecem?

— Não, — eu digo rapidamente.

Eu espero que o Gage me contradiga, mas ele não o faz.

— Não, eu não acho que seja ele — ele me circula, erguendo uma mão enluvada ao meu queixo, inclinando meu rosto na direção dele. Ele é um pouco mais baixo que eu. Eu me afasto, me livrando de sua mão.

Ele ri.

— Difícil acreditar que eu esqueceria um rosto daqueles.

— Conte para o Cassel a história que você me contou, — Zacharov diz. — Cassel, sente-se.

Eu hesito, olhando em direção ao elevador. Se eu correr, eu acho que consigo chegar, mas quem sabe quanto tempo levará para as portas abrirem. E mesmo se eu chegar no andar térreo, eu provavelmente nunca sairia do prédio.

— *Sente-se,* — Zacharov diz. — Eu pedi para o Gage vir porque quanto mais eu penso sobre o seu irmão trabalhando para os Federais, mas eu tenho certeza de que se é verdade, você tentaria cobrir tudo.

Especialmente já que eu ameacei a vida dele. Eu retiro isso. Mas depois que Philip era um rato no final das contas, eu acho que nós dois entendemos que nós temos muito a perder se o seu irmão começar a tagarelar.

Eu respiro fundo e afundo em um dos sofás. Chamas tremulam na lareira, enchendo a sala enorme de estranhas sombras inconstantes. Eu posso sentir as minhas mãos começarem a suar.

Lila olha sobre a borda do corrimão.

— Pai? O que está acontecendo? — Suas palavras ecoam pelo grande cômodo, quicando no teto de madeira e no chão de pedra.

— Gage deu uma passada, — Zacharov diz. — Eu entendo que ele passou por algumas complicações no outro dia.

Gage olhou para ela e sorri. Eu me pergunto há quanto tempo eles se conhecem.

— Eu fiz aquele trabalho que você queria. Foi rápido. Ele estava no primeiro lugar que eu procurei.

O rosto de Lila está sombreado. Eu não consigo ler sua expressão.

— Charlie West não te deu trabalho? — Zacharov pergunta.

Lila começa a descer as escadas.

Gage estala a língua, fazendo um som de desprezo.

— Eu não dei a chance dele dar trabalho.

Lila caminha pelo mármore preto e branco. Seus pés descalços quase não fazem som enquanto ela caminha pelo chão.

— O Cassel deveria estar ouvindo isso?

Eu percebo que uma vez eu pensei nela como parte de uma classe de pessoas com mágica. Eu sabia que havia pessoas normais e havia os executores, e executores eram melhores que pessoas normais. Era isso que todos em Carney acreditavam, ou pelo menos era o que me falavam. Quando eu era garoto, o primo da Lila, o melhor amigo do meu próprio irmão, nem queria que eu ficasse perto dela, porque ele pensou que eu não era um executor.

Mas entre os executores há diferentes papéis. Lila está herdando a posição do Zacharov, onde você emite as ordens, mas não tem que realizá-las de verdade. Ela não segura a arma, ela apenas dá as ordens.

— Deixe Gage contar a história dele — Zacharov diz. — Nós confiamos no Cassel, não é?

Ela vira a cabeça na minha direção. O fogo ilumina a curva de sua mandíbula, a ponta de seu queixo.

— Claro que confiamos.

Zacharov já me perguntou uma vez se eu me importaria em aceitar ordens de sua filha. Naquela época, eu disse que não. Agora eu me pergunto como realmente seria. Eu me pergunto se eu iria me ressentir.

Gage dá um pigarro.

— Depois que o peguei, algum psicopata samaritano me persegue pelas ruas e quase quebra o meu braço. — Ele ri. — O cara

pega um pedaço de pau e derruba minha arma da minha mão. Se eu fosse alguns segundos mais rápido, ele teria levado um tiro.

Eu me concentro em não reagir. Eu tento manter uma expressão vagamente interessada em meu rosto.

— Você o descreveu como parecendo bastante com Cassel, não é? — Zacharov pergunta.

Gage assente, seu olhar em mim. Ele está rindo com os olhos.

— Claro. Cabelo preto, pele bronzeada, alto. Bonitinho. Roubou minha arma.

Zacharov vai até onde Lila está de pé e coloca suas mãos enluvadas nos ombros dela.

— Poderia ter sido o irmão dele? Eles são bem parecidos.

— Barron não é bom samaritano — eu digo.

Gage balança a cabeça.

— Sem uma foto eu não tenho certeza, mas eu acho que não.

Zacharov assente.

— Diga a ele o resto.

— Eu tenho que subir uma cerca para fugir — Gage diz. — Três quadras depois eu sou agarrado por caras de ternos pretos. Eles me empurram para dentro de um carro, e eu acho que estou acabado, mas eles me dizem que se eu contar a eles o que aconteceu, eles não irão investigar o assassinato.

— E você contou a eles? — Zacharov pergunta, apesar de que eu posso notar que ele já ouviu a história e sabe a resposta.

Lila se afasta de seu pai para se empoleirar na beirada do sofá.

— Bem, de primeira eu disse não para eles, eu não sou dedo-duro, mas parece que eles não se importavam de verdade sobre quem me contratou para fazer o serviço ou até mesmo o que eu fiz. Tudo o que eles queriam saber era sobre o samaritano psicótico. Eles me deixaram ir, apenas por contar a eles sobre algum cara que eu conversei por uns dois segundos. Eu disse que ele pegou minha arma.

Eu sinto uma sensação estranha de tontura. É quase como se eu estivesse caindo.

— Eles queriam saber se a gente se conhecia. Eles queriam saber se ele se identificou como um agente federal. Eu disse não a ambos. Então, quando eles me soltaram, eu vim até o Sr. Z, porque eu pensei que talvez ele fosse querer saber o que estava acontecendo.

— Isso não soa nada como meu irmão — eu disse, dando a eles o olhar mais firme que eu consegui fazer.

— Um homem nunca pode ser cuidadoso demais — diz Zacharov.

— Desculpa por eu não poder ser de mais ajuda — Gage diz. — Se você precisar de qualquer coisa, me fale.

— Eu tenho que ir — eu disse, levantando-me. — Isso é, se nós estivermos terminados aqui?

Zacharov assente.

Eu sigo em direção ao elevador. Meus sapatos fazem um ritmo acentuado sobre o piso de pedra. Eu ouço passos súbitos seguindo os meus.

— Espera — Gage diz. — Eu vou descer com você.

Eu olho para trás para ver Zacharov e Lila, do outro lado da sala, nos observando. Lila levanta a mão em um meio aceno.

Eu entro no elevador e fecho meus olhos enquanto as portas fecham.

— Você vai me matar? — eu pergunto no silêncio que se segue. — Eu odeio esperar.

— O quê? — Quando olho para ele, Gage está carrancudo. — Você é o psicopata que me atacou.

— Você é um *executor da morte.* Eu imaginei que você tinha mentido lá porque você queria algum tipo de vingança pessoal. — Eu suspiro. — Por que você fez isso? Por que não contar ao Zacharov que era eu?

— Não foi grande coisa. Você me deixou ir; eu pago minhas dívidas. — Ele possui características acentuadas, quase delicadas, mas ele tem músculos embaixo de seu casaco. Eu posso notar pelos seus ombros. — Tudo que eu quero é minha arma. É uma Beretta 1943. Uma herança de família. Pertencia à minha avó. Ela ganhou de um namorado italiano depois da guerra... E ela a deu para mim quando meus pais me chutaram para fora de casa. Eu dormi toda a viagem de ônibus de Nova Iorque com aquela coisa embaixo do que eu estava usando como travesseiro. Ela me manteve seguro.

Eu concordo.

— Eu vou pegar para você.

— Apenas dê a arma para a Lila e ela vai passar pra mim — ele diz. — Olha, seja o que for que aqueles agentes queiram de você, eu imagino que não seja da minha conta. Não soou para mim como se você fosse um deles, e Lila não iria me agradecer por te meter em problemas com o pai dela.

Eu faço uma careta. — O que você quer dizer?

— Você é o irmão mais novo dos Sharpe, certo? Cassel. A Lila tem falado de você desde sempre. — Ele sorri de forma avaliadora, levantando as duas sobrancelhas. — Eu não achei que você possivelmente poderia ser tudo isso, mas é o garoto diferente que consegue me chamar atenção.

Eu rio.

— Há quanto tempo você a conhece?

— Eu fiz um trabalho para o pai dela quando eu tinha treze anos. Eu acho que ela tinha cerca de doze anos na época. Nós nos dávamos como uma casa em chamas. Eu costumava ir ao quarto da mãe dela e experimentar as roupas dela e cantar na frente de seu grande espelho duplo. Nós iríamos começar uma banda chamada Skies Over Tokyo, mas nenhum de nós conseguia tocar um instrumento e nenhum de nós sabia cantar.

Eu demoro um momento para entender o que ele diz que ele matou alguém para o Zacharov quando ele era apenas uma criança. Estou chocado antes deu lembrar que eu estava fazendo a mesma coisa para o Anton.

Então eu percebo que vou fazer isso de novo, para a Yulikova desta vez. Yulikova, que sabe que já menti para ela uma vez.

Meu estômago afunda enquanto as portas do elevador se abrem. Eu sinto como se eu tivesse chegado no fim do mundo.

11

Na manhã seguinte eu sou chamado no escritório do Reitor Wharton logo após os anúncios da manhã.

Eu fico parado na frente de sua mesa de madeira polida e tento não pensar sobre as fotos que eu vi dele, com a mão nua da Mina dividindo o colarinho de sua camisa branca engomada. Eu acho que todo mundo tem um lado escuro, mas eu não acho que estava preparado para que isso se estendesse até o corpo docente mais idoso de Wallingford.

O Wharton não é um cara que eu havia pensado muito sobre. Ele é o decano dos estudantes, provavelmente mais próximo à idade de aposentadoria, com tufos de cabelo grisalho cuidadosamente penteados em sua cabeça. Ele nunca gostou muito de mim, mas eu sempre lhe dei motivos de sobra para se sentir dessa maneira, com a minha operação de apostas, o sonambulismo, e a minha mãe ser uma criminosa convicta.

Eu sinto como se estivesse olhando para ele com novos olhos agora, no entanto. Eu vejo o jornal de hoje, meio escondido em uma pilha de arquivos, aberto nas palavras cruzadas, algumas marcas

trêmulas de caneta azul nas margens. Eu vejo a tampa de um pote de comprimido embaixo da mesa e um único comprimido amarelo. E talvez o mais notável de tudo, eu vejo o tremor em sua mão esquerda, o que pode ser um tique nervoso, mas mostra o quão perto ele está brincando da borda. Mas então talvez eu esteja lendo ele de trás pra frente... Vendo o que eu quero ver. Eu sei que ele está fazendo algo ruim, então eu espero que ele esteja nervoso.

Eu apenas queria saber exatamente o que ele estava fazendo.

— Sr. Sharpe, estar no meu escritório duas vezes em três semanas não augura nada de bom para qualquer estudante, — o seu tom é tão exasperadamente severo como nunca.

— Eu sei disso, senhor — eu digo tão contritamente quanto é possível.

— Você matou suas aulas da manhã ontem, jovem. Você acha que não haveria consequências?

— Sinto muito, senhor. Eu não estava me sentindo bem, senhor.

— Ah, é mesmo? E você tem algum bilhete do escritório da enfermeira?

— Eu apenas voltei a dormir. Então, quando eu estava me sentindo melhor, eu fui para aula.

— Então, sem bilhete? — ele pergunta, erguendo suas duas sobrancelhas grisalhas.

Ok, então digamos que Mina seja uma executora de sorte. Digamos que ele tem um problema de jogatina. Talvez ele esteja próximo da aposentadoria e percebe... Seja lá por qual razão... Que ele

não tem o bastante economizado. Eu imagino que ele seja um cara que, pelo menos na maioria, está preso no reto e estreito. Mas pessoas honestas se ferram também. A bolsa de valores quebra. Um membro da família fica doente e o seguro não consegue cobrir. Por alguma razão, talvez ele mude de direção e saia do seu caminho.

Meu olho é atraído para o único comprimido amarelo no carpete.

Contratar um executor de sorte é bem fácil. Ele não necessitaria ter como alvo um estudante, apesar de que acho que talvez, sendo tão certinho, ele não saberia aonde mais ir. Mas usar uma execução de sorte para ganhar na jogatina é uma proposta bem incerta. Apesar de que algumas vezes as pessoas possam contornar isso, a maioria das pistas de corrida e cassinos possui um jeito de controlar execuções de sorte.

Claro, ele pode necessitar de sorte por alguma outra razão. Talvez Northcutt esteja indo embora e ele queira ser o novo diretor.

— Sem bilhete, — eu digo.

— Você vai comparecer a uma detenção no sábado comigo, bem aqui neste escritório, Cassel. Eu quero você aqui às dez da manhã. Sem desculpas. Ou você vai conseguir aquele terceiro demérito que você já está flertando.

Eu concordo.

— Sim, senhor.

O comprimido embaixo da mesa pode não ser nada. Poderia ser aspirina ou remédio para alergia. Mas eu não tenho muitas pistas, e eu quero essa. Eu deveria derrubar algo, mas todas as coisinhas que

faria sentido eu estar segurando estão na minha mochila. Eu não tenho chaves ou uma caneta ou qualquer coisa.

— Você pode ir, — ele me diz, entregando um passe sem realmente olhar. Eu penso em derrubar isso, mas eu imagino o papel flutuando até o chão bem longe de onde eu preciso que ele caia. É impossível mirar com papel.

Eu levanto e dou alguns passos na direção da porta antes de eu ter uma ideia. Não é uma muito boa.

— Hum, com licença, Reitor Wharton?

Ele olha para cima, sobrancelhas encolhidas.

— Desculpa. Eu derrubei minha caneta, — eu vou até a mesa dele e me abaixo, pegando o comprimido. Ele se empurra da cadeira para que possa olhar, mas eu me levanto rápido.

— Obrigado, — eu digo, andando até a porta antes que ele possa pensar muito sobre isso.

Quando eu começo a descer as escadas, eu olho para o comprimido na minha mão. Há maneiras de procurar na internet para descobrir a respeito de medicamentos. Você pode colocar alguns detalhes... Como a cor e o formato e as marcações... E consegue uma galeria inteira de comprimidos para comparar. Eu não tenho que fazer isso, porque o comprimido tem um ARICEPT escrito no topo e 10 do outro lado.

Eu sei o que é; eu vi os comerciais na televisão de madrugada.

É uma medicação para controlar Alzheimer.

Daneca está me esperando do lado de fora da cantina no almoço. Ela está sentada em um dos bancos, seu aglomerado de cabelo castanho e roxo pendurado em seu rosto. Ela acena para eu me aproximar e muda para o lado a sua mochila de linho para que eu possa me sentar.

Eu me inclino e estico minhas pernas. Está frio e um temporal está chegando, mas ainda há sol o suficiente para que esteja agradável sentar em uma faixa dele.

— Ei — eu digo.

Ela se mexe, e eu posso ver o que o cabelo dela escondeu antes... Olhos vermelhos e pele inchada ao redor deles. Listras de sal em suas bochechas marcando o mapa das lágrimas.

Ela limpa seus olhos e assente.

— Sinto muito. — Eu alcanço o meu bolso, esperando ter um lenço. — De verdade.

Ela funga e toca seu celular que está no colo de sua saia plissada de Wallingford.

— Eu terminei as coisas com Barron há cerca de dez minutos. Eu espero que você esteja feliz.

— Estou, — eu digo. — Barron é um vagabundo. Ele é meu irmão... Eu sei. Sam é um cara muito melhor.

— Eu sei disso. Eu sempre soube *disso*. — Ela suspira. — Sinto muito. Estou brava contigo por estar certo, e eu não deveria estar. Não é justo.

— O Barron é um sociopata. Eles são bem convincentes. Especialmente se você é uma daquelas garotas que acham que podem consertar um garoto.

— Sim, — ela diz. — Eu acho que eu era. Eu *queria* acreditar nele.

— Você tem realmente uma preferência pela escuridão, — eu digo.

Ela desvia o olhar, olhando para o céu acima, o deslocamento de massas disformes de nuvens.

— Eu queria pensar que havia uma parte dele que somente eu podia ver. Uma parte secreta que queria bondade e amor, mas não sabia como pedir por isso. Eu sou burra, né?

— Ah, sim. Preferência pela escuridão, mas sem estômago para isso.

Ela se encolhe.

— Eu acho que mereço isso. Desculpa ter acreditado no que ele disse sobre você, Cassel. Eu sei que você não me contou tudo, mas...

— Não, — eu suspiro. — Estou sendo um idiota. Estou bravo porque eu queria que você fosse a pessoa com a qual eu pudesse contar em sempre saber discernir o certo do errado. Não é justo esperar isso de ninguém. E eu acho... Eu pensei que nós éramos melhores amigos, apesar de toda a provocação.

— Amigos cometem erros às vezes, — ela diz.

— Talvez ajudaria se eu tivesse colocado minhas cartas na mesa. Conte-me o que o Barron disse, e eu te contarei toda a verdade. Essa é uma oferta única.

— Porque amanhã você voltará a mentir? — ela pergunta.

— Eu não sei o que eu farei amanhã. Esse é o problema — e é uma das coisas mais verdadeiras que eu já disse.

— Você nunca me contou que tipo de executor você é, mas a Lila e o Barron contaram. Eu não culpo você por me contar. Esse era um segredo bem grande. E você realmente só descobriu na última primavera?

— Sim, — eu digo. — Eu nem achei que era um executor. Quando eu era criança, eu costumava fingir que era um executor de transformação. Eu imaginava que podia fazer qualquer coisa, se eu fosse um. Isso acabou se tornando quase verdade.

Ela concorda, considerando.

— Barron disse que você contou para os agentes federais... O que você é, em troca de imunidade por crimes anteriores.

— Eu fiz isso, — eu digo.

— Imunidade por assassinar o Philip, por exemplo.

— É *isso* que o Barron acha? — Eu balanço a cabeça e rio sem realmente achar engraçado. — Que eu matei o Philip?

Ela concorda, preparada. Eu não tenho certeza se ela está preparada para eu falar que idiota ela é ou porque ela acha que eu estou prestes a confessar o negócio todo.

— Ele diz que o cara que eles estão culpando pelo assassinato do Philip estava morto bem antes do Philip morrer.

— Isso é em parte verdade, — eu digo.

Ela engole em seco.

— Ah, vamos lá. Eu não matei o Philip! Eu sei quem matou, só isso. E, não, eu não vou te contar, mesmo se você perguntar, porque não tem nada a ver com nenhum de nós. Vamos apenas dizer que o cara morto podia pagar pela condenação de assassinato em adição a seus muitos outros crimes. Ele não era um anjo.

— Barron disse que você o matou... E que você o deixou em um freezer na sua casa. Que você era um tipo de assassino. Que foi você que matou aquelas pessoas nos arquivos que você me mostrou depois do funeral do Philip.

— Eu também não sou um anjo, — eu digo.

Ela hesita. Há medo em seus olhos, mas pelo menos ela não está indo embora.

— Lila explicou. Ela disse que eles... Que o Barron... Bagunçou com suas memórias. Você não sabia o que estava fazendo. Você não sabia o que você era ou o que aconteceu com ela. Ele realmente a deixou numa jaula? — Daneca perguntou em uma voz baixa.

— Sim, — eu digo. — Execução de memória... Ela apaga uma parte de quem você é. Se nós somos quem nós lembramos ser, então como é ter pedaços enormes de sua identidade perdidos? Como você conheceu a garota sentada ao seu lado. O que você comeu no jantar da noite anterior. Férias de família. O livro de direito que você estudou a

semana inteira passada. O Barron substitui tudo isso com o que ele conseguir inventar no momento. Eu não tenho ideia se ele realmente se lembrava de quem a Lila era ou até mesmo se ele tinha um gato em primeiro lugar.

Ela assente lentamente e empurra o cabelo para trás.

— Eu disse pra ele que foi desprezível o que ele fez. Eu disse a ele que eu nunca o perdoaria por ter mentido pra mim. E eu disse a ele que ele era um idiota.

— Isso parece um sermão e tanto — eu disse, rindo. — Eu espero que ele tenha sido devidamente repreendido.

— Não tire sarro de mim. — Ela se levanta, pegando sua mochila. — Ele realmente parecia triste, Cassel.

Eu segurei tudo que eu queria dizer pra ela. Como ele era um excelente mentiroso. Como ele é o príncipe dos mentirosos. Como o próprio Lúcifer Estrela da Manhã podia aprender uma coisa ou outra a respeito da convicção que Barron mente.

— O almoço já quase acabou, — eu disse ao invés disso. — Vamos pegar um sanduíche enquanto nós podemos.

****

As aulas da tarde deslizaram em um turbilhão de diligentes anotações e questionários. Uma xícara que eu fiz na aula de cerâmica sai do forno inteira, e eu passo grande parte dos quarenta minutos

pintando-a de vermelho barrento, com as palavras LEVANTE E RECLAME em grandes letras pretas.

****

O Dr. Stewart está em seu escritório quando eu passo por lá antes do treino. Ele franze a testa quando me ver.

— Você não está em nenhuma das minhas aulas este semestre, Sr. Sharpe — o tom dele deixa claro que ele considera que isso é o melhor para ambos. Ele ajusta seus óculos de armação grossa. — Certamente você não está tentando me implorar a mudar as minhas notas passadas? Eu mantenho que qualquer um que perca tanta escola quanto você nem deveria...

— Mina Lange me pediu para passar por aqui e deixar algo pra ela — eu digo, tirando um pacote de papel da mochila.

Não é que eu acredito que o Dr. Stewart tenha algo a ver com a chantagem ou com o Wharton ou com a Mina. É que eu quero ter completamente certeza.

Ele cruza os braços. Eu posso ver que ele está incomodado que eu o interrompi antes que ele pudesse me dizer mais uma vez como os estudantes suspensos por quase cair de um telhado deveriam ir para a escola no verão, pelo menos.

— Mina Lange também não está em nenhuma das minhas aulas, Sr. Sharpe.

— Então isso não é pra você?

— Bem, o que é? — ele pergunta. — Eu não consigo imaginar o que ela estaria entregando para mim.

— Você quer que eu olhe? — eu tento parecer tão desinformado quanto possível. Apenas o mensageiro burro.

Ele joga as duas mãos para cima em óbvio desgosto.

— Sim, por favor, e pare de perder meu tempo.

Eu enrolo para abrir a bolsa.

— Parece um trabalho de pesquisa e um livro. Ah, e é para o *Sr. Knight*. Desculpa, Dr. Stewart. Eu realmente achei que ela havia dito o seu nome.

— Sim, bem, eu tenho certeza que ela está feliz por ter confiado em você para ser o mensageiro.

— Ela não está se sentindo bem. É por isso que ela não pode trazer ela mesma.

Ele suspira como se estivesse se perguntando por que ele era constantemente punido pela presença de intelectos inferiores.

— Tchau, Sr. Sharpe.

Ele pode não ser um cara legal, mas o Stewart nunca chantageou ninguém em sua vida.

*****

Eu amo correr. Eu amo a maneira que, mesmo numa maratona, eu tenho apenas que me preocupar sobre o meu pé batendo no chão e os meus músculos queimando. Sem culpa e sem medo. Eu só me arremesso para frente, o mais rápido que posso, sem ninguém para me impedir. Eu amo o vento frio contra as minhas costas e o suor esquentando o meu rosto.

Alguns dias minha mente fica vazia quando eu corro. Outros dias eu não consigo parar de pensar, virando e revirando tudo de novo na minha cabeça.

Hoje chego a algumas conclusões diferentes.

Um: Ninguém está chantageando Mina Lange.

Dois: Mina Lange é uma executora física, consertando o Alzheirmer do Wharton.

Três: Já que o Alzheimer não pode ser curado, ela nunca pode parar de executá-lo, o que significa que ela apenas ficará mais e mais doente, enquanto ele fica o mesmo.

Quatro: Apesar de todas as mentiras dela, Mina provavelmente está com problemas.

****

Sam olha de sua cama quando eu entro em nosso dormitório. Eu estava com uma toalha enrolada no quadril e recém-saído do banho.

Ele está com vários folhetos espalhados ao lado dele, de faculdades que seus pais querem que ele leve em consideração. Nenhuma delas possui um departamento que ensina efeitos visuais. Nenhum deles o deixará fazer suas próprias máscaras de borracha. Todas elas são faculdades importantes. Brown. Yale. Dartmouth. Harvard.

— Ei — ele diz. — Olha, eu estava falando com a Mina no almoço ontem. Ela disse que sente muito. Ela basicamente admitiu o que você disse. Que ela queria que nós chantageássemos o Wharton para ela.

— Sim? — eu começo a procurar por calças, e as coloco quando eu finalmente localizo-as embaixo de uma pilha de outras roupas no fundo do meu guarda-roupa. — Ela disse por que ela precisava do dinheiro?

— Ela disse que queria ir embora da cidade. Eu não entendi direito, mas parece que alguém está intermediando o negócio entre o Wharton e ela. Que a pessoa não a deixa ir embora, então ela tem que fugir. Você acha que são os pais dela?

— Não, — eu digo, pensando no Gage, em mim e na Lila e no que a Sra. Wasserman disse quando eu estava sentado na cozinha dela. *Muitos garotos são jogados nas ruas, e adotados por famílias criminosas e então vendidos para os ricos.* — Provavelmente não são os pais dela.

— Você não acha que nós podemos ajudá-la? — ele pergunta.

— Há muita coisa estranha sobre essa situação, Sam. Se ela precisa de dinheiro, então deveria chantagear o Wharton ela mesma.

— Mas ela não pode. Ela está com medo dele.

Eu suspiro.

— Sam...

— Você quase arrancou a peruca dela em público. Você não acha que deve recompensá-la? Além disso, eu disse para ela que a firma investigativa Sharpe & Yu ainda estavam no caso, — ele sorri, e eu estou feliz por vê-lo distraído. Eu me pergunto de novo se ele gosta da Mina. Eu de verdade espero que não.

— Eu acho que ela está doente, Sam — eu digo. — Eu acho que ela está curando o Wharton e está deixando-a doente.

— Mais razão ainda para fazer algo. Falar para ele que ele tem que dar a ela o dinheiro. Explicar a situação. Sabe, deixar claro que ela não está sozinha. Foi o Wharton que meteu ela nisso. Nós temos as fotos.

— Ela é uma jogadora — eu digo. — Ela ainda poderia estar jogando conosco.

— Vamos lá, Cassel. Ela é uma donzela em perigo.

— Ela é o perigo. — Eu coço meu pescoço, onde eu cortei me barbeando. — Olha, eu tenho uma detenção no sábado com o Wharton. Ele estará sozinho em seu escritório. Talvez nós possamos falar com ele então.

— E se ela não puder esperar até o final de semana?

— Nós trataremos disso se acontecer — eu abro o meu notebook. — E quanto aos panfletos?

— Ah — ele diz. — Eu tenho as inscrições das faculdades para fazer. E quanto a você?

— Eu tenho um plano de assassinato — eu digo, entrando no sistema de wi-fi da escola e abrindo a página de buscas. — Eu sei. Estranho, né?

— Cassel Sharpe: menino assassino, — ele balança a cabeça. — Você deveria ter sua própria história em quadrinhos.

Eu sorrio.

— Somente se você for o meu parceiro baixinho que usa colante.

— Baixinho? Eu sou mais alto que você! — ele senta, e as molas da cama gemem, ecoando seu ponto.

Eu sorrio para ele.

— Não, nos meus quadrinhos, você não é.

***

Matar alguém é bem parecido com trapacear alguém. Você precisa aprender praticamente as mesmas coisas.

Talvez os Federais tenham que me manter no escuro, mas eu tenho que seguir meus próprios instintos. Se algo der errado com o plano deles, eu precisarei improvisar. E para fazer isso preciso estudar a minha vítima.

O Patton é uma figura pública. Aprender sobre ele não é difícil... Cada detalhe de sua vida fora analisado pela imprensa, todos os seus

erros enumerados pelos seus oponentes. Eu olho para as fotos até que eu saiba cada detalhe em seu rosto, até que consiga observar as linhas de maquiagem nas bordas de seu pescoço quando ele estava pronto para câmera, até que eu veja como ele penteia os poucos cabelos brancos que tem e como se veste para combinar o tom de seus discursos. Eu olho para as fotos dele em sua casa, nos comícios, beijando crianças. Eu me debruço sobre as reportagens e as colunas de fofoca e os guias de restaurante para ver com quem ele se encontra (muitas, muitas pessoas), sua comida favorita (espaguete à bolonhesa), o que ele pede nas lanchonetes que frequenta (ovos mal passados, torrada branca com manteiga, salsicha de peru), e até mesmo como toma seu café (com leite e açúcar).

Eu estudei a segurança dele também. Ele sempre anda com dois guarda-costas que o seguem para todos os lugares. Eles não são sempre os mesmos dois caras, mas todos eles têm narizes quebrados e sorrisos maliciosos. Havia alguns artigos sobre Patton usar seus fundos para contratar ex-condenados para compor a sua equipe de segurança, homens que ele pessoalmente perdoou. Ele nunca vai a lugar algum sem eles.

Eu assisto vários vídeos no YouTube dele matraqueando sobre teorias da conspiração, executores e o governo. Eu escuto leves traços de seu sotaque, a maneira como ele enuncia, e a maneira como pausa logo antes de dizer algo o que ele acha que é realmente importante. Eu vejo a maneira como gesticula, se estendendo até a audiência como se estivesse esperando colocar os braços ao redor deles.

Eu ligo para a minha mãe e consigo mais alguns detalhes enquanto finjo estar interessado em como ela se enfiou na vida dele. Eu descubro onde ele compra os seus ternos (Bergdorf; eles já têm as medidas dele para que ele apenas possa ligar e tem um terno costurado do dia para noite para um discurso). Que línguas fala (Francês e Espanhol). O remédio que toma para o seu coração (Capoten e uma única aspirina de bebê). A maneira como anda, apoiando primeiro o calcanhar até o dedão, então a parte de trás dos calçados dele sempre estão gastas primeiro.

Eu vejo, ouço, olho e leio até que eu sinto como se o Governador Patton estivesse de pé no meu ombro e sussurrando no meu ouvido. Não é uma sensação boa.

12

Sexta à tarde, quando estou voltando das minhas aulas, meu telefone vibra no bolso da minha calça do uniforme. Eu o pego, mas o número está bloqueado.

— Alô? — eu digo no bocal do telefone.

— Nós vamos te pegar amanhã à noite — Yulikova diz. — Limpe sua agenda. Nós queremos estar na ativa até às seis da tarde.

Algo está errado. Realmente, muito errado.

— Você disse que tudo aconteceria na próxima quarta-feira, não nesse sábado.

— Sinto muito, Cassel — ela diz. — Mudança de planos. Nós temos que ser flexíveis agora.

Eu abaixo minha voz.

— Olha, aquele negócio com o executor de morte e eu o seguindo — eu sinto muito não ter te contado sobre a arma. Eu te conheço agora. Eu apenas entrei em pânico. Eu ainda estou com ela. Eu não fiz nada com ela. Eu poderia trazê-la para a senhora.

Eu não deveria trazer para ela. Eu a prometi para Gage. Eu deveria ter dado para ela em primeiro lugar.

Ela não fala por um longo momento.

— Essa não foi a sua atitude mais inteligente.

— Eu sei, — eu digo.

— Por que você não entrega a arma amanhã à noite e nós chamaremos o negócio todo de um mal entendido.

— Certo. — A minha sensação de inquietação cresce, embora eu não possa dizer o porquê. Há apenas algo que não está certo sobre o tom dela. Algo que me faz sentir como se ela já estivesse se distanciado da situação.

Estou surpreso que ela está deixando o assunto da arma passar tão fácil. Nada sobre isso parece certo.

— Eu estava lendo sobre Patton — eu digo, mantendo-a falando.

— Nós podemos falar sobre isso quando nós te pegarmos. — Ela diz amavelmente, mas posso ouvir a despensa em sua voz.

— Ele tem um segurança com ele o tempo todo. Caras difíceis. Eu estava apenas me perguntando o que nós vamos fazer a esse respeito.

— Eu te prometo, Cassel, nós temos pessoas boas lidando com isso. A sua parte é significante, mas é pequena. Nós vamos cuidar de você.

— Me agrade um pouco — eu digo, colocando um pouco da raiva que eu sinto na minha voz.

Ela suspira.

— Desculpa. Claro que você está preocupado. Nós entendemos o risco que você está tomando, e nós agradecemos.

Eu espero.

— Nós temos um deles na folha de pagamento. Ele irá enrolar o outro guarda por tempo suficiente para que você possa cuidar das coisas. E ele irá cuidar de você.

— Ok, — eu digo. — Eu encontrarei vocês em Wallingford. Liguem-me quando vocês chegarem lá.

— Tente não se preocupar — Yulikova diz. — Tchau, Cassel.

O meu coração está acelerado e o meu estômago está em nós quando eu desligo o meu telefone. Não há nada pior do que a sensação arrepiante e sem forma do medo... Até aquele momento em que ele se torna claro o que você deveria ter sentido medo desde o começo. Quando você sabe que não está apenas tudo na sua cabeça. Quando você vê o perigo.

Os Federais não precisam que eu pegue o Patton. Eles não precisam de mim para nada. Se eles têm um de seus guarda-costas na folha de pagamento, eles poderiam desaparecer com ele a hora que quisessem.

Eu me sento nos degraus da biblioteca e ligo para o Barron.

Eu posso ouvir o tráfego ao fundo quando ele atende.

— Você quer algo? — Ele soa incomodado.

— Ah, vamos lá, — eu digo. Eu não estou exatamente contente com ele também. — Você não pode realmente estar bravo... Só porque você pensou que eu não poderia convencê-la de que você estava mentindo quando você *realmente estava mentindo*.

— Então você ligou para contar vantagem? — ele pergunta.

— Yulikova mudou a data do negócio, e ela tem um cara lá dentro já. Alguém posicionado para fazer esse trabalho muito melhor do que eu. Isso soa suspeito para você?

— Talvez, — ele diz.

— E aquele executor de morte que eu persegui. A pessoal dela o pegou depois para ver se eu menti sobre algo.

— Você mentiu?

— Sim. Eu peguei algo dele e eu... Eu meio que o deixei ir. Ela sabia disso e nunca disse nada.

— Isso soa estranho. Eu acho que você está ferrado. É uma droga ser você, Cassel. Parece que os Federais não são seus amigos no final das contas.

Ele desliga, deixando-me com o silêncio.

Eu não sei por que eu esperava qualquer coisa diferente.

Eu me sento nos degraus por um longo tempo. Eu não vou ao treino de corrida. Eu não vou jantar. Eu apenas giro o telefone várias vezes em minhas mãos até que percebo que tenho que levantar e ir para algum lugar eventualmente.

Eu disco o número da Lila. Eu não espero que ela atenda, mas ela atende.

— Eu preciso da sua ajuda, — eu digo.

Sua voz está baixa.

— Nós já nos ajudamos o bastante, não acha?

— Eu apenas preciso falar algumas coisas para alguém.

— Não deveria ser eu.

Eu respiro fundo.

— Estou trabalhando com os Federais, Lila. E eu estou com problemas. Muitos problemas.

— Estou pegando meu casaco, — ela diz. — Diga-me onde você está.

Nós combinamos de nos encontrarmos na casa antiga. Eu pego minhas chaves e sigo para o meu carro.

Estou sentado na cozinha no escuro quando ela abre a porta. Estou pensando sobre o cheiro dos cigarros do meu pai e como era quando nós éramos bem novos e nada mais importava.

Ela acende a luz, e eu pisco na direção dela.

— Você está bem? — Ela vem até a mesa e coloca uma mão enluvada no meu ombro. Ela está usando calça jeans apertada e uma jaqueta de couro machucada. Seu cabelo loiro está tão brilhante como uma moeda de ouro.

Eu balanço minha cabeça.

Então eu conto a ela tudo... Sobre o Patton, sobre a Maura, sobre querer ser bom e não conseguir, sobre segui-la aquele dia quando eu segui o Gage sem saber o motivo, sobre a Yulikova e a arma. Tudo.

Quando eu termino, ela está sentada ao contrário em uma das cadeiras, descansando seu queixo em seus braços. Ela já havia tirado sua jaqueta.

— O quão brava você está comigo? — eu pergunto. — Quer dizer, exatamente o quão brava... Numa escala de um a dez, onde um é me dar um chute na bunda e dez é me colocar em um tanque de tubarões?

Ela balança a cabeça ao ouvir sobre minha escala.

— Você quer dizer por que você me observou colocando uma encomenda em alguém e então assistiu o Gage matá-lo? Que você esteja cooperando com a lei, talvez até trabalhando para eles? Que você nunca me contou nada disso? Eu não estou *feliz*. Isso te incomoda... O que você me viu fazer?

— Eu não sei — eu digo.

— Você acha que eu tenho gelo no meu sangue? — Ela pergunta levemente, mas sei que a resposta importa.

Eu me pergunto como seria, ser criada por um senhor do crime.

— Você é o que você sempre deveria ter sido.

— Lembra quando nós éramos crianças? — ela diz. Há um leve sorriso em sua boca, mas a maneira como ela está me olhando não combina muito. — Você pensou que seria eu fazendo tratos e inimigos,

dando facadas nas costas e mentindo. Você disse que iria sair dessa, viajar pelo mundo. Não se deixar levar por essa vida.

— Para mostrar o que eu sei.

— Esse é um jogo grande que você está jogando, Cassel. Um longo, e perigoso jogo.

— Eu não queria que tudo ficasse tão louco. Foi uma coisa atrás da outra. Eu tive que consertar as coisas. *Alguém* tinha que consertar as coisas para a Maura, e eu era o único que sabia, então não havia mais ninguém. E eu tinha que evitar que Barron fosse até os Brennans. E eu tive que me segurar... — Eu me paro nessa hora, porque não posso dizer o resto. Eu não posso explicar como tive que me parar para não ficar com ela. Eu não posso explicar como quase não consegui fazer isso.

— Ok, bem, peça demissão — ela faz um grande gesto com suas mãos, como se estivesse apontando algo tão óbvio que não deveria ser dito. — Você fez o que achou que deveria ser feito, mas você ainda tem como sair dessa, então aproveite. Saia de perto dos Federais. E se eles não quiserem te dispensar fácil, então vá se esconder. Eu ajudarei. Eu falarei com o meu pai. Eu tentarei ver se ele pode tirar um pouco da pressão com o negócio da sua mãe, pelo menos até que você resolva isso. Não deixe eles brincarem com você.

— Eu não posso pedir demissão — eu desvio o olhar, para o papel de parede descascando acima da pia. — Eu não posso. É muito importante.

— O que faz ficar tão ansioso para jogar fora sua vida por qualquer causa que venha?

— Isso não é verdade. Não é isso que eu estou fazendo...

— *Nada disso é sua culpa*. Por que você se sente tão malditamente culpado que faz você agir como se *você* não importasse? — A voz dele se ergue, e ela levanta junto com ela, dando a volta na mesa parar empurrar o meu ombro. — O que te faz pensar que você tem que resolver os problemas de todo mundo, até os meus?

— Nada — eu balanço minha cabeça, afastando-me dela.

— É por causa do Jimmy Greco e Antanas Kalvis e o resto? Porque eu os conhecia, e eles eram homens realmente maus. O mundo é um lugar melhor sem eles nele.

— Pare de tentar me fazer sentir melhor — eu digo. — Você sabe que eu não mereço.

— *Por que você não merece*? — ela grita, sua voz soando como se as palavras estivessem sendo arrancadas de sua entranha. Sua mão está no meu antebraço; ela está tentando me fazer olhar para ela.

Eu não olho.

— Você, — eu digo, levantando. — Por causa de *você*.

Por um momento nenhum de nós fala.

— O que eu fiz... — eu começo, mas não consigo fazer a frase ir pra nenhum lugar bom. Eu começo de novo. — Eu não consigo me perdoar... Eu não *quero* me perdoar. — Eu caio no piso de linóleo e digo o que nunca disse antes. — Eu te matei. Eu me lembro de ter te

matado. Eu te matei. — As palavras, várias e várias vezes, se reviram dentro de mim. Minha voz está travando. Minha voz está quebrando.

— Eu estou viva — Lila diz, ficando de joelhos para que eu tenha que olhar para ela, tenha que vê-la. — Eu estou bem aqui.

Eu respiro fundo, estremecendo.

— Nós estamos vivos — ela diz. — Nós conseguimos.

Eu sinto como se fosse desmontar de tanto tremer.

— Eu estraguei tudo, não é?

Agora é a vez dela de não encontrar os meus olhos.

— Eu não deixaria Daneca me amaldiçoar — ela diz, lenta e cuidadosamente, colocando cada palavra junto, como se uma fosse colocada fora de lugar, tudo iria desmontar. — Mas eu não parei de amar você. Porque eu sempre amei, Cassel. Desde quando éramos crianças. Você tem que se lembrar: Eu desfilei de calcinha e sutiã na minha própria festa de aniversário.

Isso me arranca uma risada assustada. Eu toco a orelha que ela furou naquela noite, o buraco agora fechado, e tento imaginar um mundo onde eu não era o único que sentia algo.

— Eu não achei que aquilo significava...

— Porque você é um idiota — ela diz. — Um *idiota*. Quando a maldição passou, eu não podia deixar você ver que eu ainda tinha sentimentos. Eu pensei que era a única que já havia tido eles.

Ela entrelaça seus dedos e está apertando-os com força, o couro esticado sobre os nós de seus dedos.

— Você era gentil. Você sempre foi gentil. Eu imaginei que você fingiu que me amava até você não conseguir fingir mais. E eu não podia deixar você pensar que ainda era obrigado. Então eu me apunhalava na mão com tesouras, ou canetas... Com qualquer coisa afiada ao alcance... Sempre que pensava em você. Até quando eu te via eu podia me concentrar naquele momento de dor... E apesar disso, eu ainda queria te ver.

— Eu não estive fingindo, Lila — eu digo. — Eu nunca fingi. Eu sei como parecia, eu pedindo para Daneca fazer você não sentir nada. Mas eu te beijei antes de saber o que a minha mãe tinha feito, lembra? Eu te beijei porque eu te queria há muito tempo.

Ela balança a cabeça.

— Eu não sei.

— Aquela noite, no seu dormitório... Lila, *você estava amaldiçoada* — eu digo. — E eu quase não me importei. Foi horrível, porque você agiu como se realmente sentisse aquelas coisas, e eu tive que me lembrar constantemente de que aquilo não era real... E algumas vezes eu ficava sobrecarregado pelo horror. Eu queria apagar o quão mal me sentia. Eu sabia que não era certo e eu ainda não me controlei.

— Ok — ela diz. — Está tudo bem.

— Mas eu nunca ia querer...

— Eu sei disso, Cassel — ela diz. — Você poderia ter explicado.

— E dizer o quê? Que eu não queria ficar contigo? — eu exigi. — Que eu não podia confiar o suficiente em mim? Que eu...

Ela se inclina para frente e traz sua boca a minha. Eu nunca estive tão profundamente feliz por ser forçado a me calar.

Eu fecho meus olhos, porque até mesmo vê-la é demais nesse momento.

Eu me sinto como um homem que esteve vivendo de pão é água e agora é sobrecarregado por um banquete. Eu me sinto como alguém acorrentado à escuridão por tanto tempo que a luz se torna aterrorizante. O meu coração quer cavar o seu caminho para fora do meu peito.

Seus lábios são macios, deslizando contra os meus. Eu estou perdido em beijo após beijo que me afoga. Os meus dedos enluvados traçam a pele de sua bochecha e o oco de seu pescoço até que ela geme na minha boca. O meu sangue está fervendo, se acumulando nas minhas entranhas.

Ela desata a minha gravata com dedos rápidos. Quando eu me afasto para olhá-la, ela sorri e puxa o tecido solto do meu colarinho em um único movimento.

Eu ergo as duas sobrancelhas.

Com uma risada Lila se levanta do chão e estende sua mão enluvada para me ajudar a levantar. — Vamos lá — ela diz.

Eu me levanto. De alguma forma a minha camisa sai para fora da calça. E então nós estamos nos beijando novamente, cambaleando pelas escadas. Ela para, para tirar suas botas, se apoiando entre eu e a parede. Eu tiro minha jaqueta.

— Lila — eu digo, mas é só isso que eu consigo quando ela começa a desabotoar minha camisa social branca.

Ela cai no chão do corredor.

Nós seguimos para o meu quarto, onde eu a imaginei milhares de vezes, onde pensei que havia a perdido para sempre. Aquelas memórias parecem turvas agora, difícil de contar como tão importante ao lado da vivacidade de sua mão fria coberta pelo couro roçando os planos rígidos do meu estômago e os músculos dos meus braços. Eu puxo a respiração.

Ela se afasta para morder o fim de sua luva, arrancando-a de sua mão daquela maneira. Quando ela a derruba, meu olhar observa sua queda.

Eu pego sua mão nua e beijo seus dedos, o que a faz me encarar, de olhos arregalados. Eu mordo a palma de sua mão, e ela geme.

Quando eu tiro as minhas próprias luvas, minhas mãos estão tremendo. O sabor de sua pele está na minha língua. Eu me sinto febril.

Se eu tiver que morrer amanhã quando os Federais vierem me buscar, então esse é o último pedido do meu coração. Isso. A visão de seus cílios roçando em sua bochecha enquanto seus olhos se fechavam. O pulso em sua garganta. Sua respiração em minha boca. Isso.

Eu já estive com garotas que eu gostava e garotas que eu não gostava. Mas eu nunca estive com uma garota que eu amava mais do

que qualquer coisa no mundo. Eu estou desconcertado com isso, oprimido pelo desejo de acertar tudo.

Minha boca desce para traçar a cicatriz em seu pescoço. Suas unhas afundam em minhas costas.

Lila se afasta para arrancar sua camiseta por cima de sua cabeça, e a joga no chão. Seu sutiã é azul e coberto com borboletas de renda. Em seguida, ela volta para os meus braços novamente, seus lábios se abrindo, sua pele impossivelmente suave e quente. Que eu passo minhas mãos nuas por cima, seu corpo se arqueia contra mim.

Ela começa a desafivelar o meu cinto com dedos afobados.

— Você tem certeza? — eu digo, me afastando.

Em resposta ela dá um passo pra trás, alcança atrás, e solta seu sutiã, jogando-o na direção de sua camiseta.

— *Lila* — eu digo, impotente.

— Cassel, se você me fizer falar sobre isso, eu vou te matar. Eu vou te estrangular com a sua própria gravata.

— Eu acho que a gravata está lá embaixo — eu digo, lutando para me lembrar de por que infernos eu queria conversa quando ela veio me beijar de novo. Seus dedos tecendo pelo meu cabelo, puxando minha boca até a dela.

Alguns passos curtos e nós nos amontoamos de costas na cama, derrubando travesseiros no chão.

— Você tem algo? — ela está falando contra o meu ombro, seu seio nu contra o meu peito. Eu estremeço com cada palavra e me forço a focar.

Eu demoro um momento para perceber o que ela quer dizer. — Na minha carteira.

— Você sabe que eu não fiz muito isso. — Há um tremor em sua voz, como se ela estivesse nervosa de repente. — Tipo, uma vez antes.

— Nós podemos parar — eu digo, parando minhas mãos. Eu solto uma respiração irregular. — Nós deveríamos...

— Se você parar, — ela diz — eu também vou te matar.

Então eu não paro.

13

Eu acordo com a luz do sol através do vidro sujo. Eu estendo as minhas mãos nuas, esperando que escovar a pele quente, mas eles fecham em um emaranhado de lençóis em vez. Ela já tinha ido.

Eu não parei de te amar, Cassel.

Minha pele está viva com a lembrança de suas mãos. Eu me espreguiço languidamente, todos os ossos da minha espinha aparecendo. Minha cabeça parece mais clara do que consigo me lembrar.

Eu sorrio para o reboco rachado do meu teto e imaginando sua imagem rastejando para fora do quarto, enquanto estou dormindo, hesitando em me beijar em adeus, não deixando uma nota ou qualquer outra coisa que uma pessoa normal faria. Claro que não. Ela não gostaria de parecer sentimental. Ela se vestira no banheiro e respingando de água em seu rosto. Carregando suas botas e correndo pelo gramado em ainda descalça. Esgueirando-se novamente para o elegante apartamento de cobertura antes que a mente criminosa de seu pai pudesse perceber que sua filha passou a noite na casa de um

menino. Na minha casa. Eu não consigo parar de sorrir. Ela me ama. Imagino que posso morrer feliz.

Dirijo-me para o quarto dos meus pais e cavo em volta, até encontrar uma mochila surrada de couro na qual eu encho com algumas camisetas e meu último par favorito de jeans. Nenhum ponto em embalar qualquer outra coisa que eu goste, pois não tenho ideia de onde Yulikova está me levando ou se eu alguma vez vou voltar a ver qualquer coisa disso novamente. Eu escondo minha carteira e minha identificação sob o meu colchão.

Meus objetivos são simples, descobrir se Yulikova vai me trair, fazer o trabalho, impedir Patton de ferir a minha mãe e voltar para casa. Depois acho que nós vamos ver. Eu não assinei nenhum papel, então não sou um membro oficial da LMD. Eu ainda posso sair se eu quiser. Pelo menos acho que posso. Este é o governo federal que estamos falando não, alguma família do crime com juramentos de sangue e gargantas cortadas. Claro que, mesmo se não sou um agente, eu ainda vou ter que lidar com todos os outros que estão procurando por alguém com os meus talentos especiais.

Eu imagino que por um instante estar em meu próprio pós-ensino médio, vivendo em Nova York, servindo mesas e conhecer Lila tomando expressos até tarde da noite. Ninguém precisa saber o que eu sou. Ninguém precisa saber o que posso fazer. Voltaríamos para o meu apartamento minúsculo, beberíamos vinho barato, assistiríamos a filmes em preto-e-branco, e queixaríamos de nossos trabalhos. Ela me diria sobre guerras de gangues e todas as coisas novas que caíram de caminhões, e poderia... Sacudo a cabeça para mim.

Antes de me envolver em fantasias sobre um futuro impossível, é melhor eu aparecer para a detenção. Caso contrário, não vou nem me formar em Wallingford. Olhando para o relógio no meu celular, eu vejo que tenho cerca de meia hora. Isso me dá tempo para voltar para o meu dormitório, pegar Sam, e descobrir o que vamos dizer em nome de Mina. Tempo quase insuficiente, mas ainda assim. Eu estou caminhando para longe do meu carro, com minha mala sobre o ombro, quando meu telefone toca.

Era Barron. Eu atendi.

— Hey — eu digo surpreso.

Sua voz é cuidadosamente neutra.

— Eu fiz uma pesquisa.

Eu paro encostado na frente do meu Benz, chaves ainda na minha mão.

— Que tipo de pesquisa?

— Depois do que você disse sobre o trabalho de Patton, eu convenci um dos meus amigos para me deixar usar seu cartão de identificação e rifle através de alguns arquivos. Você estava certo. É uma configuração, Cassel. Você deveria ter beliscado.

Eu sinto frio todo.

— Eles querem me prender?

Ele ri.

— A parte realmente histérica é que eles estão levando você para transformar Patton em uma torradeira ou o que quer para cobrir a sua

própria bagunça. Eles poderiam entrar, armas em punho, se não fosse o fato do Patton ser tão instável, em primeiro lugar. Esta é a sua bagunça.

Olho para o gramado. As folhas caíram quase todas, deixando para trás troncos de árvores estéreis, seus ramos negros que alcançam para o céu como os longos dedos das mãos sem fim.

— O que você quer dizer?

— Os assessores do Patton chamaram os federais, uma vez que perceberam que a mamãe tinha executado ele. Se ela não tivesse sido tão desleixada, você não estaria em apuros.

— Ela não teve tempo para fazer um trabalho melhor — eu digo. — De qualquer forma, a política não é exatamente a coisa.

— Sim, bem, meu ponto é que eu li os relatórios e eles contam um fabuloso conto de atitudes ferradas. Depois que os assessores chamaram os federais, eles trouxeram um executor de emoção para "consertar" Patton. Mas, veja, o governo está cheio de idiotas *hyperbathygammic* que foram ensinados a não usar os seus poderes a menos que realmente precisem, então, o executor de emoção que eles enviaram não tinha exatamente um toque ágil.

— Ele executou o Patton para odiar e temer mamãe, pensando que emoções fortes eram a única maneira de anular o que ela fez. Mas ao invés, Patton fica completamente desarticulado. Tipo, sem ponto de vista. Todo cheio de ataques violentos e acessos de choro.

Eu arrepio, pensando em como seria ser mandado sentir duas coisas contraditórias ao mesmo tempo. É pior quando eu percebi que

era isso que eu estava pedindo à Daneca para fazer à Lila. Amor e indiferença guerreando. Eu não sei o que poderia ter acontecido. Pensar sobre isso é como olhar para baixo em um desfiladeiro profundo, que de alguma maneira você não viu pisando no escuro.

Barron continua.

— Agora, a parte principal sobre ter a proposta dois aprovada, é ter executores que também são cidadãos decentes defendendo-a. Membros proeminentes da comunidade vindo à tona e se submetendo voluntariamente a testes faz o resto de nós parecermos maus, mas faz o programa parecer algo bom. Seguro. Humanitário. O problema era, que Patton decidiu que agora era a hora de ser louco. Ele resolveu demitir todo mundo que teve o teste positivo em HBG.

— Então ele começou a querer que os funcionários federais fizessem o teste. Ele conseguiu colocar muita pressão sob eles. Ele queria que as unidades federativas com agentes hyperbathygammic fossem dissolvidas.

— Como o LMD — eu digo, pensando Yulikova e Jones agente. — Mas ele não tem autoridade sobre eles.

— Eu disse que isso era uma comédia de erros — Barron diz. — Claro, ele não pode fazer uma coisa para que isso aconteça. Mas ele pode ameaçar constrangê-los, dizendo a imprensa como eles trabalharam contra sua vontade. Assim, em toda a sua sabedoria, o que você acha que a Equipe Boa faz?

— Eu não tenho ideia — eu digo. Outra chamada faz um zumbido no meu telefone, mas eu resolvo ignorá-la.

— Eles enviaram outro executor para que ele possa corrigir o primeiro trabalho malfeito no cérebro de Patton.

Eu ri.

— Eu aposto que foi muito bem.

— Oh, yeah. Patton o matou. Isso é o quão bem ele foi.

— O matou? — Como se trata de Barron, é possível que ele esteja embelezando a verdade, se não a mentira. Mas a história que ele está dizendo acrescenta-se de uma forma que a história de Yulikova não me disse. História de Barron é confusa, cheia de coincidências e erros. Como um mentiroso em mim, eu sei que a marca da mentira é que elas são simples e diretas. Eles são a realidade do modo como gostaríamos que fosse.

— Sim — Barron diz. — O nome do agente era Eric Lawrence era casado, com dois filhos. Patton o estrangulou quando descobriu que o agente Lawrence estava tentando executá-lo. Incrível, né? Então eles têm um governador homicida em suas mãos e os superiores lhes dizendo que eles precisam limpar a bagunça antes que haja um grande escândalo.

Eu respiro fundo e deixo sair lentamente.

— Então, depois que eu transformar o Patton, o quê? Eles me prendem, eu acho. Eu tenho um motivo, por causa da mãe. Então se eu conseguir, vou parar na cadeia. Qual é a minha utilidade se eles querem que eu trabalhe para eles? Eu não posso trabalhar para eles na prisão, ou pelo menos o que poderia fazer seria muito limitado. Transforme outros detentos. Faça cigarros em barras de ouro.

— Essa é a parte brilhante, Cassel — Barron diz. — Você não está entendendo. Não só eles têm um bode expiatório, mas quando você se tornar um criminoso, já não está protegido por um acordo de imunidade, você teria um menor número de lote de liberdades civis. Eles poderiam controlá-lo. Totalmente. Eles têm exatamente a arma que eles querem.

— Você descobriu onde é que isto vai acontecer? — Eu pergunto, e começo abrir a porta do carro. Eu me sinto idiota.

— Falaram que na segunda-feira perto de Carney, no local de um campo de internamento anterior. Eles vão armar tendas pelo memorial. Os federais têm a segurança costurada, mas quem se importa Cassel? Você obviamente não irá.

Eu tenho que ir, no entanto. Se eu não for, Patton se livra e minha mãe não. Eu posso pensar que minha mãe não é uma boa pessoa, mas ela é melhor do que ele.

E eu não quero que os federais se livrem com isso, também.

— Sim, eu vou — eu digo. — Olha, obrigado por fazer isso. Eu sei que você não precisa, e que realmente ajuda, sabendo exatamente no que eu estou entrando.

— Tudo bem, vá. Mas basta aparecer e estragar tudo. O que eles vão fazer, dar-lhe uma boa bronca? Erros acontecem. Você vai estragar tudo de qualquer maneira.

— Eles vão apenas armar tudo de novo — eu digo.

— Agora você vai estar procurando por isso.

— Eu já estava procurando por isso — eu digo. — Eu ainda não vi o que está acontecendo. Além disso, alguém deveria parar Patton. E eu tenho uma chance.

— Claro — diz ele. — Alguém deveria. Alguém que não está sendo controlado. Alguém que não é você.

— Se eu não fizer isso, os agentes federais estão ameaçando ir atrás da mamãe. E isso é o melhor que podemos esperar, porque Patton vai matá-la. Ele já tentou uma vez.

— Ele fez o que? O que você quer dizer?

— Ela levou um tiro e ela não queria que nós soubéssemos. Eu teria dito, mas a última vez que conversamos você desligou na minha cara abruptamente.

Ele ignora o resto do que eu disse.

— Ela está bem?

— Eu acho que sim. — Eu me sento no banco do motorista. Então, suspirando, eu ligo a ignição. — Mas olha, nós temos que fazer alguma coisa.

— *Nós* não estamos indo fazer nada. Eu fiz tudo o que eu tinha que fazer, olhando desses arquivos. Estou cuidando de mim. Experimente fazer isso em algum momento.

— Eu tenho um plano — a ventilação imunda o carro com o ar frio. Eu aumento o calor e descanso minha cabeça contra o volante. — Ou, bem, não um plano exatamente, mas o início de um. Tudo que eu preciso que você faça é vigiar Patton. Descubra onde ele vai estar na segunda-feira e mantenha-o lá, então ele estará atrasado para seu

discurso. Pelo amor que você tem a mamãe. Você não precisa nem me visitar na prisão.

— Faça alguma coisa por mim, então — ele diz, depois de uma pausa. As chances de colocar para fora dessa são nulas e fugir dela são tão ruins que não estou realmente preocupado com o que quer que seja o mal esquema que meu irmão vai tentar envolver-me em seguida. É uma espécie de libertação.

— Ótimo. Eu lhe devo um favor. Mas depois. Eu não tenho tempo agora. — Eu olho para o relógio no painel. — Na verdade, eu não tenho tempo nenhum agora. Eu tenho que ir para Wallingford e eu já estou atrasado.

— Ligue-me após a sua coisa da escola — Barron diz, e desliga. Eu lanço o telefone para o banco do passageiro e me dirijo para fora do caminho, desejando que o único plano que tenho não dependa de colocar minha fé nas duas das pessoas que eu menos possa confiar no mundo — Barron e eu mesmo.

****

São 10 e 10 quando eu chego ao estacionamento de Wallingford. Não há tempo para ir ao meu quarto, assim pego o meu telefone e eu estou atravessando o gramado, imaginando que vou ligar Sam e levá-lo a trazer as fotos de Wharton. Mas quando eu ia começar a pensar sobre as imagens, eu tenho aquela sensação horrível de que há algo que tenho esquecido. No jantar eu disse que achava que Mina deve ter

pretendido que nós *víssemos* as fotos, mas ela não apenas deixe-nos vê-los. Ela garantiu que nós tivéssemos cópias.

Pavor frio trabalha o seu caminho pela minha espinha. Ela queria alguém para chantagear Wharton. Alguém para confirmar que eles tiraram as fotos e que queriam dinheiro. Mas não temos de realmente que fazê-lo. Nós apenas temos que parecer que estamos fazendo isso.

Estúpido, estúpido. Eu sou tão estúpido. Quando eu estou pensando nisso, o telefone toca em minhas mãos. É Daneca.

— Hey — eu digo. — Eu realmente não posso falar. Eu estou tão atrasado para a detenção, e se eu conseguir outro demérito...

Ela soluça, líquido e terrível, e eu mordo qualquer coisa que eu estava planejando dizer em seguida.

— O que aconteceu? — Eu pergunto.

— Sam descobriu — ela diz, sufocando as palavras. — Que eu estava vendo o seu irmão. Estávamos na biblioteca juntos esta manhã, estudando.

— Tudo estava normal. Eu não sei, eu queria vê-lo e descobrir se ainda havia alguma coisa entre nós, se eu me sentia...

— Uh-huh — eu digo, cruzando o verde, esperando que Wharton ainda esteja em seu escritório. Esperando que eu esteja errado sobre os planos de Mina. Esperando que Sam esteja em algum lugar queimando essas fotos, embora tenha certeza que ele está muito ocupado sendo devastado, e mesmo se ele não estava, ele não tem

nenhuma razão para pensar que estamos em apuros. — Talvez ele vá superar isso.

É inútil pensar sobre o fato de que nenhum deles consegue superar e deixar para lá é o que está quebrado em primeiro lugar. Ele vai ficar furioso com ela e duplamente furioso comigo por não ter contado a ele sobre Barron. Que, previsivelmente, eu mereço.

— Não, escute. Saí da sala por um minuto, e quando voltei, Bem, Barron deve ter me mandado uma mensagem. E Sam leu e deve ter lido os outros também. Ele começou a gritar para mim. Foi muito feio.

Faço uma pausa. — Você está bem?

— Eu não sei. — Ela soa como se estivesse tentando conter as lágrimas. — Sam sempre foi tão gentil e doce. Eu nunca pensei que ele poderia ter tanta raiva. Ele me assustou.

— Ele machucou você? — Estou empurrando as portas do prédio administrativo, tentando pensar.

— Não, nada assim.

Dirijo-me apressadamente, não tem ninguém em qualquer dos escritórios. Meus passos são altos nos corredores. Os únicos sons que eu posso ouvir são os que eu estou fazendo.

Todos foram para suas casas para o fim de semana. Meu coração começa a acelerar. Wharton se foi, e Mina provavelmente já lhe disse que Sam e eu o estamos chantageando. Ele vai vasculhar o nosso quarto, e se ele faz, ele vai encontrar as imagens... E, oh Deus, a arma. Ele vai encontrar a arma.

— Sam jogou seus livros em toda a sala, e então ele ficou muito frio, muito distante — Daneca está dizendo, embora seja difícil me concentrar em suas palavras. — Era como se algo apenas tivesse desligado dentro dele. Ele me disse que deveria conhecê-lo e ele não se importava se você não mostrar. Ele disse que ia cuidar das coisas, por uma vez. Ele disse que tinha um...

— Espere. O quê? — Eu pergunto, tirando a atenção. — O que ele disse que ele tinha?

Um tiro soa através da escadaria no andar a cima de mim, ecoando no prédio vazio.

Eu não sei o que esperava ver quando eu chegasse ao escritório do Wharton, mas não era Sam e o diretor às voltas no tapete oriental antigo.

Wharton está rastejando pelo chão, em direção a uma arma que parece ter deslizado e se afastado de ambos, enquanto Sam está tentando imobilizá-lo para baixo.

Eu vou para a arma.

Wharton olha para mim deslumbrado quando eu balanço o cano em sua direção. Seu cabelo branco está bagunçado apontando para todas as direções. Sam cai mole, com um gemido. Isso é quando eu percebo que a mancha vermelha em torno de Sam não faz parte do padrão do tapete.

— Você atirou nele, — eu digo a Wharton, em descrença.

— Sinto muito, — Sam diz entre os dentes travados. — Eu estraguei tudo, Cassel. Eu realmente fiz besteira.

— Você vai ficar bem, Sam — eu digo.

— Sr. Sharpe, você está vinte minutos atrasado para a sua detenção — Reitor Wharton diz no chão. Eu me pergunto se ele está em choque. — Se você não quer mais problemas do que você já está, eu sugiro que você me dê essa arma.

— Você está brincando comigo, né? Eu estou chamando uma ambulância. — Atravesso a mesa de madeira da Wharton. As fotos da Mina estão lá, em cima dos outros papéis.

— Não! — Wharton, diz, empurrando-se em seus pés. Ele dá o bote para o cabo do telefone e puxa-o para fora da parede com um empurrão violento. Ele está respirando com dificuldade, olhando para mim com olhos vidrados. — Eu o proíbo. Eu absolutamente o proíbo. Você não entende. Se o conselho descobrir sobre esta... Bem, você simplesmente não entende a difícil posição que eu irei me encontrar.

— Eu posso imaginar — eu digo, puxando para fora o meu celular com uma mão. Eu não consigo imaginar como fazer a ligação e manter a arma apontada para ele, ao mesmo tempo. Wharton cambaleia para mim.

— Você não pode chamar ninguém. Guarde esse telefone.

— Você atirou nele! — Eu grito. — Fique longe ou eu vou atirar em você!

Sam geme novamente. — Isso realmente machuca, Cassel. Realmente dói.

— Isto não pode estar acontecendo — Wharton diz. Então ele olha para mim de novo. — Eu vou dizer-lhes que você fez isso! Eu vou

dizer que ambos vieram aqui para roubar-me e vocês dois entraram em um argumento, e então você atirou nele.

— Eu deveria saber quem atirou em mim — Sam diz. Ele estremece quando coloca pressão sobre a perna. — Eu não vou dizer que foi Cassel.

— Isso não importa. De quem é a arma, em Sr. Sharpe? — Wharton, diz. — De vocês, eu aposto.

— Não, — eu digo. — Eu a roubei.

Ele dá-me um olhar súbito em branco. Ele está acostumado a lidar com bons meninos em uniformes arrumados que apenas brincam de serem causadores de problemas antes de fazer o que eles disseram, e a súbita suspeita de que não sou nada assim parece desorientá-lo. Em seguida, torce sua boca.

— É isso mesmo. Todo mundo sabe de onde você veio. Quem é que eles vão acreditar, em mim ou em você? Eu sou um membro respeitável da comunidade.

— Não quando virem as fotos de você e Mina Lange. Isso é uma coisa muito superficial. Você não vai ter uma boa aparência. Você está doente, certo? O cérebro começa a ir. Primeiro você esquece as coisas pequenas, então maiores, e então o médico dá-lhe a notícia de que só ficara pior a partir daqui. É tempo para se demitir de Wallingford. Não há muito que você pode fazer legalmente, mas ilegalmente, bem, agora estamos nos entendendo. Você pode comprar crianças, meninas, como Mina, e ela não pode curá-lo porque é degenerativa, mas ela pode dar-lhe a próxima melhor coisa.

— Então você não fica pior e ela começa a ficar doente. Na primeira você racionaliza. Ela é jovem. Ela vai ficar melhor. Então, ela falta em algumas aulas? Isso não é nada para ela ser preocupar. Afinal, você deu a ela uma bolsa de estudos para Wallingford, uma prestigiosa escola preparatória, para que você possa tê-la na mão sempre que você precisar dela.

— Quando ela lhe disse que tinha as fotos, você provavelmente estava disposto a pagar. Mas, então, quando Sam entra aqui, ele diz algo que faz você perceber que o dinheiro é para Mina. O que o coloca em uma situação difícil. Se ela vai, você fica doente de novo. E se alguém ver as imagens, você perde seu emprego. Você não pode ter isso, então você vai para a arma.

Wharton olha para a mesa numa necessidade louca de capturar as fotos. O suor esta brotando em sua testa.

— Ela estava nisso?

— Ela orquestrou isso. Ela tirou as fotos. A única coisa que ela não esperava era que alguém realmente tentasse ajudá-la. Sam fez, porque ele é um cara bom. Veja o que tem ele. Agora eu estou fazendo esta ligação e você não vai me impedir.

— Não, — Wharton, diz.

Olho para Sam. Ele parece muito pálido. Gostaria de saber a quantidade de sangue que ele já perdeu.

— Olha, eu não me importo com Mina ou o dinheiro ou você perder a sua mente — eu digo. — Pegue as fotos. Mantenha o seu

segredo. Diga às pessoas da ambulância o que quiser quando eles vierem. Mas ele está realmente machucado.

— Okay. Deixe-me pensar. Você deve conhecer alguém — o reitor diz em voz baixa e suplicante. — O tipo de médico que não irá relatar um tiroteio.

— Você quer que eu chame um *médico da máfia*?

A ânsia no rosto é exagerada, maníaca.

— Por favor. Por favor. Eu te darei qualquer coisa. Você pode se formar com um 4.0. Você pode faltar em todas as suas aulas. Se você fizer isso ir embora, tanto quanto me diz respeito, você pode fazer o que quiser.

— E não há mais pontos negativos — Sam diz fracamente.

— Você tem certeza? — Pergunto a Sam. — Este médico não vai ter todas as coisas de um verdadeiro hospital.

— Cassel pense nisso — Sam diz. — Se uma ambulância vem, estamos todos em apuros. Nós todos perdemos.

Hesito.

— Meus pais — ele diz. — Eu não posso, não podem descobrir. — Eu olho para ele por um longo momento e, em seguida, lembro que Sam era o único que trouxe uma arma na sala do reitor e ameaçou-o com ele. Pais normais, provavelmente, desaprovam esse tipo de coisa. Aposto que os juízes não gostam disso. Este não é um jogo zero um para o reitor, Sam, ou para mim. Há muita dificuldade para ir ao redor.

Com um suspiro eu coloco a trava de segurança, e enfio a arma em meu bolso, para fazer a chamada.

****

O médico com os dentes tortos chega meia hora depois. Seu serviço de atendimento nunca pediu um nome de mim e nunca dei um para ele também. Na minha cabeça, eu ainda estou chamando-o de Dr. Doutor.

Ele está vestindo uma roupa similar ao que eu vi na última vez, moletom e jeans. Percebo que ele tem um tênis sem meias e há uma crosta de algum tipo em seu tornozelo. Sua face tem um olhar mais afundado do que me lembro, e ele está fumando um cigarro. Gostaria de saber quantos anos tem. Ele aparenta como se ele estivesse talvez na casa dos trinta, com a cabeça cheia de cachos rebeldes e nuca de um homem que não parece estar incomodado de fazer a barba todos os dias. A única coisa que indica que ele é um médico em tudo é o saco preto que ele está carregando.

Eu tenho a perna de Sam elevada e amarrada com a minha camiseta. Estou sentado no chão, aplicando pressão. Reitor Wharton embrulhou Sam no meu casaco para ele parar de tremer. Nós fizemos o nosso melhor, e eu estou me sentindo como o pior amigo do mundo por não insistir em levá-lo imediatamente para o hospital, quaisquer que sejam as consequências.

— Você tem um banheiro? — Pergunta o médico, olhando ao redor.

— Através destas portas descendo o corredor — Reitor Wharton diz, franzindo a testa em direção ao cigarro do médico em desaprovação, ainda, aparentemente, tentando manter o controle da situação. — Este é um edifício de não-fumantes.

O médico dá-lhe um olhar incrédulo.

— Eu tenho que esfregar dentro. Limpe a mesa enquanto eu estiver fora. Nós vamos ter que levar o paciente até lá. E obter mais algumas luzes. Eu preciso ver o que estou fazendo.

— Você confia no homem? — Reitor Wharton me pergunta enquanto ele levanta pilhas de papéis e empurra-os em seu armário de arquivamento ao acaso.

— Não, — digo.

Sam faz um som abafado.

— Eu não quis dizer isso dessa forma, — eu digo. — Você vai ficar bem. Só estou chateado. — Principalmente comigo, não tentando demonstrar que na maior parte com o Wharton.

O reitor arrasta uma luminária para sua mesa agora limpa e a vira. Ele consegue posicionar um par de outras luzes das estantes, inclinando o pescoço flexível para apontar as lâmpadas na mesa, quando arrumou tudo, virou-se para olhar a sua performance.

— Ajude-me a levá-lo para cima — eu digo.

— Não me levante, — Sam diz, pronunciando as palavras um pouco. — Eu posso pular.

Esta parece ser uma ideia terrível, mas não estou discutindo com um homem ferido. Colocando seu braço em volta do meu pescoço, eu lhe lanço para cima. Ele faz um som baixo na parte de trás de sua garganta, como se estivesse mordendo um grito. Seus dedos enluvados cavam no meu braço nu. Seu rosto se contorce de dor e concentração, os olhos bem fechados.

— Não coloque nenhum peso sobre ela, — eu lembro-o.

— Vá se danar — ele diz com os dentes cerrados, o que eu considero que quer dizer que ele está bem.

Movemo-nos em torno da sala, o seu corpo meio curvado sobre o meu. Minha camiseta desliza na perna, e o sangue escoa lentamente do buraco à medida que ele sobe em cima da mesa.

— Deite-se, — eu disse, estendendo a mão para a camisa. Eu não tenho nenhuma ideia de como limpar tudo, mas eu tento limpar o pior do sangue e reaplico a pressão. Wharton está de volta, olhando-nos com o que parece uma mistura de desgosto e terror. Possivelmente ele está de luto pela destruição de sua mesa.

O médico volta para a sala, o cigarro se fora. Ele tem sobre o que se parece com um poncho de plástico e luvas. Seu cabelo foi puxado para trás com uma bandana.

Sam geme.

— O que, que ele vai fazer?

— Eu vou precisar de um assistente para isso, — o médico diz, olhando para mim. — Você está bem com sangue?

Concordo com a cabeça.

— Você tem sorte. Meu último trabalho não era muito longe daqui. Às vezes eu posso ficar muito atolado de coisa.

— Eu aposto — eu digo. Eu gostaria que ele parasse de falar.

Ele acena com a cabeça.

— Então... preciso do dinheiro. Vai ser 500 adiantados, como o meu serviço diz. Talvez mais, dependendo de como as coisas vão, mas eu preciso ter isso agora.

Olho para Wharton, e ele se agita em torno de uma das gavetas de sua mesa. Ele deve usar para pagar outras pessoas em dinheiro, porque ele abre alguma seção dentro de uma parte inferior e conta com um maço de notas.

— Aqui está o pagamento, — o reitor diz, com a mão tremendo enquanto segura o dinheiro. — Vamos garantir que as coisas terminem bem. Sem complicações, você entende?

— O dinheiro absorve germes. É uma coisa suja. Você pega, garoto, — Dr. Doutor diz. — Coloque-o na minha bolsa. E tire a garrafa de iodo. Então, antes de fazer qualquer outra coisa, eu quero que você vá lavar as mãos.

— As minhas luvas? — Eu pergunto.

— Suas mãos — ele me diz. — Você vai usar um par de luvas de plástico. Essas estão arruinadas.

No banheiro, esfrego furiosamente. Minhas mãos. Meus braços. Ele está certo sobre minhas luvas de couro. Eles estão tão encharcados com o sangue que minhas mãos estavam manchadas por baixo de vermelho. Jogar um pouco de água no meu rosto parece ser uma boa medida. Nu da cintura para cima, eu sinto que deveria tentar me cobrir de alguma forma, mas não há nada para me cobrir. Minha camiseta é uma bagunça repugnante. Meu casaco ainda está no chão do outro quarto.

Eu volto para o escritório do reitor para encontrar o médico que tem a sua bolsa aberta. É uma bagunça de garrafas, panos e grampos. Ele está tirando nítidos e assustadores instrumentos metálicos e colocando-os sobre uma mesa ao lado, que foi arrastada. Eu coloquei em um par de finas luvas de plástico e peguei o iodo.

— Cassel, — Sam diz baixinho. — Eu vou ficar bem, certo?

Concordo com a cabeça.

— Eu juro.

— Diga a Daneca que eu sinto muito. — Lágrimas estão brotando nos cantos dos olhos. — Diga a minha mãe...

— Cale-se, Sam — eu digo ferozmente. — Eu disse que você vai ficar bem.

O medico grunhe. — Tire um dos cotonetes, mergulhe-o em iodo, e limpe o buraco de bala.

— Mas... — eu digo, não tenho certeza de como proceder.

— Corte as calças. — Ele parece irritado, e eu posso ver que ele está pegando um frasco marrom e uma agulha grande.

Eu tento manter a minha mão firme, começo a tirar a tesoura do kit, cortar e abrir as calças do Sam. Eu rasgos o material na largura, da sua coxa, e vejo o ferimento real, logo acima do joelho, pequeno e jorrando sangue. Quando meus dedos tocam sua pele, escovando-o com o iodo, ele se contorce.

— Está tudo bem, Sam — eu digo.

Do outro lado da sala de Wharton senta-se pesadamente numa cadeira e coloca as mãos na cabeça.

O médico vai até Sam, segurando uma seringa. Ele bate, para poder retirar o ar. — Isto é morfina. Deve ajudar com a dor.

Os olhos de Sam se arregalam.

— Você precisa estar sedado para isso — o médico diz.

Sam engole de forma visível criando coragem e concorda.

O médico enfia a agulha em uma veia do braço de Sam. Ele faz um som que é um meio gemido.

— Você acha que ela realmente gosta dele? — Sam pergunta. Eu sei que ele está falando do Barron. E eu não sei a resposta, realmente não sei.

O médico olha para mim, depois para Sam.

— Não, — eu digo. — Mas talvez você não deva se preocupar com isso agora.

— Distração. — os olhos de Sam viram em suas orbitas, seu corpo fica flácido. Eu me pergunto se ele está sonhando.

— Agora você tem que segurá-lo — o médico diz. — Enquanto eu vou cavar a bala.

— O quê? — Digo. — Segurar como?

— Basta impedi-lo de se mover muito. Eu preciso que sua perna fique firme. — Ele olha do outro lado da sala do Reitor Wharton. — Você. Venha até aqui. Preciso de alguém para me entregar uma pinça e um bisturi quando eu pedir por eles. Coloque as luvas.

O reitor atravessa a sala atordoado. Eu vou para o outro lado da mesa e coloco uma mão no estômago de Sam e outra na sua coxa, inclinando o meu peso contra eles. Ele vira a cabeça e solta alguns gemidos, embora permaneça fora de si. Eu o largo imediatamente.

— Segure-o. Ele não vai se lembrar disso — o médico diz, o que não me conforta nem um pouco. Há muitas coisas que eu não lembro, mas isso não significa que não aconteceram. Eu coloquei minhas mãos de volta no lugar.

Dr. Doutor inclina-se e pressiona em torno da ferida. Sam solta gemidos novamente e tenta mudar de posição. Eu não deixo.

— Ele vai ficar semiconsciente. É mais seguro assim, mas isso significa que você realmente tem que impedi-lo de se mover. Acho que a bala ainda está lá.

— O que significa isso? — Reitor Wharton pergunta.

— Isso significa que temos de tirá-la — o médico diz. — Dê-me o bisturi.

Eu viro minha cabeça no momento em que o ponto da faca afunda na pele de Sam. Ele se contorce cegamente sob minhas mãos,

me forçando a colocar o meu peso contra ele. Quando eu olho de novo, o médico cortou uma fatia profunda. O sangue começa a jorrar para fora dele.

— Retrator, — o médico diz, e Wharton coloca em suas mãos.

— Pinça hemostática[8] — o médico diz.

— O que é isso? — Wharton pergunta.

— A coisa prata com a ponta curvada. Fique à vontade. Não é minha emergência.

Eu atiro ao médico o meu olhar mais sujo, mas ele não está olhando. Ele está empurrando um instrumento na perna de Sam. Sam solta gemidos, baixos e alguns empurrões leves.

— Shhh — eu digo. — Está quase no fim. Quase no fim.

Espirros de sangue caem da perna de repente, batendo no peito e no rosto. Eu cambaleio para trás, chocado, e Sam quase cai da mesa aos empurrões.

— Segure-o, seu idiota! — O médico grita.

Eu pego a perna de Sam, forçando-a para baixo. Os pulsos de sangue, juntamente com seu coração, subindo e descendo. Há muito sangue. Está nos meus cílios, manchando por cima do meu estômago. É tudo que eu posso cheirar e provar.

— Quando eu digo que é para segurá-lo, eu não estou brincando! Quer que o seu amigo morra? *Segure-o*. Eu tenho que encontrar o vaso cortado. Onde é que está a pinça?

[8] Uma **pinça hemostática** (também chamado de **grampo hemostático, pinças arteriais,** ou **europeu** após Jules—Émile Péan) é um vital cirúrgico ferramenta utilizada em quase qualquer procedimento cirúrgico, geralmente para controlar o sangramento.

A pele de Sam parece pegajosa. Sua boca parece azulada. Viro a cabeça para longe da cirurgia, meus dedos cavando em seus músculos, segurando-o firmemente para baixo da melhor forma que eu posso. Eu cerro os dentes e tento não assistir o médico amarrando a artéria ou observá-lo retirar a bala ou iniciar a costura da ferida com fio preto. Eu permaneço assistindo a ascensão e queda de peito de Sam, lembrando-me que, enquanto ele está respirando e gemendo e se deslocando, enquanto está com dor, ele está vivo.

Depois, eu afundo no chão e ouço o médico dando instruções ao reitor Wharton. Meu corpo inteiro dói, meus músculos estão doloridos da luta com Sam.

— Ele vai ter que tomar antibióticos por duas semanas. Caso contrário, ele está em sério risco de ter uma infecção — o médico diz, colocando a gaze no local e retirando algodões ensanguentados. — Eu não posso escrever-lhe uma receita, mas isso é suficiente para há primeira semana. Meu serviço de atendimento entrará em contato com qualquer um de vocês falando sobre como obter mais antibióticos.

— Eu entendo, — reitor disse.

Eu entendo também o Dr. Doutor não pode prescrever porque ele teve sua licença cassada. É por isso que ele está agindo como médico para Zacharov e para nós.

— E se você precisar de um serviço de limpeza para isso, eu sei de algumas pessoas muito discretas.

— Isso seria muito apreciado.

Eles soam como dois homens civilizados, discutindo coisas civilizadas. Eles são dois homens do mundo, um homem da medicina e um homem das letras. Eles provavelmente não se consideram criminosos, não importa o que eles fizeram.

Quando o médico sai pela porta, eu pego o meu telefone do bolso.

— O que você está fazendo? — Reitor Wharton exige.

— Eu estou chamando a namorada dele — eu digo. — Alguém vai ter que ficar com ele esta noite. Não pode ser eu, e ele não gostaria que fosse você.

— Você tem algum lugar mais importante para ir?

Eu olho para Wharton. Eu estou exausto. E eu odeio que não posso ficar, quando isso é tudo culpa minha, em primeiro lugar. Minha arma, minha brincadeira idiota com Mina, o que fez com que eu trouxesse uma arma.

— Não pode ser eu.

— Eu absolutamente proíbo de chamar outro estudante, Sr. Sharpe. Esta situação é caótica o suficiente como está.

— Me erra — eu digo meus dedos enluvados deixando pegajosas manchas castanhas por trás quando eu toquei nas teclas.

— Você o encontrou? — Daneca diz, em vez de "Olá". — Ele está bem?

A conexão não é muito boa. Ela parece arranhada e distante.

— Você pode vir para o escritório do reitor Wharton? — Eu pergunto. — Porque se você puder, eu acho que você deveria vir agora. Sam realmente precisa de você. Seria realmente bom se você viesse agora. Mas não entre em pânico. Por favor, só não entre em pânico e, por favor, venha agora.

Ela diz que vem com um tom confuso que me faz pensar que devo estar soando muito estranho. Tudo parece vazio.

— Você deve ir — eu digo ao reitor Wharton.

Até o momento que Daneca chega, ele já tinha ido.

Ela olha ao redor da sala, no tapete encharcado de sangue, e as lâmpadas nas estantes, em Sam deitado sobre a mesa maciça do Wharton, inconsciente. Ela olha para sua perna e para mim, sentado no chão, sem camisa.

— O que aconteceu? — Ela pergunta, caminhando para Sam e tocando seu rosto com um pouco de sua luva.

— Sam foi... foi baleado. — Ela olha assustada. — Um médico veio e o curou. Quando ele acordar, eu sei que vai querer você lá.

— Você está bem? — Ela pergunta. Eu não tenho nenhuma ideia do que isso significa. Claro que estou bem. Eu não sou aquele deitado sobre uma mesa. Eu cambaleio nos meus pés e pego meu casaco.

Concordo com a cabeça. — Mas eu tenho que ir, ok? Reitor Wharton sabe sobre isso. — Eu faço um gesto vago, principalmente para o seu tapete. — Eu não acho que podemos mover Sam até que ele acorde. É o que, meio-dia agora?

— São duas da tarde.

— Certo — eu digo, olhando para as janelas. O reitor Wharton tirou as cortinas, eu me lembro. Não que eu seria capaz de contar o tempo pela quantidade de luz do sol. — Eu não posso.

— Cassel, o que está acontecendo? O que aconteceu? Será que onde você está indo ter a ver com Sam?

Eu começo a rir, e Daneca parece ainda mais preocupada.

— Na verdade, — eu digo — é totalmente diferente.

— Cassel, — ela diz.

Olho para Sam, deitado sobre a mesa, e penso em minha mãe na casa do Zacharov cuidando do seu próprio ferimento à bala. Eu fecho meus olhos.

No final da vida de um criminoso, é sempre o pequeno erro, a coincidência, a cotovia. Quando ele fica muito confortável, o tempo que escorregou, a vez que alguém apontou um pouco para a esquerda.

Eu já ouvi histórias de guerra do vovô mil vezes. Como eles finalmente conseguiram Mo. Como Mandy quase escapou. Como Charlie caiu.

Do nascimento ao túmulo, sabemos que vai ser nós um dia. Nossa tragédia é que nos esquecemos de que poderia ser outra pessoa primeiro.

14

Eu estou tremendo quando saio do escritório do Wharton, tremendo com tanta força que eu tenho medo de tropeçar enquanto sigo o meu caminho descendo as escadas. O sangue de Sam está manchando a minha pele, encharcando minhas calças. Eu me forço a atravessar a quadra, curvado meu casaco, escondendo o pior. A maioria dos alunos se foi para o fim de semana, e tenho muito cuidado para não tomar qualquer um dos caminhos, e pronto para desviar se avistar alguém. Eu fico na escuridão das sombras das árvores.

Uma vez que chego à sala do dormitório, eu vou direto para o banheiro comum. Eu me vejo no espelho. Há uma mancha vermelha em toda a minha mandíbula, e por um momento, tento limpá-la, mas só se torna mais ampla, eu sinto que estou olhando para um estranho, alguém mais velho com maçãs do rosto e lábios vazios curvados em um significativo cenho franzido. Um louco recém-saído de um assassinato, um psicopata, um assassino.

Eu não acho que ele gosta muito de mim. Apesar da carranca em seu rosto, seus olhos são negros e molhados, como se ele estivesse prestes a começar a chorar. Eu não gosto muito dele também. Meu

estômago dá uma guinada. Eu tenho tempo apenas para chegar até uma das divisórias antes deu começar a vomitar. Eu não comi nada, então é principalmente bile azeda. De joelhos sobre o azulejo frio, asfixiante onda de raiva e auto-aversão que varre sobre mim é tão imponente e vasta, que não posso imaginar se vai sobrar algo em mim que não seja levada nela. Eu sinto que não há nada. Nenhuma luta em mim. Tenho que me concentrar. Yulikova estará aqui em algumas horas, e há coisas que eu preciso acertar, existem coisas que precisam ser feitas antes que possa ir com ela, arranjos. Últimos detalhes e instruções, mas estou congelado com horror a tudo o que já aconteceu e tudo na minha frente. Tudo o que posso pensar é sangue e o som gutural de Sam gemendo em agonia. É melhor me acostumar com isso.

Tomo um banho tão quente que minha pele parece estar queimada quando saio. Então me visto para meu encontro com os federais, uma camiseta simples que foi mastigada por um dos secadores, a minha jaqueta de couro e um novo par de luvas. As roupas com sangue eu deixo correr água da torneira até que elas estão menos sujas, em seguida envolvo-as em um saco plástico. Mesmo que seja um risco, eu mantenho meu telefone no silencioso e coloco em minha meia. Eu enfio um monte de outras coisas em minha jaqueta, coisas que planejo transferi-las para a bolsa que deixei no carro. Cartões de fichário e uma caneta, Styling gel e um pente, algumas fotos de Patton que imprimi na impressora de baixa qualidade do Sam e depois dobrei, deixando-a com aparência de surrada. Então ando até a loja da esquina, despejo o saco plástico de roupas ensanguentadas na lata de lixo do lado de fora, onde o Sr. Gazonas sorri para mim, como sempre faz.

— Como está a sua namorada loira? — Ele pergunta. — Eu espero que você a leve em algum lugar legal no sábado à noite.

Eu sorrio e pego para mim uma xícara de café e um sanduíche de presunto e queijo.

— Eu vou dizer-lhe sobre a sua ideia.

Faça isso — ele diz enquanto me entrega o troco.

Espero conseguir levar Lila sábado à noite, espero ter a chance de vê-la novamente. Tentando não pensar sobre isso, eu volto para o estacionamento sento no me carro e me forço a comer, tudo parece ter gosto de cinzas e pó. Eu ligo o rádio, passeando pelos canais. Não consigo me concentrar no que estou ouvindo, e depois de um tempo não posso manter meus olhos abertos também.

Eu acordo com uma batida na janela, agente Yulikova está em pé ao lado do carro, com o agente Jones e outra mulher que não reconheço ao lado deles. Por um momento, me pergunto o que aconteceria se me recusa-se a sair. Eu me pergunto se eles iriam embora eventualmente. Eu me pergunto se eles teriam uma dessas garras de resgate[9] e colocaram no topo da minha Benz abrindo-o como se fosse uma lata, então eu abro a porta do carro e pego a minha mochila.

— Tendo um bom descanso? — Yulikova me perguntou. Ela está sorrindo docemente, como se fosse a mãe nota dez do meu grupo de escoteiros, em vez da senhora que quer enviar-me para o rio. Ela

parece mais saudável do que parecia no hospital. O frio deixou suas bochechas rosadas.

Eu forço um bocejo. — Você me conhece — eu digo. — Preguiçoso como um percevejo.

— Bem, vamos lá. Você pode dormir em nosso carro, se você quiser.

— Claro, — eu disse, fechando o Benz.

O carro deles é previsivelmente preto, um desses enormes Lincoln que você pode espalhar-se dentro como eu fiz. E enquanto eu fico confortável, me inclino para colocar a minha chave na minha bolsa e disfarçadamente levanto o meu celular. Então, inclinando para trás, eu coloco meu telefone no bolso da porta do carro. O último lugar que alguém vai procurar por contrabando em seu próprio veículo.

— Então, você tem algo para entregar? — Yulikova diz. Ela está na parte atrás de mim. Os outros dois agentes estão na frente. A arma. Ah, não, a arma. Eu a deixei no escritório do Wharton, sob a mesa. Ela deve ter visto isso na minha cara, o flash de horror.

— Aconteceu alguma coisa? — Ela pergunta.

— Eu esqueci aquilo — eu digo. — Eu sinto muito. Se você me deixar sair, eu vou buscá-la.

— Não, — ela diz, trocando um olhar com o outro agente do sexo feminino. — Não, está tudo bem, Cassel. Nós podemos pegá-la quando retornarmos. Por que você não nos diz onde ela está?

— Se você quiser que eu pegue... — eu digo.

Ela suspira. — Não, está tudo bem.

— Você vai me dizer o que está acontecendo agora? — Eu pergunto. — Eu realmente me sinto mais confortável quando estou por dentro do plano.

— Honestamente, nós vamos dizer-lhe tudo — ela diz. — É muito simples e direto. O governador Patton vai dar uma conferência à imprensa, e quando acabar, nós gostaríamos que você usa-se o seu dom para mudá-lo, em alguma coisa viva que possa ser contida.

— Você tem alguma preferência?

Ela me dá um olhar, como se estivesse tentando avaliar se estou ou não a testando.

— Estamos deixando a decisão para você, é tudo muito simples, mas é imperativo que ele não fuja.

— Se é tudo a mesma coisa, eu vou transformá-lo em um cão grande, eu acho. Talvez um desses cães extravagantes como salukis[10], certo? Não, Borzois[11]. Um dos caras que me minha mãe enganou tinha um desses. — Seu nome era Clyde Austin. Ele me bateu na cabeça com uma garrafa. Deixo esses detalhes para fora. — Ou talvez um besouro grande. Você pode mantê-lo em um frasco. Apenas lembre-se de colocar os furos para o ar entrar.

Aparece uma oscilação repentina de medo nos olhos de Yulikova.

— Você está chateado. Eu posso ver isso, — ela diz, estendendo sua mão enluvada para tocar na minha. É um gesto íntimo, maternal,

[10] Nome de uma raça de cão.
[11] Outra raça parecida.

e tenho que me esforçar para não vacilar. — Você é sempre sarcástico quando está nervoso. E eu sei que não é fácil para você, não saber detalhes, mas você tem que confiar em nós. Ser um agente do governo significa se sentir sempre como se estivesse no escuro. É como nos os mantemos seguros.

Seu rosto é tão amável. O que ela está dizendo é razoável. Ela parece verdadeira, nada nela parece demonstrar o contrario. Eles achavam que Barron tinha feito tudo o que eles me contaram que estava nos arquivos. Isso seria profundamente horrível e totalmente plausível.

Concordo com a cabeça.

— Eu acho que estou acostumado a confiar apenas em mim.

— A primeira vez que você apareceu para nós, eu sabia que ia ser um caso especial. Não apenas por causa de seu poder, mas por causa de onde você veio. Nós raramente temos contato significativo com os meninos como você e Barron. Os recrutas mais comuns na LMD são garotos que estão morando na rua, ou porque saíram de casa ou porque foram forçados a sair. Às vezes, uma família nos contata com uma criança que eles acham que pode ser um executor, e os trazem para o programa.

— As famílias não executoras, você quer dizer? — Eu pergunto. — Eles estão com medo, os pais?

— Normalmente — ela diz. — Às vezes a situação é tão potencialmente violenta que temos de retirar a criança. Temos duas

escolas no país para crianças de executoras com idade inferior a dez anos.

— As escolas militares. — eu digo.

Ela acena com a cabeça.

— Há coisas piores, Cassel. Sabe quantos filhos dos executores são assassinadas por seus próprios pais? As estatísticas são uma coisa, mas eu vi os ossos, ouvi as desculpas aterrorizadas. Nós recebemos um relatório de uma criança que pode ser um executor, mas quando chegamos à cidade, o menino estava ficando com alguns "parentes", a quem ninguém tem qualquer informação de contato confiável e que não tem um telefone. O menino vai ter transferido para outra escola, só que não há registro de onde isso possa ser. Eles estão normalmente mortos.

Eu não tenho nada a dizer sobre isso.

— E depois existem as crianças negligenciadas, as crianças vítimas de abuso, as crianças que são criadas a pensar que a sua única opção é se tornar um criminoso. — Ela suspira. — Você está se perguntando por que estou dizendo tudo isso.

— Porque é isso que você está acostumada a dizer a crianças que não são como eu, com as mães como a minha e irmãos como os meus.

Ela acena com a cabeça, olhando para frente do carro, onde o agente Jones está sentado.

— Eu não estou acostumada a me imaginar como o inimigo.

Eu pisco para ela. — Isso não é o que eu penso.

Ela ri.

— Ah, como eu gostaria de ter um detector de mentiras aqui e agora, Cassel! E o pior é que percebo que é pelo menos parcialmente culpa nossa. Sabemos sobre você apenas, porque você não tinha outra escolha a não ser se entregar, e agora com a sua mãe em um monte de potenciais problemas, bem, vamos apenas dizer que as nossas lealdades não estão em alinhamento. Tivemos de fazer negócios, você e eu, que não é como eu quero que continue. Eu quero que estejamos na mesma página, especialmente indo para uma missão tão importante.

Ela me permite pensar nisso por um tempo. Eventualmente, o carro para na frente do Marriott. É um desses hotéis inócuos maciços que são perfeitos para fazer uma armadilha para alguém, porque cada andar leva a um átrio central. Escolha um andar alto o suficiente e tudo que você precisa é de alguém parado fora do quarto e talvez outra pessoa nas escadas e outro pelo elevador. Isso dá três pessoas, exatamente o número no carro comigo agora.

— Tudo bem, — eu digo quando o agente Jones desliga o motor. — Afinal, eu estou inteiramente em suas mãos.

Yulikova sorri. — E nós estamos nas suas.

Pego minha mochila, eles pegam bolsas da marinha e pastas do porta-malas, e nós nos encaminhamos para a entrada principal. Eu sinto que estou indo para uma festa do pijama muito maçante.

— Espere aqui, — Yulikova diz, e deixa-me em pé no hall de entrada com a agente feminina sem nome, enquanto Yalikova e Jones

nos registram, eu sento no braço de uma cadeira bege e estico a minha mão livre. — Cassel Sharpe.

Ela me olha com toda a suspeita que Jones normalmente faz. Seu cabelo ruivo curto é puxado para trás em um rabo de cavalo baixo, e seu terno marinho combina com sua mala. Sensatos sapatos de salto bege com meias, pelo amor de Deus. Pequenas argolas de ouro nas orelhas para completar o efeito de uma pessoa sem fala e sem vida interior. Eu não posso nem dizer sua idade, que poderia ser em qualquer lugar entre vinte e tantos e trinta e poucos anos.

— Cassandra Brennan.

Eu pisco várias vezes, mas quando ela estende a mão, eu levanto a minha num aperto.

— Não vejo por que eles lhe deram este trabalho, — digo finalmente. — Família Brennan, hein? Yulikova disse que não tinha trabalhado com muitas pessoas que vêm de famílias de executores. Ela não disse que não tinha trabalhado de maneira alguma.

— É um nome bastante comum — ela diz.

Então Yulikova volta e vamos para os elevadores.

Meu quarto é parte de uma suíte, ligado aos quartos onde Yulikova, Jones, e Brennan vão dormir. É claro, eu não recebo a minha própria chave. Minha porta, previsivelmente, não tem saída para o corretor, mas sim para a sala principal, onde há um sofá de merda, uma televisão e um mini frigorífico. Eu despejo o conteúdo da minha mochila no meu quarto e volto para a sala central. Agente Jones

está me olhando, como se eu estivesse prestes a puxar algum tipo de truque ninja e escapar pela saída de ar.

— Se você quiser alguma coisa da máquina de venda automática, você precisar chamar um de nós para acompanhá-lo. Caso contrário, você não será capaz de reentrar no quarto as portas bloqueiam automaticamente, — ele diz, como se eu nunca tivesse ido a um hotel antes. Jones é tão sutil quanto um soco no rosto.

— Hey, — eu digo. — Onde está o parceiro de vocês? Hunt, não é?

— Recebeu uma promoção — ele diz laconicamente.

Eu sorrio. — Dê a ele minhas felicitações.

Jones olha como se quisesse me esmagar, que é sutilmente diferente da sua maneira habitual de olhar para mim como se eu fosse uma lesma.

— Você está com fome? — Yulikova me pergunta, interrompendo a nossa pequena conversa. — Você já jantou?

Eu penso nos restos do sanduíche mofando em meu carro. O pensamento de comer ainda me enche de um vago mal-estar, mas eu não quero que eles notem.

— Não, — eu digo. — Mas eu estou ansioso para ouvir alguns detalhes sobre o que acontece em seguida.

— Perfeito — Yulikova diz. — Por que você não vai se lavar, enquanto a Agente Brennan pode sair e conseguir alguma comida. Tem que ter um lugar de comida chinesa por aqui. Então, iremos conversar. Cassel existe alguma coisa que você não goste?

— Eu gosto de tudo, — eu digo, e ando para o meu quarto.

Jones segue. — Posso dar uma olhada na sacola?

— Vá em frente. — Digo me sentado na cama.

Ele sorri levemente. — É apenas o procedimento.

Minha mochila parece aborrecê-lo depois que ele sente em torno do forro e olha minhas fotos e fichas em branco. — Tenho que te revistar também — ele diz.

Eu me levanto e penso em meu celular no bolso da porta do seu carro. É difícil não sorrir, mas me lembro de que me felicitando sob a minha própria inteligência é uma boa maneira de ser pego.

Ele sai, e eu gasto algum tempo lendo o meu livro. Ele contém a improvável revelação que o detetive e o assassino que ele esteve rastreando são na verdade a mesma pessoa. Fiquei incrédulo com o tempo que levou para descobrir isso. Eu fiz isso muito mais rápido quando era comigo.

Um pouco mais tarde eu ouvi a porta da suíte abrindo à distância e uma conversa. Então, alguém bate na minha porta. Até o momento que saio, Brennan está passando os pratos de papel. O cheiro da gordura me dá água na boca. Eu pensei que não estava com fome, mas estou de repente com uma fome voraz.

— Nós temos mostarda? — Eu pergunto, e Jones passa um par de pacotes em minha direção.

Depois que nós comemos, Yulikova coloca um mapa sobre a mesa. É de um espaço aberto, um parque.

— Como eu disse no carro, este é um plano muito simples. Complicações devem ser evitadas. Nós não iríamos permitir que você seja parte de uma operação que não estivéssemos muito confiantes, Cassel. Nós entendemos que você é inexperiente.

— O governador Patton está dando uma conferência de imprensa no pátio de um dos campos de internamento de ex-executores. Ele irá apresentar a proposta dois para os executores, mas também gostaria de lembrar a todos sutilmente para terem medo.

Ela pega uma caneta esferográfica de sua jaqueta e marca um X em uma clareira.

— Você vai ficar aqui o tempo todo, em um dos trailers. O único perigo real é que você vai ficar entediado.

Eu sorrio e como outro pedaço da minha galinha Kung Pao. Eu pego uma com pimenta e tento ignorar a minha língua ardendo.

— Eles vão construir um palco lá. — Ela toca a página. — E o trailer de Patton para se vestir vai ficar aqui. Ao longo deste caminho estão alguns dos outros trailers para sua equipe de trabalho. Conseguimos obter um que temos a garantia de que será mantido seguro.

— Então, eu vou ser eu mesmo?

Ela sorri. — Nós vamos ter pessoas em todos os lugares do lado de fora, se passando pela polícia local. Temos também algumas pessoas na equipe de segurança do Patton. Você vai estar em boas mãos.

O que faz sentido, mais ou menos. Mas também faz sentido que, se estou sozinho na sala quando eu sair e atacar Patton vai parecer que estava agindo sozinho. Os federais estarão fora da cena.

— E as câmeras de segurança? — Eu pergunto.

Agente Brennan levanta as sobrancelhas.

— Por ser ao ar livre, não haverá nenhuma — Yulikova diz — mas o que nós precisamos nos preocupar é com as câmeras da imprensa. — Ela faz um ponto azul na frente de onde ela marcou o palco. — O poço de imprensa está aqui, mas haverá vans estacionadas no lote lá, onde nossos veículos também estarão. Se você ficar no trailer, você deve ficar fora de vista.

Eu concordo com a cabeça.

Agente Jones serve-se de outra pilha de frango com gergelim e arroz, jogando molho sobre a coisa toda.

— O governador Patton vai fazer um breve discurso, em seguida, ele vai responder a perguntas dos jornalistas, — Yulikova diz. — Você está indo ficar em um dos trailers e esperará lá até o governador Patton subir ao palco. Temos um monitor configurado de modo que você pode assistir ao noticiário local. Eles estarão transmitindo o evento ao vivo.

— Sobre o que será o discurso?

Yulikova tosse de forma discreta. — O senador Raeburn atacou Patton na imprensa. Isto é supostamente sua chance de redirecionar a conversa e para chegar ao resto do país. Se a proposição dois passar

em New Jersey, outros estados vão começar a elaborar uma legislação semelhante.

— Ok, então eu espero até Patton deixar o palco. Então o que? Eu conto até três e salto encima dele?

— Nós temos um uniforme para você. Você vai ter uma prancheta e microfone com fone de ouvido. Você vai parecer como um dos ajudantes dos bastidores. E nós temos uma tinta especialmente formulada preta que vai cobrir sua mão. Parecera que você está usando uma luva, mas seus dedos vão permanecer nus.

— Inteligente. — Estou ansioso para ver essas coisas. Meu avô ficaria feliz em saber que o governo realmente tem feito pesquisas secretas em nós e criaram alguns brinquedos legais. Pena que eu não posso lhe dizer.

— Enquanto Patton está dando seu discurso, você vai passar para o seu camarim e esperar por ele lá. Quando ele chegar, bem, é um espaço muito apertado. Não deve ser muito difícil de colocar as suas mãos nele. Nós vamos ser capazes de nós comunicarmos com você através do fone de ouvido, por isso, se você tiver alguma dúvida ou quiser saber a posição do governador, seremos capazes de lhe responder com todo o apoio que você precisar.

Concordo com a cabeça novamente. Não é um plano terrível. É muito menos complicado do que Philip espreitando em torno do banheiro à noite e todo aquele esquema para matar Zacharov. É também estranhamente similar. Acho que assassinatos e execuções de transformação têm certo padrão.

— Então, tudo bem. Governador Patton é um borzoi. Todo mundo está enlouquecendo. E agora? Qual é a minha estratégia de saída? Eu tenho um ou dois minutos, talvez menos antes de estourar o golpe de retorno. Seus guarda-costas estarão fora.

Ela faz um círculo no papel, onde o trailer está. — O local do confronto acontece aqui.

Agente Brennan se inclina para frente para ver a marca.

— Os guarda-costas são nossos empregados, o homem que vai estar na esquerda vai explicar que Patton não quer ser incomodado. Patton será sem dúvida uma grande distração, mas...

— Sem dúvida — eu digo.

Ninguém ri deste material.

— Nós acreditamos que por seu comportamento errático, é provável que o agente será capaz de explicar a briga e os sons que se seguem. Quando estiver pronto, deixe-nos saber através do fone de ouvido e vamos tirá-los de lá.

— Eu não vou ser capaz de ir imediatamente — eu digo. Agente Jones começa a falar, e eu seguro a sua mão enluvada, balançando a cabeça. — Não, eu quero dizer que não posso. O retorno faz com que fique mudando de forma. Você pode ser capaz de mover-me uma curta distância, mas vai ser complicado, e eu não vou ser capaz de ajudar.

Eles olham um para o outro.

— Eu o vi fazer isso antes, — Jones diz. — Tanto quanto eu odeio dizer isso, ele está certo. Nós vamos precisar ganhar tempo.

Yulikova e a agente Brennan estão olhando-me especulativamente.

— É tão ruim assim? — Agente Brennan pergunta. — Eu quero dizer...

Eu dou de ombros.

— Eu não sei. Eu realmente não estou vendo. Às vezes, eu realmente não tenho nada para me olhar, se você sabe o que estou dizendo. — Ela fica pálida. Eu acho que tive sucesso assustando o meu primeiro agente do FBI. Ponto para mim.

— Tudo bem, — Yulikova diz — nós vamos mudar o plano. Vamos esperar golpe de retorno do Cassel e depois tirá-lo. Nós vamos ter um carro em posição por aqui.

Eu dou um sorrio.

— Vou precisar de uma correia.

Agente Jones me dá um olhar de avaliação.

— Para Patton. E uma coleira. Podemos obter uma realmente embaraçosa?

Ela infla suas narinas.

— Isso é um pensamento muito prático. — O tom de Yulikova parece sincero e calmo, mas a inquietude de Jones está me dando nos nervos. Pode ser que ele fica assim antes de missões, mas está me fazendo querer subir pelas paredes.

— E é isso, — Yulikova diz, pegando outro rolo de ovo. — A coisa toda. Alguma dúvida, Cassel? Alguma dúvida, de alguém?

— Onde você vai estar? — Eu toco o mapa, empurrando-o um pouco para ela.

— Estarei aqui — ela diz, seu dedo enluvado batendo contra a mesa, indicando um lugar vago, na frente do palco. — Há uma van que podemos usar como um centro de comando onde Patton não será ameaçado pela nossa presença. Ele tem solicitado sua própria segurança, de modo que não pode ser muito óbvio. Mas nós estaremos lá, Cassel. Bem perto.

Bem perto, mas não em qualquer lugar que eu venha, a saber. Grande.

— E se eu precisar te encontrar? — Eu pergunto. — E se o monitor não estiver funcionando ou o fone de ouvido não funcionar?

— Deixe-me dar-lhe alguns conselhos muito bons que uma vez foram dados a mim. Às vezes, em missões coisas dão errado. Quando isso acontece, você tem duas opções: continuar porque a única coisa que deu errado não era importante, ou abortar a missão. Você tem que ir com seu instinto, se o monitor falhar, ou apenas ficar no quarto e não fazer nada. Se sentir que tem algo errado, não faça nada.

Este é um conselho e um bom, não é o tipo que parece útil para dar a alguém que você quer que seja pega. Eu olho para Yulikova, enquanto ela bebe seu refrigerante diet e mastiga sua comida. Eu penso no meu irmão, estou realmente tentando decidir qual deles é mais digno da minha confiança?

— Tudo bem, — eu digo, e pego o mapa. — Posso ficar com isso? Eu quero ter certeza que eu sei o esquema.

— Você age como se já tivesse feito isso antes, — Agente Brennan diz.

— Eu venho de uma longa linha de malandros, — eu digo. — Eu participei de um golpe ou dois.

Ela bufa, balançando a cabeça. Jones olha para nós dois. Yulikova parte e abri seu biscoito da sorte e segura o papel. Impresso em toda a fita de papel em letras maiúsculas está às palavras: "Você vai ser convidado para um evento emocionante."

Eu volto para o meu quarto pouco tempo depois. Olhando para o telefone do hotel da minha cama, me coço para ligar para Daneca e descobrir como Sam está indo. Mesmo sabendo que provavelmente está grampeado, eu estou realmente tentado. Mas ele deve estar descansando, e não sei nem se ele vai querer falar comigo.

Qualquer menção sobre ele ter sido baleado faria os federais pensarem em todos os palpites errados e levantaria muitas perguntas. Só mais uma coisa que ninguém pode pagar.

Eu não deveria ligar para Lila, mesmo que a noite passada pareça um sonho mais do que realidade. Eu penso nela enquanto eu sento no edredom velho, lembrando a sensação da sua pele na minha, do jeito que ela riu, a curva de sua boca, parece tão arriscado, como se apenas a memória de nós dará aos federais algo para usarem contra mim.

Agora que ela sabe que estou trabalhando com a agência, eu me pergunto o que ela vai fazer com essa informação. Eu me pergunto o que ela vai esperar que eu faça.

Eu deito na cama e tento dormir, meus pensamentos rodando entre Lila e Sam. Eu ouço a risada de Lila e vejo o sangue de Sam, sento as mãos dela e ouço o grito dele. Rodando e rodando até que todo mundo está rindo e gritando, por todo o caminho em meus sonhos.

Na manhã seguinte, eu tropeço para a sala principal. Agente Jones está lá, sentado no sofá e bebendo uma caneca de café do serviço de quarto. Ele olha na minha direção na forma de um homem que entrou no expediente há muitas horas atrás. Eu aposto que os três fizeram planos durante toda a noite, para ter certeza de que não pularia fora.

Eu encontro outro copo e despejo um pouco de café. É terrível.

— Hey — eu digo, pensando de repente na minha mãe em um hotel muito diferente deste. — Você pode realmente fazer metanfetamina em uma cafeteira de hotel?

— Claro, — ele diz, olhando para o seu copo, pensativo.

Acho que minha mãe estava certa sobre uma coisa.

Depois que vou tomar meu banho e me vestir, enquanto o resto deles está lá, pedindo o café da manhã. O dia inteiro se estende diante de nós com muito pouco a fazer.

Jones quer assistir um jogo de basquete na televisão de plasma grande, então eu passo a tarde jogando cartas com Yulikova e Brennan na mesa. Primeiro jogamos por doces da máquina de venda automática, em seguida, pela mudança de posição, depois pela escolha do filme que alugaremos.

Eu escolho *O Homem sombra*. Eu preciso dar algumas risadas.

15

Segunda de manhã eu acordo sem lembrar onde estou. Então isso tudo volta com pressa, o hotel, os agentes federais, o assassinato.

Adrenalina bate no meu sangue com tanta força que saio das cobertas e fico de pé, andando pela sala sem saber para onde estou indo. Encurralando-me no banheiro, eu evito meu próprio olhar no espelho. Estou quase doente com os nervos, dobrado por eles.

Eu não sei se acredito em Barron ou não. Não sei se estou sendo levantado. Eu não sei mais quem são os caras bons.

Eu pensei que as pessoas que cresci em volta, maior parte criminosos, fossem diferentes das pessoas normais. Certamente diferente dos policiais, dos agentes federais com seus emblemas brilhantes. Pensei que homens malandros e vigaristas tivessem apenas nascido sendo maus. Pensei que havia alguma falha interna em nós. Algo corrupto que significava que nunca seriamos como as outras pessoas, que o melhor que podíamos fazer é imitá-los.

Mas agora eu me pergunto — e se todo mundo for praticamente igual e são apenas pequenas escolhas que adicionam na pessoa que

você é? Nada de bom ou mal, nada de preto e branco, nada de demônios interiores ou anjos sussurrando as respostas certas em nossos ouvidos como se fosse um teste cósmico de vestibular. Apenas nós, hora a hora, minuto a minuto, dia a dia, fazendo as melhores escolhas que podemos.

O pensamento é horrível. Se isso for verdade, então não existe escolha certa. Exista apenas uma escolha.

Eu fico na frente do espelho, tentando descobrir o que fazer. Fiquei lá por um longo tempo.

Quando fiquei por tempo suficiente para voltar pra sala principal, eu encontro Yulikova e Jones já vestidos. Brennan não está com eles.

Eu bebo café de baixa qualidade do serviço de quarto e como alguns ovos.

— Tenho seus adereços, — Yulikova diz, desaparecendo em seu quarto. Ela volta com um pincel, um tubo pequeno do que parece ser tinta óleo, um moletom marrom, um cordão com uma identificação pendurado no celular e um fone de ouvido.

— Huh — eu virei à identificação em minhas mãos. O nome George Parker estava nela, debaixo de uma imagem borrada que podia passar por mim. É um bom pedaço de identificação. A foto é esquecível e seria inútil em um cartaz de procurado pela internet. — Legal.

— Esse é o *nosso* trabalho, — ela diz ironicamente.

— Desculpe, — ela está certa. Tenho pensado neles como funcionários públicos amadores, honestos e justos tentando retirar um

golpe que não estão acostumados, mas eu continuo esquecendo, isso é o que eles fazem. Eles trapaceiam criminosos, e talvez estejam me trapaceando.

— Vou precisar que você tire as luvas, — ela diz. — Esse material leva muito tempo pra secar, então, se você precisar fazer quaisquer últimos preparativos, faça agora.

— Ela quer dizer ir mijar. — agente Jones diz.

Eu me cubro com o moletom e o fecho, depois vou ao banheiro, onde eu dobro as imagens de Patton e as empurro no bolso de trás da minha calça jeans. Eu coloco o pente no outro bolso, com os cartões de índice. A caneta e o gel para cabelo eu coloco no bolso da frente do moletom, junto com as chaves do carro.

Eu ando de volta para a mesa e tiro minhas luvas, espalhando meus dedos na madeira prensada da mesa enquanto eu me sento.

Yulikova olha pro meu rosto e depois de volta para minhas mãos. Ela pega a minha mão direita com os dedos enluvados e se aproxima da dela, virando a palma pra cima.

Jones está nos assistindo, a disposição em cada linha de seu corpo. Se eu pegasse a pele nua da garganta dela, ele estaria fora da cadeira e sobre nós em segundos.

Ela destampa o tubo e esguicha gel preto e frio na parte de trás da minha mão. Ela não parece totalmente perturbada, apenas calma e eficiente. Se ela pensa em mim como algo mais perigoso do que apenas outra criança executora que ela está treinando, ela não demonstra isso.

As cerdas da escova faz cócegas, eu não estou acostumado com nada tocando minha mão tão diretamente, mas a tinta cobre minha pele cuidadosamente, secando para um brilho de couro maçante. Yulikova tem cuidado para pintar tudo, mesmo as pontas dos meus dedos, e eu tenho cuidado em não me mover, não importando o quanto eu queira rir.

— Ok, — ela diz, tampando o tubo. — Assim que secar, nós estaremos prontos para ir. Você pode relaxar agora.

Eu estudei o rosto dela. — Você promete que as acusações contra a minha mãe vão ser descartadas após isso, certo?

— É o mínimo que podemos fazer, — ela diz. Não há nada em sua expressão que me dá qualquer motivo pra não acreditar nela, mas suas palavras não são exatamente uma garantia.

Se ela estiver mentindo, eu sei o que tenho que fazer. Mas se não estiver, então vou ter jogado tudo fora por nada. É uma escolha impossível. A única chance que tenho é confundi-la para que ela revele algo. — E se eu não quiser participar da LDM? Quer dizer, após essa operação. E se eu decidir que não sou talhado para o agenciamento federal?

Isso a fez parar em seu processo de limpar o pincel num copo de água. — Isso seria muito difícil pra mim. Meus superiores estão interessados em você. Tenho certeza que você pode imaginar. Um executor de transformação é sempre raro. Na verdade...

Ela traz uma pilha de papéis familiares. Os contratos. — Eu ia esperar para fazer isso depois, quando tivéssemos alguns minutos

sozinhos, mas eu acho que essa é a hora. Meus chefes se sentiriam muito mais confortáveis se você fosse à frente e assinasse.

— Pensei que concordamos em esperar até eu me formar.

— Essa operação forçou minha mão.

Acenei com a cabeça.

— Eu vejo.

Ela se inclina para trás e empurra os dedos enluvados pelo seu tufo de cabelos grisalhos. Ela não deve ter tirado toda a pintura de sua luva, porque uma parte dele esfregava como fuligem sobre sua franja.

— Posso entender se você estiver com dúvidas. Vá em frente e pense sobre eles, mas lembre-se do porque você começou a falar sobre se juntar a nós. Nós podemos evitar que você se torne um prêmio a ser disputado por famílias de crimes rivais. Nós podemos protegê-lo.

— Quem vai me proteger de vocês, então?

— De *nós*? Sua família é uma das piores... — Jones começou, mas Yulikova parou suas palavras com um aceno de mão.

— Cassel, esse é um verdadeiro passo a frente para você. Fico contente que você esteja me perguntando isso. Fico contente de você estar sendo honesto.

Eu não digo nada. Estou segurando minha respiração, sem saber realmente o porquê.

— É claro que você se sente assim. Ouça, eu sei que você está em conflito. E sei que você quer fazer a coisa certa. Então nós vamos continuar a conversar e continuar sendo honestos. Da minha parte, eu

estou lhe dizendo honestamente que se você fugir da LMD agora, meus chefes não vão ficar felizes com sua decisão e eles não vão ficar felizes comigo.

Eu me levanto, flexionando os dedos, à procura de fissuras nas luvas falsas. Elas se movem como uma segunda pele.

— Isso é sobre Lila Zacharov? — Yulikova pergunta. — A razão de você estar hesitando?

— Não! — eu digo, e então fecho meus olhos por um longo tempo, contando minha respiração. Eu não confundi Yulikova. Ela me confundiu.

— Nós sempre soubemos que vocês tinham uma relação próxima — ela tinha inclinado a cabeça para o lado e está estudando minha reação. — Ela parece ser uma boa garota.

Eu bufo.

— Ok, Cassel. Ela parece ser uma garota muito cruel que você gosta muito. E ela também parece que não quer você trabalhando para o governo. Mas essa decisão é sua, e você devia fazê-la. Você e seu irmão estão muito mais seguros aqui. Ela vai voltar se realmente se importar com você.

— Eu não quero falar sobre ela, — eu digo.

Yulikova suspira. — Tudo bem. Nós não temos que falar sobre ela, mas você precisa me dizer se vai assinar.

Há algo reconfortante sobre a pilha de papéis. Se eles fossem apenas me jogar na prisão, eles não precisariam que eu concordasse

com nada. Eles vão ter todo o poder da barganha, uma vez que eu estiver atrás das grades.

Eu pego o cordão e o penduro no meu pescoço. Então pego o fone de ouvido da mesa. Eu não vou ser capaz de descobrir qualquer coisa desse jeito, nós podemos conversar para sempre e Yulikova nunca escorregar, nunca revelar nada por engano.

— Os Zacharovs são uma família criminosa, Cassel. Eles vão usá-lo e o cuspirem se você deixá-los. E ela também. Ela vai ter que fazer coisas para eles que vai mudá-la.

— Eu disse que não quero falar sobre isso.

Agente Jones levanta e olha para seu relógio. — É quase hora de ir.

Eu olho em direção ao quarto. — Devo arrumar minhas coisas?

Jones balança a cabeça. — Nós vamos voltar para cá hoje à noite antes de deixá-lo em Wallingford. Deixe seu sono fora do golpe de retorno e lave aquela tinta.

— Obrigado. — eu digo.

Ele grunhe.

Tudo isso soa possível. Eu poderia realmente voltar para aquele quarto, Yulikova e Jones podiam realmente ser agentes federais tentando descobrir como lidar com uma criança cujo passado criminoso e habilidade valiosa o faziam ativo e passivo. Eles podem realmente não estar planejando me apunhalar pelas costas.

Hora de todos irmos, de um jeito ou de outro. Hora de decidir no que quero acreditar.

Você paga seu dinheiro e ganha sua chance.

— Ok — eu digo, suspirando. — Dê-me os papéis — eu pego a caneta pra fora do meu moletom e assino na linha pontilhada, com um floreio.

As sobrancelhas do agente Jones levantam. Eu sorrio.

Yulikova se aproxima e olha pros pápeis, traçando um dedo enluvado apenas acima de meu nome. Ela coloca a outra mão em meu ombro.

— Nós vamos tomar conta de você, Cassel. Eu prometo. Bem vindo à Divisão da Minoria Licenciada.

Promessas, promessas. Eu deixei a caneta de lado. Agora que a decisão final é feita, eu me sinto melhor. O peso disso é removido de meus ombros.

Nós vamos para fora. No elevador, eu pergunto: — Onde está Agente Brennan?

— Já está lá — é a resposta de Jones. — Configurando as coisas para nós.

Nós cortamos pelo saguão até chegar ao carro. Quando eu entro, fiz questão de ir do mesmo lado em que fiquei no caminho até aqui. Enquanto me atrapalho com meu cinto de segurança, eu pego meu celular bem na porta e o enfio no bolso.

— Você quer parar para um café da manhã de burrito ou algo assim? — Jones pergunta.

A última refeição. Eu penso isso, mas não digo em voz alta.

— Não estou com fome. — eu digo.

Eu olho pela janela o caminho colorido e silenciosamente passo todas as coisas que vou ter de fazer quando chegarmos à conferência de imprensa. Eu listo todos eles pra mim mesmo e então os listo novamente.

— Vai acabar logo — Yulikova diz.

Isso é verdade. Isso tudo vai acabar logo.

****

Eles me deixam sozinho no parque memorial. Eu aperto os olhos contra a luz intensa do sol. Eu mantenho minha cabeça abaixada enquanto passo pela segurança, segurando minha identidade. Uma mulher com uma prancheta me diz que há uma tabela de cortesia com café e donuts para os voluntários.

Há um grande palco com uma cortina azul que cobre a parte de trás. Alguém está montando um microfone até um púlpito de aparência impressionante com o selo da Nova Jersey nele. Uma seção vip com corda está sendo montada em um lado da cova de imprensa. Algumas outras pessoas estão empilhando falantes sob o palco, que está em frente de uma cortina curta branca.

Atrás disso está a área onde estão os trailers, organizados em um semicírculo em torno de várias mesas onde os voluntários estão arrumando pilhas de folhetos, cartazes e camisas. Então há a mesa mais longe, com a comida nela. Várias pessoas estão a circulando, conversando e rindo. A maior parte deles estão usando fones de ouvidos como os meus.

Yulikova fez sua lição de casa. O esboço é exatamente como o mapa. Eu passo pelo trailer que o governador Patton supostamente usará e me dirijo para o que Yulikova marcou para mim. Dentro tem um sofá cinza, uma penteadeira, um banheiro pequeno, e uma televisão montada no alto da parede, ligada em um canal de notícias que prometia uma transmissão ao vivo do discurso. Dois locutores estão conversando entre si. Abaixo deles está a legenda fechada do que eles estão falando, um pouco pra fora e atrasada, com base em minhas habilidades de leitura labial.

Eu checo meu telefone. É sete e quarenta da manhã. O discurso do Patton não vai acontecer até as nove. Eu tenho um pouco de tempo.

Eu pressiono a frágil fechadura na maçaneta da porta, e depois sacudo um pouco a porta. Parece segurar, mas eu não confio na fechadura. Eu poderia provavelmente abri-la de olhos fechados.

Há um estalo nos fones de ouvido, e então a voz da Agente Brennan.

— Cassel? Você está dentro?

— Sim, tudo está perfeito aqui, — eu digo no bocal. — Nunca estive melhor. E quanto a você?

Ela ri. — Não seja convencido, criança.

— Devidamente anotado. Acho que apenas assistirei televisão e espero.

— Faça isso. Vou checar você em quinze minutos.

Eu tiro o fone de ouvido e o coloco sobre a mesa. É um inferno apenas sentar aqui e não fazer nada, especialmente quando tenho tanto a fazer. Eu quero começar, mas também sei que eles vão prestar atenção agora. Mais tarde eles vão se cansar. Por agora, eu tiro os cartões de identidade, caneta e me divirto em descobrir onde uma câmera pode estar escondida na sala. Mas percebo que se eu começar a ficar o mais paranoico possível, posso fazer algo errado.

Finalmente eu ouço o fone de ouvido estalar de novo.

— Alguma coisa a reportar?

— Nada — eu digo, o pegando e falando no microfone. — Tudo certo.

É quase oito horas. Uma hora não é muito tempo.

— Vou checar com você em outros quinze minutos — ela diz.

— Cheque em vinte minutos, — eu digo, esperançoso assim como casualmente. Então encontro o botão do fone de ouvido e o desligo. Uma vez que eles não me digam especificadamente para não fazer isso, eu percebo que mesmo que eles provavelmente não vão ficar felizes, eles provavelmente não vão vim me procurar também.

Se eles têm algum tipo de GPS me rastreando, não está na identidade, no moletom, ou no fone de ouvido. Estou apostando que

não é a identidade, pois é necessário ser verificada. Então eu tiro o moletom e o deixo sobre a mesa. Depois eu vou para o banheiro e ligo as torneiras para abafar qualquer som.

Eu tiro minha roupa. Eu as dobro e coloco sobre a mesa pequena com as toalhas e sabonete antibacteriano com luva. Eu tiro e desdobro minhas pinturas.

Depois, pelado, eu abaixo em meus joelhos e descanso minhas próprias mãos nas coxas. O chão está gelado. Eu cavo meus dedos em minha pele.

Eu me concentro em tudo que aprendi na última semana, cada detalhe que eu sei. Eu me concentro nas fotos na frente de mim e nos vídeos que vi. Eu trago o Governador Patton em minha mente. Então eu me transformo nele.

Isso dói. Eu consigo sentir tudo se movendo, ossos quebrando, tendões se puxando, a carne se remodelando. Eu tento com força não gritar. Eu quase consegui.

Enquanto estou começando a ficar de pé, o golpe de retorno bate.

Minha pele parece que está se abrindo, minhas pernas derretendo. Minha cabeça parece que está na forma errada e meus olhos estão primeiramente fechados, depois amplos, vendo tudo através de milhares de diferentes lentes, embora eu esteja coberto de olhos arregalados. Tudo está tão brilhante, e todas as texturas diferentes de dor se desdobram em mim, me puxando para baixo.

É muito pior do que eu lembrava.

Eu não sei quanto tempo passa antes deu ser capaz de me mover novamente. Parece que algum tempo. A pia está inundada, espirrando água para o chão. Eu oscilo para os meus pés e giro as torneiras, pegando minhas roupas. A camisa e boxers mal cabem. Eu não consigo colocar totalmente a calça jeans.

Eu olho pra mim mesmo no espelho, para minha cabeça calva e rosto cheio de linhas. É chocante. É ele. Com o meu pente e gel, eu arrumo o pouco cabelo prata em minha cabeça para estar exatamente como nas fotos.

Minhas mãos estão tremendo.

Quando eu era criança, queria ser um executor de transformação porque isso era raro. Era especial. Se você fosse um, você seria especial. Isso é tudo o que eu sabia. Eu nunca pensei muito realmente sobre o real poder. E depois, quando escobri que era um, eu ainda não entendia realmente. Quer dizer, eu sabia que isso era único, poderoso e legal. Eu sabia que era perigoso. Eu sabia que era raro. Mas eu ainda não compreendia de verdade o motivo de isso amedrontar tanto as pessoas poderosas. O por que elas me queriam tanto ao seu lado.

Agora eu sei por que as pessoas têm medo de executores de transformação. Agora eu sei por que eles querem me controlar. Agora eu entendo.

Eu posso entrar na casa de alguém, beijar a esposa deles, sentar à mesa e comer seu jantar. Eu posso comprar um passaporte no aeroporto, e em vinte minutos vai parecer como se fosse meu. Eu

posso ser um melro-preto[12] olhando na janela. Eu posso ser um gato rastejando ao longo de uma borda. Eu posso ir para qualquer lugar que queira e fazer as piores coisas que posso imaginar, sem nada para algum dia me conectar a esses crimes. Hoje eu posso parecer como eu, mas amanhã posso parecer como você. Eu posso *ser* você.

Inferno, eu estou com medo de mim mesmo agora.

Segurando meu telefone em uma mão e meus cartões de identidade em outra, passando perto de onde eu acho que as câmeras podem estar para não ser pego na filmagem, ando para fora do trailer.

As pessoas viram a cabeça, de olhos arregalados, para o Governador Patton de cueca, parado na porta aberta. “Droga de trailer errado” eu rosno, e empurro a porta aberta para o trailer dele.

Ali, assim como eu esperava, está pendurado o terno que pedi de Bergdorf Goodman, fechado em um saco de pano e ajustado a suas medidas. Um novo par de sapatos, meias e uma camisa branca fresca, ainda no plástico. A gravata de seda está pendurada em volta do cabide segurando o terno.

Além de que o trailer parece muito como o meu. Sofá, área de se vestir. Monitor de televisão.

Segundos depois, uma assistente entra pela porta, sem bater. Ela olha em pânico.

[12] O melro-preto (Turdus merula), vulgarmente conhecido apenas como melro ou mérula, é uma ave pertencente ao género Turdus.

— Eu sinto muito. Nós não percebemos que você tinha chegado. Eles estão prontos para te maquiar, Governador. Ninguém viu você entrar, e eu não.. Bem, eu vou deixar que você termine de se arrumar.

Eu olho para meu telefone. É oito e meia. Eu perdi meia hora estando inconsciente e perdi a checada com a Agente Brennan no meio disso.

— Volte e me pegue em dez minutos. — eu digo, tentando manter minha voz flexionada como se fosse a dele o máximo que posso. Eu assisti todos aqueles vídeos e eu pratiquei, mas não é fácil soar inteiramente como outra pessoa. — Tenho que terminar de me vestir.

Quando ela sai, eu ligo pra Barron.

Por favor, eu digo para o universo, para qualquer um que ouvisse. *Por favor, atenda o telefone. Estou confiando em você. Atenda o telefone.*

— Ei, irmãozinho — Barron diz, e eu afundo no sofá com alívio. Até aquele momento eu não tinha certeza se ele ia atender. — Um governo para o outro, como você está indo?

— Só me diga que você realmente está... — eu começo.

— Ah, eu estou. Ah, definitivamente. Estou aqui com você agora. Eu estava apenas explicando como nossa mãe é uma agente federal e como isso era uma conspiração do governo.

— Ah — eu digo. — Uh, que bom.

— Ele já sabia maior parte disso — eu posso ouvir o sorriso na voz dele. — Estou apenas preenchendo os detalhes. Mas vá em frente e

deixe todos saberem que o Governador Patton vai precisar atrasar essa conferência da imprensa por uma meia hora, ok?

Eu acho que se você diz a um mentiroso compulsivo para afogar um garoto que é completamente paranóico, então teorias conspiratórias selvagens é o jeito que ele vai fazer isso. Eu devia estar contente por Barron não estar explicando como o governador da Virginia está apontando um laser para a lua e que todos eles precisam avançar para as casas no subterrâneo imediatamente. Eu sorrio também.

— Eu definitivamente consigo fazer isso.

Desligando, eu pego a calça do terno e enfio o pé no buraco da perna. São as melhores roupas que eu já vesti algum dia. Tudo nelas parece caro.

Na hora combinada, a assistente volta, eu estou amarrando a minha gravata e pronto para ir à maquiagem.

Você deve se perguntar o que eu estou fazendo. Eu meio que pergunto isso a mim mesmo. Mas alguém tem que parar Patton, e essa é minha chance.

Há toneladas de pessoas na equipe de apoio ao governador, mas felizmente, a maioria deles ainda estava na mansão dele, esperando o real Patton sair. Eu só tenho que lidar com aqueles que vieram. Eu sento numa cadeira de diretor do lado de fora e deixo uma garota com cabelo curto e pontiagudo borrifar algo em meu rosto emprestado. As pessoas me fazem várias perguntas sobre entrevistas e encontros que eu não posso responder. Alguém me traz um café com creme e açúcar

que eu não bebo. Uma vez, um juiz chama, pedindo para conversar comigo. Eu balanço minha cabeça.

— Depois do discurso — eu digo, e estudo minhas identificações, na maior parte em branco.

— Há uma agente federal aqui, — um dos meus assessores me diz. — Ela diz que pode haver uma violação de segurança.

— Eu esperava que eles tentariam colocar um truque do tipo. Não, eu estou indo. Eles não podem me parar. — eu digo. — Eu quero que um de nossos oficiais de segurança se certifique de que ela não me perturbe quando eu estiver no palco. Nós vamos sair vivos, certo?

O assessor acena.

— Perfeito, — eu não sei o que Yulikova e o resto deles suspeitam ou não, mas em poucos minutos isso não vai importar.

É quando a Agente Brennan vem pelo lado do trailer que eu devia estar dentro, segurando seu distintivo.

— Governador, — ela diz.

Eu levanto e faço a única coisa que posso pensar. Eu subo no palco, em frente à pequena multidão partidários acenando sinais e à grande multidão de imprensa com câmeras de vídeo apontando pra mim. Pode não ser muitas pessoas, mas é suficiente. Eu congelo.

Meu coração bate no meu peito. Eu não consigo acreditar que realmente estou fazendo isso.

É tarde demais pra parar.

Eu limpo minha garganta e reorganizo minhas identidades, andando até eu estar de pé atrás do púlpito. Eu consigo ver Yulikova, falando freneticamente em um rádio.

— Caros cidadãos, distintos convidados, membros da imprensa, agradeço a todos por me estender a cortesia de sua presença hoje. Estamos no mesmo local, onde centenas de cidadãos de Nova York foram detidos após a proibição passada, durante um período negro na história de nossa nação, e nós estamos aqui olhando para frente da legislação que, se for aprovada, pode levar-nos novamente em direções que não antecipamos.

Há aplausos, mas é cauteloso. Esse não é o tom que o verdadeiro Patton tomaria. Ele provavelmente diria alguma porcaria sobre como testar executores os manteriam seguros. Ele falaria sobre que dia glorioso estamos no amanhecer.

Mas hoje sou eu com o microfone. Eu arremesso minhas identidades pelo ombro e sorrio à minha audiência. Eu limpo minha garganta.

— Meu plano era ler uma breve declaração preparada e responder perguntas, mas vou divergir do meu procedimento habitual. Hoje não é dia de política como de costume. Hoje eu planejo falar para vocês com o coração.

Eu me inclino contra o púlpito e respiro fundo. — Eu matei *várias pessoas*. E quando eu digo 'várias', eu quero dizer, realmente, várias. Eu menti também, mas, honestamente, depois de ouvir sobre o assassinato, eu duvido que vocês se importem com uma pequena mentira. Eu sei o que vocês estão perguntando a si mesmos. Ele quer

dizer que matou pessoas diretamente ou simplesmente ordenou a morte? Senhoras e senhores, eu estou aqui para dizer a vocês, eu quis dizer ambos.

Eu olho para os repórteres. Eles estão sussurrando de frente pra trás. As câmeras lampejam. Sinais cedem.

— Por exemplo, eu matei Eric Lawrence, de Toms River, Nova Jersey, com minhas próprias mãos. Mãos enluvadas, se vocês se importam. Eu não sou algum tipo de pervertido. Mas eu o estrangulei. Vocês podem ler o relatório da polícia, bem, vocês poderiam ler se eu não o tivesse suprimido.

— Agora vocês devem se perguntar, porque eu faria uma coisa dessas? E o que isso tem a ver com minha cruzada contra os executores? E o que, no mundo, me fez dizer tudo isso em voz alta, ainda mais em público? Bem, deixe-me contar a você sobre uma senhora muito especial em minha vida. Você sabe quando às vezes você conhece uma garota e você fica um pouco louco?

Eu aponto para um cara alto na frente.

— *Você* sabe o que quero dizer, não sabe? Bem, eu quero ficar limpo em respeito por Shandra Singer. Eu devo ter exagerado em algumas coisas lá. Se sua namorada termina com você, às vezes você fica perturbado, e você pode ficar tentado a telefonar para ela até doze vezes seguidas para implorar a ela te aceitar de volta... ou talvez pintar algo obsceno no carro dela... ou talvez você a enquadre por uma enorme conspiração... e tente atirar nela no meio da rua... e se você estiver realmente chateado, talvez você tente acabar com todos os executores do estado.

— Quanto mais você a ama, mais louco você fica. Meu amor era grande. Meus crimes eram maiores ainda.

— Eu não estou aqui pedindo perdão. Eu não espero por perdão. Na verdade, eu espero um circo da mídia de um julgamento seguido por um encarceramento prolongado.

— Mas eu conto isso hoje a vocês porque vocês, meus caros cidadãos, merecem a minha honestidade. Ei, melhor tarde do que nunca, e eu tenho que dizer, é um sentimento realmente bom tirar tudo isso do meu peito. Então, em resumo, eu matei pessoas. Vocês provavelmente não devem estocar muito em outras coisas que eu disse antes de agora, e ah, sim. Proposição dois é uma ideia terrível que eu apoiava principalmente para distraí-los de meus outros crimes.

— Então, alguma pergunta?

Por um longo momento há somente silêncio.

— Ok, então — eu digo. — Obrigado. Deus abençoe a América, e que Deus abençoe o grande estado de Nova Jersey.

Eu tropeço para fora do palco. Há pessoas com pranchetas e assessores em ternos me encarando como se eles tivessem medo de se aproximar de mim. Eu sorrio e dou-lhes o sinal com o polegar pra cima.

— Bom discurso, hein? — eu digo.

— Governador, — um deles diz, olhando em minha direção. — Nós temos que discutir...

— Agora não, — eu digo a ele, ainda sorrindo. — Traga meu carro, por favor.

Ele abre a boca para dizer alguma coisa — talvez ele não tem ideia de onde meu carro está, já que provavelmente ainda está com o real Patton, quando meu braço é puxado pra trás e eu quase perco o equilíbrio. Eu grito quando o metal desce no meu pulso. Algemas.

— Você está preso, — é Jones em seu terno preto afiado de agente federal. — *Governador.*

Câmeras piscam. Repórteres estão fluindo por nós.

Não posso evitar. Eu começo a rir. Eu penso no que acabei de fazer, e eu rio mais ainda.

Agente Jones me marcha para longe da multidão de pessoas gritando, para um local livre da rua, onde os carros de polícia e vans de televisão estão estacionados.

Alguns policiais vem para tentar empurrar para trás a pressa de novas câmeras e paparazzi.

— Você realmente cavou sua própria cova. — ele resmunga. — E eu vou enterrá-lo na mesma.

— Diga isso mais alto — eu digo a ele, sob minha respiração. — Eu te desafio.

Ele me leva pra um carro, abre a porta, e me empurra pra dentro. Então eu sinto algo passar por cima da minha cabeça, e eu olho pra baixo. Três dos amuletos que eu fiz, os que impedem a transformação, os que dei a Yulikova, estão pendurados em meu pescoço.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, a porta bate.

Agente Jones entra no banco do motorista e arma o motor. Flashes saem pela janela quando começamos a nos afastar da multidão.

Eu me inclino pra trás, deixando meus músculos relaxarem o máximo possível. As algemas estão apertadas demais para sair, mas eu não estou preocupado. Não mais. Eles não podem me prender, não por isso, não quando agora eles podem prender Patton sem dificuldade. Simples mentiras são sempre melhor do que uma verdade complicada.

Explicar que o Patton na televisão, o que confessou, não era o Patton real, embora o real Patton *tenha*, na verdade, cometido esses crimes, é confuso demais.

Eles podem gritar comigo, eles podem não querer que eu seja mais um membro do LMD, mas eles eventualmente vão ter de admitir que eu resolvi o problema. Eu desmascarei Patton. Não do jeito que eles queriam, mas ninguém se machucou, e isso tinha que valer algo.

— Onde Yulikova está? — eu pergunto. — Nós estamos voltando pro hotel?

— Não, — Jones diz.

— Quer me contar para onde estamos indo? — eu pergunto.

Ele não diz nada, apenas continua dirigindo por mais alguns momentos.

— Vamos lá — eu digo. — Desculpe-me. Mas eu tive algumas informações que havia um plano para me transformar no Patton. Você pode negar isso se você quiser, e talvez minha informação esteja errada

— mas eu tenho os pés frios. Olha, eu sei que não deveria ter feito o que eu fiz, mas...

Ele empurra abruptamente para o encostamento da estrada. Os carros estão zumbindo por nós de um lado, e há uma área escura de árvores do outro.

Eu paro de falar.

Ele sai e dá a volta para abrir minha porta. Quando ele abre, ele está apontando uma arma pra mim.

— Saia, — ele diz. — Devagar.

Eu não me mecho. — O que está acontecendo?

— Agora! — ele grita.

Eu estou algemado; eu não tenho muitas escolhas. Eu deslizo para fora do carro. Ele me empurra para a parte de trás e abre o porta-malas.

— Uh — eu digo.

Então ele desfaz os dois botões na minha camisa, para que ele possa empurrar os amuletos contra a minha pele. Quando ele os abotoa e aperta minha gravata, os amuletos são presos por baixo. Agora eu não tenho chance de sacudi-las pra fora.

— Entre, — ele diz, indicando o porta-malas. Não tem muita coisa ali. Um pneu sobressalente e um kit de primeiros socorros. Uma comprida corda.

Eu nem me incomodo em lhe dizer não, eu apenas corro. Mesmo com minhas mãos algemadas atrás de mim, eu acho que posso fazer isso.

Eu caio descendo pela colina, deslizando mais do que qualquer outra coisa. Os sapatos são terríveis, e meu corpo está pesado e desconhecido. Eu não estou acostumado com o jeito que se move. Eu continuo perdendo equilíbrio, esperando que minhas pernas se alonguem. Eu escorrego, e minhas calças deslizam na grama enlameada. Então eu me levanto de novo, me dirigindo para as árvores.

Eu estou me movendo de uma forma muito lenta.

Jones vem com força nas minhas costas, derrubando-me ao chão. Eu luto, mas não adianta. Eu sinto a boca fria da arma contra minha têmpora e seu joelho contra o oco das minhas costas.

— Você é tão covarde quanto uma maldita doninha. Você sabe disso? Uma doninha. É o que você é.

— Você não me conhece — eu digo, cuspindo sangue sobre a terra. Eu não consigo evitar. Eu começo a rir. — E obviamente não sabe muito sobre doninhas também.

Seu punho bate no meu lado e eu quase desmaio de dor. Algum dia vou aprender a manter minha boca fechada.

— Levante-se.

Eu levanto. Nós andamos de volta para o carro desse jeito. Eu não conto mais piadas.

Quando nós chegamos lá, ele me empurra contra o porta-malas.

— Entre — ele diz. — Agora.

— Desculpe-me — eu digo. —Patton está bem. Ele está vivo. Seja o que for que você acha que eu fiz...

A arma estala uma vez, ameaçadoramente perto do meu ouvido.

Eu o deixo me empurrar para dentro do porta-malas. Ele pega a corda e amarra ao redor das minhas pernas, as conectando a corrente de algemas nas costas — apertado, então eu mal consigo me mover. Sem mais corridas para mim.

Então eu ouço o rasgo de fita adesiva e o sinto colocar em minhas mãos em dois separados casulos pegajosos. Ele está colocando algo contra minhas mãos, algo pesado — pedras. Quando ele termina, ele me rola, então eu estou olhando para ele e para além da autoestrada. Toda vez que um carro passa, eu penso que talvez alguém vai parar, mas ninguém para.

— Eu sabia que você era uma identificação muito selvagem quando nós o trouxemos. Você é perigoso demais. Você nunca vai ser legal. Eu tentei dizer a Yulikova, mas ela não queria ouvir.

— Desculpe-me — eu digo, um pouco desesperado. — Eu vou dizer a ela. Vou dizer que você está certo. Apenas a deixe saber onde nós estamos.

Ele ri. — Não. Mas, então, você não é mais Cassel Sharpe, é? Você é o governador Patton.

— Ok, — eu digo, o medo me fazendo balbuciar. — Agente Jones, você é um dos caras bons. Você deveria ser melhor do que isso.

Você é um agente federal. Olha, eu vou voltar. Vou confessar. Você pode me trancar.

— Você deveria ter nos deixado apenas te incriminar. — Jones diz, cortando um pedaço de fita adesiva prateada com um canivete. — Se ninguém tiver qualquer controle, se você estiver por aí, livre para fazer acordos com qualquer um, como é que vai ser? É só uma questão de tempo antes de algum governo estrangeiro ou alguma corporação fazer de você um negócio. E então você vai ser a arma perigosa que deixamos escapar por entre nossos dedos. Melhor apenas levá-lo para fora da equação.

Isso mal registra que eu estava certo, que eles estavam me passando para trás.

— Mas eu assinei o...

Ele traz a fita para baixo sobre a minha boca. Eu tento cuspir e virar minha cabeça, mas ele o coloca, apertando entre meus lábios. Por um momento esqueço que consigo respirar pelo nariz e eu entro em pânico, tentando sugar o ar.

— E enquanto você estava fazendo seu pequeno discurso, eu tive uma ideia. Liguei para algumas pessoas muito más que estão realmente ansiosos para encontrá-lo. Eu acho que você conhece Ivan Zacharov, não conhece? Acontece que ele está disposto a pagar um monte de dinheiro pelo prazer de assassinar pessoalmente um certo governador — ele sorri. — Azar para você, Cassel.

Quando a tampa do porta-malas desce, mergulhando-me na escuridão, e então o carro começa a se movimentar, eu me pergunto se já tive qualquer outro tipo de sorte.

16

O ar fica rapidamente quente no porta-malas, e os vapores de óleo e gasolina me fazem querer vomitar. Pior ainda, a cada solavanco na estrada, me faz deslizar ao redor, batendo contra o metal. Tento me firmar com meus pés, mas assim que viramos numa esquina ou caímos num buraco, minha cabeça ou braços ou costas estapeiam em um dos lados. Do jeito que estou amarrado, eu não posso nem enrolar contra o golpe.

Tudo dito, essa é uma maneira muito ruim de passar as últimas horas da minha vida.

Eu tento pensar nas minhas opções, mas elas são sombrias. Eu não posso me transformar, não com três amuletos ao redor do meu pescoço. E já que eu não posso tocar minha própria pele com as mãos, mesmo se eu desse algum jeito de conseguir tirar os amuletos, eu não tenho certeza de que poderia me transformar de qualquer forma.

Uma coisa que eu tenho a dizer para o Agente Jones, ele é meticuloso.

Eu ouço o momento em que saímos da rodovia. O ruído do tráfico diminui. Pedras sob os pneus soam quase como chuva pesada.

Poucos minutos depois, o motor desliga e uma porta de carro bate. Eu ouço vozes, muito distantes e baixas para serem reconhecidas.

No momento em que o Agente Jones abre o porta-malas, estou com os olhos arregalados de pânico. O ar frio corre, e eu começo a lutar contra minhas obrigações, mesmo que não haja nenhuma maneira que eu faça alguma coisa além de me machucar.

Ele só me assiste me contorcendo.

Então ele pega sua faca e corta a corda. Eu finalmente posso estender minhas pernas. As estendo lentamente, meus joelhos doendo de estarem dobradas por muito tempo.

— Para fora — ele diz. Eu me esforço para sentar. Ele tem que me ajudar a ficar de pé.

Nós estamos do lado de fora, debaixo de uma enorme estrutura industrial, com pedaços enormes de enquadramento de ferro segurando uma torre que pairava acima de nós, jorrando fogo para o céu da manhã entardecendo nublada. Nuvens de fumaça sobem para apagar as pontes de aço brilhantes que levam a Nova York. Parece como se estivesse prestes a chover.

Eu viro a cabeça e vejo que talvez a dez metros de distância de mim está outro carro preto lustroso, esse com Zacharov encostado a ele, fumando um charuto. Stanley está de pé ao lado dele, apertando um silenciador em uma arma muito grande e preta.

Então, exatamente quando tenho certeza de que nada sobre isso pode ficar pior, a porta do passageiro se abre e Lila sai por ela.

Ela está vestida com uma saia preta, um casaco cinza com cinto e botas de cano médio de couro. Óculos de sol cobriam seus olhos e sua boca estava pintada na cor de sangue velho. Ela tinha uma pasta em suas mãos enluvadas cinzas.

Eu não tenho nenhum modo de sinalizar para ela. Seu único olhar em minha direção é frio e superficial.

Eu balanço minha cabeça *Não, não, não*. Agente Jones apenas ri secamente.

— Aqui está ele, assim como prometi. Mas eu nunca quero ver o corpo dele novamente. Você entendeu?

Lila coloca a maleta próxima de seu pai.

— Eu estou com seu dinheiro, — ela diz para Jones.

— Bom — o Agente Jones diz. — Vamos começar.

Zacharov balança a cabeça, soprando uma nuvem de fumaça que sobe em espiral e para longe dele, como as plumas de um dos edifícios.

— Qual a garantia que tenho de que você não vai tentar prender isso em minha organização? A sua oferta foi uma verdadeira surpresa. Nós não fazemos muitos acordos com representantes do governo.

— Isso é só comigo. Um homem, fazendo o que acho ser certo — Agente Jones dá de ombros. — A sua garantia é que eu estou aqui. Eu vou assistir você desarmá-lo. Minhas mãos podem estar limpas, mas

nós dois somos responsáveis pela morte dele. Nenhum de nós quer uma investigação. Forenses podem encontrar um jeito de me colocar na cena. Se eu delatar você, eu vou ser incriminado no mínimo por sequestro. Eu vou manter minha parte do acordo.

Zacharov acena lentamente.

— Você tem os pés frios? — Jones pergunta. — Você começa a ser um herói executor, e elimina um cara que tem te perseguido ultimamente.

— Isso foi um mal entendido — Zacharov diz.

— Você quer dizer que você não tem abrigado Shandra Singer? Erro meu. — Agente Jones nem sequer tenta disfarçar seu sarcasmo.

— Nós não temos os pés frios — Zacharov diz.

— Eu vou fazer isso — Lila diz. Então ela olha para Stanley, apontando a arma. — Dê-me isso.

Eu arregalo meus olhos, suplicando em silêncio. Eu movo meu pé na sujeira, esperando poder escrever algo rapidamente. *E*, eu tento manejar, de cabeça para baixo, para que ela possa ler. *EU*, eu quero dizer.

Agente Jones aponta para o lado da minha cabeça com a extremidade de sua arma, forte o suficiente para fazer o mundo mudar de foco. Eu sinto como se meu cérebro estivesse na verdade estrídulo ao redor de meu crânio. Eu caio no meu estômago, as mãos ainda algemadas atrás das costas. Eu nem vi que ele tinha puxado uma arma.

Eu deitei ali, ofegante.

— É tão inesperadamente bom vê-lo se contorcendo no chão. — Zacharov diz, caminhando até mim e curvando-se para acariciar minha bochecha com uma mão enluvada. — Governador, o senhor realmente acha que ninguém pode tocar em você?

Eu balanço a cabeça, sem certeza do que isso devia transmitir. *Por favor*, eu penso. *Por favor, me pergunte algo que você precise da resposta. Por favor, arranque a fita. Por favor.*

Os passos de Lila à frente com a arma segurada ao seu lado. Ela olha pra mim por um longo momento.

Por favor.

Zacharov se levanta. Seu casaco preto gira ao redor dele como uma capa.

— Levante-o — ele diz ao Agente Jones. — Um homem deve estar em pé quando morrer, até mesmo esse homem.

O cabelo loiro de Lila sopra suavemente ao redor do rosto, uma auréola dourada. Ela tira os óculos de sol. Eu estou contente. Quero olhar em seus olhos pela última vez. Azul e verde. As cores do mar.

Uma garota assim, Vovô disse, se perfumam com ozônio e limalhas de metal. Ela usa problemas como uma coroa. Se ela um dia se apaixonar, ela vai cair como um comenta, queimando o céu enquanto for.

Pelo menos é você puxando o gatilho. Eu gostaria de poder dizer isso, se nada mais.

— Você tem certeza? — Zacharov pergunta a ela.

Ela balança a cabeça, tocando um dedo enluvado em sua garganta, quase inconscientemente.

— Eu aceitei minhas marcas. Eu vou aceitar o calor.

— Você vai ter que se esconder até termos certeza de que não será atribuída a você. — Zacharov Diz.

Lila acena novamente. — Vai valer a pena.

Implacável. Essa é minha garota.

Agente Jones me puxa para meus pés. Eu cambaleio instável, como um bêbado. Quero gritar, mas a fita abafa o som.

A arma em sua mão oscila.

Eu dou uma última olhada e depois fecho os olhos com tanta força que eles estão molhados nos cantos. Com tanta força que manchas dançam na escuridão da minha visão.

Eu gostaria de poder dizer-lhe adeus.

Espero que o tiro seja a coisa mais alta do mundo, mas eu esqueci o silenciador. Tudo o que eu ouço é um suspiro.

Lila está se debruçando sobre mim, tirando as luvas para que ela possa colocar uma unha sob o canto da fita adesiva. Ela o rasga para fora da minha boca. Eu estou olhando para o céu no entardecer da manhã, tão grato por estar vivo que eu estou quase consciente da dor.

— Sou eu — eu digo, balbuciando. — Cassel. Eu juro que sou eu...

Eu nem me lembro de cair, mas eu estou deitado nas pedras. Agente Jones está ao meu lado, imóvel. Piscinas de sangue no chão. Seu sangue, tão brilhante quanto tinta. Eu tento rolar para o lado. Ele está morto?

— Eu sei, — ela toca o lado do meu rosto com as mãos nuas.

— Como? — eu digo. — Como você? Quando?

— Você é um idiota — ela diz. — Você acha que eu não assisto televisão? Eu ouvi o seu discurso insano. É claro que eu sabia que era você. Você me contou sobre Patton.

— Ah — eu digo. — Isso. É claro.

Stanley dá um tapinha em Jones e destranca minhas algemas. Assim que elas estão fora e a fita adesiva é afastada, levando pele e pedra e tinta com ele, eu rasgo minha gola, tirando os amuletos e os jogando no chão.

Tudo o que eu quero é sair desse corpo.

Pela primeira vez, a dor do golpe de retorno parece como libertação.

***

Acordo em um sofá desconhecido, com um cobertor pendurado em cima de mim. Eu começo a me sentar, e percebo que Zacharov está sentado do outro lado da sala, em um raso brilho de luz, lendo.

O brilho da lâmpada está dando a seu rosto as linhas duras de uma escultura. Um estudo de um chefão do crime em repouso.

Ele olha pra cima e sorri.

— Sentindo-se melhor?

— Acho que sim, — digo, tão formalmente quanto posso conseguir de uma posição mais propensa. Minha voz range. — Sim.

Sento-me na posição vertical, suavizando a bagunça enrugada do meu terno. Ele não se encaixa mais, meus braços e pernas muito longos para as mangas e calças, o corpo disso me suspendendo como pele extra.

— Lila está no andar de cima, — ele diz. — Ajudando sua mãe. Você pode levar Shandra para casa.

— Mas eu não encontrei o diamante...

Ele abaixa o livro. — Eu não distribuo elogios facilmente, mas o que você fez, foi impressionante. — Ele ri. — Você torpedou sozinho uma parte da legislação na qual tenho trabalhado para acabar por um longo tempo, e você eliminou um inimigo político meu. Estamos nivelados, Cassel.

— Nivelados? — eu ecoo, porque eu não posso acreditar nisso. — Mas eu...

— É claro, se você encontrou os diamantes, eu realmente apreciaria o seu retorno com eles para mim. Não consigo acreditar que sua mãe os perdeu.

— Isso é porque você nunca foi a nossa casa. — Eu digo, o que não é exatamente verdade. Ele esteve na cozinha uma vez, e talvez ele esteve lá outras vezes. Eu não sabia. — Você e minha mãe tiveram uma grande história — após as palavras saírem da minha boca, eu percebo que o que ele diz em seguida não é algo que eu quero ouvir.

Ele parece vagamente divertido. — Há algo sobre ela. Cassel, eu conheci muitos homens e mulheres más na minha vida. Eu fiz negócios com eles, bebi com eles. Eu tenho feito coisas que eu mesmo tenho dificuldade em reconciliar — coisas terríveis. Mas eu nunca conheci alguém como sua mãe. Ela é uma pessoa sem limites ou se ela tem algum, ela ainda não os encontrou. Ela nunca precisa conciliar nada.

Ele diz isso pensativo, com admiração. Eu olho para o copo sobre a mesa lateral ao lado dele e me pergunto o quanto ele teve de beber.

— Ela me fascinou quando éramos mais jovens: eu a conheci através de seu avô. Nós, ela e eu nunca gostamos muito um do outro, exceto quando realmente gostamos. Mas, seja o que for que ela disse para você sobre o que havia entre mim e ela, eu quero que você saiba que eu sempre respeitei seu pai. Ele era tão honesto quanto qualquer criminoso pode esperar ser.

Eu não tenho certeza se quero ouvir isso, mas, de repente, torna-se claro o porquê dele estar me contando: Ele não quer que eu fique zangado, em nome do meu pai mesmo, embora ele saiba que eu sei que ele dormiu com minha mãe. Eu limpo minha garganta.

— Olha, eu não tenho a pretensão de entender. Eu não *quero* entender. Isso é um negócio seu e dela.

Ele acena. — Bom.

— Eu acho que meu pai os pegou dela. — Eu digo. — Eu acho que é por isso que ele foi embora. Ele os tinha.

Zacharov olha pra mim de forma estranha.

— O diamante — eu digo, percebendo que não estava fazendo qualquer sentido. — Eu acho que meu pai pegou o diamante de minha mãe e o substituiu com um falso. Então ela nunca soube que tinha ido embora.

— Cassel, roubar o Diamante da Ressurreição é como roubar a *Mona Lisa*. Se você tem um comprador alinhado, então você pode obter algo próximo de seu valor real, mas caso contrário, você o rouba porque é um amante da arte ou apenas para mostrar ao mundo que você consegue. Você não pode cercá-lo. Seria atrair atenção demais. Você teria que cortá-lo em pedaços, e então seria apenas uma fração de seu valor. Para isso, você pode muito bem roubar um punhado de diamantes brancos em qualquer loja de joias na cidade.

— Você poderia resgatá-lo — eu digo, pensando em minha mãe e em seu plano maluco para conseguir dinheiro.

— Mas seu pai não — Zacharov diz. — Se ele o tivesse. Apesar de que ele teria o tido por apenas um par de meses.

Eu dou-lhe um longo olhar.

Ele bufa. — Você não está seriamente se perguntando se eu causaria a seu pai ter um acidente de carro, está? Eu acho que você

me conhece melhor do que isso. Se eu tivesse matado um homem que eu sabia que tinha roubado de mim, eu teria feito dele um exemplo. Ninguém teria falhado para saber quem era responsável por uma morte assim. Mas eu nunca suspeitei de seu pai. Ele era um operador de curto prazo, não ganancioso. Sua mão eu considerei, mas dispensei. De forma errada, como você vê.

— Talvez ele sabia que ia morrer — eu digo. — Talvez ele realmente acreditasse que a pedra poderia mantê-lo vivo. Como Rasputin. Como você.

— Eu não consigo pensar em ninguém que não goste de seu pai, e se ele realmente estivesse com medo, ele certamente teria ido para o Desi — Desi, meu avô. Isso me sacudiu ao ouvir seu primeiro nome; eu esqueço que ele tem um.

— Acho que nunca vamos saber — digo.

Nós olhamos um para o outro por um longo momento. Eu me pergunto se ele vê meu pai ou minha mãe quando me olha. Então seu olhar parece se concentrar em outra coisa.

Eu me viro. Lila está nas escadas em sua saia preta e botas, com uma camisa branca transparente. Ela sorri para nós, sua boca curvada para cima de um lado, transformando a expressão irônica.

— Posso ter Cassel por um minuto?

Eu começo a ir para as escadas.

— Traga-o de volta em um único pedaço — seu pai chama atrás dela.

O quarto de Lila é ao mesmo tempo exatamente o que eu deveria ter esperado e nada como eu imaginava. Eu estava em seu dormitório em Wallingford, e eu acho que pensava que esse quarto seria uma versão um pouco mais agradável do que aquele. Eu não levei em conta a riqueza de sua família e seu amor por mobília importada.

O quarto é enorme. Em um canto, um sofá de veludo verde muito longo repousa ao lado de uma penteadeira espelhada. A superfície brilhante está repleta de lotes de pincéis e potes abertos de maquiagem.

No outro canto, ao lado da janela, há um espelho enorme ornamentado, o prateado desapareceu em alguns pontos, mostrando sua idade. Próximo do espelho está sua cama. A cabeceira parece antiga e Francesa, esculpida de alguma madeira leve. A coisa toda é empilhada com mais cetim, uma colcha e almofadas amarelas claras. Uma estante abarrotada fica ao lado de sua mesa, coberta de pilhas de livros e um abajur dourado grande. Um enorme lustre dourado oscila do teto, cintilante com cristais.

É um quarto de uma antiga estrela. A única coisa que é incongruente é a arma de coldre pendurada de um lado da penteadeira. Bem, isso e eu.

Avisto-me no espelho. Meu cabelo preto está embaraçado, como se eu tivesse acabado de sair da cama. Há um hematoma no lado da minha boca e um caroço na minha têmpora.

Ela me conduz pra dentro e para, como se ela não soubesse o que fazer a seguir.

— Você está bem? — eu pergunto, me movendo para sentar no sofá. Eu me sinto ridículo nos restos de terno de Patton, mas eu não tenho outras roupas aqui. Eu dou de ombros para fora do paletó.

Ela levanta as sobrancelhas. — Você quer saber se eu estou bem?

— Você atirou em alguém — eu digo. — E você fugiu de mim antes disso, quando nós, eu não sei. Eu pensei que talvez você estivesse chateada.

— Eu *estou* chateada, — ela não fala por um longo momento. Então ela começa a andar pelo chão. — Eu não consigo acreditar que você fez aquele discurso. Eu não consigo acreditar que você quase morreu.

— Você salvou minha vida.

— Eu salvei! Eu *absolutamente* salvei! — ela diz, apontando acusadoramente para mim com um dedo enluvado. — E se eu não tivesse salvado? E se eu não estivesse ali, se eu não tivesse descoberto que era você? Se aquele agente federal pensasse que houvesse alguém com um grande rancor contra Patton além de meu pai?

— Eu... — eu respiro fundo e liberto lentamente. — Eu acho que eu estaria... Morto.

— Exatamente. Você não pode sair por aí fazendo planos que vão te matar como um subproduto. Eventualmente, um deles vai dar certo.

— Lila, eu juro que não sabia. Eu pensei que iria ficar em apuros, mas eu não tinha a menor ideia sobre o Agente Jones. Ele só

rompeu. — eu não falo sobre como eu estava com medo. Eu não conto a ela que pensei que ia morrer. — Nada disso era parte do meu plano.

— Você continua falando, mas você não está fazendo sentido algum. É claro que você aborreceu alguém no governo. *Você fingiu ser o governador de Nova York e confessou um monte de crimes.*

Eu não posso evitar o pequeno sorriso que está brincando nos cantos de minha boca.

— Então — eu digo. — Como foi?

Ela balança a cabeça, mas ela está sorrindo também. — Ótimo. Está sendo transmitido em todos os canais. Eles dizem que proposição dois nunca vai passar agora. Feliz?

Estou impressionado com um pensamento súbito. — Se ele tivesse sido assassinado, embora...

Ela franze a testa. — Eu acho que você está certo. Isso teria passado facilmente...

— Olha — eu digo, levantando e andando até ela. — Você está certa. Sem mais esquemas loucos ou planos lunáticos. De verdade. Eu vou ser bom.

Ela está me estudando, claramente tentando decidir se estou dizendo a verdade. Eu enrolo meus dedos ao redor de seus pequenos ombros e espero que ela não me afaste quando eu levo minha boca até a dela.

Ela faz um som suave e se ergue para apunhalar sua mão em meu cabelo, puxando-o com força. O beijo é frenético, contundente. Eu

consigo provar seu batom, sentir seus dentes, estou abafando os soluços ofegantes de sua respiração.

— Eu estou bem — eu digo a ela, falando contra sua boca, ecoando suas próprias palavras, meus braços em torno dela para segurá-la com força contra mim. — Eu estou aqui.

Ela enfia a cabeça em meu pescoço. Sua voz é tão suave que eu mal consigo entender as palavras.

— Eu atirei em um agente federal, Cassel. Eu vou ter que ir embora por um tempo. Até as coisas esfriarem.

— O que você quer dizer com isso? — eu pergunto, me fazendo de estúpido. Eu quero fingir que a entendi errado.

— Não vai ser para sempre; seis meses, talvez um ano. Com o tempo você vai se formar, provavelmente as coisas vão ter soprado mais e eu vou ser capaz de voltar. Mas isso significa que, bem, eu não sei onde isso nos deixa. Eu não preciso de nenhuma promessa. Não é como se nós ao menos fossemos...

— Mas você não devia ter que ir — eu digo. — Foi por minha causa. É *minha* culpa.

Ela desliza para fora dos meus braços, caminha até a penteadeira e enxuga os olhos com um lenço.

— Você não é o único que pode fazer sacrifícios, Cassel.

Quando ela se vira, eu posso ver as sombras do rímel que ela apagou.

— Eu vou dizer adeus antes de ir — ela me conta, olhando para o chão, para o padrão ornamentado do que é provavelmente um tapete ridiculamente caro. Depois ela me encara.

Eu deveria dizer algo sobre como vou sentir falta dela ou sobre como um par de meses não é nada, mas estou silenciado pela raiva tão terrível que bloqueia minha garganta. *Não é justo*, eu quero gritar para o universo. Eu acabei de descobrir que ela me ama. Tudo estava apenas começando, tudo foi perfeito, e agora é arrebatado novamente.

Isso dói muito, eu quero gritar. Eu estou cansado de sofrer.

Desde que eu sei que aquelas não são as coisas certas a dizer, eu consegui não dizer nada.

O silêncio é quebrado por uma batida na porta. Depois de um momento, minha mãe chega e me diz que é hora de ir embora.

Stanley nos leva para casa.

17

Quando eu acordo na manhã seguinte, Barron está no andar debaixo, fritando ovos. Mamãe está sentada com seu roupão, bebendo café em uma caneca lascada de porcelana. Seu monte de cabelo preto está torcido em cachos e aparado desse jeito, com um lenço brilhante para mantê-lo no lugar.

Ela está fumando um cigarro, batendo as cinzas em um cinzeiro de vidro azul.

— Há algumas coisas que eu definitivamente vou sentir falta, ela está dizendo. — Digo, ninguém gosta de ser preso, mas se você vai ficar trancado, você poderia muito bem... Ah, olá, querido. Bom dia.

Eu bocejo e me estico, atingindo os braços em direção ao teto. É uma sensação verdadeiramente maravilhosa estar de volta a minha própria roupa, de volta ao meu próprio corpo. Minhas calças jeans são confortáveis, velhas e gastas. Eu não posso aceitar colocar um uniforme agora.

Barron me dá um copo de café.

— Preto, como a sua alma — ele diz com um sorriso. Ele está com calças escuras e sapatos pontudos. Seu cabelo está desarrumado. Ele parece não ter nenhum cuidado no mundo.

— Estamos sem leite — mamãe me informa.

Eu tomo um gole profundo e agradecido.

— Eu posso sair e pegar um pouco.

— Você iria? — mamãe sorri e toca meu cabelo, empurrando-o para fora da minha testa. Eu a deixo, mas cerro os dentes. Seus dedos nus escovam minha pele. Fico grato quando nenhum dos meus amuletos estalam. — Você sabe o que os turcos dizem sobre o café? Que deve ser preto como o inferno, forte como a morte, e doce como o amor. Não é lindo? Meu avô me contou isso quando eu era uma garotinha, e eu nunca esqueci. Infelizmente, ainda gosto do meu leite.

— Talvez ele fosse de lá — Barron diz, se voltando para os ovos. O que é possível. Nosso avô passou por diversas histórias diferentes para explicar a nossa pele perpetuamente bronzeada, desde uma sobre ser descendente de um marajá indiano até aquela sobre escravos fugidos para alguma coisa sobre Júlio Cesar. Turco, eu nunca ouvi falar. Ainda.

— Ou talvez ele leu isso num livro — eu digo. — Ou talvez ele só comeu uma caixa de comida turco e é isso que estava escrito no verso.

— Tão cínico — minha mãe diz, pegando seu prato, raspando as crostas de torradas para o lixo e o colocando na pia. — Vocês garotos se comportem. Eu vou me vestir.

Ela passa por nós, e eu escuto seus passos na escada. Eu tomo outro gole de café.

— Obrigado — eu digo. — Por atrasar Patton. Somente, obrigado.

Barron acena. — Ouvi no rádio que o prenderam. Ele tinha muito a dizer sobre conspiração que eu levei crédito pessoalmente. Foi um bom material. Claro que, depois do discurso, todo mundo teve que perceber que ele é maluco. Eu não sei onde você pegou toda aquela...

Eu sorrio. — Ah, vamos lá. Foi um pouco de retórica boa.

— Sim, você é como um Abraham Lincoln dos dias atuais — ele coloca um prato com ovos e torradas na minha frente. — 'Deixe meu povo ir'.

— Isso é *Moisés* — eu agarro o moinho de pimenta. — Bem, meus anos no time de debate finalmente valeram a pena, eu acho.

— Sim — ele diz. — Você é o herói do momento.

Eu dou de ombros.

— Então o que acontece agora? — pergunta ele.

Eu balanço a cabeça. Eu não posso contar a Barron o que aconteceu depois que desci do palco, como o Agente Jones tentou me matar e agora está morto, como Lila está saindo da cidade. Para ele, deve parecer uma brincadeira em grande escala, uma piada que joguei em Yulikova.

— Eu acho que terminei com os federais. Esperançosamente eles terminaram comigo também — eu digo. — E quanto a você?

— Você está brincando? Eu adoro ser um agente. Estou em longo curso. Eu vou ser tão corrupto que serei uma lenda em Carney — ele sorri, sentando na minha frente na mesa e roubando um pedaço de pão do meu prato. — Além disso, você me deve uma.

Eu aceno. — Com certeza — eu digo, com uma sensação de pavor. — E eu tenho a intenção de pagar. Apenas me diga.

Ele olha para a porta e depois de volta para mim. — Eu quero que você conte a Daneca o que eu fiz para você. Que eu ajudei. Que eu fiz algo bom.

— Ok — eu digo, franzindo a testa. Deve haver algo nisso. — É isso?

Ele acena. — Sim, apenas diga a ela. Faça-a entender que eu não tinha que fazer isso, mas que fiz de qualquer jeito.

Eu bufo. — Que seja, Barron.

— Estou falando sério. Você me deve um favor, e é isso o que eu quero — sua expressão é uma que não costumo ver nele. Ele parece estranhamente tímido, como se ele estivesse esperando que eu dissesse algo realmente cruel.

Eu balanço minha cabeça. — Sem problemas. Isso é fácil de fazer.

Ele sorri, o seu habitual sorriso fácil e descuidado, e agarra a geleia. Eu lanço de volta o resto na minha xícara.

— Eu vou pegar o leite da mamãe — eu digo. — Posso levar o seu carro?

— Claro — ele diz, apontando para o armário perto da porta. — As chaves estão no bolso do meu casaco.

Eu revisto minha calça jeans e percebo que minha carteira está lá em cima, debaixo do colchão, onde eu deixei em segurança antes de sair com os federais. — Pode me emprestar cinco dólares também?

Ele revira os olhos. — Vá em frente.

Encontro sua jaqueta de couro e procuro em torno do bolso interno, eventualmente encontrando as duas chaves e carteira. Eu abro a carteira e estou no processo de pegar o dinheiro, quando eu vejo a imagem de Daneca em uma das mangas de plástico.

Eu deslizo-a pra fora com o dinheiro e depois saio rapidamente, batendo a porta com pressa.

Depois de chegar à loja, eu me sento no estacionamento, olhando para a foto. Daneca está sentada em um banco de parque, seu cabelo soprando num vento leve. Ela está sorrindo para a câmera de uma forma que eu nunca vi antes, não pra mim ou pra Sam. Ela parece iluminada por dentro, brilhando com uma felicidade tão grande que é impossível de ignorar.

Na parte de trás, está o rabisco distintivo da letra do meu irmão: — Essa é Daneca Wasserman. Ela é sua namorada e você a ama.

Eu olho para isso, tentando decifrar algum significado por trás dele que não seja o óbvio, isso é verdadeiro. Eu nunca soube que Barron podia se sentir desse jeito por alguém.

Mas ela não é mais sua namorada. Ela terminou com ele.

Encostado no capô do carro, eu dou uma última olhada para a foto antes de rasgá-la em pedaços. Eu os jogo na lata de lixo do lado de fora da loja, nada mais que coloridos confetes em cima de invólucros descartados e garrafas de refrigerante. Então eu entro e compro um litro de leite.

Eu digo a mim mesmo que ele queria jogar fora a foto de Daneca, que ele somente esqueceu. Eu digo a mim mesmo que me livrei pelo seu próprio bem. Sua memória está cheia de buracos, e um lembrete desatualizado seria apenas confuso. Ele pode esquecer que eles se separaram, e se envergonhar. Eu digo a mim mesmo que eles nunca teriam dado certo, não a longo prazo, e ele vai ser mais feliz se esquecer dela.

Eu digo a mim mesmo que eu fiz isso por ele, mas eu sei que não é verdade.

Eu quero que Sam e Daneca sejam felizes juntos, como eles eram antes. Eu fiz isso por mim mesmo. Eu fiz para conseguir o que eu quero. Talvez eu devesse lamentar por isso, mas eu não consigo. Às vezes você faz coisas ruins e espera pelo resultado bom.

****

Havia um carro preto estacionado ao lado da garagem quando voltei.

Eu estacionei perto dele e sai. Quando comecei a andar em direção à casa, a porta do lado passageiro abriu e Yulikova saiu

andando pela grama. Ela está com um terno bege e com sua assinatura de colares espessos. Eu me pergunto quantas das pedras são encantadas.

Eu ando um pouco até ela, mas paro, de modo que ela tenha que fechar a distância por conta própria.

— Olá, Cassel — ela diz. — Nós temos algumas coisas para conversar. Porque você não entra no carro?

Eu aperto o leite. — Desculpa, — eu digo. — Mas estou um pouco ocupado agora.

— O que você fez, você não pode pensar que não haverá consequências — eu não tenho certeza se ela está dizendo sobre o discurso ou algo pior, mas eu não me importo muito.

— Você armou para mim — eu digo. — Uma grande trapaceira. Você não pode me culpar por ter acabado não sendo ingênuo o suficiente. Você não pode culpar a marca. Não é desse jeito que funciona. Tenha um pouco de respeito pela natureza do jogo.

Ela fica quieta por um longo momento. — Como você descobriu?

— Isso realmente importa?

— Eu nunca quis trair a sua confiança. Foi para a sua segurança, tanto quanto qualquer outra coisa que concordei que devíamos implementar.

Levanto uma mão enluvada.

— Somente me poupe de suas justificações. Pensei que vocês eram boas pessoas, mas não existem pessoas boas.

— Isso não é verdade — ela parece sinceramente chateada, mas depois, eu aprendi que não conseguia lê-la. O problema com um mentiroso realmente excelente é que você tem que apenas assumir que eles estão sempre mentindo. — Você nunca teria passado uma única noite na cadeira. Nós não íamos te trancar, Cassel. Meus superiores sentiram que precisávamos de um pouco mais de influência sobre você, isso é tudo. Você não tem sido exatamente confiável.

— Você devia ser melhor do que eu. — Eu digo. — De qualquer forma, está feito.

— Você acha que sabe a verdade, mas há mais fatores em jogo do que está ciente. Você não entende a imagem maior. Você não pode. Você não sabe que caos criou.

— Porque você queria se livrar de Patton, mas você também queria que a proposição dois passasse. Então você decidiu fazer um mártir fora dele. Dois pássaros, uma pedra.

— Não é sobre o que eu quero. — Ela diz. — É maior que isso.

— Acho que terminamos aqui.

— Você sabe que não é possível. Mais pessoas estão cientes de você agora, pessoas no alto do governo. E todos estão muito ansiosos para conhecê-lo. Especialmente meu chefe.

— Isso e um dólar vão quase me comprar uma xícara de café.

— Você assinou um contrato, Cassel. Isso é obrigatório.

— Assinei? — eu digo, sorrindo. — Eu acho que você devia verificar novamente. Eu tenho certeza de que você vai descobrir que eu nunca assinei nada. Meu nome não está em lugar algum. Meu nome

desapareceu — obrigado, Sam, eu acho. Eu nunca teria pensado que uma caneta de tinta que some poderia ser tão útil.

Sua irritação se mostra em seu rosto pela primeira vez. Eu me sinto estranhamente triunfante. Ela limpa a garganta.

— Onde está o Agente Jones?

Ela diz como se isso fosse o grande triunfo dela.

Eu dou de ombros.

— Não sei. Você o perdeu? Espero que você o encontre, mesmo que... Sejamos sinceros, ele e eu nunca fomos próximos.

— Você não é essa pessoa — ela diz, acenando com a mão no ar para me indicar. Eu não sei o que ela estava esperando. Claramente ela está frustrada pela minha reação. — Você não é tão... tão frio. Você se preocupa em fazer do mundo um lugar melhor. Saia dessa, Cassel, antes que seja tarde demais.

— Eu tenho que ir — eu digo, empurrando minha cabeça em direção à casa.

— Sua mãe pode ser descoberta por acusações — ela diz.

Fúria faz minha boca enrolar. Eu não me importo se ela vê isso.

— Então você também. Eu ouvi que você usou uma criança executora para incriminar um governador. Você pode arruinar a minha vida, mas você vai ter que destruir a si mesma para fazer isso. Eu lhe prometo isso.

— Cassel, — ela diz, sua voz levantando em vários decibéis. — Eu sou a menor de suas preocupações. Você acha que se você estivesse na China, você estaria livre?

— Ah, me dá um tempo — eu digo.

— Agora você é um problema maior do que Patton era, e você viu como meus superiores trataram aquele problema. A única maneira que isso pode terminar é se você...

— Isso nunca vai acabar — eu grito. — Alguém sempre estará atrás de mim. Há sempre consequências. Bem, *OS TRAGA*. Estou cansado de ficar com medo, e terminei com você.

Com isso, voltei a andar para casa. Mas na varanda eu hesito. Olho para trás, para Yulikova. Espero até que ela caminhe de volta para o carro brilhante preto, entre, e dirija para longe. Então eu me sento na varanda.

Eu olho para o quintal por um longo tempo, sem pensar na verdade em algo, na maior parte apenas tremendo de raiva e adrenalina.

O governo é grande, maior do que qualquer pessoa pode pensar. Eles podem vir atrás das pessoas com quem me importo, eles podem vir atrás de mim, eles podem fazer alguma coisa que ainda não pensei. Eles podem se movimentar agora ou daqui a um ano. E eu vou ter que estar pronto. Sempre e para sempre pronto, a menos que eu queira desistir de tudo que tenho e de todos que amo.

Tipo, eles podem ir atrás de Lila, que atirou e matou alguém a sangue frio. Se eles nunca conseguirem descobrir isso, acusá-la com o

assassinato do Agente Jones, eu faria qualquer coisa para mantê-la livre.

Ou eles podem ir atrás de Barron, que trabalha pra eles.

Ou...

Enquanto estou pensando, eu percebo que estou olhando para nosso velho celeiro. Ninguém foi lá em anos. É cheio de móveis antigos, ferramentas enferrujadas, e um monte de coisas que meu pai roubou e depois não queria.

É onde meu pai me ensinou a escolher fechaduras. Ele manteve todo o seu equipamento lá fora, incluindo a caixa de super segurança. Lembro-me vividamente de meu pai, cigarrilha descansando em um canto de sua boca enquanto ele trabalhava, lubrificando as engrenagens de uma fechadura. Minha memória acrescenta os pinos de carretel, os conjuntos mortis e parafusos.

Lembro-me de que ninguém poderia entrar nessa caixa. Mesmo sabendo que não havia doces dentro, nós ainda tínhamos esperança.

O celeiro é um lugar que Vovô e eu não limpamos.

Deixo o leite na varanda e caminho até as grandes portas duplas gastas, em seguida levantando a trava. A última vez em que estive dentro foi em um sonho. Parece que estou sonhando acordado agora, a poeira subindo com meus passos, a única luz que vem através de lacunas nas tábuas, e sombras cinzas nas vidraças com teias de aranha e sujeira.

Tem cheiro de madeira pobre e habitação de animal. A maioria dos móveis está coberto com mantas traçadas, dando a tudo uma

aparência fantasmagórica. Vejo um saco de lixo cheio de sacos plásticos, e várias caixas de papelão usadas estofadas com vidros de leite. Há um velho cofre, tão oxidado que a porta está aberta ossificada. Dentro disso eu encontro apenas uma pilha de moedas de um centavo, esverdeadas e grudadas.

A mesa de trabalho do papai está coberta com um pano também. Puxando-o com uma única varredura com minha mão, eu vejo a bagunça empilhada de suas ferramentas — um torno, um removedor de cilindros, decodificador de gergelim, martelo com cabeças intercambiáveis, a caixa de super segurança, um feixe de fio, e um grupo de colheres enferrujadas.

Se o meu pai tinha o Diamante da Ressurreição, se ele queria ficar com ele, se ele não conseguiu vendê-lo, então eu posso imaginá-lo colocando à distância, onde nenhum estranho pensaria em procurar e nenhum membro da família fosse hábil o suficiente para alcançar. Eu pensei sobre isso por alguns minutos e depois fiz o que eu nunca teria pensado em fazer quando era criança.

Eu grampeei a caixa no torno. Então eu liguei uma serra em uma visão recíproca e deslizei aberta. Limalhas de metal estão espalhadas pelo chão, enroladas em brilhantes pilhas, na hora em que termino. A caixa está destruída, a parte superior completamente cortada.

Não há diamantes dentro, apenas um monte de papéis e um pirulito velho meio derretido. Eu teria ficado extremamente decepcionado, se tivesse conseguido abri-lo quando era criança.

Estou decepcionado agora.

Eu desdobro os papéis, e uma foto cai em minhas mãos. Um grupo de meninos muito loiros de pé em frente a uma enorme casa — um daqueles antigos casarões de Cape Cod com uma linha de janelas e colunas, olhando exatamente para o ar. Eu a viro e vejo três nomes em uma caligrafia que não reconheço: “Charles, Philip, Anne.” Acho que um deles não era um garoto, afinal.

Por um momento eu me pergunto se estou olhando para a investigação por um antigo trapaceiro. Então eu desdobro outro pedaço de papel. É uma certidão de nascimento de um Philip.

Raeburn.

Não Sharpe, um nome que sempre soube ser tão falso quanto o prêmio em uma caixa de Cracker Jack. Raeburn. O verdadeiro último nome do meu pai. Aquele que ele desistiu, aquele que ele escondeu de nós.

Cassel Raeburn. Eu experimento na minha cabeça, mas soa ridículo.

Há um recorte de jornal também, um sobre como Philip Raeburn morreu em um acidente de barco no largo litoral dos Hamptons com dezessete anos. Uma maneira ridiculamente cara para morrer.

Os Raeburns podem dar o luxo de comprar qualquer coisa. Certamente eles poderiam dar o luxo de comprar um diamante roubado.

A porta range aberta, e eu me viro, assustado.

— Encontrei o leite na porta. O que você está fazendo aqui? — Barron pergunta. — E... e o que você fez com o cofre do papai?

— Olha — eu disse, segurando o pirulito. — Realmente havia doces lá. Vai entender, não é?

Barron fica boquiaberto, com a expressão horrorizada de alguém que percebe que poderia ser o irmão estável, depois de tudo.

****

Estou de volta em Wallingford logo após o jantar. O chefe do meu corredor, Sr. Pascoli, me dá um olhar estranho quando tento entregar-lhe o bilhete que minha mãe escreveu.

— Você está bem, Cassel. O reitor já explicou que você pode ficar fora por alguns dias.

— Ah — eu digo. — Certo. — Eu quase esqueci sobre o acordo que Dean Wharton fez comigo e com Sam. Havia tanta coisa acontecendo na época que aproveitar para tirar vantagem disso era uma vaga esperança. Agora que estou novamente em Wallingford, porém, eu me pergunto o que realmente posso conseguir com isso.

Eu me pergunto se poderia ficar na cama e dormir até que não estivesse mais cansado, por exemplo.

Provavelmente não.

Eu não sei o que esperar quando entro em meu quarto, mas não é Sam, deitado na cama, com a perna esquerda embrulhada com gaze. Daneca está sentada ao lado dele e eles estão jogando o que parece ser um jogo muito intenso de gin rummy.

Claramente Sam já está indo longe em ter uma garota no nosso dormitório. Eu admiro seu bom senso.

— Hey — eu digo, inclinando-me contra a moldura da porta.

— O que aconteceu com você? — Daneca pergunta. — Nós estávamos preocupados.

— *Eu* estava preocupado — eu digo, olhando para Sam. — Você está bem? Quero dizer, sua perna.

— Ainda dói — ele a abaixa cautelosamente para o chão. — Eu tenho uma bengala por agora, mas eu poderia estar mancando, o doutor disse. Pode não ir embora.

— Aquele curandeiro? Espero que você tenha uma segunda opinião — a lavagem de culpa que eu sinto faz as palavras saírem mais duras do que pretendo.

— Nós fizemos a coisa certa — Sam diz, respirando fundo. Existe uma seriedade em seu rosto que eu não me lembro de estar lá antes. Dor aparece. — Eu não me arrependo. Eu quase arruinei meu futuro inteiro. Acho que presumi isso antes — tudo. A boa faculdade, o bom trabalho. Eu achava que o que você estava fazendo parecia tão excitante.

— Sinto muito — eu digo, e eu sinto. Eu realmente sinto muito se foi isso que ele pensou.

— Não — ele disse. — Não sinta. Eu fui estúpido. E você me salvou de entrar em um monte de problemas.

Eu olho para Daneca. Sam é sempre tão generoso, mas eu posso confiar nela para me contar se ela acha que fiz alguma coisa errada.

— Eu nunca quis que você, eu nunca quis que nenhum de vocês se machucasse por minha causa.

— Cassel — Daneca diz, no tom exasperado carinhoso que ela reserva para nós quando estamos sendo completos idiotas. — Você não pode se culpar por Mina Lange. Ela não é alguém que você trouxe para nossas vidas. Ela frequenta a escola aqui, lembra? Você não fez isso acontecer. E você não pode se culpar por... por seja o que for que você está pensando. Nós somos seus amigos.

— Esse pode ser seu primeiro erro — eu digo, meio sob minha respiração.

Sam ri. — Em um bom humor, não é?

— Está vendo? — Daneca me pergunta. — Proposição dois não vai passar. E Patton renunciou. Bem, ele foi preso, então eu acho que ele tinha que fazer. Você deve ter visto isso. Ele mesmo admitiu que sua mãe não havia feito nada de errado.

Eu penso sobre contar a Daneca a verdade. De todas as pessoas que conheço, ela é a única que estaria mais orgulhosa de mim. Mas parece injusto envolvê-los, não importa o que eles digam, especialmente desde que isso é uma coisa muito maior e mais perigosa do que qualquer coisa em que estive no meio antes.

— Você me conhece — eu digo, balançando a cabeça. — Eu não sou muito ligado na política.

Ela me olha com malícia. — Pena você não ter visto, porque se eu fosse à oradora oficial de nossa classe, eu adoraria ter ajuda para escrever o meu discurso, e Patton é o modelo perfeito. Define o tom

exato. Mas eu acho que se você realmente não se importa sobre esse tipo de coisa...

— Você quer contar a todos que hoje é o dia em que você fala do seu coração e confessa todos os seus crimes? Porque eu não acho que você tenha tanto assim para confessar.

— Então você viu! — Sam diz.

— Você é um mentiroso, Cassel Sharpe — Daneca diz, mas não há calor na frase. — Um mentiroso que mente.

— Eu acho que ouvi alguém falando sobre isso em algum lugar — eu sorrio para o teto. — O que você quer? Um leopardo não pode mudar suas manchas.

— Se o leopardo é um executor de transformação, ele pode — Sam diz.

Tenho a sensação de que talvez eu não tenha que dizer nada. Eles parecem ter colocado uma teoria juntos por conta própria.

Daneca sorri para Sam.

Eu tento não pensar na foto na carteira de Barron ou no jeito que ela estava sorrindo para meu irmão na imagem. Eu particularmente tento não comparar a ela sorrindo agora.

— Negocie comigo na próxima rodada — eu digo. — Para quem estamos jogando?

— A alegria de vitória — Sam me diz. — Quem mais?

— Ah — Daneca diz, levantando. — Antes que eu esqueça — ela caminha até a bolsa e tira um pacote de camisa. Ela abre e puxa o

tecido. A arma de Gage está lá, lubrificada e brilhante. — Eu peguei do escritório de Wharton antes de os faxineiros virem.

Eu olho para a antiga Beretta. É pequena, e tão prateada quanto as escamas de um peixe. Ela brilha sob a luz da lâmpada da mesa.

— Livre-se disso — Sam diz. — De verdade, dessa vez.

***

No dia seguinte começa a nevar. Os flocos flutuam para baixo, revestindo as árvores em um pó fino, fazendo a grama brilhar com gelo.

Eu ando de Estatística para o Desenvolvimento de Ética mundial para o Inglês. Tudo parece estranhamente normal.

Então eu vejo Mina Lange, apressando-se para a aula, usando uma boina preta polvilhada branca.

— Você — eu digo, pisando na frente dela. — Você deu um tiro em Sam.

Ela olha para mim com os olhos arregalados.

— Você é uma vigarista terrível. E você não é uma pessoa muito legal. Eu quase sinto pena de você. Eu não tenho ideia do que aconteceu com seus pais. Não tenho ideia de como você acabou presa curando o Wharton, sem fim à vista, sem saída, e sem amigos que você confie o suficiente para deixar te ajudar. Eu não posso nem dizer que

eu não teria feito o que você fez. Mas Sam quase morreu por sua culpa, e por isso eu nunca vou te perdoar.

Seus olhos se enchem de lágrimas. — Eu não quis...

— Nem tente — eu alcanço dentro da minha jaqueta e dou a ela o cartão de negócios de Yulikova e o pacote de camisa embrulhado. — Eu não posso te prometer nada, mas se você realmente quer sair, pegue isso. Existe um executor da morte, um garoto chamado Gage, que quer a arma dele de volta. Você entrega isso a ele, e eu aposto que ele estará disposto a ajudá-la. Ensiná-la a como se virar sozinha, começar a executar, e não ser obrigada por ninguém. Ou você pode ligar para o número do cartão. Yulikova vai te transformar em uma estagiária em seu programa. Ela está procurando pela arma também. Ela também vai te ajudar, mais ou menos.

Mina olha para o cartão, o virando em sua mão, segurando o pacote contra o peito, e eu vou embora antes que ela me agradeça. A última coisa que eu quero ouvir é sua gratidão.

Dando-lhe essa escolha é minha vingança pessoal.

***

O resto do dia é tão bom quanto qualquer dia. Eu faço outra caneca em cerâmica que não explode. O curso é cancelado por causa do tempo. O jantar é um risoto de cogumelo um pouco grudento, feijão branco e um brownie.

Sam e eu fazemos nossa lição de casa, caídos em nossas camas, jogando pedaços de papel um no outro.

Neva mais ainda enquanto dormimos, e de manhã nós temos que lutar para caminhar até a classe através de uma saraivada de bolas de neve. Todo mundo chega com gelo derretendo no cabelo.

O clube de debate tem uma reunião de tarde, então eu vou e rabisco em meu caderno. Por pura falta de atenção, eu acabo preso com o tópico Porque Jogos Violentos São Ruins para a Juventude Americana. Tento argumentar um caminho para fora disso, mas é impossível debater o time inteiro de debate.

Estou atravessando a quadra, voltando para meu quarto, quando meu telefone toca. É Lila.

— Estou no estacionamento — ela diz e desliga.

Eu marcho pela neve. A paisagem é silenciosa, quieta. Na distância, há apenas o som de carros se movendo através da lama.

Seu Jaguar está parado perto da pilha de neve no arado construído em uma extremidade do lote. Ela está sentada no capô, com seu casaco cinza. O chapéu preto que ela está vestindo tem um incongruente pompom bonito no topo. Os fios de cabelo dourado golpeiam no vento.

— Hey — eu digo, me aproximando. Minha voz soa áspera, como se eu não falasse há anos.

Lila desliza para fora do carro e vem docemente para meus braços. Ela cheira a pólvora e a algum tipo de perfume floral. Ela não

está usando maquiagem e seus olhos têm uma ligeira vermelhidão inchada que me faz pensar em lágrimas.

— Eu disse que ia te dizer adeus — sua voz é quase um sussurro.

— Eu não quero que você vá — eu murmuro em seu cabelo.

Ela se empurra um pouco e enrosca seus braços ao redor do meu pescoço, desenhando minha boca sobre a dela.

— Me diga que você vai sentir minha falta.

Eu a beijo ao invés de falar, minhas mãos deslizando para segurar seu cabelo. Tudo está quieto. Há apenas o sabor de sua língua e o volume de seu lábio inferior, a curva de sua mandíbula. Há apenas o suspiro estremecido de sua respiração.

Não há palavras para o quanto eu vou sentir sua falta, mas eu tento beijá-la para que ela saiba disso. Eu tento beijá-la para contar toda a história de meu amor, a maneira que eu sonhava com ela quando ela estava morta, a maneira que qualquer outra garota parecia como um espelho que me mostrava seu rosto. A maneira como minha pele doía pra ela. A maneira que beijá-la me fazia sentir, como se eu estivesse me afogando e como eu estava sendo salvo, tudo ao mesmo tempo. Eu espero que ela consiga provar tudo isso, agridoce, em minha língua.

É emocionante perceber que estou autorizado a isso pelo menos, que nesse momento ela é minha.

Então ela dá um passo instável para trás. Seus olhos brilham com coisas não ditas; sua boca está corada por ser pressionada contra a minha. Ela se abaixa e pega seu chapéu.

— Eu tenho que...

Ela tem que ir e eu tenho que deixá-la.

— Sim — eu digo, enrolando minhas mãos em meus lados para evitar de pegá-la. — Sinto muito — eu não devia já estar sentindo sua falta tão agudamente, quando ela ainda não foi embora. Eu tive que deixá-la ir tantas vezes, certamente a prática deveria tornar isso mais fácil.

Nós caminhamos juntos para o carro. O aperto da neve debaixo dos meus pés. Eu olho para trás, para os tijolos sombrios dos dormitórios.

— Eu vou estar aqui — eu digo. — Quando você voltar.

Ela acena, sorrindo um pouco, como se estivesse brincando comigo. Eu não acho que ela percebe o quanto eu estive esperando, quanto tempo eu ainda vou esperar por ela. Finalmente ela encontra meu olhar e sorri.

— Só não se esqueça de mim, Cassel.

— Nunca — eu digo.

Eu não conseguiria se tentasse.

Acredite, uma vez, eu tentei.

Ela entra no carro e fecha a porta do lado do motorista com uma batida. Eu posso dizer que custa algo a ela agir casualmente, me dar

aquele último pequeno aceno e sorriso, coloca o carro em marcha e começar a sair do estacionamento.

É quando isso me bate. Em um único momento tudo se tornar, de repente, gloriosamente claro. Eu tenho outra escolha além dessa.

— Espera! — eu grito, correndo e batendo na janela.

Ela bate os freios.

— Eu vou com você — eu digo quando ela abaixa a janela. Estou sorrindo como um tolo. — Leve-me com você.

— O que? — seu rosto parece branco, como se ela não tivesse certeza de que está me ouvindo direito. — Você não pode. E quanto a sua formatura? E sua família? E sua vida inteira?

Durante anos, Wallingford tem sido meu refúgio, a prova de que eu poderia ser um cara regular, ou que eu poderia fingir tão bem que ninguém poderia dizer a diferença. Mas eu não preciso mais disso. Eu estou bem em ser um vigarista e um traiçoeiro. Em ser um executor. Em ter amigos que vão esperançosamente me perdoar por sair em uma viagem louca. Em estar apaixonado.

— Eu não me importo — eu entro no lado passageiro, batendo a porta em todo o resto. — Eu quero estar com você.

Eu não consigo parar de sorrir.

Ela olha para mim por um longo momento, e então começa a rir.

— Você está fugindo comigo, com a sua mochila e com as roupas em suas costas? Eu posso esperar você ir ao seu dormitório, ou nós podemos parar na sua casa. Você não precisa pegar nada?

Eu balanço a cabeça. — Não. Nada que eu não possa roubar.

— E quanto a contar para alguém? Sam?

— Eu vou ligar da estrada — eu clico no botão do rádio, enchendo o carro com música.

— Você não quer nem mesmo saber para onde estamos indo? — ela está olhando pra mim como se eu fosse uma pintura que ela conseguiu roubar, mas nunca vai ser permitida a ficar com ela. Ela soa exasperada e estranhamente frágil.

Eu olho para fora, pela janela, olhando a paisagem coberta de neve quando o carro começa a se mover. Talvez nós estejamos indo para o norte e veja a família de meu pai, talvez nós vamos tentar encontrar os diamantes do pai dela. Não importa.

— Não — eu digo.

— Você é louco — ela está rindo de novo. — Você sabe disso, certo, Cassel? Louco.

— Nós gastamos um monte de tempo fazendo o que devíamos fazer — eu digo. — Eu acho que nós deveríamos começar a fazer o que queremos. E é isso o que eu quero. Você é o que eu quero. Você é o que eu sempre quis.

— Bom, então — ela diz, colocando uma mecha de cabelo dourado atrás da orelha e inclinando-se para trás na cadeira. Seu sorriso é completamente branco. — Porque não há volta agora.

Sua mão enluvada gira o volante bruscamente, e eu sinto a corrida vertiginosa que só chega no final das contas, que vem quando, apesar de tudo, eu percebo que, na verdade, nós fugimos com isso.

O grande golpe.

FIM.

A Trilogia The Curse Workers é composta pelos livros:

Holly Black é o autor best-seller de romances de fantasia contemporânea para adolescentes e crianças.

Seu primeiro livro, Tithe: Um Conto de Fadas Moderno, foi publicado em 2002 pela Simon & Schuster. Tithe era chamado de "escuro, nervoso, lindamente escrito e compulsivo de ler" por Booklist, recebeu críticas aclamadas da Publisher's Weekly e críticas de Kirkus, e foi incluída nos melhores livros da Associação Americana de Bibliotecas para Jovens Adultos. Holly, desde então, escreveu dois outros livros no mesmo universo, Valente (2005) e, a sequela de Tithe, Ironside (2007), que passou cinco semanas na lista de bestsellers do New York Times. Valente foi um dos finalistas para o Prêmio Mythopoeic para leitores jovens e ganhador do Prêmio Andre Norton de Excelência em Adulto Jovem de Literatura. Para mais informações:

http://www.blackholly.com/

TRADUTORES

Serena

Carol

Leeh

Fabi

Renata

Denise

Chris

REVISORES

Leeh e Lud

Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar.** Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503